

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

JEMIMA TAVARES DE MEDEIROS

Candangas Palavras: Vídeo-narrativas a partir de relatos de experiências de mulheres  
presentes na construção e consolidação de Brasília e  
outras Regiões Administrativas do Distrito Federal

BRASÍLIA, 2022

JEMIMA TAVARES DE MEDEIROS

Candangas Palavras: Vídeo-narrativas a partir de relatos de experiências de mulheres presentes na construção e consolidação de Brasília e outras Regiões Administrativas do Distrito Federal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas. Orientador: Profa. Dra. Sulian Vieira

BRASÍLIA, 2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tc Tavares de Medeiros, Jemima  
Candangas Palavras:Vídeo-narrativas a partir de relatos de experiências de mulheres presentes na construção e consolidação de Brasília e outras Regiões Administrativas do Distrito Federal. / Jemima Tavares de Medeiros; orientador Sulian Vieira Pacheco. -- Brasília, 2022.  
201 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes Cênicas) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. Artes Cênicas. 2. Narrativa. 3. Construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal. 4. Feminismo interseccional. 5. Abordagem Pragmática. I. Vieira Pacheco, Sulian, orient. II. Título.

JEMIMA TAVARES DE MEDEIROS

Candangas Palavras: Vídeo-narrativas a partir de relatos de experiências de mulheres presentes na construção e consolidação de Brasília e outras Regiões Administrativas do Distrito Federal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas. Orientador: Profa. Dra. Sulian Vieira

Aprovada em 11 de fevereiro de 2022

---

Profa. Dra. Sulian Vieira (orientadora)

---

Profa. Dra. Ana Flavia Magalhães Pinto

---

Profa. Dra. Daiane Dordete Steckert Jacobs

*À minha avó materna, Ana Irineu do  
Nascimento Lima (in memoriam), eu  
dedico toda e qualquer conquista.*

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Sônia Tavares de Medeiros eu agradeço por me ensinar a ser um tornado para alcançar meus objetivos e brisa para saber aproveitá-los. Ao meu pai, Joaquim Dantas de Medeiros Filho por ter plantado em mim o desejo de narrar. Ao meu irmão, Juan Tavares de Medeiros pela presença e apoio quando precisei. As minhas avós Ana Irineu do Nascimento Lima (*in memoriam*) e Maria Cristina Medeiros Paiva por abrirem caminhos para que eu pudesse ser quem eu sou sem medo de enfrentar o mundo. Aos meus avôs, José Tavares de Lima e Joaquim Dantas de Medeiros (*in memoriam*) por me ensinarem a ser forte e decidida, sem perder a leveza.

Agradeço a Bianca Vieira, Jéssica Laine, Yaciara Duarte, Luana Araujo, Thiago Silva, Jéssica Lawane, Jéssica Lima, Ingreth Adri, Ana Carolina Castro, Vanessa Marques, Sandra Regina, Janete Mércia e Marília Gabriela Amorim por sempre me incentivarem a buscar o melhor de mim dentro das condições que possuo.

Ao Elias Manoel da Silva, agradeço não só pela apresentação do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, mas também pelas horas conversadas sobre as possibilidades de pesquisa no órgão e importância da memória oral para a comunidade. Agradeço também aos funcionários do Museu Vivo da Memória Candanga que possibilitaram a gravação da vídeo-narrativa no espaço.

Eu agradeço também à primeira pessoa que acreditou no meu potencial acadêmico na Universidade e que se dispôs a construir uma parceria ao longo dos anos, na qual temos compartilhado diversas experiências de aprendizados, sorrisos, tensionamentos e reflexões, minha orientadora Sulian Vieira.

À Meiry Pires Amorim e as outras diversas mulheres que vieram ao Distrito Federal durante o período da construção da Capital Federal e não tiveram o devido reconhecimento por sua importância nesse processo, eu agradeço a coragem, resistência e existência. Como em uma corrida de revezamento, essas mulheres passaram o bastão da vida para nós que seguimos nossa trajetória na luta por poder contar nossas próprias histórias.

Finalizando, agradeço ao primeiro presidente pobre desse país, Luis Inácio Lula da Silva, que me possibilitou o ingresso na Universidade e à Marielle Franco (1979-2018), por ensinar a todos os brasileiros a lutarem como uma mulher.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral potencializar memórias de mulheres invisibilizadas durante o período da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal por meio da produção de uma vídeo-narrativa, favorecendo ao público a geração de novos significados e sentidos questionando as imposições do mito da História Oficial. Sendo os objetivos específicos: i) explicitar a contribuição das mulheres na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, bem como questionar a falta de visibilidade do protagonismo feminino nos textos que versam sobre a história oficial da Capital Federal, relacionando com aspectos de interseccionalidade; ii) reconhecer o potencial narrativo de memórias de mulheres comuns que participaram ativamente no processo de construção e consolidação da Capital Federal, disponibilizados em textos e áudios no Arquivo Público do Distrito Federal; iii) investigar, pelo uso da estética de vídeo-narrativa e da metodologia da Abordagem Pragmática, possibilidades e potencialidades de exploração do material narrativo, como forma de pluralizar e afirmar a história sobre o protagonismo da mulher na construção e consolidação de Brasília e do DF; iv) realizar exercício narrativo utilizando a Técnica de Microatuação como treinamento para as narradoras, tendo como matéria prima o texto narrativo adaptado do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal; v) publicizar o vídeo-narrativo produzido em redes sociais, para avaliação pública. A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho estético foi a Abordagem Pragmática de texto teatrais em conjunto com Técnica de Microatuação, às quais privilegia-se a unidade entre a letra, a voz e a palavra em performance; ambas as propostas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa Vozalidade & Cena. Neste processo, foram analisadas 60 entrevistas de mulheres realizadas pelo Arquivo Público do Distrito Federal, a produção escrita de uma história *História das Bonecas, com muito carinho, com muito amor*, baseada na entrevista, ensaios com a Abordagem Pragmática e Microatuação, gravação da vídeo-narrativa e sua publicização ao público virtualmente. O estudo desenvolvido aqui com a produção do texto da narrativa baseadas nos relatos de mulheres presentes no arquivo de História Oral do ArPDF, assim como a produção da vídeo-narrativa serão consideradas como referências para o desenvolvimento do projeto para diversos contextos como escolas, centros culturais do DF, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vídeo-narrativa. Experiência. Mulheres. Feminismo Interseccional. Construção e Consolidação. Brasília. Distrito Federal.

## ABSTRACT

The general aim of this research is to enhance the memories of women made invisible during the period of construction and consolidation of Brasília and the Federal District through the production of a video-narrative, favoring the public to generate new meanings and senses, questioning the impositions of the myth of official history. The specific objectives are: i) to explain the contribution of women in the construction and consolidation of Brasília and the Federal District, as well as to question the lack of visibility of female protagonism in texts that deal with the Official History of the Federal Capital, relating to aspects of intersectionality; ii) to recognize the potential narrative of the memories of ordinary women who actively participated in the process of building and consolidating the Federal Capital, made available in texts and audios in the Public Archives of the Federal District; iii) to investigate, through the use of video-narrative the aesthetics and the methodology of the Pragmatic Approach, possibilities and potentialities of exploring the narrative material, as a way of pluralizing and affirming the history of the role of women in the construction and consolidation of Brasília and the DF; iv) to perform a narrative exercise using the Micro-Actuation Technique as training for narrators, having as raw material the narrative text adapted from the Oral History Program of the Public Archive of the Federal District; v) to publish the video-narrative produced on social networks for public evaluation. The methodology adopted for the development of the aesthetic work was the Pragmatic Approach to theatrical texts alongside the Micro-acting Technique, which privileges the unity between the letter, the voice and the word in performance; both proposals developed by the research group *Vocalidade & Cena*. In this process, 60 interviews of women carried out by the Public Archive of the Federal District were analyzed, the written production of a story *História das Bonecas*, with great affection with much love, based on the interview, essays with the Pragmatic and Microacting Approach, recording of the video-narrative and its publicization to the public virtually. The study developed here by means of the production of the narrative text based on the reports of women present in the ArPDF Oral History archive, as well as the production of the video-narrative will be considered as reference for the development of the project for different contexts such as schools, DF cultural centers, among others.

**KEYWORDS:** Video-narrative. Experience. Women. Intersectional Feminism. Construction and Consolidation. Brasilia. Federal District.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Avós Maternos: Ana e José Tavares. Foto: Jemima Tavares	4
Figura 2 – Festa de Aniversário no final dos anos 1990. Avós Maternos e mãe na foto	6
Figura 3 – Mostra vô Tavares em 2019 posando para foto, segurando uma lupa que usa para ler palavras pequenas	14
Figura 4 – Foto de vó Ana no início dos Anos 2000	17
Figura 5 – Autorretrato Jemima Tavares	27
Figura 6 – Vídeo-narrativa: Histórias das Bonecas Cena Inicial	121
Figura 7 – Vídeo-narrativa: Histórias das Bonecas - Cena Final	121
Figura 8 – Bisavó materna: Joana 1925-1987	123
Figura 9 – Avó materna: Ana 1943-2015	123
Figura 10 – Mãe: Sonia 1963	123
Figura 11 – Filha: Jemima 1991	123
Figura 12 – Primeira gravação – Sonia Tavares e Jemima Tavares	126
Figura 13 – Segunda gravação Jemima Tavares	127
Figura 14 – Museu Vivo da Memória Candanga	129
Figura 15 – Gravação Museu Vivo da Memória Candanga	131
Figura 16 – Gravação Praça da Igrejinha Vila Planalto	131

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 A interseccionalidade que me constitui – motivos para continuar pensando.....	12
<b>2 “Ajudamos a construir Brasília” – diálogos entre narrativas femininas sobre a participação das mulheres na construção da Capital Federal e Walter Benjamin. ....</b>	<b>38</b>
2.1 “Por que a gente tem que pensar na nossa história” – o papel das mulheres na construção e consolidação de Brasília Distrito Federal.....	38
2.2 O Mito da Construção de Brasília – “ <i>O perigo da história única</i> ” .....	46
2.2.1 “Baiana, baiana, hoje morreu seus conterrâneos! Ô baiana, caiu bem uns cinco ou seis do 28!” Pessoas descartáveis? – o que o mito da história oficial esconde? .....	50
2.3 “Pela primeira vez que eu tive uma entrevista. Uma oportunidade de falar.” – O que o silenciamento histórico das mulheres que participaram na construção e consolidação de Brasília e Distrito Federal pode nos dizer? .....	54
<b>3 Gênero, classe e racialidade – diálogos entre narrativas e interseccionalidade a partir de memórias de mulheres candangas.....</b>	<b>58</b>
3.1 “As mulheres, as filhas ajudavam, tomavam conta da cozinha, da casa, repartiam o serviço.” – O lugar do feminino no discurso patriarcal.....	59
3.2 “Naquele tempo mulher não estudava. Diz que mulher não precisava. Diz que era, não sei” – breve reflexão sobre história e cultura na construção da sociedade brasileira na perspectiva das relações racializadas. ....	63
3.2.1 “Pise firme que esse chão é seu.” – a memória das diversas existências femininas na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal. ....	72
3.2.2 “Cuidar de casa, assinar o nome já era tudo, não podia fazer mais que isso”: Diálogos interseccionais entre gênero, classe e racialidade a partir das narrativas de mulheres brasilienses .....	74
3.2.3 “A gente precisa aprender a abrir a boca e gritar também pelos direitos da gente” – narrativas femininas: reflexões a partir da proposta epistêmica de Walter Benjamin.....	84
3.2.4 “Pode sentar, você é bem-vinda. Conta a sua história” – resgate de narrativas femininas no processo de construção de consolidação de Brasília e do Distrito Federal como resistência à História Oficial.....	88

<b>4 Ressoando histórias de mulheres sobre a construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal: entre o acervo de História Oral do ArPDF e a produção de vídeo-narrativas.</b> .....	94
4.1 Arquivo Público do Distrito Federal como espaço de preservação de memórias candangas. ....	95
4.2 Entre pegadas e pistas: Abordagem Pragmática no trânsito entre registros gráficos de entrevistas à experiência de produção de vídeo-narrativa.....	98
4.2.1 A potencialização da narrativa a partir da Abordagem Pragmática .....	103
4.2.2 Palavra em Performance: sem o desejo o que acontece é só acaso.....	105
4.2.3 Desejo e Microatuação – universos perceptivos, imaginários e simbólicos modificados. ....	107
4.3 Abordagem Pragmática e Técnica da Microatuação na perspectiva metodológica proposta pelo grupo Vocalidade & Cena .....	109
4.3.1 Roteiro para abordagem pragmática .....	107
4.3.2 Vídeo-narrativas, o teatro em áudio e vídeo: de Walter Benjamin a Eduardo Coutinho. ....	110
4.4 A <i>História das Bonecas</i> , uma vídeo-narrativa produzida com muito carinho, muito amor. ....	114
4.4.1. Texto Selecionado e roteiro adaptado: percurso de construção do texto narrativo.....	115
4.4.1.1 Abordagem realizada nas entrevistas de mulheres do Programa de História Oral do ArPDF .....	115
4.4.1.2 Procedimentos para construção do texto narrativo. ....	118
4.4.1.3 Processo de reconhecimento do material narrativo para o exercício da pesquisa.....	118
4.4.1.4 Adaptação do texto – o roteiro para o corpo pensante. ....	119
4.4.1.5 Processos narrativos: escrita do texto e escolha da segunda narradora.....	120
4.4.2 Gravação – Microatuação no encontro entre passado e presente.....	124
4.4.2.1 Experiências narrativas: primeira versão das gravações da vídeo-narrativa <i>A História das Bonecas</i> .....	125
4.4.2.2 Experiências narrativas: segunda versão das gravações da vídeo-narrativa <i>A História das Bonecas</i> .....	128
4.4.2.3 Narrando a partir do Museo Vivo da Memória Candanga: Sônia Tavares.....	128
4.4.2.4 Narrando a partir da Vila Planalto: Jemima Tavares.....	130

4.4.2.5 Edição do vídeo: narrativas como produção de sentidos.....	131
4.4.3 Avaliação: o olhar do público e sentidos gerados – sensações, impressões e ideias ..	133
4.4.3.1 Experiência de Sônia por Sônia. ....	133
4.4.3.2 Depoimentos avaliativos do público. ....	134

<b>5 CONSIDERAÇÕES</b>	<b>FINAIS</b>	<b>E</b>
<b>TRANSITÓRIAS</b> .....		137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		145
REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS.....		148
ANEXO A - Primeira Seleção de Entrevistas. ....		149
APÊNDICE A – Notas sobre as entrevistadas. ....		170
APÊNDICE B – História das Bonecas – com maior carinho, maior amor.....		183
APÊNDICE C – Primeiras experiências com construções de narrativas a partir das entrevistas.....		184
APÊNDICE D – Separação dos Blocos de Sentido – História das Bonecas, com maior carinho, maior amor.....		190

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo geral potencializar memórias de mulheres invisibilizadas durante o período da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal por meio da vídeo-narrativa, favorecendo ao público a geração de novos significados e sentidos em oposição ao mito da história oficial. Sendo os objetivos específicos: i) explicitar a contribuição das mulheres na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, bem como questionar a falta de visibilidade do protagonismo feminino nos textos que versam sobre a História Oficial da Capital Federal; ii) reconhecer o potencial narrativo de memórias de mulheres comuns que participaram ativamente no processo de construção e consolidação da Capital Federal, disponibilizados em textos e áudios no Arquivo Público do Distrito Federal; iii) investigar, pelo uso da estética de vídeo-narrativa e da metodologia da Abordagem Pragmática, possibilidades e potencialidades de exploração do material narrativo, como forma de pluralizar e afirmar a história sobre o protagonismo da mulher na construção e consolidação de Brasília e do DF; iv) realizar exercício narrativo utilizando a Técnica de Microatuação como treinamento para as narradoras, tendo como matéria prima o texto narrativo adaptado do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal; v) publicizar o vídeo-narrativo produzido em redes sociais, para avaliação pública.

A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa trouxe a Abordagem Pragmática de textos teatrais e a Técnica de Microatuação, no qual privilegia-se a unidade entre a letra, a voz e a palavra em performance; proposta por Sulian Vieira (2014) em conjunto com o grupo Vocalidade & Cena, fundamentada nos estudos de John Langshaw Austin (1911-1960), filósofo analítico inglês, estudioso da linguística que introduziu os conceitos de *performativo*, *ilocucionário* e de *ato de fala*, pelos quais propõe o rompimento com o passado rígido e traz questionamento ao que historicamente se consideraria verdadeiro e falso. Nesta perspectiva a visão performativa de narrativa concebe que a fala também é ação, onde não se delimitam fronteiras entre tempo e espaço, gerando múltiplos e diferentes sentidos no ouvinte (plateia) sobre o que está sendo dito, em constante e infindável processo de construção e reconstrução.

Ainda, agrega-se à nossa metodologia a técnica da Microatuação vista como referência por configurar-se “como instrumento de análise dos fenômenos corporais presentes na produção de um texto teatral em cena, no qual os próprios meios de reprodução de som e de imagem são

integrados na abordagem do texto para a performance.” (DAVINI, 2002, *apud* VIEIRA, 2014, p. 62).

Por meio da estética de vídeo-narrativa foi explorado um texto narrativo retirado do banco de dados do Arquivo Público do Distrito Federal, Programa de História Oral. O texto narrativo selecionado consiste em uma história adaptada para este trabalho, baseado em fatos, sobre uma mulher mãe de quatro filhos, solteira, empresária (feirante), que à época da entrevista estava cursando Direito, tendo chegado à Brasília nos anos iniciais de construção da Capital Federal. A narrativa traz vivências significativas desta mulher no começo de sua adolescência quando, ao ser supostamente adotada por uma família local, é colada em condição de exploração de trabalho doméstico infantil análogo à escravidão, imbricando-se de outros relatos ligados a processos de superação das adversidades vividas naquele período. Ao final o texto apresenta de forma sintetizada seus êxitos na vida e suas realizações pessoais.

Justifico o meu interesse de pesquisa a partir de minha experiência de autoconhecimento como mulher periférica, pobre e de origem familiar multirracial que, durante o percurso acadêmico, identifica múltiplas questões ligadas à exclusão, a negação do protagonismo feminino e a ausência da presença da mulher nos textos oficiais sobre a história de construção de consolidação de Brasília e do DF.

Em tempo, esclareço que embora a proposta deste trabalho envolva debater a atuação das mulheres no processo de construção e consolidação de Brasília e do DF em discussão interseccional<sup>1</sup> entre gênero e classe social – como proposto por Carla Akotirene (2018), onde defende a inseparabilidade do cisheteropatriarcado, do racismo e do capitalismo, que resultam em processo de opressão e marginalização das mulheres negras e pobres - não é objetivo primário desta pesquisa o aprofundamento nestas discussões, mas sim de relevar a importância de se reconhecer a interseccionalidade como valioso conceito a ser visibilizado em estudos que discutem a trajetória histórica de mulheres.

---

<sup>1</sup> A conceituação de interseccionalidade discutida nesta pesquisa tem como base as proposições da ativista pelo feminismo negro Carla Akotirene (2018), que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação estruturante das relações sociais racializadas e formatadas pelo capitalismo; tratando especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento da mulher e o seu apagamento como sujeito ativo da sua história de vida, bem como da sua participação social como protagonista na história do seu grupo.

Para Akotirene é imperativo que compreendamos o cisheteropatriarcado, o capitalismo e o racismo coexistindo interseccionalmente como modeladores de experiências e subjetividades da sociedade como um todo.

Entendo assim, como defendido por Akotirene, que discussões em pesquisas sobre mulheres, balizadas pela interseccionalidade, denotam riqueza epistêmica, dando identidade política à luta feminina em busca de reconhecimento e de visibilidade ao protagonismo da mulher em contexto histórico e cultural.

### **1.1 A interseccionalidade que me constitui – motivos para continuar pensando:**

Eu sou Jemima Tavares de Medeiros, filha de Sônia Tavares Medeiros e Joaquim Dantas de Medeiros Filho, irmã de Juan Tavares de Medeiros. Segunda e última filha de um casal interracial.

Talvez por ser neta de Joaquim Dantas de Medeiros (*in memoriam*), Maria Cristina Paiva de Medeiros, Ana Irineu do Nascimento Lima (*in memoriam*) e José Tavares de Lima, quatro nordestinos transpassados pela ressignificação de seus sofrimentos no sertão, mas também por existências marcadas de afeto, desejo de ser feliz, força e bom humor, cresci em um ambiente em que as narrativas de histórias de vida como lições de sobrevivência e superação me constituíram como pessoa.

Nasci em Taguatinga e fui criada no Gama, duas Regiões Administrativas do Distrito Federal. O Gama, a cidade mais distante, fica a cerca de 34 km do centro da capital. No começo eu não conseguia fazer a distinção entre Brasília, Distrito Federal, Plano Piloto e capital. Eu me lembro de ter demorado um tempo considerável para entender a diferença entre Brasília, que eu chamava de “Plano” ou “Plano Piloto” e o resto da cidade. O Distrito Federal é uma unidade federativa que engloba 33 Regiões Administrativas (RAs), cujos limites físicos definem a jurisdição da ação governamental para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos.<sup>2</sup> Já o Plano Piloto, o centro da capital, abriga os principais órgãos governamentais e funciona como o coração do poder político. É também no Plano Piloto que se concentra o maior poder econômico e por isso é ocupado pela classe média e alta, diferente

---

<sup>2</sup> O Distrito Federal é formado pelo Plano Piloto, que engloba as Asas Sul e Norte. As regiões centrais que formam a cidade de Brasília são: Lago Sul, Lago Norte, Setor Sudoeste, Octogonal, Cruzeiro Velho e Cruzeiro Novo. Um pouco mais distante das áreas centrais, ficam as demais regiões administrativas (antigamente chamadas de “cidades satélites”). Cidades de pequeno e médio portes, localizadas a uma distância variável de 6 a 45 km do Plano Piloto. As principais são: Gama, Taguatinga, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Ceilândia, Guará, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Recanto das Emas, Riacho Fundo I e II e Candangolândia.

das RAs que o circundam, onde se concentra a população pobre que trabalhou efetivamente na construção da capital.

Eu fui criada em um barraco nos fundos da casa dos meus avós maternos, conhecidos como Dona Ana e Seu Tavares. Os dois cumpriram um papel primordial na minha vida. Nós éramos uma família pobre, não chegamos a passar fome, mas não havia privilégios. Vivíamos com o básico para a sobrevivência. Esse vínculo com a minha família materna é tão significativo que até hoje o meu Vô Tavares diz que me vê como uma de suas filhas, pelo tempo que passamos dividindo o mesmo chão e pela convivência estabelecida ao longo de 24 anos.



Fonte: Jemima Tavares, 2013

Ao revisitar o meu passado, percebo que ele, o passado, ainda se faz presente nas memórias de minha família, nas narrativas de meu pai e avô sobre suas chegadas no Planalto Central. E foi lá, naquele barraco de fundo, no corredor de chão batido, que eu desenvolvi a curiosidade, aguicei os meus sentidos para ouvir e narrar histórias. Hoje, penso que um dos fatores mais democráticos e atraentes da memória e da narrativa, enquanto ação, é que elas não fazem distinção étnico-racial, de classe ou de gênero. Estão presentes na experiência humana e na convivência social.

Foi com o meu ingresso na graduação em Artes Cênicas na Universidade de Brasília que os significados das experiências da infância e da adolescência foram potencializados. No espaço de aprendizagem acadêmico desenvolvi reflexões e questionamentos sobre minha história que me constitui como filha, neta, mulher, ser humano, gamense, brasiliense e brasileira. Hoje, compreendo que a experiência humana não é resultado isolado de uma história única de um determinado indivíduo, mas um processo sistêmico que se envolve e se desenvolve em âmbitos das relações interpessoais, de diferentes modos entre indivíduos, em diferentes

espaços sociais. Neste sentido “cada história, é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.” (BENJAMIN, 2012, p. 13).

Trago aqui a minha compreensão de experiência a partir da definição proustiana, trazida por Benjamin (2012), construída pelos caminhos convergentes entre a memória e semelhanças:

A experiência vivida por Proust (Erlebniss), particular e privada, já não tem nada a ver com a grande experiência coletiva (Erfahrung) que fundava a narrativa antiga. [...] A grandeza das lembranças proustianas não vem de seu conteúdo [...] está em não ter escrito memórias, mas, justamente na busca das analogias e das semelhanças entre passado e o presente. Proust não reencontra o passado e si – que talvez seja bastante insofista – mas a presença do passado no presente e o presente que está lá, prefigurado no passado, ou seja, uma semelhança mais profunda, mais forte do que o tempo que passa e que se esvai sem que possamos segurá-lo. (GAGNEBIN, 1985, prefácio de BENJAMIN, 2012, p. 15)

Portanto, meu objetivo como pesquisadora ao revisitar a história da construção e consolidação de Brasília e do DF não é simplesmente relembrar acontecimentos ou reafirmar, com nomes, números e datas o que nos conta a história oficial, mas, como Proust, buscar memórias, narrativas de acontecimentos reais, “subtraindo-os a contingência do tempo em uma metáfora” (PROUST, 1954, p. 889 *apud* GAGNEBIN, 1985, prefácio de BENJAMIN, 2012, p. 15). Ainda aqui me ateno às proposições de Benjamin (2012), quando defende as memórias e a narrativa como configuração da experiência singular. Para o autor, experiência não tem idade, classe social, cor ou gênero. Não é exclusiva de alguns poucos iluminados, mas inerente ao ser humano, é o que o constitui subjetivamente todo indivíduo. “A arte de narrar aproxima-se do seu fim porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção” (BENJAMIN, 2012, p. 217). Ou, em outras palavras, a sabedoria gerada da experiência singular está cada vez mais sendo substituída pela “verdade” da história oficial universal, onde a homogeneização e generalização da história oficial, contada pelos que detêm o poder, cria heróis para seu texto e nega o protagonismo do povo comum.

Considerando as proposições de Benjamin (2012), quando penso na História Oficial propagada – inclusive nos bancos escolares e livros didáticos – sobre a construção de Brasília e do Distrito Federal como um todo, percebo que ela mais se aproxima de uma epopeia literária, um poema extenso que narra as ações, os feitos memoráveis de um herói, masculino, histórico ou lendário que representa uma coletividade e por extensão a sucessão de eventos extraordinários, ações gloriosas, retumbantes, capazes de provocar a admiração (DICIONÁRIO HOUAIS, 2001).

Assim, trago nas recordações de minha infância memórias que aparecem à minha frente em forma de imagens, percepções sensoriais singulares que ainda hoje provocam sensações físicas; emoções vivas geradas da e na experiência de conviver com quem viveu a história de construção e consolidação de Brasília e do DF a partir de pontos de vistas plurais, que não foram destacados de forma notória no mito da história única sobre a consolidação do DF. Mesmo as que surgem espontaneamente da *mémoire involontaire* são onde reencontro meu pai, minha mãe, meus avós paternos e maternos e outros familiares, amigos e até desconhecidos que atravessaram meu caminho ao longo da vida.

Figura 2 – Festa de Aniversário no final dos anos 1990.  
Avós Maternos e mãe na foto.



Fonte: Arquivo Família, 1996

As narrativas familiares trazem consigo histórias diversas e, por vezes, contraditórias à história oficial contada. As culturas de diferentes épocas e os silêncios e silenciamentos impostos por questões de ordem moral, cultural e política possuem maior destaque nas memórias que aqui serão apresentadas. Compreendo hoje que não são apenas lembranças, mas partes concretas das minhas múltiplas experiências e que muito explicam os sentimentos e sensações que tinha na infância, na adolescência e mesmo agora na vida adulta.

Quando eu era criança adorava ouvir meu pai contar histórias sobre a ditadura militar. Sobre a coragem que as pessoas tinham de sobreviver, resistir e existir em um período em que era “perigoso” falar sobre certos assuntos. Hoje entendo que meus avós e pais viveram em um estado de exceção e, por isso, ainda que não estivéssemos mais sob uma ditadura militar, o comportamento de silenciamento ou cuidado excessivo com o que era dito havia se perpetuado. O meu pai e avô não costumavam contar histórias de princesas da Disney, mas confesso que

nunca me fizeram falta - eu amava suas histórias da vida real. Eu não entendia o que temiam, mas esse ar de mistério me atraía. As longas explicações do meu pai sobre fatos, datas e músicas sempre me chamaram atenção. Me lembro nitidamente dele me explicando a música “Cálice” do Chico Buarque e de suas explicações sobre a poesia da música para driblar a censura imposta à época pelo Ato Institucional 5. Para mim isso era muito mais mágico do que um beijo de um príncipe encantado para acordar uma moça que se chamava Bela Adormecida, ou do que as peripécias da menina Branca de Neve esperando ser salva por algum homem especial.

Meu pai costumava ser figura muito performática, de forma talvez involuntária, pois não creio que existia a intenção definida de fazer uma apresentação artística quando colocava as músicas de forró e frevo para tocar em alto volume num rádio antigo, puxando a mim, minha mãe e meu irmão para cantar e dançar. Muito menos quando narrava dramaticamente as suas experiências de juventude nos intervalos entre uma canção e outra. Em sua alegria inocente de um herói sem capas ou espada, apenas com palavras, gestos e música ele era capaz de gerar em mim sentidos, significados múltiplos sobre tudo que estávamos ali vivenciando. Era meio fantasia, meio realidade, meio mentira e meio verdade. O meu quintal de chão batido e poeira vermelha virava um reino encantado que fundia presente e passado naquelas experiências narrativas. Eu me emocionava com ele quando em alguns momentos chorava de saudade de sua terra natal, Jaboatão dos Guararapes em Pernambuco. O choro também indicava o final do dia e marcava o final da performance após algumas doses de cachaça. Era o momento em que, metaforicamente falando, as cortinas estavam se fechando em uma preparação para o descanso e para a volta à vida real. Portanto, essas experiências ficaram marcadas em mim. Eu amava Chico Buarque, Gonzagão, frevo, forró, Jaboatão, amava Pernambuco e desejava ter nascido lá. Mas não me lembro de ter amado Brasília nessa época. Talvez tenha sido esse o primeiro momento em que tive a sensação de não fazer parte da história oficial da capital.

Eu também lembro com carinho das histórias do meu avô sobre as vivências no sertão pernambucano e tantas outras aventuras que viveu até chegar ao Distrito Federal em 1958. Até mesmo a falta de ouvir histórias me ajudou a construir um imaginário narrativo. Curiosamente, nesse espaço familiar onde as histórias orais preenchiam minhas fantasias de criança, a minha avó materna e minha mãe nunca contavam suas histórias de juventude. Elas me doavam suas presenças, cuidados, ensinamentos e afetos, mas quase sempre em silêncio sobre seus passados. Era um tipo de existência que parecia nunca ter existido. Isso passou a me intrigar e tensionar após a fase adulta. Principalmente quando comecei a pesquisar sobre narrativas durante a graduação.

Quando eu era criança Brasília – ou melhor, o Plano Piloto, como assim chamavam o centro da capital – parecia ser tão longe quanto o Pernambuco do meu pai. Eu ia ao Plano Piloto poucas vezes ao ano e, apesar de ser muito cansativo, devido à distância e à má qualidade do transporte público, sair do Gama de ônibus até o centro era um acontecimento. O caminho era a melhor parte do passeio: passar por baixo da roleta do ônibus junto com meu irmão, tentar me sentar nos bancos altos, correr para ficar mais próxima à janela e puxar a cordinha para descer, tudo era uma aventura. Geralmente, quando a gente chegava no Plano Piloto eu já estava muito cansada da longa viagem de pouco mais de uma hora, que para uma criança pequena parecia durar uma eternidade. Nesses momentos eu só queria comer e voltar para casa.

Brasília não era como eu imaginava, quando ouvia as narrativas do meu pai e do meu avô. As cores frias, o concreto, os traços arquitetônicos não me pareciam, em si, tão interessantes. Eu tinha sempre a impressão de que deveria me conter. Começando pela roupa que a gente usava para sair. Meus pais escolhiam cuidadosamente roupas sem manchas ou que não estivessem tão desgastadas. Eles também sempre frisavam o quanto era importante estar bem-vestidos, limpos e penteados quando fôssemos ao Plano Piloto, porque assim as pessoas nos respeitariam. Quando chegávamos ao local escolhido a postura de todos mudava. Era como se estivéssemos tentando nos misturar a uma espécie diferente. Apesar de não entender direito a situação, involuntariamente eu sabia que aquele lugar não nos pertencia. Lembro que em um desses passeios ao famoso ponto turístico de Brasília, a Torre de TV, enquanto fazíamos um lanche um homem disparou um comentário para minha mãe que eu não consegui ouvir direito, mas logo em seguida ele falou em tom mais alto para ser ouvido: “Não estou dizendo que você é negra não, tá?!”. Eu não entendi o que estava acontecendo, mas percebi que não devia ser algo bom porque a minha mãe, visivelmente constrangida, respondeu rápido à provocação e meu pai nos afastou do rapaz, que talvez tenha conseguido o que queria: nos retirar de um local que ele acreditava não nos pertencer.

A ideia de ser brasiliense, como são chamadas as pessoas que nascem em Brasília e Regiões Administrativas, parecia não caber como definição para mim. Como eu podia ser brasiliense se eu não conhecia Brasília, o Plano Piloto? Ir a Brasília era como visitar um parente rico que eu mal conhecia, mas a quem tinha que prestar deferência já que afinal ele era uma pessoa rica e, por isso, melhor que outros membros da família. Visitar o centro da capital era sempre épico e ao mesmo tempo estranho. Uma eterna sensação de desconforto, de não pertencer àquele espaço, de não fazer parte daquela história.

Pertencer neste caso não é somente ocupar um lugar físico, dividir com outros um espaço geográfico. Aqui considero importante definir o que compreendo como sentimento de não pertencimento pelas implicações políticas, culturais e econômicas que esse conceito traz à constituição do sujeito social.

Max Weber, segundo Maria Patrícia Lopes Sulpino (2002), foi um dos primeiros estudiosos a abordar o conceito de pertencimento para analisar categorias sociais como prestígio, poder e sentimento de pertencimento social. Para Weber é a partir do sentido de pertencimento que desenvolvemos a compreensão da diversidade cultural. Pertencimento, ou o sentimento de pertencimento, é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos grupos. Como seres sociais nós pensamos em nós mesmos como membros de uma coletividade e expressamos valores, crenças, compreensão de mundo e aspirações – a cultura de grupo ou sociedade. Assim, o sentimento de pertença é atribuído pelo indivíduo nas suas relações sociais e na cultura em que está inserido. Quando a característica dessa comunidade é sentida subjetivamente como comum há o sentimento de "pertinência", de pertencimento, ou seja, uma comunidade de sentido. A sensação de pertencimento significa, portanto, que precisamos sentir-nos pertencentes a um lugar e ao mesmo tempo sentir que esse tal lugar nos pertence. E, por fim, nos reconhecer neste espaço como seres ativos, atuantes e participativos, que podem interferir e usufruir dos meios e da rotina e nos rumos de funcionamento de tal lugar. Por outro lado, são as dores emocionais que fortalecem o sentimento de não pertencimento a determinados locais. (SULPINO, 2002).

Considerando essa proposição de sentimento de pertença podemos considerar que desde muito pequenos, ao sermos inseridos em espaço histórico-cultural de um grupo social, vamos nos constituindo subjetivamente de diferentes modos. É a cultura que nos dá identidade social coletivamente, mas que também nos diferencia. E foi assim que eu cresci em Brasília, conhecendo dois mundos. Um meu – o Gama – e outro que diziam ser meu – Brasília – mas com o qual eu não me identificava.

A separação entre Gama e Brasília, o Plano Piloto, é estrutural objetiva e subjetiva. Existem Brasília e Distrito Federal, que estão no mesmo espaço geográfico, mas que ao mesmo tempo são múltiplos lugares com visíveis diferenças entre as condições econômicas e o modo de vida das pessoas. As diferenças, mais que as semelhanças, entre a nossa realidade eram evidentes mesmo para uma criança, como era o meu caso. A separação física e social imposta nesses espaços sociais – as cidades satélites e o centro da capital – já me ensinavam que ali viviam pessoas diferentes e que por isso não tinham os mesmos direitos de usufruir de algumas

benesses como parques, shoppings, ruas arborizadas e asfaltadas. Neste sentido o sentimento de não pertencimento se confunde com o modo como são distribuídos socialmente o capital e o poder econômico, objetividades e subjetividades que atravessam e constituem histórica e culturalmente nossos corpos e modelam nossos comportamentos para além da nossa vontade consciente.

Aos poucos fui percebendo que não importava o quão bem-vestidos estivéssemos quando íamos “passear em Brasília”, sempre seríamos vistos como pessoas que não faziam parte daquele espaço. E era exatamente esse o sentimento de não pertencer que me incomodava quando ia a Brasília na infância e na adolescência e, mesmo hoje, já morando na Asa Norte, centro da capital.

Hoje me defino orgulhosamente como gamense; mesmo tendo nascido em Taguatinga foi no Gama onde vivi por 24 anos. É daquela cidade que faço parte, lá está a maior parte da minha história. Tal definição talvez se configure como posicionamento crítico-político, no qual me reconheço como parte do conhecido processo de higienização social e racial realizado durante o período de consolidação da Capital Federal. Esse processo de higienização urbana consistiu em retirar do centro da capital e arredores aqueles corpos agora vistos como indesejáveis, grupos formados em sua grande maioria pela massa de trabalhadores braçais, em geral pessoas pobres e pretas. Uma campanha ideológica orquestrada para perpetuar a exclusão e ao mesmo tempo convencer a estes que eles também faziam parte da cidade, que eram brasilienses (NASCIMENTO, 2019). Esse tópico será considerado com maior profundidade mais adiante nesse trabalho, pela relevância que traz à discussão.

Esse sentimento de não pertencimento que me acompanhou pela vida hoje é tensionado pelo sentimento firme de que tenho, assim como tantos outros excluídos, o direito de pertencer. Entendo agora que ter feito parte de um processo histórico de higienização social dos espaços políticos e elitizados da Capital Federal não me faz menos pertencente à história dessa cidade, que está ligada intrinsecamente às Regiões Administrativas do Distrito Federal. Hoje compreendo que a história de Brasília, a história das mulheres que participaram da construção e consolidação da capital e a minha própria história dialogam entre si. Percebo que são vidas que foram construídas e constituídas em um espaço físico e temporal comum, sob uma estrutura política que foi capaz de produzir um projeto de poder com status de controle social para ditar regras sobre a ocupação de espaços e sobre como devem se comportar corpos negros, femininos, pobres e LGBTQIA+ na sociedade e nesse lugar. A partir da minha experiência percebo que

existe uma norma estrutural e sistêmica que dita que até podemos estar ao seu lado nesses espaços desde que sejamos subalternos. (BENJAMIN, 2012, TIBURI, 2017, RIBEIRO, 2020)

Sobre a Brasília ideal e idealizada e a Brasília real, das injustiças e diferenças Gilberto Ribeiro do Nascimento (2019, p. 26) faz a seguinte reflexão:

O contexto histórico no qual se insere a construção de Brasília está repleto de contradições, que por sua vez geraram novas contradições ante a nova realidade, na qual operários de várias partes do País imigram imbuídos do espírito e vontade de trabalhar e fazer parte da história da nova capital federal, construindo prédios e casas, mas chegando à condição de não terem garantidos terrenos ou investimentos para seu próprio lugar para morar. Ao montante de recursos que foram empregados na viabilização da construção de uma nova cidade, opõe-se a ausência de políticas de garantia de direitos ao segmento mais vulnerável; enquanto servidores públicos federais foram seduzidos a transferirem-se para Brasília, deixando o Rio de Janeiro, por meio da doação de imóveis e de garantia de bons cargos, trabalhadores e trabalhadoras braçais não puderam contar com nada. Pessoas em busca de oportunidades para melhora de vida viram-se confrontadas com situações difíceis de serem superadas. [...]

Aqueles trabalhadores explorados, ao concluírem a construção da capital federal, já não eram mais necessários; dessa maneira, a cidade tinha de ser “limpa” e, quanto ao destino dos pobres, “quanto mais distantes, melhor”. Na lógica capitalista prevalente, cidadãos e cidadãs pobres foram tratados como objetos: mesmo empreendendo a sua força de trabalho na construção civil, e ainda que a propaganda de então anunciasse a nova capital como lugar “do futuro” e de esperança, ao término da construção de Brasília seus habitantes mais vulneráveis podiam ser descartados. Assim opera a lógica capitalista, que desumaniza o ser humano e todo o seu trabalho, tornando-o “alheio”, sem direitos às riquezas que produz, situação concreta largamente vivida na construção da nova capital.

Quando entrei na escola conheci outra Brasília, aliás, outra história sobre a construção da capital. Não eram mais histórias tão pitorescas e divertidas como as contadas pelo meu pai e meu avô Tavares. A história que a escola contava não tinha mais o meu pai, a minha avó, o meu avô e nem ninguém parecido com eles. Ah, tinha os ‘candangos’, pessoa coletiva, sem nome, sem rosto, sem identidade e sem história. Era uma história bem diferente das que meu avô contava sobre Brasília, o Plano Piloto, e o Distrito Federal. A partir do meu ingresso no ensino formal passei a conhecer duas histórias, assim como conhecia duas Brasília: uma mística e cheia de aventuras onde os meus familiares participavam ativamente de tudo e a história oficial da criação desses espaços, onde eu era agora obrigada a decorar datas e nomes de poucos homens, grandes heróis – Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Bernardo Sayão, Athos Bulcão e alguns outros – que conseguiam construir “sozinhos” uma cidade inteira, o que definitivamente não fazia o menor sentido para mim. Não havia nenhum Silva, Santos, Tavares, nenhum sobrenome das pessoas que eu conhecia.

Durante o ensino formal nos anos 2000, era comum que, ao estudar sobre a fundação da Capital Federal nas atividades curriculares, fossem apresentadas biografias de homens que,

segundo os livros, foram responsáveis pela construção de Brasília. Também ouvíamos falar do suposto sonho do clérigo italiano São João Bosco – que, segundo o seu biógrafo, teria em 1883 sonhado com uma viagem à América Latina na qual um anjo afirmou-lhe que uma região, posteriormente reconhecida como o território de Brasília, era uma terra de promissora fartura – que foi utilizado politicamente como presságio positivo da construção de Brasília.

Assim, eram destacados os nomes de políticos, arquitetos, engenheiros e tratavam de forma genérica os conhecidos candangos e outros pioneiros. Em comum entre esses dois grupos estava o fato de serem todos homens. A parte que mais me interessava era saber sobre os candangos afinal meu avô, como ele mesmo dizia com orgulho, tinha sido um. As biografias em destaque sempre pareceram, do meu ponto de vista, distantes da minha realidade. Nada me interessava entre o sonho de Dom Bosco e aquela cidade estranha, onde eu só ia a passeio uma ou duas vezes por ano para conhecer as tesourinhas, as lojas, a arquitetura e as quadras arborizadas, limpas e asfaltadas – milimetricamente planejadas – de Brasília.

Aquele sonho da Capital da Esperança, da cidade perfeita só era possível, até onde eu percebia, no Plano Piloto. Nunca chegou até a minha cidade, ao Gama. Na quadra onde eu morava, considerada como uma das melhores do local, o asfalto, nos poucos lugares onde ele havia, era de qualidade tão ruim que ia embora com as chuvas. Não tínhamos parques, espaços de lazer ou o mínimo de estrutura para vivermos o sonho da dignidade. A única escola da quadra era pouco atrativa, com salas pequenas e sem ventilação e o ensino formal, apesar de regado do afeto de alguns bons professores e professoras, era precário estruturalmente. Nessas condições os sonhos pareciam mais impossíveis que o de Dom Bosco. Eu conheci algumas dessas pessoas que hoje transitam soltas pelo centro do Plano Piloto. Há algum tempo me deparei com um amigo de infância que, infelizmente, está vivendo em situação de rua. Exatamente lá no centro da chamada Capital da Esperança: Brasília.

Retomo aqui as memórias do meu avô materno, Seu Tavares, para continuar minhas reflexões. Com a sabedoria invejável de um homem de pouca instrução formal, que tem apenas o ensino fundamental incompleto, o Seu Tavares domina como ninguém a arte de narrar histórias. Narra com riqueza de detalhes muitas histórias sobre a sua chegada em Brasília e sua contribuição na construção da cidade como pintor, pedreiro e zelador. Ele diz que assim que chegou foi parado no meio da rua por um estranho, que o contratou para trabalhar como pintor na Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, a NOVACAP, empresa responsável por gerenciar e coordenar a construção de Brasília. Com orgulho ele narra que pintou todos os

“barracos” da empresa. Provavelmente ele estava se referindo aos barracões que eram utilizados como escritórios e casas provisórias no centro do Distrito Federal.

Conta incansavelmente, com a maestria de quem sempre traz uma novidade, de sua chegada em Brasília, dos diversos ministérios que pintou na Esplanada e, também, que havia trabalhado como porteiro e zelador de um prédio na Asa Norte, período em que nasceram suas primeiras quatro filhas, entre elas minha mãe. Vô Tavares, como muitos de seus contemporâneos, tem uma espécie de veneração pelo ex-presidente Juscelino Kubistchek e sua esposa Sarah Kubistchek. Dois de seus filhos receberam os nomes Juscelino e Sarah em homenagem ao presidente e sua primeira-dama.

Figura 3 – Vô Tavares posa para foto, segurando uma lupa que usa para ler palavras pequenas.



Fonte: Jemima Tavares, 2019.



Outro presidente de quem ele sempre lembrava, não com o mesmo carinho, era Jânio Quadros. Uma das situações engraçadas narradas por ele que nunca esqueci foi quando um dia meu priminho pegou a vassoura e começou a varrer a casa de brincadeira e meu avô disse gargalhando: “Esse menino varre mais que Jânio Quadros”. Mais tarde soube que esse era o slogan de campanha do ex-presidente que, após ter sido eleito com a promessa de limpar o país da corrupção, renunciou ao cargo abrindo espaço para a Ditadura Militar implantada em 1964.

Após a inauguração de Brasília em 21 de abril de 1960 as coisas que já eram difíceis, pareciam agora ter ficado muito pior. Depois de alguns anos lutando pela sobrevivência na Capital, Vô Tavares

havia decidido voltar para Pernambuco, sua terra natal. Mas, segundo relata, quando estava de malas prontas um colega disse que ele deveria ficar pois em pouco tempo o então presidente, João Goulart (1919-1976), iria baixar um decreto tornando funcionários públicos os então trabalhadores da Novacap. Ele conta que isso aconteceu em quatro meses e que depois foi realocado para o Instituto Nacional de Seguro Social onde trabalhou até se aposentar. Ele não sabe dizer ao certo quais funções realizava no órgão, diz apenas que se aposentou como funcionário público.

Identifico um paradoxo entre os fatos narrados pelo meu avô a respeito da construção da capital. Mesmo quando descreve em detalhes suas aventuras e desventuras durante o

processo de construção da capital, ao final de cada texto narrado ele sempre atribui a responsabilidade pelo feito ao líder, o presidente Juscelino, e aos seus colaboradores próximos. São eles os heróis, são eles os homens fortes que mudaram com seu trabalho a história do país. Do meu ponto de vista as narrativas do Vô Tavares acabam por sucumbir, ainda que só no finalzinho, ao discurso do dominador, à “verdade” sustentada na História Oficial pelos que detêm o poder. Ao final prevalece sempre a epopeia narrativa, que tira o protagonismo e participação popular para conferir a um único homem ou grupo de homens todos os méritos sobre um feito extraordinário; um romance de formação (*bildungsroman*), que “ao integrar o processo de vida social na vida de uma pessoa, ele justifica de modo extremamente frágil as leis que determinam o processo. A legitimação dessas leis nada tem a ver com a realidade” (BENJAMIN, 2012, p. 203). Uma lógica romanesca burguesa onde meu avô, em sua narrativa, se submete ao texto oficial, não se reconhecendo como protagonista neste processo. Como tantos outros pioneiros da construção da Capital ele foi levado a esquecer a sua própria luta, a luta dos seus para tornar o sonho realidade, a esquecer até mesmo a morte de trabalhadores que buscavam reconhecimento e melhores condições de trabalho, a exemplo do que ocorreu no incidente conhecido e noticiado pela imprensa da época como o grande massacre de trabalhadores da Pacheco Fernandes Dantas em 1959 (JORNAL DO BRASIL, 14/02/1959; JORNAL DO COMMERCIO, 13/02/1959; O BINÔMIO, 16/02/1959; O ESTADO DE S. PAULO, 14/02/1959; O GLOBO, 13/02/1959).

Entre os meus avós Dona Ana, minha avó materna, com quem fui criada, é a única negra. Os outros avós e os tios paternos são brancos de olhos claros. Já a minha mãe e seus irmãos são os chamados “pretos claros”, de modo que há uma sensível graduação de cor entre os nove filhos, mas em todos os traços étnico-raciais negros não negam a origem. Meus avós paternos e meu avô materno vinham de classes sociais semelhantes e passaram por experiências de pobreza e fome no sertão nordestino que se cruzam em vários momentos. Entretanto, é notório que a questão racial foi um fator decisivo para que a existência da Vó Ana fosse marcada por algumas vivências que os outros não tiveram. Explico: apesar de nunca falar nada sobre seu trabalho quando chegou em Brasília – na verdade a Vó Ana não falava nada sobre sua história de vida e só há pouco tempo soube por minha mãe que minha avó foi “adotada” por um casal de médicos quando veio para Brasília – sua história traz uma singularidade que se relaciona intimamente, acredito, com o fato de ser negra.

Segundo a minha mãe, a Vó Ana era de família muito pobre e aos 9 anos foi ao hospital por uma ferida na perna, talvez por queimadura (não sabemos ao certo). O médico que cuidou

do seu caso a pediu para minha bisavó, sob o pretexto de que seria criada como filha e por isso teria um futuro melhor que os irmãos. Mas a realidade foi outra: desde muito cedo trabalhou como babá cuidando das crianças da família e como doméstica responsável por todos os afazeres da casa. Nunca pôde estudar, nunca recebeu pagamento pelos serviços prestados ou foi indenizada pelas perdas sociais e pessoais ao longo desse período. Enfim, viveu uma vida análoga à escravidão dos 9 anos até o momento em que conheceu meu avô e se casou com ele.

Não sabemos exatamente o ano em que minha avó chegou em Brasília, o mais provável é que tenha sido no final dos anos 50. Curiosamente, por mais que eu insistisse, ninguém na família foi capaz de falar com exatidão quando meu avô e avó se conheceram e se casaram, nem mesmo Vô Tavares. Também não sei muitos detalhes sobre o casamento dos dois, sei que após se casar com meu avô, Vô Ana trabalhou em diversas outras funções subalternas: de faxineira, lavadeira, passadeira e como auxiliar de serviços gerais em hospitais e postos de saúde e que nunca mais teve contato com a família que a trouxe para Brasília.

Lembro de observar uma grande cicatriz escura na perna direita de minha avó que, segundo minha mãe, aparentemente era resultado da queimadura não tratada adequadamente. Acredito, não só pelas características da grande cicatriz esteticamente desagradável a olhos mais sensíveis, mas também pelo silêncio firme da minha avó quando perguntávamos sobre o ocorrido, que os cuidados prometidos pela família do médico que a pegou para criar ainda criança, logo em seguida ao acidente, não foram os melhores. Nessas ocasiões ela procurava mudar de assunto inventando uma história mirabolante sobre o motivo da cicatriz e mal disfarçava o constrangimento quando o meu avô tentava contar o que realmente havia acontecido. Normalmente intervinha dizendo, por exemplo, que foi atacada por um jacaré ou uma onça com quem teve que lutar para sobreviver.

Hoje lembrando de suas histórias acho mesmo que a sua experiência de sofrimento só poderia ser comparada, na imaginação inocente de uma menina, a uma luta com um grande animal selvagem. Entendo no silêncio de minha avó, da negra Ana, sobre o seu passado, a dor que as mulheres pobres e negras carregavam ao se constituírem em espaços nos quais a escravização de sua existência ainda era vista como normal.

Figura 41 – Vó Ana



Fonte: Arquivo de Família, início dos anos 2000.

Todavia, apesar das diversas situações de opressão e silenciamento que minha avó Ana viveu, sua existência não foi marcada apenas por isso e muito menos foi sua vida definida por tragédias. Houve também muitas e grandes vitórias individuais e coletivas como conquistas familiares lideradas por ela, que foram passadas para seus filhos e netos. O seu silêncio, entendo hoje que não era só para calar a dor, mas também para reunir forças, controlar-se emocionalmente para superar a adversidade. Era também uma forma de resistência. Vó Ana era uma mulher ativa e de vontade forte. Quando ela, por exemplo, queria comprar ou fazer algo que os filhos ou marido não aprovassem, tratava de planejar toda a situação sozinha até conseguir o que desejava. A gente costumava sorrir e dizer que minha avó fazia tudo “caladinha”. Já nos últimos anos de vida, ela estava com a saúde bem debilitada e não podia mais sair sozinha ou andar por muito tempo. Porém, um certo dia ela tinha consulta no Posto de Saúde e cismou que queria ir sozinha para não incomodar os filhos. Dito e feito, ela saiu sozinha de casa, não avisou a ninguém e desatou a caminhar por mais de 2 quilômetros quando, por coincidência, minha mãe a encontrou no meio do caminho, conseguiu acalmá-la e pedir ajuda de um amigo para levá-las à consulta. Assim era minha avó, usava o seu silêncio para superar as fraquezas físicas e a dor emocional. Uma mulher que preferia morrer em pé a viver subjugada à vontade dos outros, mesmo que esses fossem seus filhos e marido. Hoje percebo que minha avó conseguiu fazer do seu silenciamento uma forma de luta e de continuar existindo de forma plena.

Meu avô costuma relatar que conheceu a minha avó logo que chegou em Brasília. Ele dizia que a encontrava chorando embaixo dos blocos da Asa Sul, porque os filhos do casal dos quais ela era babá e doméstica não assalariada “buliam” muito com ela; assim começaram o romance. Enquanto meu avô se orgulhava de narrar todas as suas aventuras do passado, a minha avó permanecia em silêncio.

Dela eu me lembro nitidamente do silêncio, do incômodo e mais uma vez dos silêncios, que vinham em sequência quando meu avô desatava a dar voz às memórias do passado durante os almoços em família. O silêncio dela me inquietava. Por que ela parecia não compartilhar dessas histórias? Por que ela parecia não ter orgulho de ser uma candanga? De dizer, como o Vô Tavares, que ajudou a construir Brasília? A resposta só veio para mim há pouco tempo ao conversar com minha mãe sobre as atitudes de minha avó. Só agora pude perceber que o silêncio

dela coaduna com o silêncio de outras as mulheres candangas que tiveram, propositalmente, suas trajetórias apagadas ou seu protagonismo negado em um processo tão marcante como foi a transferência da capital para o Centro-Oeste.

O silêncio também tem muito a dizer. Apenas há poucos anos, eu e minha mãe conseguimos conversar sobre o silenciamento de suas (nossas) memórias. Juntas, tentamos nos lembrar das poucas memórias orais que temos sobre minha avó. O que o silêncio ou, melhor, o silenciamento de Dona Ana representou para nós mulheres da família e como ele hoje nos provoca reflexões sobre a nossa condição e lugar social no universo masculino. Minha avó Ana e tantas outras mulheres não puderam narrar suas histórias, tiveram suas memórias silenciadas pelo patriarcado, sustentado pelo mito da história única. Mesmo assim essas mulheres resistiram, sobreviveram, lutaram e abriram espaço para que nós pudéssemos estar aqui hoje com um pouco mais de passagem.

Sobre isso Tania Fontenele (2017, p. 4), autora do documentário *Poeira e Batom no Planalto Central*, comenta:

Brasília tem dívida histórica com suas mulheres, particularmente com as que participaram da fase inicial da construção da cidade e de quem pouco se fala. Na verdade, as pioneiras de Brasília foram envoltas em misterioso véu de invisibilidade perante a história oficial, criando-se a falsa impressão de que não estavam aqui, naquele momento seminal da cidade, lado a lado com os homens, lutando e se sacrificando pela materialização da obra.

Escrever a história incluindo as mulheres é sair do silêncio de onde por muito tempo estiveram confinadas, fazendo romper o apagamento de sua atuação na memória social.

Compreender as mulheres candangas – como são chamadas as nossas antecessoras que para cá migraram durante a construção da Capital, ou as mulheres que nasceram e cresceram no Distrito Federal e no Plano Piloto – demanda olhar mais proximamente para a nossa própria história. Sem negar referências extraordinárias como Simone de Beauvoir, Angela Davis, Judith Butler, Djamilia Ribeiro, Chimamanda Ngozi Adichie e tantas outras, mapear histórias de vida das nossas mães, avós e bisavós.

Isso significa resgatar memórias de lutas e resistência durante o processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal. Memórias não oficiais – lutas de classe, étnico-racial e de gênero – subjugadas e esquecidas por nem sempre se configurarem como um tipo de luta revolucionária organizada por classe ou gênero. Voltar no tempo e dar espaço de voz a essas mulheres significa não apenas justiça social mas, principalmente, a busca por uma compreensão mais abrangente dos caminhos percorridos e de nossa essência como herdeiras desses processos de resistência.

Em seu texto *O Segundo Sexo, Fatos e Mitos* (1970) Simone de Beauvoir releva que mulher tal qual conhecemos não é uma realidade imóvel, e sim um vir-a-ser. É uma infindável gama de possibilidades, únicas e singulares para cada mulher. E é nesse seu vir-a-ser que se deveria confrontá-las com o homem, isto é, que se deveria definir suas possibilidades. Para a filósofa o que falseia tantas discussões é tão somente querer reduzir a mulher ao que ela foi, ao que é hoje, quando se aventa a questão de suas capacidades. O fato é que as capacidades de uma pessoa, homem ou mulher, só se manifestam com evidência quando realizadas; mas o fato é também que, quando se considera um ser que é transcendência e superação, não se pode nunca encerrar as contas. Em outras palavras o que quero aqui destacar é que não busco comparar as mulheres com os homens buscando igualdade ou superação, nem mesmo compará-las entre si, mulheres brasileiras das décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e até as mulheres do século XXI. Não há valores relativos ou absolutos que justifiquem tais comparações. Mas, transcender, como propõe Beauvoir, a visão de mulheres passivas e ajudadoras dos homens para pessoas ativas donas de suas vidas e destinos, mulheres protagonistas de suas histórias e das histórias dos seus povos, do seu torrão, do seu país.

As histórias de participação das mulheres como protagonistas na construção e consolidação da capital, como a minha avó Ana, continuam escondidas em arquivos ou silenciadas em suas memórias. Assim, hoje o silêncio da minha avó também tem me levado a questionar outros tantos silêncios existentes, ou talvez fosse melhor dizer: silenciamentos. O que me faz querer transitar entre os espaços de tempo é ouvir e narrar sobre a participação feminina nesse processo que construiu uma nova capital e diversas cidades ao redor. A partir da presença de mulheres nesses espaços foi possível a construção desta capital e a formação do DF. São essas histórias, ou pelo menos esse lado da história, que me interessa experienciar agora. Contudo, transitar por tantas outras histórias me obriga a olhar para minha própria trajetória. Ao lembrar aspectos da minha vida acadêmica e fatores que contribuíram para que eu conseguisse estar em um Programa de Pós-graduação em uma Universidade Federal, me lembrei de um conto da escritora Conceição Evaristo (2016, p. 15) que diz: “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe?”

Figura 5 – Autorretrato.



Fonte: Jemima Tavares, 2020

No conto de Evaristo, *Olhos D'água* (2016), a personagem revisita suas memórias de infância e adolescência. Durante muito tempo fiz esse mesmo exercício e ainda faço. Assim como a personagem passei a revisitar os meus caminhos, não para saber a cor dos olhos de minha mãe, da qual eu me lembro perfeitamente, mas sim para entender a existência de um corpo branco e olhos de um verde intenso, transpassado por existências negras – avós, mãe, tios e tias, primos e primas. Durante muito tempo algumas perguntas me inquietavam: Qual a minha identidade? Como um corpo branco, feminino e periférico existe e resiste em espaços de poder? Qual a relação da minha ancestralidade com a pessoa que sou hoje?

Assim como minha avó e minha mãe, eu me percebi em uma história de silêncio. Esse meu corpo branco nunca viveu as opressões étnico-raciais como minha mãe, minha avó e meus primos. Mas eu me inquietava e até me culpava pelas situações vividas, como por exemplo ver as pessoas duvidarem da minha filiação à minha mãe. Lembro-me das vezes em que minha mãe, que é professora, me apresentava para seus alunos como filha e todos disparavam uma cara de espanto seguida de uma frase no mínimo problemática: “É sério?! Ela é tão bonita!”. Lembro-me também da cor dos olhos d'água de minha mãe quando me contou que quando eu era bebê as pessoas sempre perguntavam se ela era minha babá. Embora não entendesse o porquê, via que aquilo a feria e minha resposta, ante tudo o que eu não entendia, era o silêncio. O silêncio como o da minha avó, o silêncio de alguém que está ali, mas que parece não fazer parte da história que está sendo construída.

Lembro-me de outro incidente que me marcou ao revisitar as minhas memórias para compreender a minha identidade. O dia em que eu e meu irmão estávamos em uma loja de brinquedos e tiraram o carrinho da mão dele. Os vendedores só se desculparam, sem dar muita importância ao fato, quando meu pai, homem branco, disse que eles não deveriam ter feito aquilo porque ele tinha dinheiro para comprar.

Pensei nos espaços aos quais tive livre acesso pela cor da minha pele e dos meus olhos. Lembrei que ao entrar nesses espaços, mesmo que minha pele, meus olhos e cabelos fossem

muito parecidos com o das pessoas daquele lugar, a impressão que eu tinha era de que eu não era vista como igual. Era como se aqueles espaços não fossem meus.

Foi assim também quando entrei na Universidade de Brasília: estudei no campus localizado no Plano Piloto, longe da minha casa e de tudo o que eu conhecia e me identificava. Desde que entrei na universidade em 2012, aquele espaço físico e intelectual me parecia estranho. Não só pelas duas horas e meia que eu demorava para chegar de ônibus da minha casa até o Campus Darcy Ribeiro, onde eu estudava, como também pelas relações sociais ali presentes. Eu ouvia colegas comentarem sobre suas experiências assistindo a musicais na Broadway-EUA; dos anos que passaram fazendo aulas de sapateado, música clássica ou intercâmbio na França para estudar ballet. Mesmo sem dizerem, pareciam me informar que eu não tinha permissão para estar ao lado deles em uma universidade.

O discurso meritocrático<sup>3</sup> também atravessava esse espaço de aprendizagem. Como já mencionado, eu demorava em torno de duas horas e meia para chegar do Gama ao prédio do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Em uma das disciplinas era necessário o uso de espelhos como ferramenta didática que eram fornecidos pelo próprio departamento, mas a quantidade de espelhos não era suficiente para o número de alunos na turma. Em uma das aulas eu cheguei 10 minutos atrasada por um problema no transporte público e ao me sentar em um banco vazio ao lado de uma colega que já estava de frente a um dos espelhos, ouvi: “Pode sair daí, Jemima. Chega atrasada e ainda quer sentar na janelinha?” Esse ditado popular me remeteu imediatamente à ideia pejorativa de que eu não pertencia àquele espaço e, portanto, não merecia qualquer privilégio. Sim, eu cheguei atrasada, mas, diferente da maioria ali, eu madruguei e peguei um ônibus lotado às 6 da manhã para poder estar ali. Fiquei constrangida, me levantei e fui para outro lugar, para outro grupo formado por colegas que vinham do mesmo lugar social que eu. Como se reconhecendo a si mesmos em meu constrangimento, os colegas me acolheram e me emprestaram o material que levaram de casa.

Essa foi uma das situações mais impactantes durante a graduação: alguém mandou eu me levantar de onde estava sem nenhum motivo plausível, e eu obedeci. Como assim? Eu que

---

<sup>3</sup> No livro *Capital e ideologia*, Piketty (2019) apud Dowbor (2020) defende que a ideia de meritocracia é instrumento adotado pelos “vencedores” do atual sistema econômico para justificar a desigualdade — em qualquer escala — jogando nos vistos como “perdedores” a culpa por seu próprio fracasso, como se obter êxito fosse apenas questão de esforço individual. Para o autor, o que existe é um fosso intransponível entre a ideia de meritocracia e a realidade, principalmente quando se fala de pessoas mais pobres e com menos acesso à educação formal. A ideia de meritocracia é equívoca de retórica por não considerar a desigualdade e a ausência de oportunidades.

sempre briguei por direitos e igualdade estava me submetendo passivamente? Hoje ao relembrar esse momento vejo que ele gerou uma dor emocional que, somada a outras experiências que vivi durante todo o período da graduação, afetou de modo negativo a minha autoestima e interferiu inclusive no meu desempenho acadêmico. Ao refletir hoje sobre esse período e sobre a minha passividade e submissão, trago na emocionalidade que isso gera à memória o silêncio da minha avó, que por tantas vezes vi se calar diante da dor que não conseguia explicar. A minha impressão naquele momento foi que, naquele espaço, a cor da minha pele e os meus olhos verdes não me faziam igual aos meus colegas do Plano Piloto. Eu era do Gama, da periferia, e talvez por isso alguns se sentiam no direito, intencionalmente ou não, de me excluírem em algumas situações. Pensei que, possivelmente, a questão da classe social talvez se constituísse naquele espaço como barreira de acesso. Tais experiências aliadas à sensação de não pertencimento territorial, já que eu não me sentia parte da história de Brasília e não me sentia representada pelos “heróis” fundadores, se tornaram pontos de tensionamentos na autocompreensão da minha história e identidade.

Chimamanda Adiche Ngozi (2019), uma das autoras que mais tem me afetado e direcionado nesta pesquisa, apresenta um discurso potente e consistente sobre a relação entre poder, narrativa e sociedade. Ao ouvir o discurso de Adichie sobre “O Perigo da História Única”<sup>4</sup>, enquanto falava de sua infância, me identifiquei rapidamente com a escritora:

Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas, devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos de cavalo, também podiam existir na literatura.

Na palestra a autora revela que, por ter tido contato amplo com literaturas estrangeiras como a britânica, o seu imaginário era pautado por pessoas brancas e seus costumes. Mesmo morando em um país tropical com uma cultura diferente das europeias, ela percebeu que as histórias que escrevia sempre possuíam características dos personagens que ela lia nestes livros.

Como Adichie, eu também, mesmo que involuntariamente, teci durante muito tempo um imaginário sobre determinadas pessoas ou grupos sociais e sobre quais locais elas podem ocupar. Explico, as minhas vivências de infância me fizeram acreditar que talvez por eu ser mulher e periférica não poderia ocupar sequer um banco de uma Universidade. Eu passei a

---

<sup>4</sup> ADICHIE, Chimamanda. Os perigos de uma história única in *Technology. Entertainment and Design* (TED Global), 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>

infância e a adolescência ouvindo o silêncio das mulheres com quem convivi – mãe e avó; ouvindo o silêncio das mulheres que não aparecem nas histórias oficiais da construção de Brasília; ouvindo o meu próprio silêncio por não me identificar territorialmente com a cidade que precisei frequentar para ter acesso ao ensino superior público.

O silêncio de minha avó, não o renego, culpando minhas antepassadas; porém também não o saúdo, legitimando a opressão daqueles que as tentaram calar. Analiso sua presença e penso: como podemos romper com essas estruturas para que possamos existir em uma sociedade com igualdade de gênero, de classe e étnico-racial?

Imagino que essa minha sensação de inadequação, de ausência de identidade e não pertencimento territorial tenha sido talvez a mesma sensação que tiveram algumas mulheres candangas e pioneiras, que viram suas existências apagadas da história de Brasília, das histórias de suas famílias e de suas próprias histórias de vida. Avalio que esse processo de depreciação social identitária e histórica das mulheres que participaram da fundação da Capital Federal se sustentou graças à manutenção do mito da história única, institucionalizada pelo discurso patriarcal e opressor.

Refletir sobre essas mulheres tem me ajudado a me encontrar. Hoje, eu consigo me ver. Um corpo branco, feminino, que se identifica com o gênero que nasceu, nascido e criado em cidade periférica, filha de uma mãe negra e um pai branco. E é a partir desse lugar de fala que busco aqui um diálogo honesto e ético sobre as complexidades interseccionais que envolveram a participação de mulheres diversas no período de formação do Distrito Federal e a negação de suas histórias pela história oficial. Busco também questionar o silenciamento de suas memórias e de suas existências ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, propor a construção de uma outra história. Uma história que narre as contribuições dessas mulheres para a construção do Distrito Federal.

A possibilidade de pesquisar sobre a vida de mulheres que fizeram parte da construção de Brasília e da formação das Regiões Administrativas do Distrito Federal foi se configurando a partir de 2016, durante meu Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) na graduação em Artes Cênicas na Universidade de Brasília, orientado pela professora Sulian Vieira<sup>5</sup>. Nesta experiência vi que resgatar a história dessas mulheres significou também, de certa forma, o resgate de minha própria história. A proposta se tratava de um estudo sobre a vida de Jane

---

<sup>5</sup> Sulian Vieira Pacheco é Bacharel em Interpretação Teatral pela Universidade de Brasília (1995), Mestra pela *University of Manchester - MA in Applied Theatre* (1999) e Doutora em Arte pela Universidade de Brasília (2013). É Professora Adjunto da Universidade de Brasília desde 2002. É Líder do Grupo de Pesquisa Vocalidade & Cena (2003) e Coordenadora do Curso de Teatro na modalidade UAB da Universidade de Brasília. É membro da VASTA *Voice and Speech Trainers Association* (2015).

Vanini (1945-1974), uma guerrilheira brasileira que foi torturada e morta durante a ditadura militar no Chile, um dos países para onde fugiu e onde vivia sob outra identidade. Na ocasião foi realizada uma performance solo que narrava a história da guerrilheira. Isso me abriu os olhos para a potencialidade da narrativa enquanto performance, como espaço de resgate e ressignificação da história de mulheres esquecidas pelas narrativas oficiais.

No mesmo ano realizei um exercício de direção chamado O Mito das Mulheres que Viravam Borboletas, um processo colaborativo inspirado no livro *Luta! Substantivo Feminino* (2010) da jornalista Tatiana Merlino, que incorporava às narrativas de mulheres que foram torturadas e mortas durante a ditadura militar, relatos de opressão que as atrizes vivenciaram. O exercício virou um espetáculo<sup>6</sup> que foi selecionado para um festival regional de teatro na cidade do Gama, para o festival de teatro da cidade mineira Araguari e realizado em duas temporadas independentes no Distrito Federal: uma no Teatro do SESC de Ceilândia e outra no Teatro Dulcina, em Brasília, além de participação em 2018 do festival SER NEGRA, do IFB.

Em 2017 iniciei o processo de Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Cênicas com uma pesquisa sobre processos de empoderamento feminino de adolescentes, utilizando técnicas de artes cênicas como estímulo ao processo de tomada de consciência. No trabalho, foi realizada uma oficina com seis adolescentes mulheres da rede pública de ensino na qual conhecemos biografias de mulheres que foram importantes para o Brasil e o mundo, como a ativista Malala Youzafzai, a jogadora de futebol Marta, as cantoras Elza Soares e Ludmilla e a ativista Maria da Penha. As alunas montaram narrativas utilizando trechos de suas trajetórias associadas às biografias das mulheres selecionadas. O trabalho foi inspirado no projeto da professora Gina Vieira Ponte de Albuquerque, *Mulheres Inspiradoras* (2014). A performance narrativa intitulada “A Mulher do Fim do Mundo”<sup>7</sup> foi apresentada durante a mostra semestral Cometa Cenas (2018) na Universidade de Brasília.

De 2016 a 2019, em algumas conversas com minha orientadora Sulian, ela me falava sobre a existência do registro de entrevistas de pessoas candangas, realizadas pelo Arquivo Público do DF e sobre o seu desejo de realizar pesquisas e ações de extensão universitária sobre a temática. Ela compreendia os registros do Arquivo Público do DF como importante fonte documental de material, que poderiam ser utilizados em ações artísticas e pedagógicas no contexto cultural do Distrito Federal.

---

<sup>6</sup> O Mito das Mulheres que viravam Borboletas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NBnrukM5g6g&t=1678s>.

<sup>7</sup> A Mulher do Fim do Mundo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=LcKr\\_JFreMo&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=LcKr_JFreMo&t=1s).

No ano de 2019 foi aberto o edital para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (PPGCEN/UnB), e fui incentivada por Sulian a fazer parte do processo de seleção para ingresso no programa. Neste contexto, evidenciou-se o meu desejo por trabalhar especificamente com as memórias das mulheres candangas, dando curso à minha pesquisa sobre narrativa.

Durante esse processo de pesquisa acadêmica, no qual eu buscava um resgate de memórias de outras mulheres, fui aos poucos fazendo o reconhecimento da minha própria identidade que, por vezes, ainda se mostrava nublada em alguns aspectos. Foi também na Universidade que encontrei, além da minha história, a história de outras mulheres que carregam a palavra mulher como substantivo em sua identidade, acompanhada de adjetivos como forte, corajosa, resistente, afetuosa, feminista, empática, alegre, leve, lutadora etc. São filhas de outras tantas mulheres que estiveram no começo da formação e consolidação da capital e do DF. Portanto, as reconheço como herdeiras de uma longa história de resistência cultural contra o machismo, o patriarcado, o mito da história única e em defesa de uma história marcada pela liberdade, pelo protagonismo e pela dignidade humana.

Considero importante chamar a atenção aqui para o protagonismo ao qual me filio. Em minhas leituras benjaminianas acabei por me defrontar com a ideia do narrador como protagonista de sua história, um processo de inscrição social ativa desse sujeito. Esse tipo de protagonismo que defendo, a partir do proposto por Benjamin (2012), distancia as pesquisas históricas sobre as mulheres que participaram na construção e consolidação da Capital Federal do uso dos relatórios e dados verificáveis como data e hora, sob visão rasa e linear da história real.

O protagonista nesta perspectiva usa a sua história como estratégia contra a submissão do pensamento social como dado científico.

Ela [a narrativa] não está interessada em transmitir “o puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 2012, p. 205)

O protagonismo benjaminiano nos possibilita a ideia de relevar na experiência do narrador as cenas relatadas pelo dono da história, que se intercambiam com suas reações e emoções revividas, enquanto descortina lentamente ao ouvinte as lembranças. Em um tempo histórico dinâmico e ao mesmo tempo atemporal, um trabalho sobre o tempo vivido no qual interferem a cultura e as estruturas sociais subjacentes sem, contudo, estar determinado por elas.

Este reconhecimento de protagonismo é o reconhecimento da existência do outro como sujeito, agente ativo da história em permanente transformação.

Ou seja, foi na Universidade em contato com Sulian Vieira, Ana Carolina Castro, Julia do Vale, Jessica Lima, Ingreth Adri, Tainá Cary, Camila Franco e outras que aprendi o conceito de protagonismo feminino, de feminismo e, principalmente, do feminismo negro como movimento diferente e diferenciador entre mulheres a partir dos vieses étnico-racial e de classe. Conceitos que recuperam o protagonismo de mulheres como minha avó Ana, que resistiram apesar do silenciamento e da opressão para construir novas possibilidades de expressão para as suas filhas e netas na capital do país.

Patrícia Hill Collins, em *O que é um nome: Mulherismo, Feminismo Negro e além disso* (2017), defendeu a importância dos conceitos mulherismo e feminismo negro para empoderamento das mulheres negras, pelo valor que o reconhecimento do protagonismo da mulher negra traz à história desse grupo e, mais especificamente, à história da mulher negra.

Usar o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo como uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a branquitude presumida do feminismo e interrompe o falso universal deste termo para mulheres brancas e negras. Uma vez que muitas mulheres brancas pensam que as mulheres negras não têm consciência feminista, o termo “feminista negra” destaca as contradições subjacentes à branquitude presumida do feminismo e serve para lembrar às mulheres brancas que elas não são nem as únicas nem a norma “feministas”.

Neste momento trago ainda outro conceito também muito importante em minha trajetória como mulher periférica, o verbo aquilombar.

Munanga (2020), ao prefaciar o trabalho de Félix (2020, p. 19), nos informa que a palavra quilombo “não significava habitação dos negros fugitivos das senzalas, mas sim uma sociedade ou organização de guerreiros”, uma transformação portuguesa da palavra kilombo, de origem bantu, precisamente da língua Quimbundo de Angola.

Já para o jornalista paulista Joselício Junior (2019, p. 1), em um artigo publicado pela Revista Fórum, os movimentos quilombolas eram “fruto da luta de um povo que não se curvou diante das dificuldades e das barreiras que pareciam intransponíveis.”

Aquilombar-se é compreender a nossa história, nossas origens, nossa cultura, resgatar nossas memórias, é lembrar o passado, para entender o presente e construir o futuro. Isso nos faz perceber o quanto a **Ação Cultural** e **Ação Política** caminham juntas e formam uma tecnologia poderosa de organização e intervenção social.

Entendo a minha trajetória na academia e a minha aproximação com outras mulheres como momento de crescimento pessoal. Esses encontros favoreceram discutir amplamente

questões específicas que atravessam a existência das mulheres em espaços sociais, econômicos, políticos, educacionais e outros como um tipo de prática do aquilombamento na atualidade. Aquilombar-se significou identificar a existência dentro das histórias singulares as narrativas como ferramentas para resgate de ancestralidade e metodologia de organização que fortalece grupos oprimidos na luta por uma sociedade mais igualitária. Pois de fato foi no aquilombamento que consegui ouvir a minha própria voz. Foi no aquilombamento com outras mulheres que me protegi quando senti minha existência negada por questões de classe e gênero. Foi nestes espaços de diálogo que pude me nutrir de forças em outras mulheres brancas e negras que colaboram para minha chegada até o momento de escrita desta dissertação de mestrado.

É por isso que neste trabalho de pesquisa busco, a partir de memórias vivas e reais fazer conhecer outras narrativas sobre a história da construção de Brasília e do Distrito Federal, assim como desenvolver narrativas sobre mulheres no presente desses espaços. Assim, a proposta que teve início no desejo de Sulian Vieira vem despertando em mim uma possibilidade de, a partir de memórias tão potentes, escrever a minha própria narrativa.

Desta forma trago para esta pesquisa não só as memórias de mulheres que fizeram parte do contexto da construção e consolidação de Brasília como, também, o reconhecimento de outras mulheres que tornaram possível minha chegada até aqui. Peço licença para apresentar novamente o conto de Conceição Evaristo (2017 p. 18), *Olhos D'água*, “[...] todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias”.

O corpo desta dissertação se organiza da seguinte forma: Introdução com um memorial que justifica a minha opção pela temática. O delineamento metodológico traz breves considerações sobre o percurso de pesquisa e implicações para o processo, em função da pandemia da Síndrome Respiratória Aguda Grave, a Covid-19.

O primeiro capítulo dessa pesquisa é destinado à análise de aspectos de documentários e trabalhos acadêmicos sobre o período da construção de Brasília, bem como um breve panorama histórico e social que levou à construção da capital e os desdobramentos e consequências da criação das Regiões Administrativas do Distrito Federal.

O Capítulo 2 é reservado para a apresentação de aspectos da interseccionalidade, bem como uma apresentação de narrativas femininas sobre a Capital Federal, os conceitos de narrativa, memória e imaginário que foram base para a construção dessa pesquisa.

No Capítulo 3 será verticalizada toda a abordagem metodológica desta pesquisa, apresentando a Abordagem Pragmática de textos teatrais, a Técnica de Microatuação, a apresentação do Arquivo Público do Distrito Federal e o Programa de História Oral do órgão que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. A descrição do processo criativo para a produção da vídeo-narrativa bem como a avaliação do resultado final, também será descrita neste capítulo.

A construção desse trabalho foi transpassada por alguns fatores que imbricados permearam a minha imaginação. O primeiro deles foi a necessidade de tentar compreender pontos de convergência entre a minha trajetória e as memórias de mulheres que participaram da construção e consolidação do Distrito Federal. Mulheres essas que, mesmo excluídas e muitas vezes podadas de sonhar ou construírem a materialização dos seus sonhos, tiveram suas existências transpassadas por afetos e resistências, cada uma a seu modo. Elas foram capazes de ressignificar seus silenciamentos e se firmaram como protagonistas de suas histórias, mesmo que essas histórias não tenham sido narradas nem reconhecidas pelo sistema patriarcal.

O segundo foi que, a partir do exercício de compreensão dessas narrativas pude entender melhor minha própria identidade, e então reconhecer a potência da caminhada dessas mulheres silenciadas para a construção de processos que desenvolvem uma sociedade mais igualitária. É um percurso longo, mas graças às existências dessas candangas e de outras mulheres é possível entrar em certos lugares que antes eram fechados para nós.

Portanto, avalio que neste processo de pesquisa foi necessário um olhar para dentro e para fora. Compreendendo minha identidade social, minhas individualidades e complexidades e percebendo que, diante de tudo isso, existe um mundo complexo e dinâmico que é regido por estruturas de poder, que ditam os costumes das sociedades, mas também por adventos que vão além das possibilidades de controle humano.

Outro tensionamento trazido durante as formulações para o planejamento e realização da pesquisa foi a pandemia da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), a Covid 19. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou estado de pandemia por Covid-19, em decorrência do rápido aumento de infecções por coronavírus em todo o mundo. Essa está sendo, até o momento, a maior crise sanitária de nossa geração.

Ponto a questão da Covid-19 primeiro pelo que esta representa para a sociedade humana, mas principalmente pelo que vem representando para o Brasil e o complicado momento político que o país atravessa.

No sentido de preservar vidas, a principal recomendação da OMS para prevenção contra o vírus foi que os países adotassem medidas de isolamento social, que visam manter a maior quantidade possível de pessoas em suas residências a fim de evitar o alastramento da doença pelo ar.

Neste momento não posso me omitir de pontuar o absurdo que vivemos. No Brasil, até a data de escrita dessa dissertação, foram mais de 600 mil vidas perdidas em decorrência da Covid-19. Por aqui vivemos uma realidade diferente de muitos países, em que o Governo Federal não adotou as medidas sanitárias rígidas necessárias para o controle da pandemia. Tão pouco adotou outras medidas importantes para minimizar os danos causados pela crise que se estende por quase dois anos, com quase 15 milhões de desempregados e 15 milhões de pessoas trabalhando em subempregos, além do retorno do país para a linha da miséria, com 21 milhões de famintos no país.

Uma das declarações mais conhecidas do atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, foi a comparação da Covid-19 a uma “gripezinha” que não iria derrubá-lo, como destacada na matéria da *Folha de São Paulo* em 5 de março de 2021, intitulada “Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi”<sup>8</sup>.

Assim, a maior autoridade política do país fomentou na população brasileira ideias negacionistas sobre a pandemia, influenciando publicamente as pessoas a promoverem aglomerações e a desrespeitarem as recomendações feitas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como o distanciamento social, o uso de máscaras e de álcool em gel para assepsia das mãos.

A *Folha de São Paulo* publicou uma “Carta Aberta” de diversos acadêmicos e cientistas denunciando os ataques de Bolsonaro: no texto o autor do artigo denuncia os ataques que a ciência brasileira vem sofrendo com cortes orçamentários que ameaçam as pesquisas e colocam importantes trabalhos de pesquisa em xeque. Ainda, que se trata de uma política de governo com fomento e disseminação de informações falsas com o intuito de descredibilizar o trabalho científico, aumentando os riscos com os desdobramentos da crise sanitária. “Ao desmentir a ciência, Bolsonaro não somente fere a comunidade científica, mas toda a sociedade brasileira”<sup>9</sup>.

Portanto, em respeito à ciência e à vida humana optei, em comum acordo com a minha orientadora, pela realização virtual de toda a pesquisa, inclusive das performances narrativas

---

<sup>8</sup> Matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/04/carta-aberta-aos-cientistas-do-brasil-e-ao-povo-brasileiro.shtml>

previstas. Isto, do meu ponto de vista, representou o respeito aos pesquisadores, à ciência, à educação e às vidas neste momento. Entretanto, o fato de não realizar a proposta das performances narrativas de forma presencial resultou em implicações que serão verticalizadas no terceiro capítulo deste trabalho.

## **2 “Ajudamos a construir Brasília” – diálogos entre narrativas femininas sobre a participação das mulheres na construção da Capital Federal e Walter Benjamin**

Neste Capítulo serão apresentados aspectos do gênero narrativo na perspectiva benjaminiana em diálogo com a temática em estudo, a partir da análise de produções de vídeos e trabalhos acadêmicos sobre a participação das mulheres na construção e consolidação de Brasília e do DF, tendo como foco o modo como as narrativas femininas foram exploradas nesse trabalho.

### **2.1 “Porque a gente tem que pensar na nossa história” – o papel das mulheres na construção e consolidação de Brasília Distrito Federal**

Como já mencionado neste trabalho, a escritora Chimamanda Adiche Ngozi (2019), ensinou-me que o silenciamento histórico dificulta as oportunidades de construção de identidades, seja em nível individual ou coletivo. E é também ferramenta eficaz de controle e alienação. O silenciamento histórico nos distancia de nossas origens e, mais que isso, reproduz e perpetua processos de dominação social, econômica, política e cultural. Afinal, como um grupo social pode existir dentro de uma história que lhe nega a existência? De que dignidade dispunham as mulheres do Distrito Federal se lhes falta conhecimento sobre as suas origens, étnicas, territoriais e sobre sua participação social, econômica e política na construção de Brasília e do Distrito Federal?

Durante minha formação no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília a experiência com histórias não oficiais, com a narrativa no fazer teatral onde as mulheres eram protagonistas, me ajudou a compreender que as mulheres periféricas, as que realmente fizeram o trabalho pesado durante o processo de construção de Brasília, foram esquecidas ou, melhor dizendo, ignoradas pela história oficial. Por outro lado, refletir sobre estes apagamentos e silenciamentos favoreceu em mim o desabrochar de um pensamento crítico-reflexivo, que apontou para as infinitas possibilidades de defender espaço de voz e espaço para empoderamento aos grupos excluídos e desfavorecidos. Neste sentido concordo com o dramaturgo, ensaísta e teórico Augusto Pinto Boal (1990, p. 27), quando argumenta que “o ser humano encontra no teatro uma possibilidade de se ver, de enxergar seus atos e ações no outro, e com isso consegue refletir e pensar em uma possibilidade de mudança ou reação.”

A pesquisa em teatro me ajudou a reconhecer e defender como direito inalienável das mulheres – candangas e pioneiras e suas filhas, netas e bisnetas – o resgate das memórias ancestrais como forma de ressignificar a história oficial e, com isso, ocuparem o lugar de protagonistas que sempre exerceram na sociedade. A partir do estudo investigativo sobre a vida de algumas mulheres foi possível gerar questionamentos e reflexões pessoais que trouxeram visibilidade e inteligibilidade a processos subjetivos expressos nessas mulheres, como sentimentos de exclusão, negação, sentimento de não pertencimento identitário e outros que em conjunto colaboram para o adoecimento emocional feminino e o silenciamento social.

Para entender um pouco mais sobre a potencialidade das narrativas de mulheres no contexto da construção de Brasília e do Distrito Federal, e buscando me adequar à nova realidade do contexto pandêmico de forma virtual, me ative a explorar pesquisas já realizadas sobre a temática. Assim, nesta etapa de busca de trabalhos relacionados aos temas no Repositório Institucional da Universidade de Brasília, me deparei com a dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo de Denise Sales Vieira (2017), intitulada “*Corpo feminino e modernidade na construção de Brasília: uma leitura a partir do cinema*”. Este trabalho chamou minha atenção por trazer uma coletânea de materiais audiovisuais que versam sobre a história da construção da capital, contada a partir do gênero cinematográfico. A proposta da autora era identificar a participação de mulheres no processo de construção e consolidação da capital por meio da observação da modernidade, além do projeto de cidade política de modernização do país pretendida pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Entre as questões colocadas pela autora para orientar sua pesquisa a respeito da política de modernização e sobre o corpo feminino estava: como os filmes sobre a construção de Brasília estudados corporificaram as mulheres?

O acesso ao trabalho de Sales Vieira (2017) me permitiu acessar algumas obras sobre a temática, que favoreceram construir reflexões sobre aspectos diversos que atravessam as discussões sobre a participação social das mulheres no processo de construção e consolidação da capital. Neste trabalho de pesquisa a autora analisou materiais videográficos – cinema – sobre os papéis sociais ocupados pelas mulheres na visão da narrativa masculina e em suas próprias narrativas, bem como a percepção que algumas dessas mulheres tinham sobre si e seus papéis como mães, esposas, trabalhadoras e profissionais nos anos iniciais de formação da Capital Federal.

Depois de ler a pesquisa de Sales Vieira (2017), acessei os vídeos citados no trabalho disponíveis, em sua maioria, na plataforma Youtube. Assisti a cada um deles e dessa vez com

alguns questionamentos específicos: como a figura feminina daquela época era representada nesses trabalhos? Quais discursos dominantes orientavam o foco narrativo dessas obras? Como as mulheres se viam ou foram retratadas nessas obras, considerando aspectos históricos e culturais ligados ao patriarcado, ao mito da história oficial e aos processos históricos de silenciamento feminino?

Entre as obras citadas selecionei o curta metragem *Brasília, Capital do Século*, de Gerson Tavares (1960)<sup>10</sup>, um documentário filmado e produzido contemporaneamente à construção de Brasília que tinha como foco principal as pessoas envolvidas diretamente na construção da capital, ou seja, os homens que trabalhavam na construção civil. Na produção de Tavares é possível perceber o discurso político idealizador que permeou a construção da capital, bem como a forma que as mulheres eram vistas e o lugar dos corpos femininos nesse discurso.

Para o documentário foi usada a técnica narrativa em *voice over*, quando o narrador ou narradora não estão presentes na cena. As imagens mostradas no início do filme sublinham o caráter inovador, mas imperativamente masculino, representado inclusive por uma frase emblemática do narrador: “Os *aglomerados urbanos foram criados pelos homens, essa é uma cidade criada para o homem*”. Estas imagens da construção da cidade ressaltam a grandiosidade das obras e a postura de racionalidade ali presente, que ressoa em mim como a necessidade de mostrar a todo custo que tudo está “sob controle”. Uma ideia de previsibilidade e de controle social e político extremamente interessante para um governo que estava enfrentando uma oposição ferrenha ao seu projeto de construção de uma nova capital. A narrativa dominante em todo o vídeo é um tipo de texto que reafirma a previsibilidade histórica do dominador e ao mesmo tempo atua como reclame emocional, já que de alguma forma deveria cativar novos migrantes para embarcarem no projeto de consolidação de Brasília.

A citada frase “os *aglomerados urbanos foram criados pelos homens, essa é uma cidade criada para o homem*”, acompanha todo o vídeo e é sobreposta com firmeza à imagem de homens trabalhando freneticamente, enquanto a presença de mulheres não é identificada dentro da obra. As mulheres, quando aparecem, são apresentadas em contextos e condições meio artificiais, o que possibilita ao espectador problematizar a presença delas nesses espaços.

Em um primeiro momento surgem duas mulheres, aparentemente atrizes ou modelos, atuando performaticamente no vídeo. As duas figuras são mostradas de baixo para cima em movimento lento da câmera, vestindo trajes marcadamente masculinos, de forma que só ao fim

---

<sup>10</sup> Brasília, Capital do Século (1959) de Gerson Tavares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y0MaMv1DohY>

da cena é possível identificar que são duas mulheres. Contudo o estereótipo apresentado por meio de cabelos curtíssimos e nenhum adereço feminino, apenas um brinco pequeno, reforçam a ideia de que este era realmente um espaço masculino. Já na segunda imagem em que aparecem mulheres as mesmas estão grávidas, vestidas tradicionalmente como donas de casa felizes. Na cena romanticamente idealizada, um grupo de mulheres grávidas passivamente sentadas observando os seus maridos são apresentadas talvez como referência ao futuro e à prole que mais tarde formaria a cidade.

A forma como o corpo feminino e o verdadeiro fazer social das mulheres – donas de casa, empregadas domésticas, faxineiras, professoras, prostitutas, engenheiras, arquitetas, cientistas, e tantas outras profissões – são invisibilizados no filme, do meu ponto de vista, revela a força da cultura do patriarcado que dominava o pensamento social nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Vale destacar que este é um pensamento ainda fortemente presente nas culturas e que tem, ainda hoje, grande impacto na vida das mulheres.

A mulher que cria a vida também pode ser destruída pela atitude destrutiva do outro ser social que não reconhece o seu valor. E é exatamente isso que faz a cultura patriarcal: mina as forças da mulher e dispõe estratégias de controle e subordinação do feminino. O discurso patriarcal mantém os seus grilhões ideológicos.

A filósofa Marcia Tiburi (2018, p. 27) define patriarcado como:

um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições. [...] Tem uma estrutura de crença firmada em uma verdade absoluta, uma verdade que não tem nada de “verdade”, que é, antes, produzida na forma de discursos, eventos e rituais. Em sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguidos por muita gente.

A partir do conceito de patriarcado destrinchado por Tiburi é possível dialogar sobre alguns apontamentos verticalizados nesta pesquisa, como a forma como as mulheres foram retratadas nesse curta-metragem e como até os dias atuais os seus protagonismos foram ocultados.

Outro fator relevante para o diálogo é o desenvolvimento do roteiro, que apresenta um discurso romantizado sobre a construção da capital. Nesse sentido, parece haver uma preocupação em minimizar as complexidades existentes no contexto da construção da Capital Federal, como por exemplo as mortes de candangos nesse período, que sugerem uma banalização da morte de pessoas pretas e pobres – que eram a maioria dos candangos, e o

apagamento das existências de mulheres nas funções que desempenharam socialmente para a construção e consolidação da Capital.

“baiana, baiana, hoje morreu seus conterrâneos. Ô baiana, caiu bem uns cinco ou seis do 28. Caíam, eles vinham Silvia, todos doidos para trabalharem, porque vinham se fichar com aquela ilusão, que os caminhões eram cheios de candangos, direto, eles vinham chegavam e fichavam na NOVACAP, mas eles não tinham costume com altura. Era os Três Poderes, o Congresso, a Câmara dos Deputados, tudo ali que é o Congresso. Então ele disse que eles vinham, fichavam e subiam, não tinham nada de segurança, de maneira nenhuma, eles subiam, o planalto ventava demais, como eu te falei muito frio, era muito aberto e aquele vento horroroso, diz Dirceu que tinha uns que iam subindo desequilibravam, caíam, pegavam, não sabiam nem quem era, não tinha identidade, tinha sido feito a ficha, os parentes acho que nem sabiam... era quase todo dia, Dirceu me contava: “êh baiana, (ele me chamava era de baiana, baianinha) mas hoje eu fiquei com dó”. Eu dizia: “Mas Dirceu não é só baiano.” Ele dizia: “Não é.” Mas toda vida tinha aquilo, era baiano, podia ser nordestino de qualquer lugar, até hoje tem isso. Podia ser do Ceará, Pernambuco, era baiano. Ele dizia: “Mas caiu hoje foi não sei quanto.” Dava conta dos que morriam, eles não tinham costume com altura, não tinham segurança, não existia hoje como segurança, a fiscalização em cima, era cada um por si. (Narrativa de Helse Pereira Haine sobre sua conversa com o amigo Dirceu – Arquivo Público de Brasília, Programa de Memória Oral)

Comparando o trabalho de Gerson Tavares (1960) à pesquisas recentes que versam sobre o período da construção de Brasília (Sales Vieira 2017; Ribeiro Nascimento, 2019; Albuquerque, 2020), é possível perceber o paradoxo entre o que propõe o mito da história oficial e a realidade da construção da capital. Ainda é possível visibilizar o apagamento intencional do protagonismo das mulheres e de grupos excluídos.

Em síntese, vejo no trabalho de Gerson Tavares (2010) a materialização das palavras de Benjamin (2012), ao discorrer sobre o que classifica como inteligência das epopeias: “o truque que esse mundo de coisas – é mais honesto falar em truque do que em método – consiste em trocar o olhar histórico sobre o passado pelo olhar político” (BENJAMIN, 2012, p. 26).

Outro importante trabalho de pesquisa sobre a construção da Capital Federal que discute a participação das mulheres é o documentário de 60 minutos chamado *Poeira e Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília* (2010)<sup>11</sup>, com versão homônima em livro. Este trabalho, segundo as autoras Tânia Fontenele Mourão e Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira, inova os estudos sobre o tema por trazer um olhar feminino para a questão desde sua gênese. Tanto o documentário em vídeo como a versão em livro abordam a temporalidade entre

---

<sup>11</sup> Poeira Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9rxJUc8kbSk>.

1955 e 1960, com depoimentos de 50 mulheres que deixaram sua contribuição, segundo fala das autoras, “na concretização do sonho de Juscelino Kubitschek”.

O documentário em vídeo mescla depoimentos de mulheres pioneiras com imagens históricas do período da construção da capital. A proposta de ambos os trabalhos foi retratar a história de mulheres diversas que fizeram parte do período de 05 anos que envolveu a construção da Capital Federal. As histórias foram contadas pelas próprias mulheres em formato de entrevista e as memórias póstumas narradas por vozes de outras mulheres. O livro homônimo apresenta um acervo fotográfico rico em detalhes que ajuda o leitor a situar-se também no contexto histórico.

*Poeira e Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília* (2010), foi o primeiro material sobre o tema mulheres e construção da capital ao qual tive acesso ao iniciar a minha pesquisa. Foi um ponto de partida importante para entender o que estava sendo pesquisado sobre a temática e como eu gostaria de me posicionar sobre as questões que envolvem o gênero feminino e sua participação no processo de construção e consolidação da Capital Federal. Apesar da inegável qualidade do trabalho e olhar inovador que traz para as discussões sobre o protagonismo feminino na transferência da capital do Brasil para o Centro-Oeste, a forma como o tema foi abordado no material me inquietou. Tal incômodo gerou reflexões que, do meu ponto de vista, favorecem ampla discussão sobre o que envolve as narrativas femininas em perspectiva de cultura, considerando os focos de análise de minha pesquisa a saber: gênero, étnico-racial, classe social e ideologias que orientam as narrativas da temática.

A minha expectativa ao assistir o material era a de ouvir muitas histórias como as da minha avó Ana, uma mulher negra de origem pobre, que veio para Brasília e trabalhou como faxineira em hospitais e postos de saúde após se casar com meu avô, que possui uma trajetória de lutas e conquistas individuais e coletivas sendo, portanto, protagonista de sua própria história de vida. Entretanto, enquanto espectadora percebi que as entrevistadas selecionadas eram em sua maioria mulheres de alto poder aquisitivo e cor de pele branca, como filhas de grandes empresários, engenheiras, professoras acadêmicas aposentadas. Ainda assim elas eram expostas como coadjuvantes no processo. Ou seja, eram mulheres contando histórias dos homens no processo de consolidação da Capital.

Outro fator que precisa ser problematizado é o recurso narrativo utilizado, que acredito favorecer ao espectador a produção de sentidos diferentes sobre essas mulheres, considerando aspectos étnico-raciais e de classe social. O vídeo retrata as mulheres de classe média e

majoritariamente brancas com riqueza de detalhes de suas subjetividades, enquanto as poucas mulheres negras e pobres são retratadas de modo estereotipado, o que talvez favoreça a negação das singularidades de cada mulher desse grupo. Ou seja, suas existências eram expressas generalizada e homogênea pelo reducionismo da pobreza e do sofrimento. Acredito que o perigo de produzir documentos de caráter histórico enviesados por pensamentos estereotipados, mesmo que de modo não intencional, é reduzir a existência de corpos oprimidos, reforçar ideologias de classes dominantes e o discurso patriarcal, romantizando e retirando da vida das mulheres suas complexidades e subjetividades, seu protagonismo e suas existências.

Assim problematizo que *Poeira e Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília* (2010), ao trazer narrativas onde a ação da mulher está quase sempre subordinada ao protagonismo masculino, compromete a visão de participação ativa destas mulheres na construção de consolidação de Brasília e do DF. Isso quer dizer que apresentar as mulheres como coadjuvantes do processo sendo elencadas como esposas, filhas, companheiras, secretárias etc. mas, raramente com uma identidade complexa e protagonista de suas histórias, colabora para manutenção do mito da história oficial. Outro problema é a questão da racialidade, onde as relações sociais como apresentadas nas narrativas naturalizam o discurso ideológico racista da posição de inferior da mulher negra. Como já dito, pouquíssimas mulheres negras aparecem no documentário e sempre em funções subalternas, sem que se problematize questões ligadas à pobreza e à exploração de trabalho feminino durante o processo de construção de Brasília – de 1955 a 1960.

Vale ressaltar que as reflexões aqui feitas sobre o documentário *Poeira e Batom no Planalto Central: 50 mulheres na construção de Brasília* (2010) visam aprofundar as questões relacionadas às narrativas que reforçam a ausência de protagonismo do gênero feminino e suas complexidades durante a construção de Brasília, bem como apontar questões sobre como a estrutura narrativa de um material videográfico é importante para a eficácia da comunicação.

Estes questionamentos precisam ser relevados durante todos os percursos desta pesquisa, para que seja possível ampliar o debate sobre invisibilização e silenciamento das mulheres em suas diversidades, sem reproduzir um discurso patriarcal que delimita suas trajetórias. Neste sentido, tanto nesta pesquisa quanto na vídeo-performance realizada e discutida no contexto deste estudo, busco uma experiência com narrativas que abarquem a completude da mulher enquanto indivíduo e as coloque como agentes de suas próprias histórias.

Outro trabalho que impactou o meu olhar investigativo foi “*Narrativas Candangas: memória das mulheres negras em Brasília*” (2018), tese de doutorado da professora Elna Dias

Cardoso, realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás - UFG. No trabalho Cardoso (2018) faz a análise de memórias de mulheres negras no processo de construção e consolidação de Brasília, trazendo 10 histórias de mulheres diversas. Esta pesquisa teve como objetivo analisar narrativas de mulheres negras a respeito das suas participações na construção e consolidação de Brasília, discutindo a memória histórica na intersecção étnico-racial/cor e gênero; buscando compreender como as mulheres negras foram vistas e apresentadas no repertório simbólico e cultural durante o período de construção e consolidação da Capital, que abrangeu de 1956 a 1980; além de tentar compreender como estas mesmas mulheres se veem dentro deste contexto histórico a partir de suas próprias narrativas. Os espaços de atuação analisados envolveram aspectos culturais ligados à religiosidade, ao ativismo, ao trabalho doméstico, evidenciando os diferentes mecanismos de recusa a processos de domesticação impostos diariamente em nossa sociedade.

Conhecer a pesquisa de Cardoso (2018) ampliou a minha visão a respeito da história de construção e consolidação da Capital Federal. A pesquisadora faz uma análise sociológica da memória de mulheres negras em Brasília, trazendo uma análise assertiva e aprofundada sobre as memórias femininas. Um dos aspectos que mais me atravessou na pesquisa foi a forma de escrita da pesquisadora que é, ao mesmo tempo, democrática e apurada. O contato com essa tese me trouxe um direcionamento forte em relação a discussões que envolvem a questão étnico-racial/cor em interseccionalidade com gênero e classe social. Ou seja, busco, assim como Cardoso, problematizar estas questões a partir da análise de narrativas femininas sem, contudo, dogmatizar a discussão. Todavia, entendo ser importante levantar questões que impliquem processos ideológicos imbricados na forma como a história oficial relata os fatos sobre a construção de consolidação de Brasília e do DF, onde o protagonismo feminino é totalmente ignorado, em particular as mulheres pobres e negras. Nesta perspectiva inspirada no trabalho de Cardoso (2018), espero não apenas produzir um texto qualitativo, mas que seja também significativo para mim, para que outras pessoas consigam se identificar e entender o que aqui está sendo dialogado, afinal faço parte deste grupo de mulheres silenciadas.

A pesquisa de Cardoso apresenta uma forma narrativa que dispõe mulheres negras como protagonistas de suas próprias histórias, dando a elas o devido reconhecimento por suas trajetórias subjetivas e sociais no contexto da consolidação de Brasília e do Distrito Federal. A autora também explicita a memória oral como um ponto de encontro entre o passado e o presente, que é capaz de gerar novos olhares sobre a história oficial da capital e é nesse sentido que reconheço que as nossas pesquisas se aproximam.

Entretanto, diferentemente da pesquisa de Cardoso, este trabalho está localizado no campo das artes, portanto não serão realizadas análises sociológicas de questões envolvendo gênero feminino ou historicidade de Brasília; mas serão levantados questionamentos sobre os motivos das narrativas de mulheres terem sido silenciadas ao longo dos anos. Além disso, eu não proponho trabalhar exclusivamente com um recorte étnico-racial mas avalio que as identidades sociais devem ser observadas de forma interseccional. Ou seja, entendendo que as estruturas de intolerância não agem de forma independente, mas sim transpassadas por questões de gênero, étnico-racial e classe.

Entendendo melhor algumas pesquisas já realizadas sobre a participação das mulheres na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, situo de forma mais objetiva os caminhos que essa pesquisa busca passar. Compreendo que as opressões de ordem étnico-racial, classe e gênero são interligadas propositalmente a partir de uma perspectiva patriarcal que delimita a ação e protagonismo de determinados grupos com uma intenção definida de marcar poder. Essa estrutura de controle social e político será verticalizada nesse momento.

## **2.2 O Mito da Construção de Brasília – “O perigo da história única”**

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009) ministrou uma palestra para o programa *Technology Entertainment and Design - TED Global* intitulada *O Perigo da História Única*, na qual dialoga sobre a relação entre as estruturas de poder e a narrativa, apresentando argumentos sobre as graves consequências para os grupos minoritários quando é propagada uma história única sobre determinado assunto. Ao assistir percebi conexões entre aspectos da história de vida da autora e as questões levantadas nessa pesquisa, que consideram a dominância de vozes masculinas nos contornos históricos de Brasília.

Adichie ainda observa que:

É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “*nkali*”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “*nkali*”. Como é contada, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. (ADICHIE, Chimamanda. Os perigos de uma história única in: *Technology. Entertainment and Design – TED Global*, 2009)

A partir dessa fala pude refletir sobre as relações de poder existentes entre as histórias propagadas na construção de uma sociedade capitalista. Elas envolvem um sistema de

dominação entre grupos sociais, no qual quem conta a história dispõe de determinados papéis de protagonismo (BENJAMIN, 2012), alimentando uma ideia hegemônica sobre os fatos ocorridos. Esse grupo social chamaremos de “patriarcado”, considerando a definição de patriarcado proposta por Tiburi (2018) apresentada anteriormente neste texto, onde ela marca a ação histórica e cultural do patriarcado como construção proposital de um discurso para fins de domínio e controle do homem sobre a mulher. Nesta perspectiva o homem tem o direito natural de exercer domínio total sobre a mulher, a ponto de controlar sua vida e definir o seu destino.

Saffioti (2004) argumenta que o patriarcado não se resume a um sistema de dominação machista. Ele é também um sistema de exploração situada e ambas, dominação e exploração, atuam juntas nos campos político, ideológico e terreno econômico. Assim, as instituições milenares, as escolas filosóficas, a religião e até as ciências foram/são instrumentos de reprodução do discurso de sujeição da mulher, contribuindo para a herança do silenciamento, da discriminação e da violência.

Quando pensamos em nossa sociedade brasileira que foi, aos moldes eurocêntricos, modelada e movida pelo discurso ideológico do patriarcado, podemos inferir que a ausência do protagonismo feminino na construção e consolidação de Brasília e do DF não foi mero acaso ou equívoco histórico, mas reprodução de um modelo milenar eurocentrado de contar a história, onde os destaques e as glórias são sempre dados aos heróis machos: homens, brancos, ricos, heteros e cristãos.

Como Adichie (2009) aponta, quando narram uma única história há uma intenção definida de marcação de poder (*nkali*). Por isso, como Adichie, que alerta sobre o perigo da história única, defendo que ouvir apenas histórias sobre homens que fizeram parte da construção de Brasília, tanto na educação formal quanto nos veículos midiáticos, potencializa a produção de um imaginário para o qual não existiram mulheres no contexto da formação de Brasília ou para o qual elas não contribuíram de maneira significativa nesse processo.

Tiburi também tem algo a dizer quando se trata de mulheres contarem suas histórias, o silenciamento “não se explica apenas por elas terem sido afastadas desse espaço em momentos diversos, mas porque elas não contaram a sua própria história” (TIBURI, 2017, p. 93). Embora Tiburi faça aqui referência ao protagonismo na política, podemos ampliar o alcance de suas palavras ao propor que as mulheres, mesmo fora do âmbito do poder político, não são vistas como protagonistas no contexto social-histórico porque a elas não foi garantido o direito a voz. Não se trata de silêncio por opção da mulher, mas de silenciamento pela imposição machista que domina a narrativa dos textos históricos oficiais.

Até aqui procurei problematizar as implicações da supervalorização de uma história única para o resgate do sujeito como protagonista de sua história e, por consequência, coparticipante no processo histórico coletivo de construção da história de um grupo social. Neste caso proponho que a visão de história universal e única para construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal contribui para o apagamento histórico das mulheres que participaram ativamente desse processo. Principalmente as mulheres pobres e periféricas que compuseram a grande massa de mão de obra na construção da Capital Federal.

Busquei no processo de construção dessa dissertação compreender pontos de contato entre Walter Benjamin, meu teórico base, e os meus questionamentos sobre o mito da história oficial e as suas implicações para história das mulheres candangas. Neste sentido vejo como ponto de contato entre o meu projeto e o autor, a importância da arte de narrar que Benjamin traz para a proposta aqui apresentada. Assim como Benjamin, compreendo que trazer visibilidade ao protagonismo das mulheres pioneiras na construção e consolidação de Brasília e do DF surge como proposta de resgate histórico. Um outro contar da história ao narrar as experiências de mulheres candangas valorizando-as, no sentido de favorecer ao espectador a visão de sua posição como protagonista de sua própria história de vida.

Benjamin (1987, 2012) disserta mais sobre a importância de se contar histórias para comunicar experiências, embora em perspectiva de narração associada a um senso comunitário, de continuidade da vida. Neste sentido Benjamin critica o conceito de conhecimento como orientação unilateral, racional, matemática e mecanicista. Em seu texto *O Narrador*, o autor propõe retomar o conceito de experiência por outra perspectiva, a *Erlebnis*, ou experiência vivida, como necessidade de reconstrução para garantir a sobrevivência da memória como processo de resistência às imposições da política capitalista moderna, que detém o discurso ideológico de existência natural de grupos sociais dominadores e dominados – branco x negro, homem x mulher, adulto-criança etc. (BENJAMIN, 1987).

Entender o recurso narrativo como processo de resistência nos permite propor contar outras histórias sobre participação das mulheres na construção e consolidação da Capital e do DF, a partir da visão de quem realmente viveu essa experiência. Pessoas comuns que lidaram com as adversidades e contradições dialéticas que o mundo real traz. Portanto, a partir deste momento, mudo um pouco a minha proposição teórica de narrativa da própria história como uma forma de se fazer existir, de se tornar visível, para focar a narrativa como processo de resistência e afirmação do sujeito histórico como protagonista.

Concordo com Benjamin quando este fala que a narrativa em si, à medida em que as formas de produção capitalistas avançam, perde o seu valor diante da importância que a informação, a ser consumida imediatamente, passa a ter. A informação é uma antítese à experiência que uma narração produz em quem a frui. Importa a mim então, neste trabalho de pesquisa em uma perspectiva Benjaminiana, identificar o movimento infinito que a narrativa traz da memória individual, mas também da memória popular, porque traz a experiência viva e vivida em plenitude e realidade pelas pessoas comuns.

Para Benjamin, na narrativa, cada história se configura com ensejo de uma nova história, que se entrelaça em pontos comuns com outras histórias, produzindo o fluxo infinito de novas e pujantes narrativas. Já a história única não aceita versões. Ela é o oposto da historiografia, cujo princípio recai em reconhecer as diferentes formas de narrar e interpretar fatos históricos. A história única desconhece as experiências singulares assim como a informação; ambas têm em comum, como cerne, negligenciar a subjetividade, valorizando a homogeneização e generalização da experiência.

Em *O Narrador* Walter Benjamin disserta sobre a relação entre a historicidade e o gênero narrativo, a forma épica:

Cada vez que se pretende estudar uma certa forma épica é necessário investigar a relação entre essa forma e a historiografia. Podemos ir mais longe e perguntar se a historiografia não representa uma zona de indiferenciação criadora com relação a todas as formas épicas. (BENJAMIN, 1987, p. 209)

Portanto, ao adotar a narrativa como recurso para narrar a história de participação das mulheres na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, a partir de outras perspectivas, proponho-me o desafio de a partir do texto narrado potencializar a experiência narrativa; para que espectador e narradora possam produzir novos sentidos à própria história, bem como questionar a versão oficial e o modelo de história única, que nega a subjetividade e o protagonismo de sujeitos singulares no processo de existência e convivência social.

Benjamin (1987) propõe que, para favorecer múltiplas interpretações ao fato narrado, nos apropriemos do modelo narrativo de Heródoto, que ao contar a história do Egito abre mão das explicações definitivas deixando espaço para múltiplas interpretações e, portanto, mantendo um fluxo histórico aberto e mais fidedigno à realidade vivida.

Heródoto não explica nada. Seu relato é dos mais secos. Por isso, essa história do antigo Egito ainda é capaz, de depois de milênios de suscitar espanto e reflexão. Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas

hermeticamente nas câmaras das pirâmides e conservam até hoje suas forças germinativas. (BENJAMIN, 1987, p. 197)

Narrar as histórias, os fazeres cotidianos, as preocupações, as impressões, os medos e sonhos de mulheres candangas pode nos aproximar de suas experiências reais, resgatando o sentido ontológico de história, abandonado pelo positivismo cartesiano que domina o modelo eurocêntrico de contar a história. (BENJAMIN, 2012)

Compreendo então que a utilização do gênero narrativo no contexto performático aliado com uma abordagem histórica honesta dos fatos, pode abrir caminhos para que as diversas identidades possam existir em equidade. Neste caso, buscamos uma reparação histórica das memórias de mulheres que foram invisibilizadas ao longo dos anos.

O tópico seguinte discorre brevemente sobre os desdobramentos da adoção de uma história como modelo oficial e o apagamento histórico de grupos sociais desfavorecidos.

### **2.2.1 “Baiana, baiana, hoje morreu seus conterrâneos! Ô baiana, caiu bem uns cinco ou seis do 28!” Pessoas descartáveis – o que o mito da história oficial esconde?**

Ao falarmos em mito, nós o tomamos não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (isto é, no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade. (CHAUÍ, 2000, p. 5, 6)

Faço minhas as palavras de Chauí (2000) citadas acima quando me proponho a pensar a história oficial de Brasília. Pois assim como Chauí, entendo a história de Brasília contada oficialmente como mito que impõe aos seus ouvintes um infinito vínculo com um passado histórico épico, que pouco tem a ver com a realidade vivida pelo povo comum durante o período de construção e consolidação da Capital Federal. O mito da história oficial imposto de forma pétrea pelo discurso do dominador conserva como presente imutável tudo o que engenhosamente foi criado e narrado a respeito daquele período.

As muitas facetas da história da cidade tomadas como fatos foram na verdade parte do programa governamental, inflamadas também pela grande euforia que Brasília provocou no cenário nacional. Assim, assumindo a cultura patriarcal o texto histórico sobre a construção da Capital Federal, este se configura hoje como mito de uma história que dispunha os homens ricos, brancos e hetéros como únicos agentes protagonistas do processo de construção e

consolidação de Brasília e do DF. Mito este que esteve atrelado a uma forte campanha publicitária feita pelo governo naquele momento, que anunciava Brasília como um lugar do “futuro” e de esperança (SALES VIEIRA, 2017).

A História Oficial (VIEIRA, 2017; NASCIMENTO, 2019) oculta uma política segregacionista de grupos por classe social. Um macroprojeto que desde o início foi elaborado para a higienização de Brasília de pessoas sociais e economicamente indesejáveis. Não era apenas o afastamento dos mais pobres, mas um gigantesco processo de exclusão social e do acesso à educação, saúde, cultura e cidadania para manutenção da precarização, baixo custo de mão de obra e controle de bens econômicos de poder.

Assim como os projetos de organização urbana já nas últimas décadas do século XIX, o projeto de governo para a população pobre que veio ao Centro-Oeste para a construção da Capital foi orientado para a assepsia social de existências indesejáveis dos espaços urbanos centrais. Ou seja, os homens e mulheres que realmente empreenderam a execução da construção da capital, as forças de trabalho nos diferentes campos de atuação e, mais especificamente, nos trabalhos subalternos da construção civil, trabalhos domésticos e de serviços gerais foram invisibilizados no processo, como a minha avó Ana e meu avô Tavares. Suas trajetórias complexas e singulares são ignoradas e seus nomes substituídos pelo coletivo *candango*, que por sua vez é utilizado quase sempre no gênero masculino, reforçando o processo de invisibilização e silenciamento das mulheres e de suas participações ativas no processo de construção e consolidação da Capital.

A pesquisa de Ribeiro do Nascimento (2019) confronta a romantizada história oficial da criação de Brasília ao apresentar dados do período após a inauguração da cidade. Falando especificamente sobre o surgimento de Ceilândia, a maior Região Administrativa do Distrito Federal, Ribeiro do Nascimento (AMMANN, 1991, *apud*, NASCIMENTO, 2019) descreve a existência de uma política pública intencionalmente segregadora. Sobre os motivos da criação da cidade para preservação romantizada e asséptica da fantasia da Capital da Esperança o autor faz a seguinte descrição sobre esse gigantesco programa governamental:

Surgiu como resultado da “política de higienização” do governo militar que, após a construção de Brasília, obrigou os trabalhadores a desocuparem a área nobre. Milhares deles foram expurgados para a periferia, a partir da “Campanha de Erradicação de Invasões”, cuja sigla (CEI) converteu-se em iniciais do nome “CEI”lândia, conjugada com a terminologia inglesa *land*, que significa “terra”, território e/ou propriedade. O início da cidade foi tortuoso para as pessoas que residiam nas comunidades das Vilas do IAPI; Tenório, Esperança, Bernardo Sayão e Colombo; dos morros do Querosene e do Urubu; do Curral das Éguas e Placa das Mercedes, visto que o povo foi removido dessas áreas compulsoriamente e despejado no cerrado frio, despovoado e sem estrutura ou urbanização. Aqueles trabalhadores explorados, ao concluírem a

construção da capital federal, já não eram mais necessários; dessa maneira, a cidade tinha de ser “limpa” e, quanto ao destino dos pobres, “quanto mais distantes, melhor”.

Já no momento da remoção, os moradores percebiam as desvantagens da nova área. Enquanto as invasões margeavam o Plano Piloto, com facilidades de água, arborização, luz e acesso fácil ao trabalho, a área que lhes tinha sido destinada situava-se a 35 quilômetros, numa região inóspita, sem sombra, sem água, luz, com abundância de cobras e mesmo lobos (AMMANN, 1991, p. 72, *apud* NASCIMENTO, 2019, p. 34).

Esse movimento de dispensa de existências indesejáveis a qualquer custo, de higienizar o centro da Capital, já estava encaminhado no próprio projeto de planejamento da cidade. As inicialmente chamadas Cidades Satélites foram estrategicamente projetadas relativamente distantes do centro do poder, e a distribuição da população obedeceu intencionalmente a separação por classes sociais, resultando em uma organização populacional bastante desigual. Por exemplo: as RA Ceilândia e Gama foram as cidades que receberam a população mais pobre e foram entregues a estes grupos com basicamente nenhuma estrutura. (NASCIMENTO, 2019; ALBUQUERQUE, 2020)

Em uma das entrevistas realizadas pelo Arquivo Público do Distrito Federal, Edite Martins Faria relata um pouco da realidade da Ceilândia. Com falta da estrutura de que uma cidade necessita, os moradores passavam sérias dificuldades como aparição de bichos que colocavam em risco a vida das famílias:

Tinha cobra, as vezes descia na parede, lá em casa mesmo teve uma cobra, minha vizinha, o filho dela tava dormindo, a dona Lurdes, e a cobra estava descendo parede abaixo e a gente não podia nem mexer com ele, teve que deixar a cobra descer, ir passando e ir embora. (...) É, aqui teve muita cobra, muitas mesmas, e teve pessoas que foi ofendida de cobras aqui, teve pessoas que caíram das casas na hora dos ventos bravos aqui da chuva. (Faria, Edite Martins. depoimento – Programa de história oral. Brasília. Arquivo Público do Distrito Federal, 2001)

A ex-governadora do Distrito Federal, Maria Abadia, atou como assistente social na formação da Ceilândia. Em um depoimento para o Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal (2004) ela relata que para persuadir os moradores a aceitarem a transferência para a Ceilândia ela os convencia de que quem fosse primeiro, teria “privilégios” como escolher um lote mais perto do centro e poder tomar água limpa, enquanto quem fosse por último iria ficar no “rabo da cidade”, na periferia. Segundo a ex-governadora, todos queriam ir logo.

Ou seja, os depoimentos de Edite Martins e de Maria Abadia revelam, a partir de perspectivas distintas, aspectos de como se deu o processo de higienização de Brasília. Por meio

de ameaças veladas e falsas promessas as famílias foram jogadas em um espaço sem estrutura para moradia, minando processos de resistências da população.

O documentário *A cidade é uma só?* (2011) dirigido pelo ator e cineasta Adirley Queirós retrata a história da criação da Ceilândia, no início dos anos 1970. Apesar do documentário pormenorizar a criação de uma cidade em si, a essa mesma história também se conecta a criação de outras RA, como Gama e Santa Maria e Paranoá.

A narrativa é caracterizada principalmente por uma voz feminina que apresenta diversos aspectos da campanha publicitária realizada pelo governo na época, para que a população pobre que morava em invasões e favelas nos arredores de Brasília não causasse grandes tumultos ao serem realocados em locais distantes do Centro, onde tinham suas moradias improvisadas.

No documentário a narradora conta sobre o processo de criação de *jingle*, que envolvia a seleção de crianças específicas para cantarem em rede nacional uma música que tinha como objetivo gerar na população um sentimento de pertencimento à Brasília, mesmo que vivendo longe do centro, do Plano Piloto. Ou seja, eles eram levados a acreditar que ainda estavam fazendo parte do sonho de Dom Bosco, mesmo sofrendo o processo de afastamento social balizado pela sua condição de pobres. Como já falado aqui, também faz parte do projeto político a construção de uma imagem sobre Brasília em que não cabia barracos provisórios como cartões postais.

Portanto, antes de aprofundar em questões relacionadas ao meu objetivo de pesquisa, destaco a história da construção de Brasília e do Distrito Federal, para além da romantização, que deixa como legado uma grande dívida social com os grupos excluídos – a população pobre, exponencialmente formada por pessoas negras, mulheres e crianças, os filhos desses trabalhadores – que foram privados de acesso à educação de qualidade, à moradia segura, ao trabalho e à assistência à saúde, direito inalienável de qualquer cidadão segundo a própria Constituição Federal (1988).

Entendo, ao me debruçar sobre os documentos e outros estudos que narram as complexidades que envolvem a história da consolidação da Capital, que não questionar o fomento de mais de seis décadas do mito da história única da criação de Brasília implica em ser cúmplice da política separatista estabelecida. Trata-se de uma desumanização dos homens e mulheres que viveram e também atuaram como protagonistas neste processo, da desvalorização de suas trajetórias e dos seus trabalhos, da naturalização da descartabilidade de suas existências. Estes foram maquiados pelo discurso modernista e desenvolvimentista cruel do patriarcado.

O foco agora se volta especificamente para o processo de silenciamento histórico das mulheres que participaram da construção e consolidação de Brasília e do DF. Trago como proposta reflexões sobre processos ideológicos e políticos que atravessam o modelo de história única adotado na construção da história oficial de Brasília.

### **2.3 “Pela primeira vez que eu tive uma entrevista. Uma oportunidade de falar.” – O que o silenciamento histórico das mulheres que participaram na construção e consolidação de Brasília e Distrito Federal pode nos dizer?**

Sales Vieira (2017), ao abordar o silenciamento e invisibilidade das existências de mulheres na história oficial da construção de Brasília, denuncia os poucos estudos oficiais sobre a temática e acrescenta que em sua pesquisa teve acesso a apenas dois estudos, a publicação *Mulheres Pioneiras de Brasília* de Elvira Barney (2001) e a pesquisa da historiadora Joelma Rodrigues da Silva intitulada “*Mulher – “pedra preciosa”; prostituição e relações de gênero em Brasília de 1957 a 1961*” (1995). E, em conclusão após a análise de ambos os estudos, argumenta que são identificados dois estereótipos de mulheres, o da mulher de classe social mais abastada, a pioneira, que acompanha o marido (também pioneiro) e que porventura passa a integrar a sociedade brasiliense e a gerar os seus progenitores; e o outro, a prostituta, figura obscura, marginalizada, porém necessária ao fiel andamento das obras. O outro grupo de mulheres, as pobres – domésticas, costureiras, faxineiras, e outras – são ignoradas ou, quando muito, citadas de modo breve sem atenção às suas histórias individuais.

Neste momento abro uma breve reflexão para problematizar essas ausências e silenciamentos históricos, em particular das mulheres prostitutas que desde o início estiveram bastante presentes no processo de construção da Capital Federal. Entendo que focar a participação das mulheres prostitutas na construção da Capital representa avanço nas discussões sobre o silenciamento das mulheres candangas, uma vez que podemos verificar que mesmo entre as mulheres negras e pobres havia uma organização hierarquizada das relações, onde as prostitutas ocupavam a base dessa pirâmide. Isto porque os silenciamentos e apagamentos históricos de determinados grupos sociais, ainda mais quando parte de uma política governamental, me remeteram a outras questões, em particular sobre como se constituem as relações sociais no Brasil mesmo em perspectiva do mesmo gênero, e os atravessamentos disso nas vivências das mulheres que participaram do processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

O Brasil se constituiu cultural e historicamente pelos valores do homem, heterossexual, branco, de discurso hegemonicamente patriarcal, cristão, economicamente abastado e defensor do capitalismo. Esse homem tem como ícones heróis os “pais da pátria”, basicamente constituído por militares. Neste sentido a memória histórica oficial cria a ideia de coexistência entre memórias criadas com fins políticos e de controle e memórias pautadas na realidade, estrategicamente ocultadas. Ou, como propõe Benjamin (2012, p. 244), o investigador historicista estabelece propriamente a relação de empatia com o vencedor: “Ora os que dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes”.

Esse mesmo modelo de constituição social que já domina o Brasil por cinco séculos, como comentado ao longo deste trabalho, foi implementado como organização social de Brasília. Isso provoca uma reflexão: onde e por que grupos excluídos, neste caso específico mulheres, ocupam e habitam seus respectivos lugares sociais?

O sociólogo e pensador Anibal Quijano (1928-2018) nos adverte que o “eurocentrismo não é exclusivamente, portanto, a perspectiva cognitiva dos europeus, ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas também do conjunto dos educados sob a sua hegemonia” (QUIJANO, 2009, p. 74).

Ao ser idealizada por homens educados a partir do modelo eurocêntrico e capitalista de organização social e da estrutura patriarcal de dominação, Brasília reproduz todas as deficiências que sustentam a ideologia burguesa. Por isso, em seu texto *O lugar das Ilusões: Brasília e os Paradoxos do Desenvolvimentismo*, Coelho (1991, p. 201) denuncia a construção de Brasília e afirma que o governo de Juscelino Kubitschek é identificado como “projeto político da burguesia industrial, fortemente centralizado e distante dos interesses populares”.

[...] o Estado não era independente das forças que o constituíram; simplesmente, as forças que o constituíram estavam como que sobrepostas, sem se tocarem, a função de representar um todo constituído exigia, portanto, um ‘*tour force*’ ideológico, no qual o Estado é duplamente ilusório [...]. Tratava-se de um Estado tão semelhante a burguesia industrial, que ela própria não poderia se reconhecer nele.

Coelho (1991) por fim argumenta, citando Vesentini (1986), Brasília como projeto inequívoco de dominação burguesa.

A pesquisadora Raíssa Felix (2020), ao pesquisar narrativas de comunidades tradicionais reconhece ser o direito destes à memória de caráter humano/fundamental, mas ao mesmo tempo propõe como inevitável a necessidade de correlação entre memória e identidade.

Situando a discussão neste contexto, compreendo que o resgate de memórias narrativas de mulheres silenciadas pelo mito da história única de Brasília configura-se como forma politizada de pensar esses papéis femininos, cujas implicações podem ultrapassar o viés teórico-filosófico para alcançar o processo de autoafirmação dos sujeitos e o necessário repensar de suas posições como protagonistas de suas próprias histórias e da história da cidade.

Por outro lado, uma breve análise do que significa a negação de memórias históricas em sentido amplo aponta para questões complexas da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, por exemplo: como resgatar o protagonismo e a subjetividade do sujeito histórico? A resposta a esta questão talvez esteja mesmo no resgate da memória narrativa? No caso da história da construção e consolidação da Capital Federal, essa abordagem permite que possamos olhar para a presença das mulheres na construção da capital, admitindo as imprecisões históricas ocultadas pelas ideologias de poder e controle das relações sociais. As memórias, as narrativas dessas mulheres, ocultadas propositalmente, são constitutivas de experiências múltiplas, contextualizadas. Não se trata aqui de negar o que a vinda da capital para o centro do país representou em termos políticos, econômicos e desenvolvimentistas, nem ignorar as transformações sociais resultantes desse processo em perspectiva positiva (COELHO, 1991), mas talvez apontar como a noção desse processo como um caminho inequívoco ao progresso é apenas uma parte da compreensão do que de fato ocorreu, e que atende a discursos determinados – na maioria das vezes, ideológicos.

A vinda de mulheres de diferentes classes sociais e graus de escolaridade para Brasília, algumas acompanhando pais e maridos e outras sozinhas em busca de mudanças de vida ou como empregadas domésticas – como minha avó Ana, representou mudanças na trajetória de vida de muitas famílias, atraídas pelas promessas que justificavam o movimento de interiorização da Capital Federal.

Apesar das diferenças sociais e culturais, todas elas traziam mudanças com suas presenças físicas, na medida em que essas mulheres passam a vivenciar como coletivo as experiências de fazerem parte de processo histórico de mudança da Capital Federal. Principalmente quando se considera que a construção de Brasília concentrou grandes grupos populacionais de diferentes culturas em determinados espaços sociais.

O pensador Berman (1986), ao discutir a dialética da modernização e do modernismo, propõe que a participação ativa de indivíduos em transformações sociais como processo histórico de transição da modernidade não acontece por meio de mudanças repentinas ou sentenças governamentais, mas como algo que não pode ser controlado por nenhuma força

institucional ou poder político. São então processos subjetivos que vão constituindo os indivíduos e formatando a cultura destes espaços:

[Ele] experimenta a vida metropolitana como “uma permanente colisão de grupos e conluios, um contínuo fluxo e refluxo de opiniões conflitivas (...) Todos se colocam frequentemente em contradição consigo mesmos”, e “tudo é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo”. Este é um mundo em que “o bom, o mau, o belo, o feio, a verdade, a virtude, têm uma existência apenas local e limitada”. Uma infinidade de novas experiências se oferecem, mas quem quer que pretenda desfrutá-las “precisa ser mais flexível que Alcibíades, pronto a mudar seus princípios diante da plateia, a fim de reajustar seu espírito a cada passo” (BERMAN, 1986, p. 18)

Considerando as proposições de Berman (1986) sobre a experiência em perspectiva dialética na construção da história de uma sociedade, pode-se concluir que ocultar da História Oficial a presença das mulheres como protagonistas no processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, não muda o fato de que elas colaboram verdadeiramente para esse acontecimento histórico – isso não se faz por decreto. A história não oficial, ou seja, a realidade dos fatos, seus múltiplos acontecimentos cronológicos e os rumos que ela toma, não pode ser controlada. Como processo subjetivo a realidade dos fatos se constitui em processo contínuo do fluxo e refluxo de opiniões conflitantes, de contradições, do absurdo, do chocante como infinidade de novas experiências, que vão abrir centenas de milhares de novos caminhos a serem percorridos por cada indivíduo na construção de sua própria história.

Neste sentido o Capítulo 2 deste trabalho avança nessa discussão ao trazer reflexões sobre trajetórias singulares de mulheres e o valor da retomada dessas narrativas para a ressignificação de memórias, bem como considerações sobre a memória e suas implicações para o contexto e a apresentação de aspectos do conceito de interseccionalidade.

### **3 Gênero, classe e racialidade – diálogos entre narrativas e interseccionalidade a partir de memórias de mulheres candangas**

Nesta fase do trabalho direciono o diálogo para alguns aspectos fundamentais sobre a constituição da sociedade brasileira em classes sociais como construto histórico e cultural. Herança de um passado vexaminoso, que ainda se faz presente em alguns grupos na atualidade por meio de exclusão social, falta de acesso à educação, à saúde, à qualidade de vida e à cidadania. Refiro-me à história do Brasil como país escravocrata e, principalmente, por ter sido o último país do mundo a abolir, pelo menos teoricamente, a escravização dos povos negros.

O que a discussão sobre o silenciamento de narrativas femininas tem a ver com a forma como historicamente se organizaram as relações sociais no Brasil e a escravização dos povos negros? A resposta se faz presente em um conceito muito importante para compreendermos alguns fenômenos sociais: a interseccionalidade.

Como disse Paulo Freire (1970) “ninguém opta pela miséria e pela tristeza, ninguém é analfabeto por opção”. Assim, a realidade social do Brasil, longe de ser um processo natural, é resultado de uma história de marginalização e apagamento de povos e culturas como negros e indígenas. Segundo Freire (1970) ninguém opta pelo silenciamento do seu protagonismo na vida pessoal ou na história do seu grupo social de forma proposital. Eu ainda acrescento: ninguém opta pelo seu apagamento histórico dentro da história da comunidade ou dentro da história familiar de forma proposital, como parece ter acontecido com a minha avó. Lembrome dela em silêncio diante das algazaras de Vô Tavares sobre passado. Momento em que ela se sentava no canto, no sofá da sala, com as mãos no queixo como quem estivesse orando.

Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1970), propõe que nenhuma prática libertadora pode permanecer cega aos processos de opressão e ao que esta resulta no oprimido. Defende, em todo o seu pensamento teórico, que o movimento de empoderamento do oprimido deve começar a partir da retomada de sua própria história como exemplo de luta e de resistência à opressão. A minha pesquisa alia-se a esta proposição, pois comungo com Freire a ideia de que os sujeitos individuais devem romper com o sistema de relações dominantes que se sustenta ideologicamente na cultura do silêncio e do silenciamento. Os discursos do opressor impõem ao oprimido uma autoimagem negativa, culpada, silenciada e de supressão de sua existência como cidadão ou protagonista (FREIRE, 1970).

Já no prefácio de *Pedagogia da Autonomia*, Freire (2011) traz a seguinte reflexão:

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo, com ares de modernidade e pós-modernidade, insiste em convencer-nos de nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser e a se virar “quase natural”. Frases como: “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou o “desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo dessa ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora.

Os escritos de Freire alertam que o processo de subordinação do sujeito oprimido é orquestrado por discursos ideológicos e pela naturalização da miséria e da pobreza, ao invés de considerá-la como consequência direta da construção de processos históricos e culturais. O que me leva a ponderar que o silenciamento da participação das mulheres, em particular as periféricas e negras, no processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, reproduz em sua gênese a própria história do país de naturalização da miséria e de apagamento dos grupos marginalizados.

Mas em que histórias e culturas esses discursos do opressor baseiam suas argumentações? Antes de entrar nas considerações sobre o silenciamento e negação do protagonismo feminino na construção e consolidação da Capital Federal, trago uma breve reflexão sobre a história e a cultura brasileira, como forma de ampliar a compreensão sobre a importância de se discutir a naturalização da miséria e o apagamento histórico dos grupos marginalizados a partir do conceito de interseccionalidade.

### **3.1 “As mulheres, as filhas ajudavam, tomavam conta da cozinha, da casa, repartiam o serviço.” – O lugar do feminino no discurso patriarcal**

“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Se eu luto contra o machismo, mas ignoro o racismo, eu estou alimentando a mesma estrutura. A invisibilidade da mulher negra dentro da pauta feminista faz com que ela não tenha seus problemas nem ao menos nomeados. E não se pensa em saídas emancipatórias para problemas que nem sequer foram ditos”.

(Djamila Ribeiro)

O pensamento de Djamila Ribeiro durante o TEDx São Paulo<sup>12</sup> revela como as mulheres, em particular as mulheres negras, têm sido deixadas à margem da sociedade a partir da construção ideológica do patriarcado e da branquitude; que estabelecem uma política de dominação que busca gerar e perpetuar a priori lugares, espaços sociais marcadamente definidos como femininos. A autora problematiza a pauta reducionista e racializada do feminismo branco, que mantém ausente das discussões emancipatórias a mulher negra e seus problemas. É a partir dessa compreensão que neste trabalho busco formas de visibilizar e compreender o silenciamento do protagonismo de mulheres, em particular as periféricas, no processo de construção e consolidação de Brasília e do DF.

Durante séculos, na sociedade brasileira negros, mulheres, pobres, grupos LGBTQIA+ e pessoas com deficiência têm sido desumanizadas e alijadas de seus direitos de atuação como sujeitos. Apesar dos avanços políticos ao longo dos anos, conquistados com muito trabalho e sangue por movimentos coletivos de emancipação que lutam pela presença destes grupos nas mais diversas instâncias de poder, os indivíduos pertencentes a eles permanecem como minoria em posições sociais de referência. Isto porque as representações são vistas segundo o referencial masculino eurocêntrico que fundamenta o patriarcado.

Como já observado neste trabalho, o patriarcado sustenta o mito da história única da construção e consolidação da Capital e do Distrito Federal. Um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições, com uma estrutura de crença firmada em uma falsa verdade absoluta; produzida na forma de discursos que têm, em sua raiz, a ideia de que existem identidades naturais que se relacionam de modo superior ao que delas se difere. Ou seja, o patriarcado prega que existem dois sexos considerados normais, o gênero masculino – visto como superior e com direito natural ao poder e ao controle – e o feminino. As relações sociais nessa perspectiva estão pautadas então na ideologia da superioridade masculina e na inferioridade das mulheres. E tudo alheio a isso é subversão do normatizado (TIBURI, 2018).

Assim, considerando as bases defendidas nesta pesquisa, concordo com o pensamento de Tiburi (2018) que denuncia que, a partir da identificação da noção de um gênero universal (masculino), podemos refletir sobre a forma como as mulheres são vistas – levando em consideração que não fazem parte do gênero dominante – e como esse fator se relaciona com a constituição identitária das mulheres de Brasília e do Distrito Federal.

---

<sup>12</sup> TEDx São Paulo - Episódio: Precisamos romper com silêncios. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&t=102s>

Um bom ponto de partida para aprofundar nossa reflexão sobre patriarcado é o conceito de *Outro*, desenvolvido pela autora Simone de Beauvoir (1908-1986). Djamila Ribeiro (2017) dialoga com os estudos de Beauvoir: a mulher foi constituída como “o outro”, pois é vista como objeto, ou seja, como algo que possui uma função. Humanos, porém, não deveriam ser pensados como objetos pois essa forma de pensar tende a desumanizar das pessoas.

Secularmente, mulheres em sua diversidade são tratadas como “o outro”, e permanecem sendo representadas nas mais diversas esferas a partir do homem branco. Portanto, existências femininas ainda são vistas como objeto ou como um não-homem que possui uma função nítida na sociedade: servir o homem. A elas são destinados, de diferentes modos, lugares sociais, lugares estes em que há o fato em comum de estarem sempre subordinadas ao homem.

É importante reforçar o argumento anterior de que o lugar social não é escolhido pelo indivíduo que o ocupa, mas é pré-estabelecido histórica e culturalmente pela sociedade e balizado pelo discurso do patriarcado. Como dita a estrutura patriarcal, oprimidos e opressores pertencem e ocupam lugares sociais diferentes. O lugar social é previamente definido a partir de características físicas, econômicas e culturais, além de questões étnico-raciais e de gênero. Essas características diferenciam os grupos e os colocam em situações diferentes: alguns são reconhecidos como portadores de direito nato aos privilégios sociais, enquanto a marginalização de outros é justificada pelas diferenças em relação aos primeiros (RIBEIRO, 2017).

Entretanto, apesar da proposição exposta, avalio que o lugar social não deva ser considerado como determinante na vida do indivíduo. Defendo que pertencer a um lugar social não define como cada pessoa vai viver singularmente suas experiências, mas expõe o pensamento do dominador quando este tenta, a partir dos discursos ideológicos do patriarcado, impor modelos formatados de vivências aos grupos desfavorecidos.

Por este viés de não determinismo e capacidade de emancipação do sujeito (FREIRE, 1970), é possível que grupos oprimidos rompam com a estrutura de poder que os silencia e oprime. Pois lugares sociais, tais como definidos aqui, são uma construção secular possível de ser desconstruída e ressignificada, uma vez que possuem caráter objetivo de dominação – o que não nega os aspectos subjetivos que os constituem, como no caso dos discursos de manutenção de controle e poder.

Partindo desse pressuposto, posso identificar o meu lugar social como mulher, branca e pobre, previamente definido pela estrutura organizacional da sociedade. Todavia não reconheço o determinismo do discurso patriarcal, classista, sexista que tenta me imobilizar neste processo.

Vejo que essas são castas sociais que me foram impostas, mas às quais me oponho e me recuso a aceitar passivamente. Seria possível aprofundar mais essa localização caso fosse necessário, expondo outras questões como etariedade, sexualidade, plasticidade etc. Entretanto, neste momento vou me ater apenas às questões de classe, gênero e etnia para exemplificar como esses aspectos se interseccionam na minha identidade.

Por ter nascido com o sexo feminino eu, como todas as outras mulheres, fui subjetivamente colocada pelo discurso do patriarcado em lugar social subalterno e submisso ao homem em perspectiva hierárquica. Ainda, o fato de não ter condições financeiras abastadas me colocou em uma situação de desigualdade em relação a outras mulheres com maior poder aquisitivo. Neste caso, no jogo das relações sociais, mesmo compartilhando a cor da pele branca e os olhos claros, em determinados espaços sou vista e tratada como inferior por ser pobre. Nas relações sociais hierarquizadas pelo poder do capital, os pobres são compreendidos como grupo a serviço dos ricos.

Por outro lado, quando problematizamos os papéis sociais das mulheres negras e pobres há ainda outra questão a ser considerada; neste estudo o foco é o papel participativo destas mulheres na construção e consolidação da Capital Federal. Apesar do gênero e da classe social em comum colocarem a mulheres pobres – brancas e negras – em condição de desigualdade social quando comparadas aos ricos ainda assim, pelo prisma das relações racializadas, “as mulheres brancas igualmente pobres são vistas e se veem como em condição superior às mulheres negras” Cida Bento e Iray Carone 2002

Neste sentido me reconheço como uma mulher branca, pelos determinantes sociais, em uma condição histórica e culturalmente opressora. Eu, mesmo que involuntariamente, usufruo de espaços de privilégios demarcados pela branquitude. Destaco a partir de meu exemplo que a explicação sobre o lugar social não é apresentada nessa pesquisa com a intenção de estabelecer competição entre opressões, mas para demarcar o aspecto camaleônico do discurso do opressor, que mesmo entre os pares oprimidos produz diferenças e dissensões que fragmentam os grupos.

As diferenças nas identidades são aspectos subjetivos, arbitrários, gerados a partir da cultura fundamentada em ideologias como racismo e patriarcado mas que, em sua concretude, organizam e mantêm as pessoas em condições desiguais, favorecem o preconceito e processos de exclusão econômica, política e social. Neste sentido retomo aqui o pensamento de Ribeiro (2017), quando diz que as diferenças entre as pessoas não são necessariamente ruins, isso é a diversidade humana. O problema se dá quando essas diferenças significam justificativas para

desigualdades. Por exemplo, quando a sociedade compreende a mulher como inferior ao homem essa é uma construção cultural que não tem respaldo algum em nenhuma ciência – Sociologia, Biologia, Antropologia, Psicologia e outras. Contudo, quando analisamos a realidade das mulheres na nossa sociedade em comparação à dos homens, identificamos graves diferenças de tratamento e condições: salários inferiores aos dos homens; obrigações domésticas como algo específico e obrigatório ao gênero feminino; número de mulheres exponencialmente inferior que o de homens ocupando cargos de comando ou na política, etc. Estas distorções são desdobramentos objetivos dos discursos do patriarcado, aspectos concretos que colocam a mulher em desvantagem em relação aos homens e sustentam as relações hierarquizadas entre homem e mulher.

Avalio que reconhecer as diferenças em nossas vivências, identidades e experiências pode potencializar questionamentos que provoquem transformações. Quando alguém se depara com pontos de vistas diferentes do seu, considerando os diversos motivos para essas diferenças, pode talvez refletir sobre a sua lógica de comportamento nas relações sociais. Nesse ponto se dá a importância de amplificar histórias diversas e utilizar a narrativa como ação, para ressignificar as experiências singulares e intersecções, com reflexões sobre construção histórica e cultural da sociedade brasileira e os desdobramentos para a construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

### **3.2 “Naquele tempo mulher não estudava. Diz que mulher não precisava. Diz que era, não sei” – breve reflexão sobre história e cultura na construção da sociedade brasileira na perspectiva das relações racializadas**

O passado de escravização dos povos negros no Brasil, muitas vezes romantizado nos livros, filmes e novelas, não tem absolutamente nada de romântico. Diferentes pensadores entre pedagogos, historiadores, sociólogos, psicólogos (SANTOS, 1983; FANON, 2008; BENTO, 2000; BENTO, CASTELAR, 2001; MUNANGA, 2003, 2004, 2008; SCHUCMAN, 2012, 2014) tem como consenso considerar que a estrutura social brasileira é alicerçada no racismo. As relações racializadas abrangem, de modo sistêmico e violento, todas as esferas: sociais, políticas, econômicas, educacionais etc. Para os autores, trata-se de uma política de dominação que estrutura e organiza as relações sociais, a distribuição de riquezas, o acesso a bens sociais e ao poder, a partir de uma lógica de direito natural do branco ao controle do capital e ao poder político.

Outra questão a ser considerada quando tratamos dos discursos ideológicos que estruturam as relações sociais pela racialidade é a compreensão de quem conta a História e porque ela é contada a partir de um determinado ponto de vista. Neste sentido vale ressaltar que em um país colonizado como o Brasil a história assumida como oficial traz a visão do colonizador: o homem branco, europeu, cristão, que se considera intelectualmente superior e detentor do direito divino de dominar e subjugar de todos os modos os povos conquistados, sob pretexto de conversão cristã.

Tecendo uma crítica sobre os mitos criados para justificar o racismo e a exclusão social dos povos negros pós-abolição, Chauí (2001, p. 48) cita o primeiro trabalho científico sobre o “caráter nacional brasileiro” de Romero (1881): *O Caráter Nacional e as Origens do Povo Brasileiro e História da Literatura Brasileira*, de 1888.

Quanto à raça, o brasileiro é uma sub-raça mestiça e crioula, nascida da fusão de duas raças inferiores, o índio e o negro, e uma superior, a branca ou ariana. Para evitar a degeneração da nova raça mestiça, será preciso estimular seu embranquecimento, promovendo a imigração européia. Partindo da literatura positivista, portanto, da idéia de um progresso da humanidade que passa por três estados (fetichista, teológico-metafísico e científico ou positivo), Silvio Romero afirma que o caráter nacional foi formado por três raças em estágios distintos da evolução: o negro se encontrava na fase inicial do fetichismo, o índio, na fase final do fetichismo e os portugueses já estavam na fase teológica do monoteísmo (2001).

As reflexões de Chauí nos expõem como somos historicamente reféns de um modelo positivista e fetichista cunhado no mito da história única, que busca secularmente sob diferentes argumentos – teológicos, científicos e culturais – justificar as desigualdades sociais como processo naturalmente histórico. Foram nestas bases religiosas, culturais e pseudocientíficas que a sociedade brasileira se organizou, perpetuando as desigualdades entre brancos e negros.

Há que se ressaltar que a história de construção e consolidação de Brasília e do DF segue esse mesmo modelo positivista pautado no discurso eurocêntrico de superioridade do homem branco, hétero e, por “consequência natural”, intelectualmente superior. Neste sentido, Brasília também parece nos trazer uma História Oficial construída no mito de ações idealizadas de grandes homens e no fetiche da superioridade racial do macho e da raça branca.

Três figuras de destaque são geralmente apresentadas como construtores de Brasília: Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Todas as outras personagens atuam como coadjuvantes e são normalmente referenciadas na mesma perspectiva: homens brancos que ocupam cargos de comando. Aos demais é relegado um corpo com mãos, braços e pés coletivos

– os candangos – que bondosamente se uniram aos heróis sem nenhuma exigência de contrapartida na execução da grande obra. Assim podem ser resumidos os ecos do mito.

Adichie (2019) nos alerta que a consequência dessa estrutura determinante que conta a história de um povo, de outras pessoas a partir de um ponto de vista único, não tem outra intenção senão as de demarcar poder, usurpar o direito ao protagonismo de vida de cada uma dessas pessoas e atentar contra suas dignidades. E, por consequência, produzir o silenciamento histórico de alguns grupos marginalizados e excluídos como negros, indígenas, pobres, mulheres, homoafetivos e outros.

O motivo pelo qual menciono o perigo de não questionarmos a História Oficial contada do ponto de vista do opressor é que, como propõe Munanga (2004), a historicidade pautada unicamente na visão dos que detém o poder e o controle tem como objetivo final a dominação e opressão de um grupo. Neste caso, a ausência de vozes negras nas narrativas da trajetória dos povos negros, favoreceu a criação e sustentação do mito da “libertação dos povos negros escravizados como benesse de uma bondosa princesa branca, cuja ação benevolente resultou em benefícios sociais e humanos a população negra liberta” (MUNANGA, 2004).

Esse mito foi perpetuado nos bancos escolares, ampliando e perdurando os prejuízos aos povos negros no Brasil. Assim, podemos afirmar que o silenciamento dos povos negros sobre sua própria história, tinha e tem ainda hoje a intenção política de retirar poder de participação social desse grupo, pelo apagamento do seu protagonismo histórico. Essa ideologia cunhada por mitos tem mantido a dominação psíquica dos negros e negras. Ao controlar a história dos povos negros, apagando o seu protagonismo, a elite branca brasileira afeta todas as dimensões da vida desse grupo relacionadas à mobilidade social e à cultura (SOUZA, 2003; JACCOUD, 2008).

Jaccoud (2008) ainda acrescenta que o mito da história única trouxe, ao argumentar a abolição como benesse do branco, além do abandono social dos povos pretos, a implantação de uma política de fortalecimento da superioridade racial branca. Para a autora a história única contada pela narrativa do opressor favoreceu no período pós-abolição o fortalecimento da ideologia de superioridade racial branca.

A política de apagamento dos povos negros da sociedade brasileira teve o grande auge no início do século XX e foi amplamente defendida por importantes nomes das Ciências Sociais como Silvio Romero (1851-1914), Nina Rodrigues (1862-1906), Euclides da Cunha (1866-1909) e Oliveira Vianna (1883-1951) e, de modo mais indireto, no famoso ensaio de Paulo Prado (1869-1943) o *Retrato do Brasil* (1997) (JACCOUD, 2008). Seguindo o ranço histórico

das ideologias escravistas em associação com as recentes ideias darwinianas evolucionistas e deterministas, criou-se o discurso pseudocientífico pautado na presença do negro na sociedade brasileira na perspectiva da “enfermidade social” e da degeneração, resultando na conhecida “teoria do branqueamento” em direção ao triunfo e à “regeneração” da raça branca no país, ao mesmo tempo em que se promovia o apagamento histórico do protagonismo negro na construção do país (JACCOUD,2008).

Foi neste cenário que o Brasil como sociedade racializada se desenvolveu. E apenas pouco mais de sessenta anos depois, nas décadas de 1950 a 1960, a sociedade brasileira era formada basicamente por duas classes: os ricos brancos e os miseráveis, sendo esta última formada majoritariamente por negros.

Foi também, segundo Jaccoud (2008), nesta época que se consolidou o mito do Brasil como o berço da democracia racial. Em sua polêmica obra *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre (1933) apresenta um modelo romantizado da sociedade escravocrata brasileira. A organização das relações entre a casa-grande e a senzala, segundo Freyre, foi instrumento importante para formação sociocultural brasileira. Esse modelo de convivência familiar era reconhecido por ele como necessário para a “harmonia” entre as raças branca e negra. As relações sociais hierarquizadas organizavam os espaços sociais e de poder, garantindo a cada grupo o que lhe era “naturalmente”, segundo o autor, de direito.

Nesta lógica perversa opressor e oprimido deixam de existir e passa a valer, de acordo com Freyre, um tipo de contrato de convivência passiva no qual o negro se submete de livre e espontânea vontade ao branco, reconhecendo-o como seu superior e com direito natural aos bens materiais e ao poder. As diferenças sociais eram, e de certa forma ainda são, justificadas pelo discurso das desigualdades naturais decorrentes do passado da escravização dos povos negros (JACCOUD, 2008).

Adichie (2019) é outra escritora que faz alertas sobre o perigo da história contada pela narrativa do opressor. Neste sentido ela cita os escritos do poeta palestino Mourid Barghouti para o debate, relatando:

Se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história e começar com o que vem em segundo lugar. Comece a história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso dos países africanos e não com a criação colonial dos países africanos e você tem uma história totalmente diferente.

Em outras palavras, para Adichie (2019), ao contar a história omitindo fatos, retirando personagens, negando protagonismo, silenciando alguns grupos, o dominador terá garantido

outro resultado. Uma fantasia utópica que o coloca no centro das ações como figuras de proeminente inteligência superior e, portanto, com o direito legítimo de resolver os destinos dos dominados.

Essa simples citação traz a exata dimensão do poder do mito da história única para o apagamento de identidades e do protagonismo de alguns grupos, ainda mais quando consideramos a intersecção entre raça, gênero e classe social. Neste modelo organizacional temos invariavelmente no topo da hierarquia o homem branco e na base – excluídas, afetivamente abandonadas, desapropriadas de suas identidades e protagonismo social – estão as mulheres negras. O mito da história única não tem apenas como intenção criar outra narrativa, mas propõe o apagamento da participação histórica dos povos negros na construção do Brasil.

Podemos então propor que, do mesmo modo, no caso da construção e consolidação de Brasília e do DF a história única narrada do ponto de vista do dominador – o homem branco, rico, hétero – também favorece a criação e perpetuação de mitos, ao mesmo tempo que inviabiliza o protagonismo de negros e mulheres. Neste caso entendo que se trata de proposital omissão de cunho político-ideológico, que delimita os excluídos e marginalizados – negros e mulheres – a partir da lógica de submissão e dominação branca e patriarcal, tirando destes grupos as suas subjetividades e direitos concretos. E é mais particularmente esse grupo que me interessa nesta pesquisa; foi entre negros e pobres que estiveram por muito tempo, silenciadas, minha avó Ana e minha mãe Sônia.

Nesse sentido, vale aqui ressaltar mais uma vez que quando falamos do silenciamento histórico da presença feminina, não podemos nos apartar das discussões sobre o racismo que atravessa as relações mesmo entre pessoas do mesmo gênero. Apesar de reconhecer nesta pesquisa que o gênero funciona para nós mulheres como uma força estruturalmente marginalizante que nos empurra para espaços desvantajosos na estrutura e organização da sociedade, as questões de racialidade favorecem, como lugar de privilégio, a branquitude (BENTO, 2000), as mulheres identificadas como brancas. A racialidade as coloca de volta para o espaço de privilégio, para o centro das relações de poder. Neste caso, classe e gênero são violentamente racializadas.

Dieuwertje Dyi *Huijg* (2011, p. 78) cita Ruth Frankenberg (1997, p. 7) que, ao falar sobre o pacto da branquitude, denuncia processos de racialização no ativismo feminista na intersecção entre uma identidade marginalizada e uma posição de desvantagem social (de gênero e sexual), e de solidariedade (branca) com uma posição de vantagem (racial):

[...] vemos polarizações de *insiderness* [o estar dentro] e *outsiderness* [o estar fora], organizadas às vezes em torno do eixo racial (...). Penso que também é seguro afirmar que algumas mulheres mais do que outras – da classe certa, de raça certa – estão sendo seduzidas a um novo tipo de *insiderness* junto com sua contrapartida masculina.

Alio-me ao pensamento de Frankenberg (1997) quando defendo que pensar na relação entre a construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal e o silenciamento da presença feminina, exige ainda considerar crenças e valores de raça e classe social que orientavam as relações sociais entre os diferentes grupos à época da construção, para além das explicações pautadas apenas nas questões de gênero.

Reconheço que Brasília seja a materialização do pensamento colonial brasileiro que dominou o país na primeira metade do século XX. Os discursos ideológicos de dominação balizados pelo discurso do patriarcado, o mito da democracia racial e o pacto da branquitude como lugar de privilégio legítimo do branco também fundaram o mito da construção e consolidação da Capital Federal.

Brasília foi pensada e executada a partir da visão burguesa de controle econômico e de organização das relações sociais por classes na qual, por lógica histórica e cultural, estão os negros e, particularmente, as mulheres negras, que estavam na base da estrutura organizacional das relações e de acesso a bens e direitos sociais. A própria estrutura geográfica da Capital denuncia que ela foi concebida com setores específicos de organização dos grupos sociais. A distribuição residencial e formação das Cidades Satélites, denominação geográfica das cidades criadas no contexto inicial de construção da Capital Federal, previa a segregação entre grupos economicamente desiguais (NASCIMENTO, 2019).

Sobre a necessidade de defender os interesses da burguesia e ao mesmo tempo apresentar uma cidade futurista Lúcio Costa escreveu:

Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criarmos uma sequência contínua de grandes quadras dispostas em ordem dupla ou simples, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, (...) a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem.

[...] A graduação social poderá ser dosada facilmente, atribuindo-se maior valor a determinadas quadras (...). E seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos têm direito. Elas decorrerão apenas de uma maior ou menor densidade, de maior ou menor espaço atribuído a cada indivíduo e a cada família, da escolha dos materiais e do grau de acabamento. Neste sentido, deve-se impedir a

enquistação de favelas, tanto na periferia urbana quanto na rural (COSTA, 1956)<sup>13</sup>

Assim, apesar do discurso político-ideológico de integração entre classes sociais, o projeto arquitetônico de Brasília trouxe oculto em suas linhas espaciais demarcatórias, as quadras e Cidades Satélites, a segregação de classes na qual a população negra, não por acaso, formava a grande maioria dos excluídos. Na prática, famílias de classes sociais diferentes foram separadas geograficamente desde o centro até a periferia, onde se localizam hoje as Regiões Administrativas de Brasília.

A lógica eurocêntrica e machista centrada no discurso patriarcal e na branquitude também está configurada na história de Brasília, assim como o racismo e o discurso da classe abastada. É interessante notar que apesar das visíveis desigualdades na Capital Federal, através do mito da história única, História Oficial, vende-se a ideia utópica de que este é um espaço democrático, acolhedor e harmônico entre pessoas de classe social, raça e gênero diferentes. Assim, em uma analogia, salvo os exageros, proponho que o Centro da Capital, o Plano Piloto, pode ser comparado aqui à Casa Grande, na qual vive a burguesia branca. Já os pobres, em sua maioria negros, foram jogados na periferia, nas Cidades Satélites mais distantes sem o mínimo de infraestrutura, o que se equipararia, salvo os exageros, às senzalas.

Ainda sobre outro ponto de vista pode ser considerada a analogia entre o mito da construção de Brasília e o mito fundador do Brasil. Assim como aconteceu no mito fundador do Estado Brasileiro (CHAUÍ, 2000), em Brasília participação dos negros e das mulheres, de modo geral, foi invisibilizada – Brasília replica o estado brasileiro. Ela tem o seu próprio mito da história única, com os seus heróis: homens brancos, héteros e ricos. O silenciamento histórico da participação de mulheres na construção e consolidação da capital e mais especificamente das mulheres negras e pobres, resulta no apagamento de suas identidades e subjetividades. As mulheres que participaram na construção e consolidação da capital não foram vistas e nem ouvidas, pelo menos não oficialmente, como parte da História Oficial da Capital, embora muitas ainda estejam vivas e atuantes em nossa sociedade.

Refletir sobre o paradoxo que é o mito da construção de Brasília me traz novamente a imagem da minha avó materna. Como tantas outras mulheres, minha Vó Ana entrou na estatística de existências negras femininas segregadas geograficamente, invisibilizadas socialmente e apagadas pela narrativa oficial da construção e consolidação da capital brasileira.

---

<sup>13</sup> Relatório do Plano Piloto de Brasília, de autoria de Lúcio Costa, vencedor no Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil. Doc.Brazilia.jor.br

Ironicamente, como já comentado neste trabalho, minha avó viveu por alguns anos no centro da capital, mas não usufruiu os benefícios da cidade moderna ou anelou seus sonhos de um futuro promissor na Capital da Esperança. Como negra e pobre, ela habitou a “Casa Grande”, que nunca pôde declarar como seu lar. Fazia trabalhos domésticos, não estudou, não recebeu salário e nem teve qualquer direito reconhecido. Não sei ao certo se ela entendia que vivia em uma situação análoga à escravidão, mas talvez compreendesse que aquela situação, entre outras coisas, era motivo de sua infelicidade e que, por isso, muitas vezes chorava sozinha embaixo do bloco como narra meu avô.

No início dos anos 1960, após alguns encontros com o meu avô ela, minha avó, toma a decisão de mudar a sua vida. Logo depois de se casar com ele, apesar das condições economicamente ruins e de sofrimento que a pobreza impunha ao jovem casal, ela preferiu viver na periferia junto com os seus iguais, os pobres e excluídos.

E foi lá no Gama, sem água ou luz, em uma pequena casa com sala, cozinha, banheiro e um quarto, que ela criou os seus nove filhos. Minha avó, segundo meu avô narra com orgulho de marido, nunca se queixou da sua sorte ao seu lado. Não porque não tivesse motivos, mas porque soubesse talvez que resistir era a única forma de garantir aos filhos o que ela mesma não teve. Isto é, conviveu com o silenciamento pela branquitude desde muito cedo, mas não se deixou sucumbir.

Um ponto interessante sobre o silêncio da minha avó que ainda não relatei neste trabalho é o fato de que ela, apesar de não gostar de falar sobre o seu passado, amava projetar o futuro. Era uma grande sonhadora e buscava com tudo o que tinha e podia projetar a possibilidade de um futuro melhor para seus filhos e filhas, netos e netas.

Sua fé na vida e no futuro era muito maior que as dores do passado. Muito religiosa, ela clamava ao Divino por consolo e pela proteção dos seus. Era comum que ela escrevesse os nomes dos filhos e filhas, netos e netas em papéis e entregasse aos pastores para que orassem pela família. Os incansáveis conselhos sobre nunca desistir de lutar por uma vida melhor e o carinho de um café no meio da tarde também fazem parte das minhas memórias.

Minha mãe e minhas tias, apesar das dificuldades, puderam estudar e se graduaram em nível superior – Psicologia, Pedagogia e Enfermagem. Para isso, contaram sempre com as orações da minha avó e sua ajuda prática, já que muitas vezes chegou a se endividar pegando pequenos empréstimos para ajudar a pagar parcelas de faculdades das filhas. Minha avó, embora silenciada pela História Oficial, foi protagonista de sua história e da história de vida dos filhos e netos. Diária e incansavelmente entregava sua presença e existência para que sua

descendência não precisasse correr o risco de passar pela submissão indigna pela qual ela mesma passou. Quem sabe não nos contar sua história de luta fosse também uma estratégia sua para não naturalizar processos de vivência da desumanização e exclusão social.

A minha avó ou de outras mulheres que certamente passaram por situações semelhantes, não foi vista por aqueles que contaram a história de Brasília. Se por acaso viram trataram como algo natural, consequência da condição de mulher pobre e negra. Minha avó assim como muitas outras mulheres, inclusive nós mulheres mais jovens, somos sobreviventes da história única que propaga o mito dos feitos dos heróis do patriarcado, como propõe a historiadora Mary Del Priori em seu livro *Sobreviventes e Guerreiras: Uma Breve História da Mulher no Brasil de 1500 a 2000* (2020). Em sua obra a autora fomenta pensar a violência contra a mulher brasileira distanciando-se do vitimismo que normalmente atravessa essas pesquisas e refletindo, por outro lado, sobre a mulher brasileira e sua trajetória pelas formas que esta engendrou, criou e encontrou estratégias para resistir à violência do patriarcalismo.

A história única e oficial da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal se tornou uma história masculina, branca e rica que não reconheceu o processo e o protagonismo feminino e, mais especificamente, o das mulheres negras e pobres que contribuíram como parte ativa do trabalho menos valorizado, o trabalho doméstico. Vale ressaltar que o trabalho doméstico é uma ocupação tradicional de mulheres negras de baixa renda e ainda hoje tem sido a principal ocupação feminina no Brasil, sendo ainda a atividade remunerada de mais de 14% das mulheres trabalhadoras com 16 anos ou mais (BRASIL, 2010). Não quero aqui desqualificar o trabalho doméstico, que é extremamente relevante para o funcionamento da sociedade, mas apenas destacar a relação entre o capitalismo e processos de exploração e exclusão social da mulher negra e pobre pela desvalorização remuneratória da atividade doméstica.

Todavia, nem por isso elas se tornaram vítimas passivas e inertes. É então imperativo que busquemos compreender processos singulares de resistência das mulheres que vieram para a Brasília no início da construção e consolidação da Capital Federal. Portanto agora passamos a dialogar sobre o conceito de interseccionalidade entre gênero, raça e classe social a partir da dissertação de Gina Vieira Ponte de Albuquerque (2020).

O Projeto Mulheres Inspiradoras foi criado em 2014 pela professora Gina Vieira Ponte de Albuquerque com o objetivo de estimular a leitura, a escrita autoral e o protagonismo juvenil por meio de práticas que possibilitem a educação em e para os Direitos Humanos. Premiado nacional e internacionalmente, Mulheres Inspiradoras tornou-se política pública em Brasília a

partir da Portaria N° 256 de 2021. O programa implementará projetos de leitura e escrita protagonizados por escritoras e personagens femininas históricas, contemplando as diversidades narrativas de mulheres negras, indígenas e periféricas, entre outras. Nesse sentido o programa criado por Albuquerque é uma inspiração para essa pesquisa, tanto por seus objetivos quanto pelos resultados alcançados.

### 3.2.1 “Pise firme que esse chão é seu.” – a memória das diversas existências femininas na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

Albuquerque (2020) destaca que alinhada a interpretação equivocada de uma sociedade brasileira harmônica e igualitária, balizada pelo mito da democracia racial, Brasília reinventa o discurso de paz social, prosperidade e igualdade de oportunidades. Assim, a política de silenciamento e abandono social de alguns grupos tem a complexa relação interseccional em perspectiva hierarquizada: negro → pobre → homem → mulher → criança; apresentada como inescapável consequência do passado histórico de escravização dos povos negros. Culpa-se, portanto, o passado histórico, não a ausência de políticas públicas de inclusão social e educacional para os grupos excluídos durante a elaboração do projeto de construção da Capital Federal, que deixou também como legado ao território do Distrito Federal uma composição social racializada e organizada pela estratificação socioeconômica.

Verticalizando essa discussão sobre interseccionalidade e relações sociais racializadas Albuquerque (2020) argumenta que há um alicerce hegemônico nas narrativas sobre a escravidão que produz um sentimento de subalternidade em meninos e meninas negras, mas que tem maior força nos discursos de representações que inferiorizam meninas e mulheres negras e em particular as mulheres negras periféricas (DE LAURETTIS, 1994; LE BRETON, 2009, *apud* ALBUQUERQUE, 2020). A autora releva ainda que nesses discursos há o entendimento subjetivo que restringe a capacidade física e intelectual de mulheres; as quais são representadas em papéis sociais inferiores onde aparecem, por exemplo, exercendo atividades laborais de menor prestígio que, “sempre vinculados aos cuidados e ao espaço doméstico, também atuam como formas de manter a hegemonia do poder masculino e as ideologias que proclamam uma suposta superioridade dos homens em relação às mulheres” (ALBUQUERQUE, 2020, p. 54).

Nesta perspectiva, Albuquerque chama a atenção para a necessidade do desenvolvimento de processos de libertação destas mulheres das amarras sociais que esses

discursos produzem, ao problematizar a exclusão da mulher como protagonista da história social e até de sua própria vida, como resultado de discursos misóginos que atravessam histórica e culturalmente a sociedade brasileira e, por contiguidade, a brasileira (ALBUQUERQUE, 2020).

Albuquerque (2020) se apropria do pensamento de Hall (1992), sobre as contribuições do movimento feminista aos processos de descentramentos do sujeito. Ela aponta sobre a importância desse descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico. Ou seja, questiona as diferenças de tratamento ofertados às mulheres, mulheres periféricas e mulheres negras no fim desse processo de hierarquização das relações organizadas por gênero e racialidade. Por fim destaca que neste sentido o feminismo amplia as formas de discutir a formação das identidades sexuais e de gênero (HALL, 1992, *apud* ALBUQUERQUE, 2020).

Hall sugere que o movimento feminista teve desdobramentos históricos para diferentes grupos, uma vez que apelava para a identidade social de seus sustentadores:

Assim o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays, e às lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade - uma identidade para cada movimento (HALL, 2012, p. 26).

Nesse sentido, Hall nos alerta sobre o potencial de abrangência do movimento feminista e suas reverberações para a luta de outros movimentos em consonância com os ideais de construção de uma sociedade mais igualitária, que entenda as subjetividades de cada grupo.

Castells (2018, p. 54, *apud* Albuquerque, 2020, p. 58) destaca o fato de que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder. Nesta perspectiva, ele estabelece a diferença entre identidade e papéis, destacando que “as identidades organizam significados enquanto os papéis organizam funções” e propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades:

(i) a identidade legitimadora, que compreende aquela que é trazida pelas instituições dominantes com o objetivo de ampliar e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; (ii) a identidade de resistência, que se refere àquela criada por atores sociais que estão em condições estigmatizadas pela lógica da dominação. Estes atores sociais constroem trincheiras de resistência e sobrevivência a partir de princípios diferentes daqueles que perpassam as instituições da sociedade; (iii) Identidade de projetos, que se dá quando os atores sociais se utilizam de qualquer tipo de material cultural para construir uma nova identidade. Neste caso, para os atores sociais interessa tanto redefinir a sua posição na sociedade, como buscar a transformação de toda a estrutura social.

A segunda forma de identidade, conforme as definições identitárias propostas por Castells (2018), a identidade de resistência, criada por atores sociais que estão em condições estigmatizadas pela lógica da dominação é que toma força na construção deste trabalho de pesquisa.

### **3.2.2 “Cuidar de casa, assinar o nome já era tudo, não podia fazer mais que isso”: Diálogos interseccionais entre gênero, classe e racialidade a partir das narrativas de mulheres brasilienses**

A pesquisa de Albuquerque (2018) “*Nós Também Fazemos Parte Desta História: Memória De Mulheres Negras Em Brasília*”, representa um avanço político na discussão interseccional entre o silenciamento do protagonismo feminino na construção e consolidação da Capital Federal e das Regiões Administrativas e as relações sociais racializadas. Esse trabalho teve como objetivo analisar as narrativas das mulheres negras a respeito do processo de construção e consolidação de Brasília, apresentando dados empíricos para uma análise sociológica da memória e suas intersecções entre gênero e raça/cor (ALBUQUERQUE, 2018).

Albuquerque analisa diversos estudos sobre o processo de construção e consolidação da capital, entre eles o da socióloga Nanah Vieira (2007). Neste artigo a socióloga denuncia a ausência de estudos sobre o protagonismo feminino na transferência da capital para o Planalto Central, e ainda observa que mesmo os que trazem as mulheres como foco de análise omitem os seus pensamentos e sentimentos. A autora identifica que a visão histórica da participação da mulher no processo de construção e consolidação de Brasília e do DF é apresentada a partir do modelo hegemônico, generalizado e sob uma visão exclusivamente masculina.

Sobre essa problemática Vieira propõe:

Acredito que é necessário fazer uma análise do discurso, aos moldes do que propõe Foucault, acerca da construção de Brasília. Ou seja, é necessário fazer perguntas novas a documentos e fontes antigas, pois da forma como está “construída” a história sobre a fundação da nova capital, é como se, a priori, o homem fosse o único responsável pela idealização, construção e fundação de Brasília e o que ela vem a ser hoje (VIEIRA, 2007, p. 3 *apud* Albuquerque, 2018).

A citação de Albuquerque nos provoca a refletir sobre as possibilidades de mudanças dos moldes opressores do patriarcado. Já é sabido que a História Oficial contada sobre a construção de Brasília não leva em conta as experiências femininas nesse processo, pelo contrário, as exclui. Portanto, o primeiro passo para a desconstrução do pensamento misógino

sobre a criação da capital e as inúmeras experiências que esse momento histórico proporcionou é justamente realizar novas perguntas sobre o que está posto diante de nós. As questões apresentadas pela autora tensionam e são parte da motivação dessa pesquisa. Pois um dos objetivos da vídeo-performance realizada é abrir possibilidades para que os espectadores possam se questionar e fazer novas perguntas a si mesmos sobre a participação das mulheres durante o período de construção e consolidação da Capital Federal.

Se por um lado temos na estrutura da história de Brasília o discurso da Capital da Esperança, do futuro e das oportunidades, por outro lado temos materializadas as condições precárias de vida das populações periféricas – grupos considerados “inferiores” a partir de categorias previamente criadas pelos homens brancos, governantes que detêm o poder político e econômico. Estes últimos arvoram ao direito de definir como a história de Brasília e dos grupos oprimidos que participaram da sua construção e consolidação pode e deve ser contada. Por este viés a História Oficial vai desde a romantização dos processos de opressão e controle até a exclusão social como projeto de governo na higienização dos espaços elitizados da capital (NASCIMENTO, 2019).

Como resultado, de modo geral, verifica-se o apagamento histórico da participação dos povos negros na construção da Capital e, mais particularmente no caso de interesse dessa pesquisa, o silenciamento do protagonismo feminino em relação exponencialmente interseccional entre gênero, raça e classe social. Isso resulta diretamente na produção de diferentes discursos e diferentes realidades para as mulheres ricas e pobres, brancas e negras que se estabeleceram na capital, estendidos às suas respectivas descendentes.

Obviamente, para mulheres brancas e abastadas (as esposas de engenheiros, médicos, arquitetos, oficiais militares e outros) construiu-se espaços sociais no centro, o Plano Piloto, que se harmonizaram com o sonho da Capital da Esperança. Ruas largas e asfaltadas, apartamentos gigantescos e com áreas vazadas que permitem ampla visão do ajardinamento da cidade, espaços de lazer, comércio e escolas públicas bem estruturadas como os modelos das Escolas Parques<sup>14</sup> para inicialmente atender a tais famílias.

Em contrapartida a periferia, antigas cidades satélites, hoje Regiões Administrativas, resultou em outro destino as mulheres pobres. Nestes locais, a condição de vida precária e sem o mínimo conforto ou possibilidade de subsistência, obrigava essas mulheres a deixarem seus filhos ao abandono para buscar o sustento material, percorrendo cerca de 35 a 40 km apenas no

---

<sup>14</sup> As escolas-parque são referência de modelo educacional no plano de construções escolares de Brasília. Em parceria com as escolas-classe, oportunizam atividades complementares de caráter recreativo e artístico como artes e suas linguagens, educação do corpo, bem como de caráter multidisciplinar (FREITAS, 2020).

trajeto de ida, para ajudar as mulheres brancas e abastadas a tornarem realidades seus sonhos de cidade próspera e com condições facilitadas de vida.

A grande maioria das mulheres periféricas de Brasília, grupo constituído majoritariamente por negras, servia sem qualquer direito trabalhista como empregadas domésticas e babás até meados de 2015, quando se instituiu a Lei Complementar nº 150 de 1º de junho deste ano, que dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico (BRASIL, 2015). Algumas residiam durante a semana nas casas de suas patroas em um espaço, o quarto de empregada que reproduzia, salvo o exagero, a exata relação entre a casa grande e a senzala do período escravista brasileiro – arquitetura ainda preservada nas residências brasilienses e conhecidas como dependências de empregadas (NASCIMENTO, 2019).

Mello (2012), em *E o Negro na Arquitetura Brasileira?*, faz um diálogo interseccional entre as condições de vida das mulheres empregadas domésticas alojadas nos chamados “quartos de empregada” e relações racializadas, organizadas pelo modelo escravocrata:

Nesse contexto, destaca-se a dependência de empregada como o elemento mais controverso da moradia brasileira. Reduzidas ao extremo e escondidas dos olhos dos moradores e visitantes, por meio de uma configuração que promove o seu isolamento dos demais setores da habitação, este ambiente carrega uma forte carga simbólica vinculada à lógica de pensamento escravocrata do período colonial anterior e à estratificação social que marcou a construção da sociedade brasileira (MELLO, 2012, n.p.).

A assertiva da autora embasa o argumento apresentado sobre as condições de trabalho às quais as empregadas domésticas eram submetidas. Portanto, ao defender que o silenciamento feminino no processo de construção e consolidação da Capital não pode acontecer desarticulado das questões interseccionais que organizam as estruturas sociais de Brasília, reconheço a importância das diferentes narrativas e subjetividades que atravessam as propostas de resgate identitário presentes em diferentes estudos sobre a temática (VIEIRA, 2017; ALBUQUERQUE, 2020). De modo que, como coletivo, todas as mulheres merecem ser ouvidas mas, como processos históricos e trajetórias singulares, alguns grupos merecem a escuta mais atenta para compreendermos processos de resistência.

Neste sentido, trago em destaque a fala de mulheres que, como a minha avó, evocada nesta pesquisa a partir das memórias familiares e das minhas observações, sobreviveram à reprodução da exploração física e emocional dos processos de escravização. As raízes do trabalho doméstico, como já explicitado, foram gestadas no sistema escravocrata como vivido nas Américas e no patriarcado na divisão por gênero do trabalho. Esse tratamento dispensado

às mulheres, que realizam os chamados “trabalhos subalternos”, indica o pensamento colonizado da sociedade brasileira.

Acredito que compreender a necessidade de articulação de outras narrativas da história social da mulher na construção e consolidação da capital demanda descolonizar pensamentos, fazer ouvir verdades que realmente existem e que estão escondidas sob o manto do mito da História Oficial. Propor reflexões críticas sobre a importância de discussões interseccionais que possibilitem compreender a estratificação da sociedade não pela explicação única e simplória de legado histórico, mas como processo imbricadamente complexo entre racialidade, gênero ou patriarcado e discursos de dominação e poder. Trata-se da construção de um posicionamento ideológico de novas/antigas narrativas que consiga insurgir-se ao mito da história única.

Tomando como referência o pensamento de Walter Benjamin (2012) em relação ao valor da narrativa, trago narrativas das mulheres em discussão interseccional sobre as possibilidades de resistência transgressiva destas como protagonistas de suas histórias de vida. Para o autor, as narrativas produzem efeitos e podem ser um indicador das concepções de mundo, mas podem também se desdobrar como processo de construção singular de trajetórias e de resistência à opressão e ao rebaixamento nas relações sociais; pela capacidade de produzir empoderamento individual e de grupo e o reconhecimento e valorização das identidades dos excluídos como protagonistas, a partir do processo de ressignificação das histórias individuais e coletivas.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Berth (2018) alerta que o processo de empoderamento individual e coletivo, os processos identitários, devem ocorrer de modo concomitante. Pois, o empoderamento de um grupo está diretamente ligado a processos de empoderamento individuais e subjetivos de pessoas pertencentes a esses grupos. Contudo a autora alerta para o perigo da banalização do conceito de empoderamento. Sua preocupação reside no fato de que o conceito de empoderamento também como processo de controle do dominador, que pode ser utilizado para fins mercadológicos. Essa vertente faz parte da lógica capitalista e patriarcal que visa, dentro dos processos de empoderamento, usurpar narrativas libertadoras para continuar oprimindo determinados grupos. Portanto, é necessário um olhar atento sobre as formas de agir do sistema

capitalista-patriarcal, que se apropria de pautas legítimas e identitárias para continuar perpetuando seu domínio sobre grupos oprimidos.

Entretanto, há de se diferenciar o individualismo do empoderamento individual. Enquanto o primeiro está preocupado apenas com a ascensão financeira e social, o segundo se apresenta como lugar de possibilidades. Ou seja, o indivíduo se percebe enquanto oprimido, busca uma forma de viver ao invés de exclusivamente sobreviver, passa por um processo de tomada de consciência e trabalha para potencializar esse processo em outras pessoas. Dessa forma o empoderamento individual se perpetua como empoderamento coletivo.

Marcia Tiburi (2018) dialoga com essa perspectiva a partir de seus escritos, nos quais identifica a interseccionalidade entre grupos oprimidos como um divisor de águas dentro do movimento feminista. Para a autora, a partir daí é possível construir uma busca concreta pela equidade de existências femininas, no reconhecimento do protagonismo histórico tanto de mulheres brancas quanto negras em suas diferentes trajetórias. Isto é, a mulher sempre atuou como protagonista, independente de questões ideológicas – religião, patriarcado, preconceitos etc. – que orientaram ao longo da história os processos de opressão de gênero. Portanto não se trata de ofertar à mulher o papel de protagonismo, mas de reconhecer que o *status* de protagonista sempre fez e fará parte da trajetória de todas nós.

Berth e Tiburi partilham de ideias semelhantes sobre esse reconhecimento de estruturas interseccionais que organizam historicamente os processos de opressões das mulheres. As autoras apontam a importância das discussões interseccionais nas lutas contra o patriarcado e na constituição identitária das mulheres, particularmente as mulheres negras – incluo aqui as mulheres transgênero como grupo socialmente marginalizado e excluído.

Neste sentido, tanto Berth como Tiburi defendem discussões interseccionais entre racialidade, gênero, sexualidade e classe social para questões que envolvem tanto a opressão como o empoderamento feminino:

O pensamento de feministas negras abre dimensões importantes do trabalho de empoderamento ao mesmo tempo em que define a necessidade de interligação entre essas dimensões, da mesma maneira que não se pode dissociar os processos individuais dos coletivos. [...] O posicionamento de mulheres negras é um divisor de águas para toda a luta feminista, uma vez que levanta questionamentos acerca da homogeneidade do ser feminino universal, cunhado por mulheres brancas dentro do feminismo e ressignifica todo o trabalho de empoderamento partindo desse lócus social que, invariavelmente, abarca outros entendimentos que envolvem as opressões em outros níveis, inclusive determinando sua diversidade e complexidade que adquire à medida que se insere nas realidades adjacentes dos grupos (BERTH, 2018, p. 49).

[...] o feminismo interseccional, que reúne em si os marcadores de opressão da raça, gênero, da sexualidade e da classe social, é evidentemente uma luta contra sentimentos acumulados. Da dor de ser quem se é, de carregar fardos históricos objetivos e subjetivos. A interseccionalidade das lutas nos leva a pensar que toda luta é luta quando é luta “junto com” o outro, o companheiro contra um estado de coisas injusto (TIBURI, 2018, p.55).

É fundamental construir reflexões sobre as relações interseccionais que atravessam o empoderamento feminino e o movimento feminista negro, guiadas pela compreensão do empoderamento da mulher negra periférica a partir de contextos culturais, políticos, históricos, sociais e as relações de gênero e étnico-raciais para “pensar as desigualdades por uma perspectiva de gênero, partindo dos lugares sociais das mulheres” (BERTH, 2018, p. 39).

Para concluir debate sobre aspectos que compõem as conceituações da palavra empoderamento identitário, destaco o pensamento de Berth (2018, p. 53), sobre a finalidade desse processo como balizador para a libertação. Para a autora, o empoderamento, bem como o lugar de fala, apresenta-se como uma posição estratégica “de descortinador da bipolaridade social, que ao mesmo tempo anseia pela igualdade em um sintoma confuso de crise ética, mas não se mostra disposta a olhar para seus acúmulos e questioná-los”. Ou seja, compreendo o empoderamento identitário para libertação como ação processual que visa desconstruir a lógica patriarcal.

Outro aspecto relevante a esse contexto de pesquisa que a escritora Djamila Ribeiro (2017) aponta ao discutir as questões de classe, raça e gênero, é que o reconhecimento das diferenças não pode significar naturalização das desigualdades. Ou seja, há que se pautar pelo reconhecimento ancorado no respeito às existências diversas em perspectiva de equidade.

Carla Akotirene (2019), uma das principais referências brasileiras sobre feminismo interseccional, também traz esse alerta quando defende que as discussões a respeito da interseccionalidade exigem uma orientação geopolítica e avança no debate na medida em que rompe com o discurso monolítico de análises nas quais somente a visão do opressor é utilizada como balizadora. Nesta nova perspectiva, Akotirene defende que:

[...] a interseccionalidade sugere que raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar de igualdade analítica. Ora, o androcentrismo da ciência moderna imputou às fêmeas o lugar social das mulheres, descritas como machos castrados, estereotipadas de fracas, mães compulsórias, assim como os pretos caracterizados de não humanos, macacos engaiolados pelo racismo epistêmico (AKOTIRENE, 2019, p. 23).

Assim, observo que tal igualdade analítica torna-se mais plausível diante do reconhecimento das interseccionalidades entre classe social, raça e gênero. Neste sentido

concluo como fundamental questionar outras opressões que transpassam o gênero durante o momento histórico referido.

### **3.2.3 “A gente precisa aprender a abrir a boca e gritar também pelos direitos da gente” – narrativas femininas: reflexões a partir da proposta epistêmica de Walter Benjamin**

A partir da complexidade envolvendo processos seculares de opressão e domínio patriarcal branco, que pautaram o mito da História Oficial eurocentrada surge, então, o paradigma a ser transposto por pesquisadores das narrativas do oprimido: como narrar histórias do ponto de vista do oprimido de modo a trazer visibilidade sobre o protagonismo deste grupo? Como resgatar fatos já vividos, dando nova visibilidade compreensiva ao que está sendo transmitido como verdade absoluta pela História Oficial?

Para tanto, nesta pesquisa tomo a proposta de Walter Benjamin (1987, p. 198) sobre a potência das narrativas, quando afirma que é a “experiência que passa de pessoa a pessoa”. Para o autor, a narrativa “é a fonte a que recorreram todos os narradores” e entre elas, “as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

Assim, tenho me ocupado durante a construção desse trabalho de pesquisa destes narradores anônimos, aqueles que não têm seus nomes reconhecidos nos anais dos registros da História Oficial. Busquei nas narrativas de mulheres anônimas periféricas conhecer diferentes pontos de vista sobre a história da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, como proposta de tensionar o mito da História Oficial deste contexto. Assim como Benjamin, reconheço na trajetória de vida destas mulheres anônimas, nas suas experiências passadas, a matéria prima para o trabalho de reconto da História Oficial. O autor nos ensina que a narrativa, diferente da informação que só tem valor no momento que é transmitida, “conserva as suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (BENJAMIN, 1987, p. 204). Desta forma vejo nos registros de relatos mantidos pelo ArPDF toda a potência para retomada das forças narrativas do oprimido já, por décadas, silenciadas.

Veiga e Alves (2020) defendem o resgate da experiência narrativa, proposto por Benjamin (1987), como projeto de empoderamento do sujeito. Para os autores, a narrativa como potência metodológica permite ao pesquisador acessar o mundo subjetivo de sujeitos que narram – emoções e sensações por trás dos relatos – alcançando a objetividade dos acontecimentos. A exploração da experiência narrativa se mostra eficaz, principalmente, por

possibilitar conhecer diferentes memórias e, ao mesmo tempo, por propiciar a quem narra e ouve o acesso ao passado por diferentes pontos de vista.

Outro aspecto importante para o uso das narrativas como instrumentos de fazer soar as vozes das mulheres silenciadas, é sua relevância para a constituição da identidade humana. Neste sentido a narrativa pode ser entendida como propulsora de transformações, reconhecimentos identitários. Segundo Alves (2017), é então na narrativa de história de vida que se busca “um caminho no qual os significados e sentidos são relacionados, fazendo emergir a metamorfose através da qual se constitui o processo da identidade” (ALVES, 2017, p. 40, *apud* VEIGA; ALVES, 2020, p. 2)

Adotar o pensamento Benjaminiano como conceitual-epistêmico neste trabalho se justifica tendo em vista que ele “não é um estudioso de ideias, mas da experiência em sua forma material, emocional, visual, psicológica e/ou estética” (PUSCA, 2009). Nesta perspectiva reconheço Walter Benjamin como referência inquestionável para os estudos da narrativa, por entender sua conceitualização sobre a narrativa balizada pela valorização da experiência emocional singular de cada indivíduo ante uma vivência, sem representar abstrações metafísicas ou processo intrapsíquico, mas alicerçando suas estruturas nas experiências concretas do indivíduo.

Assim, compreendo que o pensamento de Walter Benjamin amplia notavelmente a possibilidade de estudar e compreender a história dos oprimidos, não pelos grandes feitos ou revoltas sangrentas, mas pelo processo singular de resistência e superação da opressão a partir de novas significações e sentidos atribuídos à vivência.

Sobre o valor do resgate das narrativas singulares cito as seguintes palavras de Walter Benjamin:

Aquele que conta uma história faz nascer, naquele que a ouve, um conhecimento que se perdera no tempo da própria trajetória, e o que traz à tona essa história é a rememoração, com seu potencial de fazer alguém se apoderar não propriamente de um passado, mas do presente mesmo, uma vez que a história deve ser carregada do sentido de um “agora” (Jetztzeit). Esse “agora”, para Benjamin, é comparável ao tempo dos calendários que, diferentemente do tempo dos relógios, celebra os mesmos acontecimentos como se fossem vividos no presente, o que o transforma em verdadeiro “monumento de uma consciência histórica” (VEIGA E ALVES, 2020, p. 3).

A potência das palavras de Benjamin (2013) não está apenas na genial argumentação mas também em tudo que ela encerra, como o resgate de memórias narrativas que atualizadas

podem gerar novos sentidos ao presente. O resgate de memórias narrativas tem o potencial de atualizar o passo e gerar novos sentidos compreensíveis ao presente.

Essa atualização histórico-temporal a partir dos novos sentidos gerados, da nova emocionalidade que as narrativas trazem tanto ao narrador quanto ao ouvinte, possibilita ampliar e até criar uma nova compreensão da realidade vivenciada. Trata-se de um processo artesanal de busca de verdades ocultas, apagadas e silenciadas. Desse modo, a rememoração por meio das narrativas possibilita recuperar, primariamente, “a percepção primordial, a imagem que se tinha da experiência no exato momento do ocorrido” (BENJAMIN, 2012, p. 13).

Neste momento proponho dialogar sobre a narrativa enquanto experiência artística e sensorial que, a meu ver, é capaz de potencializar o processo de amplificação de narrativas diversas; a fim de favorecer o rompimento com a estrutura patriarcal que elencou uma história única sobre a criação e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, onde as mulheres se viram desapropriadas de seus direitos ao protagonismo histórico.

A partir das proposições de Walter Benjamin, reitero como fundamental meu posicionamento quanto a estas questões sociais, históricas e culturais que formam a sociedade brasileira; por compreendê-las como complexos fenômenos sociais que ainda atuam como favorecedores da manutenção da dominação balizados pelos discursos do patriarcado, que visam a inferiorização da mulher e, mais particularmente, o apagamento do protagonismo histórico da mulheres negras periféricas como forma de controle e perpetuação do processo de opressão de classe social, gênero e raça.

Por tudo o que já foi considerado neste estudo, problematizo que esses fatores estão entrelaçados a uma política classista, sexista e racista de controle intencional de poder econômico, que vê no apagamento histórico do protagonismo feminino na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal o meio de propagação do mito história única para o fortalecimento de certos grupos.

Cardoso (2018, p. 181) amplia a visão sobre o valor do resgate das narrativas periféricas a partir de uma visão interseccional, para reconstrução da História Oficial de construção e consolidação de Brasília e do DF:

Esses repertórios, jornalístico e oral, constituem modos e lugares de enunciação das mulheres negras na construção e consolidação de Brasília, suas memórias desse período estão alicerçadas em elementos subjetivos, principalmente quando tece comentários das relações amorosas e de vizinhança, mas também de aspectos que problematizam seu lugar na cidade. Esse conjunto de informações possibilita quebrar silêncios instituídos e mostrar outros saberes, olhares. Abrindo espaços para essas

vozes circularem e assim, apresentar novas histórias de Marias, Franciscas, Joanas, nas memórias oficiais.

Admitindo que o projeto de construção e consolidação de Brasília de do Distrito Federal se concretizou embasado no discurso ideológico do processo de colonização pelo homem branco, heterossexual, cristão, eurocêntrico, entendo que a história única sobre a apagada participação da mulher na construção e consolidação da capital tem como visão o privilégio epistêmico do grupo dominante, o homem branco. Entretanto, neste momento reafirmo que diferentemente da pesquisa de Cardoso (2018), não me proponho a realizar um recorte investigativo especificamente a partir da questão racial. Todavia minha abordagem tangencia essa perspectiva na medida em que reconheço que a grande massa de mão-de-obra que tornou possível a construção da capital com sua força de trabalho foi formada majoritariamente pela população mais pobre deste país que, por lógica histórica, cultural e política foi composta por existências pretas que migraram para o Planalto Central em busca de novas oportunidades (VIEIRA, 2017; CARDOSO, 2018; NASCIMENTO, 2019; ALBUQUERQUE, 2020).

Por isso, o foco nas narrativas das mulheres periféricas de Brasília se torna importante potência investigativa, uma vez que trata de experiências concretas narradas na perspectiva do oprimido, que com o componente emocional expõem singularmente a trajetória das mulheres que realmente viveram a história, resistiram com resiliência às adversidades e às tentativas do dominador de apagamento de suas identidades e do protagonismo de suas vidas e dos seus descendentes.

### **3.2.4 “Pode sentar, você é bem-vinda. Conta a sua história” – resgate de narrativas femininas no processo de construção de consolidação de Brasília e do Distrito Federal como resistência à História Oficial**

Neste momento da construção teórica dessa pesquisa, parto da ideia de que o resgate de narrativas de outras histórias que incluem o protagonismo da mulher atua não tanto como substância viva para o processo artístico quanto como proposta de empoderamento. Uma vez que acredito que as mulheres que se propõe a contar sua história a uma pessoa desconhecida – como muitas contaram em entrevistas a servidores Arquivo Público do Distrito Federal no programa de memória oral que gerou a matéria-prima desta pesquisa – pudessem esperar que o seu ouvinte não somente tomasse ciência dos fatos mas que também fosse capaz de compreendê-las e vê-las pelos olhos de quem realmente viveu a experiência, não como vítimas

passivas mas como pessoas resilientes, como no caso citado de Luzimar. Não posso afirmar se tinham consciência da potência de suas falas, talvez algumas esperassem que os seus ouvintes demonstrassem interesse em suas histórias a ponto de as auxiliar na árdua tarefa de rememoração de suas trajetórias, e lhes concedesse sobretudo o direito de reparação histórica ao publicar os seus relatos (Löwy, 2005).

Como podemos ver em um trecho da entrevista de Luzimar Rodrigues:

Eu queria que você ajudasse a gente, pela primeira vez que eu tive uma entrevista. – Uma oportunidade de falar. – Uma oportunidade de falar, porque a gente nunca foi reconhecido por ninguém aqui, o administrador nunca vem em banca de ninguém para falar de fazer melhor. – Muito obrigada, agradeço muito pela sua entrevista, para mim foi a melhor coisa, que a gente estava desistindo de trabalhar aqui.

Considerada uma das pioneiras da Região Administrativa e da Feira de Ceilândia, Luzimar faz esse apelo logo no fim de seu relato para a entrevistadora, já que ela acreditava que a partir dos fatos revelados ali sobre as condições de funcionamento da feira e da cidade seria realizada alguma ação efetiva para mudar a situação.

Conforme já observado, a narrativa está intimamente relacionada à experiência vivida, o que por si só a qualifica como importante aspecto para a possibilidade de potencializar e amplificar histórias diversas. A narrativa não serve apenas para lembrar, mas também possibilita processos de ressignificação de opressões por meio da conexão entre ouvinte, narrador e narrativa.

Por outro lado, narrar a experiência se relaciona com viver a história e reviver as emoções que constituíram singularmente cada indivíduo que compartilhou o momento. De modo que um mesmo fenômeno nunca será vivenciado de uma mesma forma por dois indivíduos. Portanto, é possível afirmar que cada experiência narrativa é individual e, em muitos casos, pode ser um processo penoso como quando se passou por um acontecimento traumático como, por exemplo, a experiência de guerras e genocídios. Uma vez que a situação em si foi capaz de produzir perdas em todos os sentidos para ambos os envolvidos no acontecimento – ganhadores e perdedores. São o que Benjamin classifica como experiências não intercambiáveis (BENJAMIM, 2012). Entretanto, ainda sim é possível questionar e repensar formas de narrar essas experiências, buscando gerar tensionamentos e refletir sobre os acontecimentos para que aqueles fatos não se repitam.

As experiências não intercambiáveis, como propõe Benjamin, sempre foram tensionadoras para mim, já que talvez estejam também marcadas nas histórias silenciadas de minha família, como no caso de Vó Ana.

As experiências intercambiáveis e não intercambiáveis sempre foram foco de meu interesse como pesquisadora. Como já relatado anteriormente, realizei uma pesquisa de Iniciação Científica entre 2016 e 2018, com o objetivo de investigar formas de narrar histórias que pelo emocional poderiam ser vistas como não intercambiáveis.

Contudo, antes de apresentar como abordo o pensamento benjaminiano agora no Mestrado, entendo que é preciso verticalizar a discussão sobre conceitos de experiência e vivência e suas relações dialéticas com a escuta a partir da proposta epistêmica de Walter Benjamin.

Saliento que Benjamin propõe um conceito de experiência que abarca todo o sentido do seu significado. O autor reconhece que a experiência humana no mundo moderno regido pelo capitalismo é um processo fragmentado e enfraquecido pela excessiva valorização da vivência privada do sujeito solitário. Ou seja, a monetização da força de trabalho e o apego à produção excessiva – necessários para a sobrevivência do sistema capitalista – fazem com que o ser humano moderno priorize ações individualistas marcadas pela brevidade, excluindo possibilidades de tensionamentos e a geração de múltiplos afetos e sentidos complexos que a experiência pode atravessar no sujeito. Assim, Benjamin observa que a arte de narrar depende, entre outros, da transmissão de uma experiência em seu sentido mais pleno, configurado pelos aspectos sensorial, cognitivo e emocional e não apenas pelo relato puro simples dos fatos em sua cronologia.

Para o autor as vivências, pela sua própria natureza, estariam esvaziadas, privadas de substância essencial (Benjamin, 2006). Assim, ao narrar um fato como performance narrativa o narrador ou narradora deve ser visto(a) e compreendido(a) como alguém em constante busca, não somente da sua capacidade de rememorar (*Eingedenken*) um acontecimento, mas também de redimi-lo (*Erlösung*). Assim, o conceito de experiência passa a superar o mero conceito de vivência, por trazer os componentes emocional e sensorial que relacionam a narradora com os fatos experienciados. Para tanto ele traz o exemplo dos mais velhos – o homem ou mulher, avançados em idade, que podem narrar uma experiência e não uma simples vivência, e o fazem quando “são capazes de contar uma história como deve ser”, a partir da experiência. Portanto, vale destacar que o compartilhamento de experiências por meio da narrativa está ancorado na tradição (BENJAMIN, 2012, p. 85).

A vivência, por sua vez, como propõe Benjamin, possui caráter mais informativo e não estaria necessariamente ancorada na tradição; tende a reprimir a imaginação do ouvinte por fornecer todas as informações que ele julga necessárias para a compreensão dos fatos: data,

local, hora, contexto social etc., tolhendo do ouvinte sua capacidade de refletir e questionar sobre os fatos. A vivência simplesmente fornece ao ouvinte uma informação puramente detalhada, sem o objetivo de gerar algum sentido ou significado para além do fornecido naquele instante. A vivência, assim como a informação, se esvazia no momento em que se encerra, contrariamente à experiência no sentido benjaminiano, que se perpetua por diversas formas no indivíduo e no coletivo mesmo após seu encerramento.

Desta forma, a escuta de uma vivência não se aproxima de uma experiência narrativa. Todavia a vivência e a experiência não são coisas antagônicas entre si, mas em certo sentido complementares. Sobre isso, Samuel Mateus (2014, p. 7) esclarece que a obra de Walter Benjamin é multifacetada, com passagens talvez consideradas como ambivalentes; contudo, o autor sublinha a possibilidade de a vivência alimentar e desaguar na experiência. Assim, para Mateus, Benjamin ao impor uma hierarquia entre experiência e vivência parece indicar a direção onde “deve ser posta a primeira pedra do restabelecimento da experiência”. Se por um lado Benjamin ressalta um empobrecimento da experiência, por outro lado não deixa de salientar uma qualidade nova da experiência: a ideia de vivência como unidade de sentido. Neste caso a vivência seria, assim, uma qualidade experiencial fundamental. Para Benjamin a vivência completa tensiona e colabora com a experiência, pois a vivência por si só não é capaz de gerar as mesmas autoridades que a experiência. E desta forma, a partir do tensionamento entre os vazios de atravessamentos da vivência com as potencialidades da experiência, elas passam a se complementar. Busco, portanto, no acesso aos relatos narrativos das mulheres que participaram da construção e consolidação da Capital Federal, vivências que pela performance narrativa se desdobrem como experiência com toda a autoridade proposta por Benjamin.

Por outro lado, a experiência amplia horizontes dialógicos e dialéticos. Nessa perspectiva, a escuta do outro por meio de sua experiência sempre será concebida a partir de uma relação dialética, que nasce de uma situação na qual o social sofre fissuras e os mitos criados pela História Oficial são colocados em xeque, uma vez que os fatos enunciados por eles não resistem a uma crítica dialética. Assim, a experiência dialética na perspectiva epistêmica benjaminiana assume uma característica peculiar, de “dispor a aparência do sempre igual” na história (BENJAMIN, 2006, p. 515).

Existe uma experiência da dialética totalmente singular. A experiência compulsória, drástica, que desmente toda “progressividade” do devir e comprova toda aparente “evolução” como reviravolta dialética eminente e cuidadosamente composta, é o despertar do sonho... O método novo, dialético, de escrever a história apresenta-se como a arte de experienciar o presente como o mundo da vigília ao qual se refere o sonho que chamamos de o ocorrido. Elaborar o ocorrido na recordação do sonho!

Quer dizer: recordação e despertar estão intimamente relacionados. O despertar é, com efeito, a revolução copernicana e dialética da rememoração (BENJAMIN, 2006, p. 434)

A experiência é capaz de gerar movimentações no indivíduo e no coletivo que tensionam o que se considerava como verdade. Ou seja, como Benjamin bem exemplifica, é possível comparar a experiência a um “despertar” do indivíduo, que não significa necessariamente uma magia de conto de fadas no qual com um beijo encantado a pessoa desperta de um sono profundo mas significa, geralmente, o início de questionamentos ou percepções sensoriais que antes não haviam sido despertadas.

Portanto, durante a construção desse trabalho sobre o processo de ressignificação de memórias de mulheres candangas tem sido experimentada a proposição de que por meio das performances narrativas dessas memórias haja a possibilidade de causar reflexões em quem escuta e em quem conta; a ponto de que essa experiência se transforme em um fio condutor para favorecer elementos para mudanças, mesmo que aparentemente sutis, sobre o imaginário social, bem como a combustão de afetos individuais por meio dos aspectos sensoriais e cognitivos que podem ser gerados internamente por meio da experiência teatral.

Walter Benjamin em seu clássico e potente ensaio intitulado *O Narrador*, discute a historicidade do período pós-guerra, as experiências não intercambiáveis, a chegada da mídia impressa e o fluxo de novas informações, relacionando tais eventos à sua percepção de que a narrativa e a memória oral estariam definhando. Para tal, Benjamin (1987, p. 210) também disserta sobre as relações entre a memória e a arte de narrar:

A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder - da morte.

A partir da citação de Benjamin avalio que um dos principais pilares da narrativa seja a intenção de ultrapassar a mortalidade. Nessa intenção de superar a finitude humana, as histórias percorrem os espaços sem estarem aliadas à trivialidade do tempo e da morte que, implacavelmente, chegam para todos. Assim, o autor nos coloca diante do sentido ontológico de rememorar por meio das narrativas. Tendo a acreditar que quando não se conta sua própria história esta existência fica fadada ao esquecimento ou à inexistência. Contudo, Benjamin não pretende ou acredita em uma memória fidedigna do passado: o mais relevante é a ligação com os outros sujeitos e seus posicionamentos diante do universo narrado, apropriando-se do vivido.

Para o autor a memória é a matéria prima essencial da narrativa. Por meio de uma memória abrangente é possível interpretar os acontecimentos testemunhados e reverberá-los para um grupo de pessoas transmitindo tradições, culturas, vivências e até conselhos.

Vale ressaltar que, para Benjamin, conselhos não são conceitos estereotipados sobre um determinado fato, assim “aconselhar é menos responder a uma pergunta do que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1987, p. 199). Ou seja, a arte de narrar parte de um pressuposto democrático no qual naquela experiência ouvintes e narradores refletem sobre determinada situação, buscando formas de interpretar os acontecimentos e buscar soluções para suas propagações no presente.

A forma de viver guiada pelo capitalismo na idade moderna, segundo Benjamin, causou um efeito drástico na humanidade: aos poucos as pessoas foram perdendo a capacidade de falar e ouvir. Benjamin (2012a) escreveu sobre a potencialidade da quebra do silenciamento em relação ao passado. Para o autor, ao falar sobre algo que nos aconteceu há um movimento na estrutura, que não diz respeito apenas à nossa voz, mas à voz daqueles e daquelas que vieram antes de nós e que se conectam conosco por meio de trajetórias e memórias comuns. Ou seja, nossa ancestralidade, que transpassa quem somos, se faz presente no momento da narrativa pelo compartilhamento da experiência (VEIGA; ALVES, 2020).

A partir das proposições de Benjamin, proponho-me o desafio de que é possível questionar que durante o período da construção e de formação do Distrito Federal existiram experiências não intercambiáveis.

Visitando a História das mulheres brasilienses durante os anos iniciais da construção da capital, verifiquei que um dos assuntos velados nesse período foi a existência de casas de prostituição feminina utilizadas como espaço de lazer por homens de todas as classes sociais. Observo que, possivelmente, a exploração do corpo da mulher era vista como algo necessário, talvez terapêutico, aos operários e engenheiros, como forma de abrandar o estresse causado pelo distanciamento das famílias e o intenso e pesado trabalho da construção civil. Tendo em vista a criação de um espaço exclusivo para isso, como será verticalizado adiante.

A pesquisadora Lorena Caminhas (2020) produziu um artigo refletindo sobre a regulamentação da prostituição. No referido estudo, a autora reconhece a prostituição como função laboral (CAMINHAS, 2020) e que cumpriu o seu papel na sociedade da época, mas historicamente foi apagada. A partir disso, sublinho que não há sequer menção dessas mulheres nas histórias oficiais sobre Brasília. Elas são ainda hoje experiências não intercambiáveis, pois o frequentador não observa essa experiência como algo moralmente positivo. Entretanto, ao

refletir sobre as prostitutas é possível elencar questionamentos. Elas contavam suas histórias como protagonistas ou foram silenciadas por uma força moral e alimentada pelo capitalismo e o patriarcado? O que sabemos até o momento é que os poucos relatos orais sobre a presença dessas mulheres apontam processos discriminatórios e de exclusão.

Uma das entrevistadas do Programa de Memória Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, Prima Mandotti Cavalheiro, moradora do Núcleo Bandeirante, relatou sobre como era a convivência com as prostitutas naquele momento:

“E como a senhora já disse havia prostituição. A senhora acha que era muita prostituição ou era normal pela condição de vida do Núcleo Bandeirante?” (pesquisadora).

“Eu acho que era normal, muito homem não é filha? Sem família aqui, eles vieram e não trouxeram a família. Elas eram muitas, bastante, e muitos candangos. Porque o pessoal vinha todo sem família. Mas era uma coisa muito reservada, viu? Não, era uma coisa bem reservada, elas se comportavam, no seu lugar... se comportavam bem, no seu lugar, não tinha queixa. Não atrapalhava a vida da gente” (entrevistada).

O depoimento de Prima Mandotti reitera a presença do processo de exclusão e marginalização das mulheres de determinados grupos sociais. No caso, a presença massiva das prostitutas era tolerada, desde que elas reconhecessem os “seus lugares” de mulheres inferiores e se mantivessem geograficamente apartadas da vida social. Não havia socialização entre as mulheres que trabalhavam como prostitutas e o restante da comunidade do Núcleo Bandeirante, local onde ficava a casa de prostituição.

Quando se trata da compra ou venda do tempo e do corpo de uma mulher para satisfação de homem não há, popularmente, orgulho moral em propagandar este tipo de comércio. As mulheres cujo trabalho de prostituição se faz conhecido são colocadas à margem da sociedade e, delas são retiradas suas chancelas de cidadãs. Ou seja, não são vistas como mulheres que desempenham um tipo de profissão, mas sim como um tipo ou classe inferior, diferente do gênero feminino, que não merecem respeito social pelo papel que desempenham.

Como a personagem Geni do musical *A Ópera do Malandro* de Chico Buarque, as mulheres que trabalharam em Brasília com comércio sexual, contribuíram para o que podemos classificar como importante, entre as escassas, formas de lazer na capital. As prostitutas, que trabalhavam também na preservação da sanidade emocional dos homens que para cá vieram sem suas famílias, não podem e não devem ser lembradas pela História Oficial como protagonistas, mesmo que às avessas das convenções sociais, no processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal. Elas são como Geni – que apesar de ajudar na

salvação da cidade, com a violação de sua própria dignidade, é “boa para apanhar e cuspir” – já marginalizadas, não merecem status de candangas.

É fato que uma parcela considerável dessas mulheres é explorada por homens e entra nesta situação por diversos fatores opressores. Considero que esta discussão seja extremamente importante de ser verticalizada. Entretanto para não correr o risco de esvaziar uma problemática tão séria neste momento da pesquisa vamos nos ater à questão da experiência não intercambiável que foi a prostituição de mulheres na construção de Brasília.

Lembro-me que no processo de construção dessa pesquisa fui conversar com meu avô de 89 anos, que foi candango na construção de Brasília, chegando na cidade no final dos anos 1950. Na ocasião lhe fiz a seguinte pergunta: “Vô, e as mulheres naquela época, onde ficavam?”, ao que ele me respondeu objetivamente: “ficavam no Núcleo Bandeirante”. Eu rapidamente desconversei e o fiz entender que não queria saber especificamente sobre as mulheres que se prostituíam e sim sobre as mulheres em um contexto geral naquele período. Esse rápido diálogo me causou tensionamentos em relação ao que eu conhecia e possuía em meu imaginário sobre prostituição.

Percebi o quanto eu tinha uma visão limitada sobre a prostituição. Enquanto eu estava constrangida com o assunto, meu avô de forma até afetiva queria falar sobre aquelas mulheres. Nesse momento, comecei a refletir sobre algumas questões. Primeiramente é preciso destacar que é importante pensar sobre as contribuições que as mulheres que trabalhavam com a prostituição proporcionaram ao período da construção de Brasília.

No documentário *A Saga das Candangas Invisíveis* (2015) de Denise Caputo, José Perdiz, um dos candangos da construção de Brasília, conta que no início da construção da capital os grandes engenheiros não permitiam que os homens trouxessem suas esposas para morar com eles. Pois o trabalho era muito intenso e se eles tivessem uma família em casa poderiam se dedicar menos ao trabalho. Com o passar do tempo, inauguraram uma casa de prostituição apenas para os engenheiros e políticos. Após um forte apelo dos candangos, ainda no final dos anos 1950 o então governador de Brasília Israel Pinheiro (1896-1973) permitiu a abertura de um “cabaré” no final do Núcleo Bandeirante, distante do convívio das famílias de operários que viviam no local. A partir dessas informações é possível relevar que as prostitutas cumpriram uma função determinante durante esse período: garantir cuidado e atenção aos homens, mesmo que não obtivessem o devido reconhecimento por isso; é importante garantir a essas mulheres sua contribuição à construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

Entretanto, o tratamento dado a essas mulheres não fazia jus à sua importância para a construção da capital. No documentário de Caputo (2015) as mulheres que trabalhavam como prostitutas relatam que eram maltratadas tanto pela casa que lhes abrigava quanto pela população do Núcleo Bandeirante, e posteriormente pelo governo; que ao fechar o estabelecimento em meados de 1961 não proporcionou nenhuma condição para que aquelas mulheres pudessem se estabelecer em Brasília e inclusive chegou a “jogá-las no meio das estradas no entorno de Brasília”, como relatou Noeme, uma mulher que trabalhou como prostituta durante a construção de Brasília e foi entrevistada no referido documentário.

Em 2015, em entrevista ao programa *Lanterninha* da UnB TV, a diretora Denise Caputo relatou que apesar dessas mulheres terem exercido um papel muito importante nesse processo, ao final da construção o governo percebeu que elas não “combinavam” com a imagem de Brasília e, portanto, não serviam mais para morar na capital. A diretora afirma que as prostitutas, que já viviam à margem da sociedade, foram colocadas mais à margem ainda no momento em que destruíram a casa de prostituição e descartaram essas mulheres reforçando ainda mais o processo de eugenia da chamada cidade moderna.

Sublinho essa apresentação sobre a prostituição em Brasília para exemplificar que dentre tantas histórias de mulheres silenciadas, esquecidas há, interseccionalmente falando, histórias literalmente apagadas, banidas, tratadas aqui, para retomar Benjamin, como experiências não intercambiáveis. A prostituição feminina foi uma memória silenciada e excluída da História Oficial pois causa uma dor aos egos de ambos os gêneros. Estes apresentam um imaginário falso moralista, no qual utilizam dos serviços dessas mulheres mas destituem suas humanidades. No momento em que não as reconhecem como cidadãs ou como mulheres as apartam do convívio social, pois são consideradas como motivo de vergonha, tendo como balizador o discurso cristão ocidental que criminaliza a relação sexual fora do casamento. Bem como negligencia as condições de trabalho às quais essas mulheres foram e são submetidas, em muitos casos. Esse sentimento permanece no imaginário da população e se mostrou presente em mim quando rejeitei imediatamente ouvir do meu avô o que ele sabia sobre a prostituição.

O pensador francês Michel Maffesoli apresenta uma noção de imaginário, e em seu artigo *O imaginário é uma realidade* (2001) o autor afirma que as construções mentais podem ter relevância frente ao concreto, ou seja, a realidade (MAFFESOLI, 2001). Além disso, Maffesoli apresenta um paralelo em relação ao pensamento de Benjamin para explicar o que entende como imaginário coletivo. Segundo ele, o imaginário está presente em uma estrutura ambiental, “aquilo que Walter Benjamin chama de aura”. Sendo assim, atua como “força social

de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável” (MAFFESOLI, 2001, p. 75).

A partir dos escritos de Maffesoli é possível inferir que a ordem das construções mentais ultrapassa a interioridade, pois à medida em que o autor utiliza o conceito de “aura” de Benjamin, percebemos que se trata de algo que reverbera fora do que está nos pensamentos. Mais à frente, o autor sinaliza também que a noção de aura benjaminiana evidencia que o imaginário de cada um é coletivo ou se conecta ao um grupo social no qual se está inserido. Pois mesmo que cada pessoa tenha autonomia é possível perceber, ao examinar com mais atenção, que o imaginário individual é contaminado pelo comunitário, é compartilhado (MAFFESOLI, 2001).

Neste sentido, reitera-se que o trabalho com a narrativa de mulheres que fizeram parte da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal pode colaborar para a desconstrução desse imaginário coletivo que alimenta ideias de silenciamento e opressão que se concretizam em ações excludentes em relação a grupos minoritários.

Antes da conclusão factual desse capítulo retomo a questão da “perda da faculdade de narrar”. É importante destacar que, segundo Benjamin, algo que nos parecia insubstituível foi aos poucos superado pela necessidade de vivências e informações efêmeras sem possibilidades de gerar mundos e significados complexos como, segundo ele, a narrativa é capaz de propiciar.

Lembro-me da primeira vez que fui narrar uma história no contexto teatral. Em 2016, durante a Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, eu propus um projeto ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC), sob a orientação da professora Sulian Vieira, como já apresentado no Capítulo 1 desta dissertação.

O plano de trabalho do projeto de pesquisa se baseava em um estudo sobre a história de Jane Vanini (1945-1974), uma guerrilheira brasileira, torturada e morta durante a ditadura militar no Chile. Na proposta foram investigadas formas de narrar essa história ao público buscando quais afetos poderiam ser criados superando a noção de silenciamento que a morte pode trazer. Inicialmente, ao contar a história de Vanini, consigo me lembrar que o tempo parecia dilatado, me lembro do incômodo e constrangimento que eu sentia mesmo que estivesse contado apenas para minha orientadora em um espaço seguro de aprendizagem. Naquele momento sentia um nervosismo persistente, não possuía um direcionamento no olhar, os gestos eram vazios e banais e as falas eram jogadas com rapidez, pensando em acabar logo aquele momento ao invés de apreciá-lo, vivê-lo.

Benjamin escreve sobre esse incômodo ao narrar, que o autor chama de “perda da faculdade de intercambiar experiências”:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1987 p.197-198).

Os incômodos iniciais e outras dificuldades foram superadas a partir da utilização da metodologia da Abordagem Pragmática e da Técnica de Microatuação que serão verticalizadas no capítulo seguinte. Nestes sentidos os treinamentos de atuação são utilizados também como alternativas para driblar a perda da faculdade de intercambiar experiências.

Assim, após o diálogo inicial sobre a experiência narrativa em consonância com as experiências de mulheres na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal encerramos esse capítulo. No capítulo 4 desta pesquisa vamos abrir perspectivas sobre a noção de narrativa a partir da apresentação dos arquétipos da figura de quem narra, propostos por Benjamin; aspectos da filosofia da linguagem que balizam estudos sobre a Abordagem Pragmática da palavra em performance e a técnica de Microatuação; bem como a metodologia utilizada para o treinamento das narradoras e todo o processo de escolha das narrativas e ensaios ao lado da outra narradora, que neste caso é minha mãe – e por isso, os sentidos e significados da construção da vídeo-narrativa se tornam mais afetivos; finalizando com a construção da vídeo-narrativa e os comentários dos espectadores.

#### **4 Ressoando histórias de mulheres sobre a construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal: entre o acervo de História Oral do ArPDF e a produção de vídeo-narrativas**

Este Capítulo tem como objetivo discorrer sobre o desenvolvimento estético do trabalho de pesquisa, apresentando a Abordagem Pragmática da palavra em performance proposta por Silvia Davini (2006), compartilhada e continuada por Sulian Vieira (2014) no contexto do Grupo de Pesquisa Vocalidade & Cena<sup>15</sup>. Em consonância, serão apresentadas considerações sobre a estética desenvolvida pelo documentarista Eduardo Coutinho (1997), referência mobilizadora do exercício para a produção de documentários apresentado nesta pesquisa.

Ainda será apresentado o desenvolvimento dessa pesquisa localizada no campo empírico, mas que foi realizada em várias etapas e com características distintas que exigiram habilidades igualmente distintas para que o trabalho fosse concluído com eficácia.

Neste sentido, o processo de desenvolvimento estético desta pesquisa foi realizado a partir das seguintes etapas: fruição e análise de diversos materiais estéticos em vídeo sobre o período que envolveu a construção da Capital Federal, bem como os que tratavam especificamente do papel e da representatividade das mulheres nesse contexto; a ida ao prédio do Arquivo Público do Distrito Federal para ambientação sobre as memórias de mulheres que fizeram parte da construção de Brasília e do Distrito Federal; a densa leitura das entrevistas de mulheres realizadas pelo Programa de História Oral do ArPDF, para compreender um pouco mais sobre a construção da Capital Federal e a participação das mulheres nesse período a partir de suas próprias palavras; o resumo biográfico de cada entrevista e a seleção de trechos que pudessem ser utilizados para composição da performance narrativa; exercícios de performances narrativas sozinha e com outras pessoas para primeiras experimentações com a câmera, buscando uma aproximação com o uso da tecnologia e explorar diversas formas de contar uma história.

O processo final de desenvolvimento da vídeo-narrativa se deu após todas as etapas citadas acima, com o entendimento de que nesta pesquisa seria possível realizar a produção de apenas uma narrativa para ser mostrada ao público. A história de Meiry Pires Amorim, intitulada “*História das Bonecas – com maior carinho, maior amor*”, foi a escolhida para ser

---

<sup>15</sup> O Grupo de Pesquisa Vocalidade & Cena foi registrado oficialmente no Diretório de Grupos do CNPq em 2003. Além de diversos artigos sobre a voz e a palavra em performance, o grupo produziu algumas peças de Teatro. Disponível em: <https://www.youtube.com/VocalidadeCena>

narrada ao público a partir da percepção de que apresentava diversas potencialidades como ressignificação de dores, aspectos interseccionais e outros que serão verticalizados adiante.

Após esta escolha, foi feita a seleção da outra narradora – Sônia Tavares, minha mãe –, a memorização do texto e seu processo de abordagem pragmática, dividindo-o em blocos de sentido, classificando suas atitudes e intenções, bem como o exercício de narrar o texto com essas atitudes e intenções. Posteriormente foi realizada a gravação final da narrativa na qual eu dirigi Sônia Tavares e narrei a história.

Na subseção a seguir será descrita a experiência de conhecer o Arquivo Público do Distrito Federal, bem como as características do material coletado no Programa de Memória Oral.

#### **4.1 Arquivo Público do Distrito Federal como espaço de preservação de memórias candangas.**

Neste trabalho, o Arquivo Público do Distrito Federal faz parte do campo empírico da pesquisa e foi elencado como uma das fontes de matéria prima para o desenvolvimento tanto do material estético, quanto para a própria escrita da dissertação.

O Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF) foi criado em 14 de março de 1985 pelo Decreto nº 8.530 como “órgão da Administração Direta, relativamente autônomo, responsável por recolher, preservar e garantir proteção especial a documentos arquivísticos de valor permanente, produzidos e acumulados pela Administração Direta, Indireta e Fundações do Distrito Federal” (BRASIL, 1985), pelo então governador José Aparecido de Oliveira (1929 – 2007).

No espaço está reunida a documentação que retrata a história da Capital Federal e das Regiões Administrativas do DF desde o período da interiorização, previsto na Constituição de 1892, até os dias atuais. O acervo apresenta documentos textuais, audiovisuais, cartográficos, entre outros formatos, bem como realiza projetos de pesquisa que visam resgatar ou registrar memórias sobre o período de construção e consolidação de Brasília e do DF (Projeto de História Oral, ArPDF, 2020).

Meu primeiro contato com o ArPDF foi ainda no ano de 2019, quando junto com minha orientadora de mestrado, Sulian Vieira, entrei em contato por e-mail com o funcionário responsável pelo arquivamento e preservação de histórias de pessoas que fizeram parte da

construção e formação do DF. Marquei uma visita presencial a sede do Arquivo. Ao chegar ao local no horário marcado fomos recebidas pelo funcionário Elias Manoel da Silva<sup>16</sup>, que se identificou como historiador, com gentileza convidou a nos sentarmos e de modo informal, calmamente iniciou um aprofundado processo narrativo que trazia em detalhes sua história de vida: como chegou a Brasília, sua formação acadêmica e quais funções exerce no Arquivo Público como funcionário de carreira.

Esta foi uma experiência significativa, porque em princípio imaginei que seria apresentada a uma série de materiais físicos como pastas, caixas, gavetas empoeiradas e amontoados de registros com datas e nomes. Era um imaginário estereotipado, um pensamento literal e superficial e, até certo ponto, preconceituoso a respeito da materialidade de um espaço no qual se preserva memórias.

Ter me deparado com um contador de história me incentivou a conhecer aquele espaço. As palavras calmas e compassadas de Elias Manoel da Silva aos poucos me ajudaram a mergulhar no que seria esse espaço de memórias. Quando lhe expliquei o objetivo da minha pesquisa ele me contou sobre o *Programa de História Oral* do ArPDF. O programa conserva registros de depoimentos orais e perfil biográfico de pessoas de todas as profissões que participaram, direta ou indiretamente, da construção de Brasília (DEPOIMENTOS ORAIS 1/CÁTALOGO – 2010).

Elias Manoel da Silva me contou que no início dos anos 2000 registros haviam sido realizados e em quais formatos estavam arquivados (fonográfico e escrito). Informou também sobre outros pesquisadores que já haviam recorrido a ele para desenvolver trabalhos investigativos a respeito da história de Brasília, considerando dados biográficos de depoimentos orais catalogados no ArPDF, sugerindo que eu os procurasse para intercambiar experiências.

Nesse momento tive minha primeira experiência com ouvir histórias na pesquisa: Elias Manoel da Silva começou a falar sobre as entrevistas de mulheres arquivadas no Programa de História Oral. Não era uma mulher me contando, mas pude perceber que a desconstrução da estrutura patriarcal pode também ser promovida por homens – Elias Manoel da Silva não tinha intenção de diminuir ou determinar trajetórias femininas, me apresentou oralmente um repertório diverso de pesquisas sobre a temática e se colocou à disposição para colaborar com o trabalho.

---

<sup>16</sup> Historiador do Arquivo Público desde 2005, atualmente é diretor da Diretoria de Pesquisa, Difusão e Acesso do ArqPDF. Elias é bacharel e licenciado em História pela UNISUL – Universidade do Sul de Santa Catarina e Mestre em História Social pela UnB – Universidade de Brasília.

Após o contato inicial, tive acesso às entrevistas realizadas pelo Programa de História Oral, no acervo do ArPDF, que estão disponíveis de forma digital na biblioteca do órgão. Para ter acesso, é necessário preencher alguns formulários de atendimento sobre o motivo da pesquisa e depois é disponibilizado um computador para procurar as memórias ou outros arquivos que estejam digitalizados, como fotos e artigos de revistas.

Segui todo o protocolo exigido e em seguida acessei os arquivos virtuais que guardavam os depoimentos tanto em formato escrito como em áudio, com as vozes das pessoas entrevistadas. Ouvi brevemente alguns trechos, selecionando apenas trechos de entrevistas de mulheres. Mesmo com um primeiro contato feito de forma rápida, pude perceber que naquelas entrevistas encontraria o material necessário tanto para a consolidação da base da pesquisa quanto a matéria prima para a produção do material estético proposto.

Após esse primeiro contato, Elias Manoel da Silva passou a colaborar gentilmente com a minha pesquisa, ajudando na seleção de material escrito produzido por mulheres que participaram de alguma forma dos momentos iniciais de construção e consolidação da capital e do DF.

Depois de quatro encontros, em função da pandemia da Covid-19, a presença física no ArPDF passou a ser desestimulada, de modo que todo o material por mim selecionado foi salvo em *pen-drive*, e passei a desenvolver a pesquisa em casa. Ainda voltei mais duas vezes em diferentes momentos ao ArPDF para seleção de novo material e/ou para retirar dúvidas quanto ao conteúdo selecionado, totalizando seis encontros: três no segundo semestre de 2019 e três no ano de 2021, cada visita contando de duas a quatro horas de permanência<sup>17</sup>.

No Programa de História Oral do ArPDF tive acesso a 60 entrevistas de mulheres. Após a leitura de todas elas, foram selecionadas 40 entrevistas que continham potenciais narrativas sobre suas histórias de vida. Depois dessa primeira seleção passei a ter um olhar mais focado não só às narrativas presentes nas entrevistas que tinham um bom potencial para cena, mas àquelas narrativas que dialogavam com os meus interesses de pesquisa, como aquelas sobre mulheres; textos que trazem a mulher como protagonista das suas histórias; histórias que não trazem demarcado o tempo histórico ou mínimas referências sobre datas; relatos de mulheres periféricas; ausência de referência ao patriarcado. Com base nestes critérios apenas 10 entrevistas tinham narrativas que preenchiam todos os quesitos. Essas entrevistas já previamente organizadas como narrativas estarão disponíveis no Apêndice C deste trabalho.

---

<sup>17</sup> No ano de 2020 as visitas presenciais foram suspensas conforme decreto nº 40509 de 11 março de 2020 Diário Oficial do Distrito Federal (BRASÍLIA, DOF, 2020).

Essa seleção de material com atenção aos pré-requisitos de classificação destacados acima, foi relevante para perceber que mesmo em um órgão institucional que tem como meta preservar a memória de participação do povo comum no processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, como é o caso do ArPDF, o reduzido número de material sobre mulheres que vieram para cá no processo de transferência da Capital para o Centro-Oeste que aponte o protagonismo feminino – dissociado do discurso patriarcal que as coloca como ajudadoras e apoiadoras dos homens, sugere que o modelo de dominação masculina constante nos anais da história oficial também se faz presente nas escolhas dos registros de Arquivo Público das Histórias Orais.

Ainda sobre as entrevistas e histórias orais, Elias Manoel da Silva diz serem de extrema importância como fonte de estudo, tendo em vista que documentos oficiais jamais poderiam transmitir as personalidades, paixões e pensamentos dos atores históricos como eles próprios.

Sobre a importância do compartilhamento da memória oral, Silva e Rodrigues observam:

Nesse sentido, a memória narrativa a respeito de uma localidade ou região se torna, por meio da história oral, uma importantíssima fonte porque nasce do contexto vital do entrevistado, cujas memórias estão ligadas à rotina de sua vivência naquele ambiente e, portanto, traz à tona elementos que dificilmente os documentos escritos ofereceriam ao historiador (SILVA; RODRIGUES *et al*, 2018).

Por isso, neste trabalho vamos utilizar as entrevistas como matéria prima para a construção da vídeo-narrativa e, também, para problematizar os silenciamentos femininos durante o período da construção e consolidação da Capital Federal e do DF, bem como para verificar de que forma este silêncio reverbera na sociedade atual.

Assim, foram apresentados nesta pesquisa e na vídeo-narrativa problematizações a respeito do mito da história única sobre a construção de Brasília e do Distrito Federal, bem como questionamentos sobre o apagamento histórico do protagonismo de mulheres durante este processo.

#### **4.2 Entre pegadas e pistas: Abordagem Pragmática no trânsito entre registros gráficos de entrevistas à experiência de produção de vídeo-narrativa**

Como já dito anteriormente em diversos momentos dessa pesquisa, a experiência narrativa exige tanto do narrador ou narradora quanto dos ouvintes uma série de fatores para

que ela aconteça de forma eficaz. O tempo dilatado, a disposição de ouvir, o foco no presente, o desejo de contar uma história entre outros são essenciais para a narrativa. Nesse sentido, enquanto narradora, o que mais me desafia nessa experiência é a sua possibilidade de ir além do que a informação crua pode ir. Me interessa saber: como é possível buscar formas de narrar uma experiência que vá além de seu sentido semântico e sintático e possa gerar em quem escuta tensionamentos, reflexões e aproximações sobre o que está sendo narrado? Qual a forma mais eficaz de narrar histórias de mulheres que fizeram parte da construção da Capital Federal lhes dando o devido reconhecimento nesse processo e ressaltando suas subjetividades?

Neste tópico é apresentada, como metodologia de treinamento de atuação e análise de textos, a Abordagem Pragmática, apoiada nos estudos do filósofo analítico inglês John Langshaw Austin (1911-1960)<sup>18</sup>, e a Microatuação, uma técnica utilizada a partir da Abordagem Pragmática que começou a ser desenvolvida por Silvia Adriana Davini (1957-2011)<sup>19</sup>, atriz, cantora e diretora. Posteriormente, ambas as técnicas foram aprofundadas por Sulian Vieira. Ressalto que os apontamentos feitos relacionados à metodologia utilizada neste trabalho serão baseados de forma mais direta a partir dos estudos de Vieira e do grupo Vocalidade & Cena, tendo como referência o desenvolvimento de minha trajetória enquanto atriz e pesquisadora em conjunto à referida autora.

Nesta perspectiva metodológica Vieira propõe discutir as noções de limites instrumentais e orgânicos relativas ao corpo dos atores, abordando conceitos sobre corpo em performance e voz e palavra como produções corporais situadas na intersecção entre as dimensões visual e acústica da cena (VIEIRA, 2009).

Sobre os escritos de Austin, Vieira chama atenção para como o autor questiona a dimensão significativa que a ciência linguística quer impor ao ato da fala, à ação. Para Austin, segundo a autora, não é possível pensar na linguagem de forma compartimentada, institucionalizada, apenas a partir de seus significados sintáticos e semânticos.

---

<sup>18</sup> J. L. Austin nasceu em Lancaster (1911-1960). Professor de filosofia, publicou pouco de seu trabalho filosófico durante sua breve vida (48 anos). Estudantes compilaram seus escritos e conferências em livros que foram publicados após sua morte (1960): “*Philosophical Papers*” (1961); “*Sense and Sensibilia*” (1962) e, inclusive, “*How to do things with words*” (1962). Em 1956, explicou e ilustrou seu método de abordagem de itens filosóficos, em que primeiramente analisava as sutilezas da linguagem ordinária.

<sup>19</sup> Doutora em Teatro pela *University of London, Queen Mary and Westfield College* e graduada em Música com especialidade em Canto pelo Conservatório Municipal de Buenos Aires. Em 1990 Davini passou a integrar o corpo docente do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da UnB, em 2003 ela fundou o grupo de pesquisa Vocalidade & Cena no contexto do qual desenvolveu pesquisas estéticas e conceituais até 2011, ano em que faleceu (VIEIRA, 2013, p.13).

Ao invés das estratégias exclusivamente provenientes de análises com forte acento na dimensão do significado dos textos teatrais, pouco eficazes para compreender o texto teatral ou o fenômeno da vocalidade na cena, o conceito de “atos de fala”, de Austin, constitui-se em valiosa instância de abordagem do fenômeno cênico. Se do ponto de vista pragmático, os enunciados não somente declaram coisas, mas constituem ações em si, a definição deles como verdadeiros ou falsos perde o seu sentido, pois uma ação não pode ser definida como verdadeira ou falsa, mas por sua eficácia circunstancial (AUSTIN, 1990, p. 21-28, *apud* VIEIRA, 2013, p. 25).

Na citação acima, Vieira chama atenção para os escritos de Austin que passam a considerar a palavra como ação. Neste sentido a autora problematiza o conceito de verdade em cena e abre caminhos para a discussão para que, no campo das artes cênicas, seja possível analisar a potência da cena, neste caso da narrativa, a partir de sua eficácia em cena e não de uma dimensão verdadeira ou falsa.

Portanto, nesta pesquisa, utilizaremos os objetivos gerais da pesquisa para analisar os aspectos do trabalho estético apresentado, observando sua eficácia e quais fundamentos podem ser melhorados na vídeo-narrativa.

Outra questão importante sobre os estudos de Austin que deve ser relevada nessa pesquisa é o entendimento de que as sentenças vão muito além do seu significado sintático e semântico. Segundo Vieira, para o autor a fala deve ser abordada também a partir do contexto em que está inserida, observando inclusive que a partir da fala o sujeito estabelece relações de poder no contexto inserido.

Abordar pragmaticamente a palavra em cena habilita uma redefinição conceitual categórica do nosso objeto de pesquisa, pois para este tipo de abordagem o significado não reside no conteúdo semântico ou representacional da linguagem, mas na posição assumida pela palavra em uma relação de poder em um contexto dado (AUSTIN, 1990, p. 12, *apud* VIEIRA, 2013, p. 26).

Sobre as proposições de Austin, outro autor que discute o assunto é Paulo Ottoni (2002, p. 128):

O *ato de fala* é composto de três partes, três atos simultâneos: um *ato locucionário*, que produz tanto os sons pertencentes a um vocabulário quanto a articulação entre a sintaxe e a semântica, lugar em que se dá a significação no sentido tradicional; um *ato ilocucionário*, que é o ato de realização de uma ação através de um enunciado, por exemplo, o *ato de promessa*, que pode ser realizado por um enunciado que se inicie por *eu prometo...*, ou por outra realização; por último, um *ato perlocucionário*, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor. Através destes três atos, Austin faz a distinção entre *sentido* e *força*, já que o *ato locucionário* é a produção de *sentido* que se opõe à *força* do *ato ilocucionário*; estes dois se distinguem do *ato perlocucionário*, que é a produção de um *efeito* sobre o interlocutor. Neste breve resumo das distinções no interior do *ato de fala*, podemos perceber que a questão da referência é tratada de modo bastante diferente da noção mais tradicional que produz uma relação biunívoca entre linguagem e mundo. Posso dizer *eu prometo...* e produzir, consciente ou

inconsciente, por exemplo, uma ameaça; ou seja, não há mais lugar para fazer uma distinção entre sentido e significado das palavras quando se trata da performatividade.

É possível inferir que o conceito fundamental para a compreensão dos Atos de Fala seja a ação, o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação. A produção de linguagem por meio da palavra emancipa-se, pela perspectiva pragmática, da dicotomia e abstração da relação entre significado/significante e integra o contexto e as relações de poder dentro das quais fala e escuta acontecem. Podemos falar então de uma “visão performativa, na qual o sujeito não pode se desvincular de seu objeto fala e, conseqüentemente, não é possível analisar este objeto fala desvinculado do sujeito” (OTTONI, 2002, p. 128).

Avalio, segundo proposto por Ottoni (2002) e Vieira (2013, 2014), que Austin rompe com as distinções positivistas de ação/fala, tempo/história e entre linguagem e corpo, sujeito e objeto. Ao discutir ao mesmo tempo a linguagem humana e o humano, ele apontou que a linguagem não é uma abstração distanciada da materialidade histórica e sensorial dos corpos humanos e, conseqüentemente do contexto em que está inserida socialmente, que na perspectiva performática o corpo e a linguagem se fundem.

As proposições de Austin sustentam o interesse de Vieira (2014) em revisitar debates sobre cena teatral, performance, voz, texto, corpo e atuação teatral, apresentando a proposta de “estratégias para situar o texto teatral, nem no centro e nem distante da cena, mas como evidência dela, propondo formas de redimensionar a palavra em cena como ato” (VIEIRA, 2014, p. 57).

O trabalho de Vieira (2014) relacionado à produção de voz e palavra na atuação da voz, da palavra e da atuação é desenvolvido a partir das ideias e proposições iniciais de Davini (1990, 1995) com a Técnica de Microatuação. A Técnica de Microatuação se configura “como instrumento de análise de fenômenos corporais presentes na produção de um texto teatral em cena, no qual os próprios meios de reprodução de som e de imagem são integrados na abordagem do texto para performance” (DAVINI, 2002, p. 72, *apud* VIEIRA, 2016).

De acordo com Davini segundo Vieira (2016), a Microatuação compreende as diferenças de olhar, gestos mínimos que não podem ser diretamente percebidos pela plateia “mas que podem ser definitivos para a eficácia da cena em suas sutilezas cinéticas e acústicas” (DAVINI, 1998, p. 42, *apud* VIEIRA, 2016, p. 12).

Inspirada nas proposições de Austin (1990), Davini (1990, 1995) e Vieira (2014), esta pesquisa sugere o desenvolvimento de um trabalho vídeo-narrativo, que visa registrar e potencializar reflexões sobre narrativas femininas em perspectiva de protagonismo histórico sobre a construção de consolidação de Brasília e do Distrito Federal, em oposição ao versado

nos textos das histórias oficiais. Mesmo que de modo breve, trago a Abordagem Pragmática de texto teatrais e a Técnica de Microatuação: da letra à voz e a palavra em performance, proposta como metodologia assertiva para o trabalho no campo empírico.

A Abordagem Pragmática na perspectiva trazida por Vieira estuda o texto não só pelo que traz em sentido semântico e sintático, mas busca também identificar pegadas, pistas em diferentes níveis de sentido no texto escrito, como possibilidade de gerar significados e sentidos múltiplos e complexos para quem tem a narrativa desenvolvida sobre a temática do texto (VIEIRA, 2014).

Neste sentido, a partir dos estudos propostos por Vieira em conjunto com o grupo Vocalidade & Cena, nesta pesquisa a Abordagem Pragmática foi utilizada como metodologia de análise de texto para alcançar os objetivos desta pesquisa de potencializar memórias de mulheres invisibilizadas durante o período da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal por meio da vídeo-narrativa, favorecendo a geração ao público de novos significados e sentidos em oposição ao mito da história oficial.

Segundo os estudos propostos pelo grupo Vocalidade & Cena, a palavra em cena potencializa a constituição de diferentes processos psíquicos, físicos e afetivos, tanto no corpo de quem produz como no corpo de quem escuta. Tais experiências vão para além da leitura de um texto escrito, pois “trata de um acontecimento em tempo e espaço que envolve integralmente todas as formas de expressão e percepção de corpos de atores, atrizes e plateia” (VIEIRA, 2014 p. 58) respectivamente, e não encontra equivalência na escrita apesar de ambas se influenciarem mutuamente.

Portanto o trabalho do V&C, proposto inicialmente para a abordagem de textos teatrais, tem sido aplicado ao trabalho com a performance de narrativas e tem como objetivo final produzir sentidos com grau maior de complexidade que o movimento, uma vez que a vocalidade é concebida aqui como decorrência da unidade entre voz e palavra, por um grupo social em um dado contexto coletivo e histórico, em relação exponencialmente dinâmica. Sendo isso o que permite ao espectador manter o interesse e constituir sentidos na cena em variadas intenções e atitudes (DAVINI, 2002, *apud* VIEIRA, 2014). Deste modo, não se concebe a atuação como reprodução, interpretação ou representação, mas como constante atualização e produção.

A partir dos estudos do grupo Vocalidade & Cena, nesta pesquisa as intenções são consideradas o objetivo de sentença, enquanto a atitude é a forma como esse objetivo será proferido. A intenção (objetivo) é definida sempre por um verbo, enquanto a atitude (a forma de proferir) é definida por um advérbio. No Apêndice C desta pesquisa a narrativa *História das*

*Bonecas – Com maior carinho, maior amor*, está separada em blocos de sentido, para uma melhor exemplificação do uso da metodologia.

A personagem por sua vez é concebida neste arcabouço metodológico como “modo” ou “lugar de fala” isto é, não só pela fala, mas também pelo como e sobre o que fala e, ainda, pela perspectiva de poder dialogar com a multiplicidade de noção de personagens. Deste modo a personagem não é vista como um ser psíquico individual, mas como representação de um contingente de seu grupo de origem ou ficção a qual pertence (VIEIRA, 2014).

É necessário destacar que nesta pesquisa não será trabalhado o conceito de um personagem em si, mas a ideia de uma narradora que se apresenta como “lugar de fala” para contar uma narrativa baseada na história de uma mulher que viveu em processo dialético todo o tensionamento e potencialidades que envolveram a construção e consolidação de Brasília e do DF.

#### **4.2.1 A potencialização da narrativa a partir da Abordagem Pragmática**

O teatro e a narrativa são compreendidos como formas performativas por meio das quais quem atua pode assumir posicionamentos diante do mundo e das complexas problemáticas que emergem das tensões e conflitos do cotidiano social, uma vez que se realizam no tempo e no espaço de dada esfera político-social. Contudo, enquanto o teatro, de modo genérico, prioriza o desenvolvimento de ações através de um ou mais personagens, a narrativa traz como foco o relato de tais ações, levando as demais dimensões sensoriais da performance (visão, tato, paladar, olfato) às suscetíveis imaginações de quem a presencia.

Vieira e Lignelli (2018) observam que as práticas tradicionalmente dramáticas tendem a favorecer diferentes graus de introspecção podendo provocar a identificação emocional entre as personagens e a plateia. Por outro lado, consideram que as práticas narrativas sugerem a quem narra diversos níveis de atuação que podem variar entre personagens, com falas no presente, a estados de presença variados. Este trânsito constante por diversos níveis de atuação não favorece a introspecção e pode manter, por sua vez, a plateia com maior disponibilidade reflexiva, pela manutenção da ciência de que ela está diante de uma ficção.

Para ambos os autores, enquanto o teatro se volta para realização de ações envolvendo um ou mais personagens, a narrativa propõe uma única voz narradora. Isto impõe aos atores e atrizes transitarem intensamente por diversos estados de presença, indo desde o maior grau de introspecção, no qual se ignora a presença do público, até a extroversão na relação direta com o

público. Trata-se pois de um desafio, a experiência cênica que agrega possibilidades às diversas formas de atualização do texto, relacionadas aos objetivos pré-estabelecidos da cena – neste caso da narrativa, que visam uma melhor eficácia da voz e palavra em performance.

Neste sentido compreende-se que a artesanania do ato de narrar pode estar no fato de o narrador evitar as explicações sobre sua fala (BENJAMIN, 2012), o que oportuniza ao episódio narrado assumir uma amplitude que não existe, por exemplo, na informação, uma vez que a plateia individualmente pode interpretar a narrativa como desejar, de acordo com o sentido que ela lhe produz. O ensaísta reconhece como aspectos basilares da prática de narrar que “[...] a relação ingênua entre ouvinte e narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (BENJAMIN, 1994, p. 210). A narrativa escapa às explicações, mas nos remete à própria experiência no tempo e no espaço ficcional da narrativa e, não exclusivamente, aos significados e sentidos que ela revela.

Por esta razão, diretores e atores que trabalham com a metodologia da Abordagem Pragmática de textos teatrais para potencialização da dimensão performativa da palavra em cena, observam a forma ou os modos por meio dos quais é narrada uma história, que emancipa-se diante do conteúdo “produzindo diferentes sentidos na percepção dos ouvintes que conservarão, em suas singularidades, as reminiscências da experiência espacial e temporal vivida durante uma narrativa” (VIEIRA; LIGNELLI, 2018, p. 6).

Portanto, a utilização do gênero narrativo como opção estética, aliada à metodologia da Abordagem Pragmática para potencialização do material escrito para o treinamento das narradoras no desenvolvimento prático desse exercício de pesquisa cênico, se justifica pela significância que as práticas narrativas podem assumir na formação de atores e atrizes. O engajamento dos corpos de narradores e narradoras em performance tangenciam às múltiplas condições de plasticidade acústica da voz e da palavra dialogando, simultaneamente, não só com estética, mas com aspectos culturais e históricos tensionadores do social, ao mesmo tempo que podem favorecer à plateia múltiplas reflexões sobre a realidade de modo atemporal.

Considerando o conceito de narrativa apresentado por Vieira e Lignelli (2014) como “uma maneira de relatar fatos, apresentando-os temporal e espacialmente em linguagem verbal, atualizada na palavra e nos movimentos que as antecedem e sucedem, transformando-se em gestos”, propõe-se aqui a Abordagem Pragmática como recurso metodológico que agrega aos estudos sobre a voz, a palavra e o teatro, aspectos antes negligenciados como: o valor das entonações, das atitudes, das intenções e a performance da linguagem verbal. Na Abordagem Pragmática a linguagem é compreendida também como forma de ação e não somente descrição

do real, e o significado reside na posição assumida pela palavra em uma relação de poder em um dado contexto (AUSTIN, 1990, *apud* VIEIRA, 2014).

Sobre isso Vieira e Lignelli (2018, p. 11) tecem as seguintes considerações:

Nesse contexto, é fundamental investirmos em metodologias e estratégias que assegurem o traço mais marcante da presença da narrativa hoje, sendo este o compartilhamento de experiências entre narradores e público. Por outro lado, para quem narra, a experiência expandida por meio do investimento nas atitudes e nos parâmetros do som pode garantir que a inexorável verbalidade abrirá frestas aos demais sentidos, dando lugar à narrativa como uma experiência sensorial e não informacional.

Dessa perspectiva, consideramos a narrativa como um modo de revalorizar a concepção do homem em sua historicidade, consciente de sua memória, de suas relações com o presente e, possivelmente, ciente de suas possibilidades de intervenção nas práticas sociais. Entendemos, assim que a prática da narrativa pode reativar os vínculos com o imaginário coletivo e, simultaneamente, enquanto prática performática, ser um potente modo de retomar a intimidade da relação entre narradores e público, por meio da relação “olho no olho” ou “boca e ouvido” que nos remetem à vocação humana de viver coletivamente.

Adotar a Abordagem Pragmática como recurso metodológico para o desenvolvimento de um texto em cena teatral, um texto oral, pressupõe então a seleção do material, uma atenção notadamente especial ao conteúdo do texto com uma leitura cuidadosa do material textual. Requer atenção focada na forma do material a ser performado, objetivando identificar pegadas para o desenvolvimento de uma performance personalizada, que permita o fluir de diferentes e diversas camadas de sentidos e em como estes sentidos se consolidam no tempo e no espaço da cena. Exatamente por isso Vieira e Lignelli (2018, p. 8) propõem que se busque para “o trabalho com narrativas, além de exercitar a emancipação do que costumamos entender como forma em relação à noção de conteúdo, considerar a relevância da experiência coletiva na narrativa”.

#### **4.2.2 Palavra em Performance: sem o desejo o que acontece é só acaso**

Antes de explorarmos a Abordagem Pragmática e a Técnica de Microatuação, entendo ser importante inteirar quem lê sobre como cheguei até essa técnica para o treinamento de atuação que, entre outros objetivos, subsidia o trabalho de preparação para o ensaio que propõe a relação mais produtiva entre atores e atrizes, texto teatral e a palavra em cena. Inicialmente, fiquei inquieta com esta citação: Tentem perceber nas palavras o sentido que elas têm quando (e como) soem quando vocês imaginam que deve soar (porque sem imaginar o som, não há DESEJO de som. E, sem desejo, o que de fato se consiga realizar será mera casualidade) (Davini, 1995, *apud* Vieira 2014, p. 53).

A sonoridade e a poética desta frase de Davini, lidas pela professora Sulian Vieira em uma aula da disciplina curricular Palavra em Performance (2014) do Curso de graduação em Artes

Cênicas da UnB, chamaram mais a minha atenção do que especificamente o seu significado. Ou seja, a forma como foi lida, a sonoridade das palavras, foi capaz de gerar sentidos complexos ao meu imaginário. Após esse primeiro momento busquei entender um pouco mais sobre o significado desta citação. Para isso, comecei pelo “desejo”, palavra que mais havia me chamado atenção.

O conceito de desejo que tanto me interessou foi ampliado pela visão de Suely Rolnik (2007). Para Rolnik o desejo é considerado como “produção de universos psicossociais, [...] criação de mundo, [...] movimento de afetos e de simulação desses afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos” (ROLNIK, 2007, p. 36). Ou seja, o desejo que precede a palavra em cena é a chave ou um constituinte de potência para que ator ou atriz e o público consigam, a partir das experiências vivenciadas de cena, criar novas realidades, mundos, significados que surgem desse contato entre palco e plateia. Tal definição é usada para balizar as pesquisas de Vieira com a Técnica de Microatuação.

A definição de Rolnik (2007) conecta-se com o trabalho de treinamento das narradoras nesta pesquisa, quando aliamos entendimento do desejo às definições de voz de Davini (2002), onde podemos perceber a potência do desejo para o treinamento de atores e atrizes, narradores e narradoras. Para Davini (2002, p. 60), a voz é “uma produção corporal capaz de produzir sentidos complexos, controláveis na cena”, e propõe pensar a voz em cena para além da visão hegemônica da voz como um instrumento. Ou seja, segundo a autora a noção de voz como instrumento implica em certa cisão entre quem performa e a sua voz, assumindo assim como algo a ser utilizado pelo sujeito da performance. Neste sentido a voz assumiria uma função, na maioria das vezes, com ênfase em comunicar algo.

Apoiada nas proposições de Rolnik (2007) e Davini (2002), assumo nesta pesquisa a voz e a palavra como produções corporais e o desejo de dizer, falar, ou vocalizar buscando ampliar a possibilidade de afetos entre diferentes corpos, a partir de narrativas baseadas em histórias de mulheres que fizeram parte da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

Esses conceitos são considerados fundamentais para o entendimento e aplicabilidade da metodologia de Abordagem Pragmática dos textos teatrais e da Técnica de Microatuação para o trabalho de treinamento de atores.

#### **4.2.3 Desejo e Microatuação – universos perceptivos, imaginários e simbólicos modificados**

Para Vieira (2009, 2014, 2016) e Davini (2002) a Técnica de Microatuação pode ser definida como instrumento de análise dos fenômenos corporais presentes na produção de um texto em cena, nos quais os próprios meios de reprodução de imagem e de som se integram ao texto em performance, constando-se de quatro etapas independentes:

Zoom – definição em Análise Pragmática das cenas-chave; Intervenção – dissociação de instâncias do momento verbal com o auxílio de equipamentos de reprodução de som e imagem; Decomposição – análise da dissociação de instâncias do momento verbal registrado em vídeo; Ensaio e Performance: implementação de procedimentos para cena (DAVINI, 2002, p. 71, *apud* VIEIRA 2016, p. 8)

As etapas que Davini (2002) apresenta possuem valor agregador a esta pesquisa pois por meio do “registro em áudio” é possível que os narradores criem uma relação imagética com o texto o decorem de forma auditiva. Na fase “zoom” é possível que o grupo de trabalho assista aos registros, fazendo uma análise coletiva do processo, sendo capaz de perceber se as formas de atualização são as mais adequadas para o objetivo da performance, dando um caráter mais democrático ao trabalho, uma vez que é possível que as atrizes se vejam em cena e possam se posicionar criticamente diante da qualidade de suas performances. O “registro final” fica sendo necessário não como encerramento do processo, mas como parte fundamental, pois a partir dele podemos perceber se há diferenças nas narrações feitas durante os “ensaios” e durante a performance com a presença do público. Além de analisar como as escolhas estéticas chegaram até a plateia.

Avalio que o processo proposto por Davini parte do entendimento de que atuar a partir de uma personagem ou como narradora que flutua entre a identificação e o distanciamento se trata de, como diz Benjamin (2009, 2012), uma forma de se colocar no mundo. Pois segundo Vieira (2014), Davini, como já mencionado anteriormente, compreende a personagem como “lugar de fala” concebida não só pela fala, mas também pelo como e sobre o que fala.

Trazendo essa fala para o contexto desta pesquisa, considero que entender o narrador ou narradora como “lugar de fala” pressupõe compreender as complexidades que as mulheres que vieram a Brasília durante o período de construção e consolidação da cidade viveram, a fim de tornar presente suas ações no passado e questionar estruturas que silenciam protagonismos femininos.

Neste sentido, posso inferir que ao se apresentar como narradora, ser “lugar de fala” é também se colocar como ponte entre o passado e o futuro para que as meninas e mulheres de outras gerações tenham acesso a essas existências potentes que fundaram a Capital Federal.

Apoiada nos estudos de Vieira (2014) e Davini (2002), utilizo a Microatuação como técnica para treinamento de atuação pois acredito em sua potência. Entendo o desejo (ROLNIK,

2007) como busca de experiência materializada em vídeo-narrativa que pode ser capaz de gerar sentidos múltiplos e complexos a partir da voz e da palavra, tanto em quem narra quanto em quem escuta. Seguindo essa mesma linha de pensamento, ao se perceber enquanto “lugar de fala” torna-se possível ao ator ou atriz um afastamento de abordagens introspectivas, abrindo espaço para o trabalho com as potencialidades da voz através das palavras-chave, atitudes e parâmetros do som, como aponta Vieira (2014). Diante disto é possível dar a devida atenção também às multiplicidades dispostas no texto teatral, neste caso nos relatos de mulheres que participaram da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

Ainda de acordo com Vieira (2014, 2016), para Davini (1998) os aspectos metodológicos da Microatuação compreendem nuances sensíveis do ator ou atriz: gestos mínimos, olhares que não são diretamente percebidos pela plateia, mas que garantem a eficácia da cena. Contudo há que se ressaltar que a própria Microatuação pode ser suprimida pela atividade fonatória que a cena demanda, uma vez que “a atividade fonatória, somada a atuação de clichês, bloqueia a manifestação de gestualidade sutil e do olhar como articuladores da palavra em cena (DAVINI, 2002, p. 72 *apud* VIEIRA, 2016, p. 12).

Outro aspecto importante destacado por Vieira (2014, 2016) quando se pensa em Técnica de Microatuação, é compreender que o trabalho técnico permite abrir as potencialidades corporais dos atores e atrizes para uma variada gama de estética. Neste sentido o treinamento evita a reprodução estética por assumir seu lugar enquanto flexibilizador dos materiais dos atores possibilitando a estes trilharem novos caminhos estéticos. Assim, para Vieira, estes dois caminhos andam de mãos dadas, uma vez que se o treinamento é situado na dimensão técnica, a performance se posiciona na dimensão estética, e os ensaios encontram-se na linha interseccional entre técnica (treinamento) e estética (performance) e como via de mão dupla.

Portanto, as fases acima descritas devem ser registradas em vídeo para análise posterior. O vídeo permite aos atores e atrizes se verem e se escutarem de modo a reconhecerem a eficácia de aspectos do trabalho desejados e planejados que foram alcançados, além de permitir a auto-observação que favorece, sem dúvidas, a autonomia dos atores ao longo de processo de ensaio e realização da vídeo-narrativa. Outra possibilidade alcançada pelo registro em vídeo são as etapas de intervenção e decomposição, nas quais o(a) diretor(a) pode formular indicações pontuais para atualização da cena-chave. Cabe então à direção do texto teatral sugerir procedimentos de ensaio diante das demandas da cena e desafios que elas propõem aos atores e atrizes.

### **4.3 Abordagem Pragmática e Técnica da Microatuação na perspectiva metodológica proposta pelo grupo Vocalidade & Cena**

Para Vieira (2016), abordar pragmaticamente é considerar o texto antes do que ele significa, ou seja, considerar suas potencialidades estéticas junto a diretores, atores e plateia, sobretudo no que diz respeito à provocação do imaginário dos atores e atrizes em cena, bem como da plateia. Assim a Abordagem Pragmática proposta pela autora pressupõe atenção especial a questionamentos sobre a forma como se faz teatro ou a ação cênica, exigindo leitura cuidadosa do texto. Neste caso o foco não está no significado da peça, mas em como o seu sentido se consolida no tempo e no espaço de cena, ou seja, em sua forma.

Estes pontos citados são considerados como sendo de extrema relevância para o trabalho com a Técnica de Microatuação, uma vez que a leitura minuciosa tem como objetivo detectar os personagens, a saber: os funcionais à estrutura da peça em torno dos quais o texto se estrutura. Então a leitura atenta e minuciosa permite, antes de tudo, mapear as cenas-chave referentes as personagens e ao texto teatral de modo geral (VIEIRA; LIGNELLI, 2018).

Vieira (2016) e Davini (2002) consideram como cenas-chave aquelas em que uma determinada personagem se manifesta em toda sua magnitude ou atua no texto de modo a operar transformação drástica em relação ao que havia sido definido a princípio a seu respeito. Como já explicitado anteriormente, nesta abordagem as personagens são pensadas em sua forma mais fluída, na qual o *como* se diz tem mais relevância que o *que* se diz. Assim o conceito de cenas-chave se vincula à noção de tempo cênico como material estruturante da personagem do texto teatral e de todo o restante. Entre uma cena-chave e outra há as cenas-ponte, e é “o trânsito entre elas que delinea parcialmente o tempo cênico” (DAVINI, 2002,).

A próxima fase é o reconhecimento dos blocos de sentidos. Os atores são incentivados a observarem que o sentido em cena se constitui de diferentes atitudes e intenções traduzidas pelo jogo de contrastes entre dinâmicas, timbres, intensidades e frequências, diretamente relacionados ao tônus corporal de quem atua e sua gestualidade cinética. Também se propõe que em cada bloco de sentido os atores busquem as respectivas palavra-chave – grupo de palavras – que indicam e concentram o sentido do texto que se quer transmitir à plateia (DAVINI, 2002, *apud* VIEIRA, 2016, p. 9).

Os atores são estimulados a evitarem ao máximo o contato direto com o texto teatral impresso. Para que o processo ocorra de forma eficaz é necessário que haja memorização do

texto. Entretanto, os atores são estimulados a utilizarem recurso que se apoiam sempre no som como ponto de partida, quer seja na fala como forma de produção, quer na escuta da fala.

#### **4.3.1 Roteiro para abordagem pragmática**

Vieira (2016) propõe um roteiro para realização da Abordagem Pragmática do texto teatral, que consiste em cinco etapas distintas: i) definir a cena; ii) mapear as cenas-chave; iii) trabalhar sobre a dinâmica/movimento da peça; iv) definir o público, plateia, a audiência, os espectadores e v) escolha do personagem que gostaria de atuar (questão individual). Todavia a autora alerta que este não é um molde a ser aplicado a textos teatrais, mas ajuda nos primeiros contatos com os textos teatrais para ensaios e performance. Os resultados decorrentes das ações propostas por este exemplo de roteiro podem auxiliar como mapa que traz em sua análise pontos de referência para o trabalho colaborativo entre quem dirige e atua, permitindo a estes projetarem, planejando e avaliando os procedimentos de ensaio paulatinamente ao que precisam para realização de uma cena com eficiência considerando tempo e espaço.

Considero que a utilização destas metodologias assim como proposto por Vieira (2016), está na realização de um roteiro que oriente o leitor desta dissertação sobre o caminho percorrido desde a seleção das entrevistas que foram matéria-prima para a construção da narrativa, até o processo criativo para a realização da vídeo-narrativa, como exercício narrativo que é um dos objetivos desse trabalho de pesquisa.

#### **4.3.2 Vídeo-narrativas, o teatro em áudio e vídeo: de Walter Benjamin a Eduardo Coutinho**

Ao analisar o papel desempenhado na adaptação e construção de textos narrativos, o pensamento de Walter Benjamin se mostra fundamental para compreender as transformações dos valores estéticos na modernidade.

As técnicas de reprodução – imagem, áudio e vídeo – inventadas nos séculos XIX e XX tiveram início com a fotografia, evoluindo para o cinema e suas maravilhas tal como conhecemos hoje. Portanto as proposições de Walter Benjamin nos permitem compreender que a tecnologia tem influência direta na transformação e criação de valores estéticos, sendo estes balizadores dos eixos em torno dos quais se dão a produção e a crítica dos fenômenos estéticos.

Neste sentido, pode-se afirmar que a fotografia e o cinema trouxeram novos elementos, novas questões, cujas ondas de radicalidade têm se propagado até aos nossos dias. "[...] A mais exata das técnicas é capaz de dar um valor mágico às suas realizações, um valor que um quadro pintado nunca mais terá para nós" (BENJAMIN, 2006, p. 246). Em seu texto Benjamin ressalta a diferença entre técnica e magia, enquanto variável totalmente histórica, deixa em aberto a possibilidade de outras variações exemplares, propondo a exploração do inconsciente óptico que revela e alarga o nosso mundo perceptivo, características fundamentais em torno das quais se formam os valores estéticos ligados à imagem fotográfica em movimento, à vídeo-imagem.

Só um observador superficial pode negar que haja correspondências entre o mundo da técnica moderna e o mundo arcaico dos símbolos da mitologia. Inicialmente, sem dúvida, a nova técnica parece ser somente isso. Mas logo com a primeira lembrança de infância ela muda os seus traços. Cada infância realiza qualquer coisa de grande, de insubstituível para a humanidade. Pelo seu interesse nos fenômenos técnicos, pela curiosidade relativa a todo o tipo de invenções e de máquinas, cada infância liga os avanços da técnica aos antigos mundos dos símbolos. Não há nada na natureza que à partida esteja excluído dessa ligação. Contudo ela não se forma na aura da novidade, mas sim na do hábito. Em recordação, infância e sonho. (BENJAMIN, 1991, p. 576).

Trago aqui as palavras de Benjamin (1991) pois reconheço nelas a minha proposta com este trabalho de pesquisa, nas quais compreendo as contradições dialéticas que as narrativas associadas a técnica de vídeo-narrativas estabelecem ao mesmo tempo que favorecem um campo de tensões que, se por um lado destrói a nossa percepção tradicional de vida e experiência (Erfahrung), por outro acentua a experiência vivida (Erlebnis). Os fatos assim podem ser lembrados, exercitados em diferentes contextos tecnológicos, acentuando a dimensão de presente que não se esgota na novidade, e nem na história. Sendo este presente ato contínuo e transversal à experiência humana que encontra terreno privilegiado na atuação (BENJAMIN, 2012).

Um autor e diretor contemporâneo que com maestria se apropriou da estética da vídeo-narrativa foi Eduardo Coutinho. Em *Jogo de Cena* (2007), pode-se perceber elementos que corroboraram para a adoção desse novo pensamento do que significa fazer o cinema narrativo – o documentário. Ao invés de identificarem os índices de uma realidade já vivida, as imagens do filme de Coutinho se “comportam como flechas, que apontam para o vir a ser do mundo, inseparáveis das ideias de ação, intervenção e invenção” (COSTA, 2014), possibilitadas pela

intromissão de uma potência do falso. Em seu trabalho o Coutinho conduz o “jogo” de representação, assinalando o uso da entrevista, que pode convidar mais ou menos a presença da narrativa a medida em que as perguntas guiem a pessoa entrevistada a relatar experiências, como característica fundamental do cinema-verdade. A narrativa utilizada por Coutinho é então elemento propulsor em que os personagens ficionam suas próprias experiências, assim como as vivências de outros personagens (COSTA, 2014).

A inovação proposta por Eduardo Coutinho em seu filme *Jogo de Cena* foi objeto de interesse das pesquisas de Lins (2004) e Lins e Mesquita (2008, p.78):

O filme nos coloca novamente diante de pessoas contando histórias de vida ao cineasta, no estilo minimalista que marca a obra de Coutinho [...]. Só que, desta vez, são todas mulheres, e o que as une é o fato de terem atendido a um anúncio nos classificados de um jornal carioca convidando-as a participar de um documentário.

Este tornou-se ponto importante para a minha opção pela montagem de experiência cênica ancorada na vídeo-narrativa. O filme de Eduardo Coutinho mostra, em primeiro plano, personagens reais, interpretados por mulheres comuns, que falam de suas próprias vidas. Em segundo plano, temos as atrizes profissionais que representam as histórias contadas pelas mulheres comuns.

Com base nesta pesquisa coloco a minha mãe, que não tem formação teatral aprofundada, em primeiro plano, trazendo junto comigo, uma atriz formada em teatro, a narrativa adaptada de uma outra pessoa; buscando investigar quais potencialidades essa relação pode agregar para o objetivo estético. Outra questão que também será investigada é relação familiar entre as narradoras. Qual a percepção do público que não sabe que são mãe e filha atualizando a mesma história? As pessoas que conhecem o vínculo familiar existente entre as narradoras percebem outros sentidos gerados por meio da vídeo-narrativa?

Além disso, destaco que no sentido atribuído à performance, o trabalho de Coutinho está não na atuação performática, mas nas histórias de mulheres reais que dividem a cena com a encenação da atriz, “que ora representam as histórias das personagens reais e ora contam suas próprias histórias. Ou representam suas próprias histórias ao contarem histórias de pessoas reais” (DINIZ, 2011, p. 123, *apud* COSTA, 2014, p. 4).

Entretanto, a proposta da vídeo-narrativa inspirada no trabalho de Coutinho não é conduzir a plateia a questionar os limites da realidade. Desenvolver um “jogo de cena”, em que o público não sabe o que se refere a encenação e o que constitui a representação, mesmo que

porventura isso possa ocorrer. Pois apesar de ambas as narradoras atualizarem a narrativa em primeira pessoa não há, por exemplo, uma maquiagem cênica para envelhecer a narradora mais jovem ou outra caracterização fiel à Meiry. O que é apresentado são duas narradoras, com características físicas visivelmente diferentes contando a mesma história. Se colocando, como já dito anteriormente, como “lugar de fala” (DAVINI 2002), afirmando seus posicionamentos diante da realidade para essa narrativa. Nesse sentido, o objetivo da proposta estética é provocar na plateia movimentos de reflexões sobre o protagonismo de mulheres durante o período da construção de Brasília, bem como potencializar outros afetos múltiplos que surjam durante a vídeo-narrativa.

Vale ressaltar que é perfeitamente compreensível que alguém que assista o vídeo tenha esse questionamento inicial de realidade ou ficção, tendo em vista que cada espectador do vídeo possui um entendimento singular da narrativa. Nesta perspectiva de trabalho é preciso balizar a importância tanto das multiplicidades de sentidos das narrativas contadas, quanto a quem elas pertencem, já que um dos objetivos da pesquisa é nomear as mulheres que fizeram parte da construção e consolidação de Brasília e do DF – questionando os silenciamentos de seus protagonismos durante esse período, e não apenas contar suas memórias sem dar o devido crédito a quem viveu aquela experiência.

É possível abrir um diálogo, mesmo que de modo breve, das relações estabelecidas no trabalho de Coutinho, com os escritos de Deleuze sobre realidade e ficção. Ao teorizar as instâncias entre o atual e virtual, Deleuze (1925-1995) nos assegura ser a identidade do personagem real que deve ser quebrada (potência do falso), em favor de sua criação. Por isso optamos na vídeo-narrativa construída seguir a concepção deleuziana na qual os personagens, neste caso narradoras, ao assumirem as histórias de pessoas reais, tornam-se outros, um outro coletivo. Esse tornar-se outro está ligado à identificação pessoal, na qual ao ver ou narrar aquela história o indivíduo sente que, em alguma esfera, aquela narrativa também lhe pertence e não no sentido cênico da palavra, na qual o ator ou atriz se imagina sendo determinado personagem.

Seguindo o pensamento deleuziano, nesta proposta é preciso que a personagem seja primeiro real, para afirmar a ficção não como modelo a ser imitado mas como potência; esta proposição é muito produtiva para abordagens como esta que se dá a partir do acervo de História Oral do Arquivo Público do DF. Sobre a relação de ficção com a realidade, o autor observa ainda que “[...] é preciso que ela comece a falar para se afirmar ainda mais como real, e não como fictícia. A personagem está sempre se tornando outra, e não é mais separável desse devir que se confunde com um povo” (DELEUZE, 2007, p. 18). A ideia do trabalho com o devir

possibilita à cena um fluxo de cena na qual a personagem não fica estereotipada em um único aspecto, mas apresenta diversos movimentos, atitudes e intenções a partir do que está sendo narrado.

Ao propor uma aproximação com o trabalho de Eduardo Coutinho em diálogo com as proposições de Walter Benjamin procuro favorecer que nós, pessoas comuns, nos posicionemos como protagonistas em conduzir “o jogo” da história, dando nova forma aos fatos. A vídeo-narrativa, como nos trabalhos de Coutinho, torna-se elemento propulsor da narrativa, a partir do qual quem atua é induzida a levar as personagens a ressignificarem suas próprias experiências, assim como as vivências de outros personagens e da própria pessoa que está performando.

Nas narrativas encontramos, como defende Vieira (2014, 2016), a potência dos sentidos, nos quais o falso ou verdadeiro se confundem sem limites temporais ou estéticos, possibilitando a personagem e público assumirem vivências e tornarem-se o outro. O resultado dessa combinação pode instituir o jogo que promove o vai e vem da performance, possibilitando a brincadeira com o texto, a realidade, a ficção, o falso, o verdadeiro, o tempo, o espaço, o presente e o passado e com a estética, sem que haja subordinação entre tais elementos.

#### **4.4 A *História das Bonecas*, uma vídeo-narrativa produzida com muito carinho, muito amor**

Para a realização desta etapa foi explorado o texto narrativo *História das Bonecas – com maior carinho, maior amor* baseada na história de Meiry Pires Amorim<sup>20</sup>, adaptado por Bianca Vieira<sup>21</sup> e Jemima Tavares. O caminho desenvolveu-se desde a concepção da questão central, estabelecimento dos objetivos gerais da pesquisa e construção do texto narrativo. Ao me debruçar sobre as narrativas de mulheres coletadas do ArPDF, deparei-me com a diversidade étnico-cultural que constitui a sociedade brasileira. Em comum, a maioria das entrevistas selecionadas trazem a densa carga de identidades subalternizadas e excluídas, em sua maioria afrodescendentes. Todavia o texto adaptado não traz discussões alusivas a questões étnico-

---

<sup>20</sup> Meiry Pires Amorim, nascida no Acre-RO. Feirante e advogada, possui grande importância no processo de consolidação da feira dos importados.

<sup>21</sup> Graduada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Tem como principal área de interesse estudos pela narrativa. <https://www.instagram.com/bianca.s.vieira/>

raciais exatamente por aderir o máximo possível a Abordagem Pragmática, que prevê à plateia gerar sentidos singulares ao ouvir o texto narrado. Assim a menina/mulher que brinca com as bonecas não apresenta cor ou características estéticas definidas, mas preserva sua identidade de gênero feminina e sua origem social, destacando ainda assim as interseccionalidades que dialogam com a grande massa de nossa sociedade.

#### **4.4.1. Texto Selecionado e roteiro adaptado: percurso de construção do texto narrativo**

O acesso às entrevistas de mulheres que de alguma forma participaram do processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal descortinou um universo feminino que eu não conhecia. Lendo o material compreendi o pensamento de Walter Benjamin (1997, p. 95), quando afirma que o “passado nunca está concluído [...] a linguagem é velada como o que passou e futura como silêncio”. Na dimensão do silenciamento histórico dessas mulheres o passado continua a ecoar, configurando-se como presente e futuro inacabado. O ato de fala destas mulheres, guardado em potência nos arquivos da História Oral de Brasília, inaugura o desfralde do mundo masculino que por mais de seis décadas impôs o silêncio ao protagonismo feminino, que por sua vez encerra prenúncios de resistência, de insubmissão para com a lei do patriarcado, não só no contexto geográfico e temático apontados nessa pesquisa, mas que também aponta esse mesmo movimento em outros momentos históricos.

##### **4.4.1.1 Abordagem realizada nas entrevistas de mulheres do Programa de História Oral do ArPDF**

Ao me aprofundar na leitura das entrevistas pude perceber que muitas experiências ali descritas me mobilizavam muito mais enquanto artista e mulher do que o meu entendimento sobre a historiografia da cidade em si. Percebi enfim que as subjetividades dessas mulheres eram muito mais potentes do que narrar qual prédio foi construído primeiro ou qual o significado da arquitetura de monumentos históricos. As memórias que encontrei eram tão potentes que não precisavam estar presas a uma condição temporal para que fossem validadas. Aquelas mulheres tinham e têm histórias próprias, que podem ser contadas para o público de forma que gerem em quem ouve e conta significados diversos como de superação, ressignificação, resiliência e por que não dizer sentidos individuais e subjetivos que passem por aspectos sensoriais?

A leitura atenta de cada entrevista me levou à consciência de outro mundo feminino, de outra história sobre a Brasília com a qual eu não me identificava. Nessa Brasília narrada com sutilezas de detalhes por estas mulheres eu reconheço minha avó, minha mãe, minhas tias e todas as mulheres com as quais convivi e que ainda conhecerei. Percebi que meu desejo maior estava em ouvir detalhes das histórias dessas mulheres, como por exemplo como construíram suas casas, como eram suas relações com os filhos, como foi o percurso de saída de sua terra natal até chegar ao Planalto Central e até mesmo as expressões coloquiais que elas usavam – muitas dessas expressões me remetiam vivências da infância com minha avó materna. Esses detalhes me afetavam diretamente.

Durante vários momentos das leituras eu tentava imaginar o volume da voz das mulheres, a entonação vocal, se tinham algum gesto específico em determinada frase, qual roupa estavam usando, se estavam ansiosas pela entrevista, entre outros. Portanto, o encontro com esse material foi um momento propositalmente demorado dessa pesquisa: por mais de um mês me dediquei a ler apenas essas histórias durante vários períodos do dia. Estar imersa nesse material foi necessário para que pudesse me situar melhor sobre os caminhos a seguir e as possibilidades para a vídeo-narrativa.

A leitura era precedida pelo registro do nome de cada entrevistada e seus dados básicos, para que eu pudesse me localizar melhor na pesquisa posteriormente, além de marcar os trechos da entrevista que eu julguei serem interessantes para serem contados ao público. Outras marcações interessantes que as entrevistas revelavam também foram sublinhadas como possibilidade de serem utilizadas depois, como os grifos de “troca de fita” em que, possivelmente, as entrevistadoras paravam a conversa para trocar a fita cassete e em seguida continuavam a entrevista. Ou por exemplo, como no caso da entrevistada Maria do Rosário Caetano Lopes dos Santos<sup>22</sup>, que em um determinado momento para o diálogo e fala com outra pessoa “Ô Vânia! Não pode interrom...”. A entrevista continua em seguida, do ponto onde elas haviam parado antes do fato, sem qualquer menção à interrupção. Todos esses momentos registrados estão nos anexos (Anexo A) dessa pesquisa. Avalio que essas interferências ou pequenas rubricas das entrevistas possuem um potencial cênico relevante que pode ser usado em performance em outras formas de desenvolvimento do projeto.

---

<sup>22</sup> Nascida em Coromandel-MG em 10 de junho de 1955. Depoimento gravado em Brasília – DF, em 1º de março de 1991, com duração de 1 hora e 35 minutos, degravado em 54 páginas, realizado pelas entrevistadoras Ana Cláudia Corrêa Brandão Gracindo e Marli Guedes da Costa.

Os *insights* sobre possibilidades para o trabalho estético aconteciam à medida em que a leitura do material ia se tornando mais fluída. Uma sensação marcante nesse processo de contato com as entrevistas foi a da manipulação e visualização de um grande volume de material impresso. O meu corpo estava tão conectado à dinâmica com a palavra escrita que, inicialmente, julguei que fosse interessante inserir a escrita na performance. Posteriormente, avalei que a base deste trabalho estava na palavra em performance, não necessariamente na escrita, apesar do meu contato inicial com o material, que viria a ser narrativo, ter sido intensamente tátil e visual.

Depois desse primeiro momento, separei todos os trechos destacados da entrevista, e os classifiquei com títulos para histórias ou temáticas. Algo simples e direto, para que eu pudesse futuramente ter uma noção do que cada trecho tratava. Nesse momento reconheci o segundo desafio da pesquisa: separar trechos de histórias que essas mulheres contavam; dada a diversidade de potencialidade dos diversos temas que foram apresentados em cada uma das entrevistas. Como questões relacionadas a casamento entre famílias; descrição de quando ocorriam as festas do Divino Espírito Santo em Planaltina; a luta por água potável das mulheres da Ceilândia; as experiências de estudantes durante o período da Ditadura Militar; as formas alternativas de diversão encontradas pelas crianças diante da falta de lazer oferecida pelo governo; a relação com a casa de prostituição e as prostitutas à época; os aspectos climáticos da cidade; a memória afetiva que muitas mulheres possuíam quando se lembravam daquele período; a relação com seus filhos; a diversidade de experiências anteriores à chegada ao Distrito Federal e muitas outras.

Uma das possibilidades elencadas foi a ideia de fundir trechos de entrevistas com temáticas que eram próximas em diferentes entrevistas, como produzir uma narrativa com histórias de diversas feirantes, que materializassem a individualidade daquelas mulheres e suas relações com a história do DF. Uma alternativa foi trazer lembranças pessoais que eu possuía sobre a capital e que cabiam no contexto de algumas histórias. Outra possibilidade foi trabalhar com uma escritora que pudesse colaborar com a transformação do material em narrativa. Optei pelas duas últimas, pois avalei como necessária a criação de uma narrativa mais complexa a partir das entrevistas, para que pudesse estar associada ao objetivo geral dessa pesquisa de potencializar memórias de mulheres invisibilizadas durante o período da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

#### **4.4.1.2 Procedimentos para construção do texto narrativo**

Para uma melhor compreensão de quem lê sobre o processo de composição da narrativa, neste momento descrevo as minhas primeiras anotações (Apêndice A) sobre as entrevistadas. Essas anotações foram apresentadas com o intuito de localizar o leitor ou leitora sobre quem foram as mulheres selecionadas a partir das entrevistas pelo ArPDF, pela minha visão. Como se tratava de um material denso e extenso, realizei um resumo apenas das histórias que, naquele momento, julguei que poderiam ser utilizadas como material estético base para performances narrativas, por isso, na descrição em Anexo, algumas mulheres entrevistadas (Anexo A) possuem resumo de suas histórias e outras não.

A seguir apresentarei de forma mais aprofundada a descrição do processo de análise das entrevistas e construção da narrativa escrita que culminaram na produção da vídeo-narrativa

#### **4.4.1.3 Processo de reconhecimento do material narrativo para o exercício da pesquisa**

A seleção do material narrativo foi realizada em três passos distintos: leitura e marcação em papel físico de todas as entrevistas; anotação de todos os nomes de mulheres com trechos que poderiam ser potentes na produção da vídeo-narrativa; primeiros exercícios de construção de diversas narrativas, utilizando canções, memórias pessoais ou junção de entrevistas.

Após este exercício identifiquei a entrevista que me motivou por sua capacidade de redenção e ressignificação: a história de Meiry Pires Amorim. Além disso essa entrevista, especificamente, me remetia aos aspectos interseccionais abordados na pesquisa. No relato, Meiry trazia questões muito subjetivas que ao mesmo tempo remetiam ao desejo de diversas crianças: o sonho de ter um brinquedo, uma família e uma vida digna.

A narrativa foi intitulada *História das Bonecas – com maior carinho, maior amor*. É a história de uma criança nascida em Roraima que vivia em um orfanato e por volta dos 14 anos foi adotada por uma família que a trouxe para Brasília. Segundo o seu relato, logo ao chegar na cidade percebe que não seria filha, como havia sido informada, mas um tipo de empregada doméstica não remunerada que se ocuparia entre os cuidados com afazeres domésticos, o trabalho de babá e, ainda, como “faz tudo” na banca da feira de propriedade da senhora que a adotou.

Essa história logo no início me tensiona, como leitora, por trazer a memória colonialista de experiências vividas por negros escravizados, que foram tirados de sua terra natal para sofrerem os abusos e excessos da exploração de mão de obra escrava. Assim como os negros

de ganho no contexto colonial brasileiro, Meiry tinha que dar conta das tarefas domésticas e ainda contribuir com a renda familiar trabalhando na banca da feira.

Sua entrevista transcorre por detalhes sutis que descrevem a dor e sofrimento que teve que, com muita resiliência, viver. A partir da entrevista de Meiry foi possível reorganizar suas memórias em uma narrativa que proporcionasse aos espectadores uma perspectiva esperançosa para quem toma conhecimento de sua história. Sem mágoas ou ressentimentos ela apresenta aos entrevistadores sua capacidade de superação. A dor e o sofrimento que fizeram parte de sua história não a determinaram, não a imobilizaram. Ela se apega aos seus êxitos, não atribui a qualquer personagem masculino as suas vitórias, não há “heróis” nem “príncipe encantando” resgatando-a das “mãos da bruxa má”. Ela é sua própria heroína, e como tal se reconhece como protagonista de sua história, é assim que decide viver. O passado surge para ela como forma de reviver processos de superação. Por isso, na construção da *História das Bonecas* buscamos marcar o momento em que entendeu que escreveria ela mesma o seu destino, mesmo que houvesse fatores de opressão e apagamento de sua identidade.

Me chamou a atenção a forma sutil e consciente com que Meiry conta sua história, e a sua capacidade de ressignificação da dor. A história de Meiry me tocou também pela semelhança com a história da minha Vó Ana. Assim, conhecer Meiry e poder fazê-la conhecida de outros representou um grande achado para este trabalho de pesquisa e para o meu desenvolvimento pessoal. A história de superação de Meiry é a histórias de muitas mulheres, memórias de pessoas da minha existência, memórias silenciadas da minha avó, que nunca ouvi.

#### **4.4.2.1 Adaptação do texto – o roteiro para o corpo pensante**

Este foi talvez o momento mais importante depois da escolha do texto narrativo a ser adaptado. A narrativa de Meiry é sua história, é singular, subjetiva e potente contudo, o conceito de singularidade também abarca o relacional e o histórico, resgatando o conceito antropológico que define qualquer experiência emocional. Assim, a adaptação da entrevista que eu buscava naquele momento tinha que manter um certo rigor técnico, necessário à narrativa teatral, mas não podia de modo algum perder em sua singularidade as noções de sentido relacionais e históricos e, menos ainda, o sentido do humano que abarca todo caráter emocional que objetivamos trazer para o texto.

A proposta de Abordagem Pragmática do V&C segundo Vieira (2014, 2016, 2018), sugere que nessa parte do estudo estético seja reconhecido/descrito o que acontece

objetivamente em cada cena e o que fazem/realizam os protagonistas durante todo o transcurso da peça, no caso da abordagem de textos teatrais. Adaptando a proposta para a narrativa e tendo em vista que só há um personagem – o narrador, a narrativa foi dividida em sete trechos distintos que guiam as narradoras no processo, buscando manter coerência textual em relação à entrevista original e à narrativa construída a partir do texto escrito com base no relato de Meiry.

#### **4.4.1.5 Processos narrativos: escrita do texto e escolha da segunda narradora**

A chegada de Bianca Vieira, já citada anteriormente, favoreceu, pela nossa sintonia e apego afetivo à exploração cênica do gênero narrativo, a construção de um texto a quatro mãos. Se por um lado a minha preocupação era adaptar a narrativa, tirando descrições que sublinhavam ações e poderiam deixar o texto, a meu ver, muito dramático e, ao mesmo tempo trazer os relatos de Meiry fundamentais para o trabalho, bem como relatos da minha experiência de vida que colaboravam com a narrativa e poderiam favorecer a abertura de significados; por outro, Bianca Vieira trouxe maior fluidez à narrativa, que foi refeita por nós algumas vezes, a partir de alguns direcionamentos dados considerando a proposta de Vieira (2014, 2016, 2018) e inspirações do trabalho de Coutinho (2007). Vale ressaltar ainda a nossa intensa preocupação em não perder o foco principal que orienta a base teórica dessa pesquisa, a saber as proposições de Walter Benjamin (1997, 2012) sobre narrativas.

O resultado, após considerar as propostas de três teóricos-base para a pesquisa, foi um texto no qual as subjetividades, tão importantes quanto o contexto social, mantiveram-se presentes na narrativa final. Na sequência, após as primeiras escritas, eu havia feito algumas tentativas de produzir uma narrativa que estivesse de acordo com os objetivos desta pesquisa, principalmente no que tange a abertura de significados e sentidos para a plateia. Entretanto, eu notava que mesmo após leituras e releituras o texto continuava com cara de relato de entrevista. Ou seja, sem abertura para construção de sentidos e significados múltiplos, um texto mais informativo e literal do que narrativo. Assim, buscando ainda essa abertura comecei a pensar que a construção da narrativa deveria ser feita de forma não linear, iniciando o relato a partir do presente e finalizando no presente.

Nesse sentido, a narrativa é contada de forma não linear, de modo que a narradora começa pelo presente e no fluxo diferente dos acontecimentos vai aproximando o público de sua trajetória de vida, chegando ao final, em que termina com uma frase muito parecida com a que disse no início.

Figura 6 – Vídeo-narrativa: Histórias das Bonecas, cena final.



Fonte: Youtube, 2022.

Figura 7 – Vídeo-narrativa: Histórias das Bonecas, cena inicial.



Fonte: Youtube, 2022.

Uma questão importante a ser observada é que o fato de a narrativa ter sido produzida de forma não linear não a torna fragmentada. Pois foi estabelecida uma conexão tanto na parte escrita do texto, quanto pela forma que as narradoras contaram a história até a edição do vídeo. Todos esses fatores foram planejados para que o espectador conseguisse ir e voltar no tempo junto com a narradora, sem que sentisse uma ruptura no texto ou que está faltando alguma parte da história.

Após a finalização da escrita fiz os primeiros ensaios solo, nos quais procurei adaptar o texto de diferentes formas, mas ainda sentia que faltava algo. Talvez vivências em relação a determinados aspectos trazidos na narrativa de Meiry. Neste momento vem a memória a minha avó Ana, ela e Meiry dividiam de certa forma o mesmo destino. Eu queria de alguma forma permitir que a história de Vó Ana também fosse ouvida. Comentei isso com a minha mãe, que de imediato se viu motivada a participar do processo de construção da vídeo-narrativa. Afinal, não por acaso minha mãe também viveu longos processos de silenciamento pelo patriarcado. Nesse momento, me lembrei de outras experiências cênicas que já tinha compartilhado com minha mãe.

Quando eu era criança e ela estava na graduação em pedagogia, levou a mim e meu irmão para encenarmos uma pequena esquete para apresentação de um trabalho em uma disciplina específica que não me recordo o nome. Pelo que me lembro o trabalho tinha algo a ver com a responsabilidade dos pais com os filhos. Me recordo que enquanto os outros grupos preparam uma apresentação simples informando os dados, minha mãe ensaiou comigo e meu irmão em casa, nos disse o que nós deveríamos falar na hora da performance. Me lembro de toda organização, da ansiedade dela em fazer a esquete porque sabia que estava muito bem-feita. Lembro da voz firme e segura ao ler a “cola do texto” que estava escondida no jornal que ela segurava e utilizava como objeto cênico. Lembro de quando fomos ao banheiro da

faculdade, antes de começar a encenação, e ela passou batom nos meus lábios e disse que era para eu ficar bonita para a apresentação. Aquela Sônia segura, feliz, completa e realizada, pelo simples fato de estar em cena, foi vista poucas vezes por mim durante nossa convivência. Era um brilho no olhar, um estado de presença e de realização que eu vi poucas vezes em minha mãe. A vi nesse estado quando no ano de 2018 ela performou o poema *Vozes-Mulheres* de Conceição Evaristo (2017, p. 24-25) na escola em que trabalha. Ela declamava o poema, e olhava para mim quando dizia:

A voz de minha bisavó  
 ecoou criança  
 nos porões do navio.  
 Ecoou lamentos  
 de uma infância perdida.  
 A voz de minha avó  
 ecoou obediência  
 aos brancos-donos de tudo.  
 A voz de minha mãe  
 ecoou baixinho revolta  
 no fundo das cozinhas alheias  
 debaixo das trouxas  
 roupagens sujas dos brancos  
 pelo caminho empoeirado  
 rumo à favela  
 A minha voz ainda  
 ecoa versos perplexos  
 com rimas de sangue  
 e  
 fome.  
 A voz de minha filha  
 recolhe todas as nossas vozes  
 recolhe em si  
 as vozes mudas caladas  
 engasgadas nas gargantas.  
 A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem – o hoje – o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 O eco da vida-liberdade.

Figura 8 – Bisavó  
 materna: Joana,  
 1925-1987



Fonte: Arq. Pessoal

Figura 9 – Avó  
 materna: Ana,  
 1943-2015



Fonte: : Arq. Pessoal

Figura 10 – Mãe:  
 Sonia, 1963.



Fonte: Arq. Pessoal

Figura 11 – Filha  
 Jemima, 1997



Fonte: Arq. Pessoal

O poema de Evaristo me atravessou naquele momento, pude perceber como a ancestralidade está presente em nossas vidas e ressoa em nós. Vi que mesmo sem ser presente fisicamente, a minha avó estava no meio de nós.

Eu estava na plateia e fiquei emocionada com a demonstração de afeto, a performance realizada com tanta presença e com o silêncio de quase 200 estudantes em um auditório às 11h30 (só quem trabalha em escola sabe o que significa 200 estudantes em silêncio perto do horário de ir para casa) para ouvi-la recitar. Em mais duas oportunidades conseguimos trabalhar juntas em eventos artísticos. Dois desfiles de consciência negra na escola em que trabalha, dessa vez as duas nos bastidores. Ela na produção e organização do evento e eu fazendo maquiagem das alunas e fotografia do desfile. Apesar de ver sua satisfação em ter realizado os eventos, vejo que não é a mesma satisfação que ocorre quando ela está em cena.

Neste contexto de entendimento de identidade, de reconhecimento da nossa ancestralidade, minha mãe esteve presente durante grande parte da escrita desta dissertação, por meio de conversas, diálogos, trocas de referências bibliográficas, apoio emocional entre outros. Há alguns poucos anos ela vem decidindo por experimentar gradativamente o teatro, a atuação. Me contou também que acabou percebendo que, apesar de não admitir, sempre gostou de realizar performances teatrais. Por isso, a sua resposta afirmativa não me causou espanto nem apreensão.

Voltando a falar sobre fundamentos teóricos que basearam a escolha de Sônia Tavares como segunda narradora, sinalizo que as diversas formas de narrar experiência sempre me chamaram atenção. Benjamin (1997, 2012) fala sobre os dois arquétipos de narradores, o viajante e o sábio. O primeiro possui sempre a novidade, o frescor das ideias, o segundo traz consigo a sabedoria de quem criou raízes. Eduardo Coutinho em *Jogo de Cena* (2007), traz a relação de não atrizes e atrizes para contar uma mesma história buscando uma hibridização da performance entre as duas figuras que contam a mesma história. Já nas pesquisas de Vieira (2012, 2016, 2018), a autora não faz distinção entre atores e não atores em sua metodologia de trabalho e busca a partir da Abordagem Pragmática e da Microatuação potencializar o trabalho de quem atua, buscando que se sintam mais presentes em cena e envolvidos com as ações performativas.

Benjamin, Coutinho e Vieira, guiaram o direcionamento da vídeo-narrativa envolvendo agora a minha mãe, Sônia Tavares. Ela não é atriz, mas não considero que este seja um fator de relevância para esta pesquisa. Assim como Benjamin, a ideia de trazer corpos diferentes com

experiências diferentes, talvez não um sábio e um viajante, mas a figura de uma pessoa mais velha, que nasceu e se constituiu durante esse processo de construção de consolidação da história de Brasília e do DF, e uma pessoa jovem, que não conviveu de perto com as mudanças ocorridas e nem com os tensionamentos gerados neste processo. As noções de Coutinho, de certa forma, me provocam e me fazem questionar como esses contrastes de hibridização performática entre atrizes e não atrizes propostas pelo autor se dão em cena, pois no trabalho de Coutinho não é realizado nenhum treinamento de atuação. Já Vieira balizou a pesquisa estética por meio do olhar metodológico da Abordagem Pragmática e da Técnica de Microatuação.

Após essa escolha iniciamos o processo de contextualização da pesquisa, memorização do texto e exercícios com atitudes e intenções, em conjunto. No item seguinte estas etapas serão descritas de forma mais abrangente.

#### **4.4.2 Gravação – Microatuação no encontro entre passado e presente:**

Ao convidar minha mãe para participar do exercício narrativo para essa pesquisa sua resposta foi imediata: sim. Naquele momento eu tinha certeza que o fato dela não ser atriz não diminuiria em nada a qualidade do trabalho. Isso porque acredito que o desejo de narrar aquela história e a experiência com a narrativa seriam uma força motora potente para que ela conseguisse memorizar o texto e estar presente em cena, fazendo com que aquele momento de performance fosse capaz de gerar sentidos complexos em quem conta e escuta a história. Além disso, eu tinha plena confiança no método da Abordagem Pragmática e na Técnica de Microatuação e como, de maneira concreta, seriam as abordagens para os nossos processos de ensaio.

Os momentos em ensaio juntas foram regados de muito afeto e seriedade. Apesar de fisicamente me parecer mais com meu pai nossas personalidades, minha e da minha mãe, são bem parecidas. A seriedade com que tratamos os compromissos assumidos fazem parte em comum do nosso modo de atuar no mundo. Por isso, assim que soube que iria trabalhar no exercício narrativo desta pesquisa, ela tratou de se esforçar para memorizar o texto e conversar muito comigo sobre como seria realizada a proposta.

Eu a orientei para que decorasse o texto de forma que tivesse o mínimo possível de contato com a palavra escrita, a fim de se aproximar da palavra em performance, demanda da vídeo-narrativa. Ou seja, utilizando a gravação em áudio como recurso principal para decorar

toda a história. Entretanto, ela achou por bem utilizar outras estratégias para decorar o texto, como escrever à mão toda a narrativa. Essa metodologia de escrever para decorar pode trazer algumas problemáticas para quem vai atualizar o texto, que serão verticalizadas adiante. Além disso, enquanto caminhava pela manhã, ela ia dizendo o texto em voz alta, também como recurso de memorização.

Foram mais ou menos dois meses para decorar o texto, entretanto este tempo não foi suficiente para que minha mãe conseguisse dominar o texto por completo. A falta de experiência aliada à apreensão de ter que atuar como “atriz” possivelmente contribuíram para as dificuldades de assimilação do texto neste primeiro momento. As demandas com atividades de trabalho e a distância física, uma vez que moramos em cidades diferentes, também podem ter contribuído para a demora. Penso que se tivéssemos tirado um período de pelo menos duas vezes por semana, cerca de uma hora por dia, para realizar esse trabalho juntas, provavelmente teria sido mais proveitoso.

Assim, para fazer o registro em vídeo da narrativa a alternativa encontrada foi realizar as gravações em pequenos parágrafos, para que minha mãe conseguisse performar pequenas partes e se sentisse mais segura em frente à câmera.

#### **4.4.2.1 Experiências narrativas: primeira versão das gravações da vídeo-narrativa A *História das Bonecas*:**

Para nossa primeira gravação chamei um amigo das Artes Cênicas, Thiago Silva,<sup>23</sup> para colaborar com a proposta. A ideia inicial era gravar do lado de fora da casa do meu avô, onde nós moramos e onde minha mãe tinha vivido, assim como Meiry, uma história de superação; portanto a casa na qual morava significa uma ressignificação de suas dores e estaríamos trabalhando com as histórias de Meiry conectadas às nossas. Achemos que seria uma alternativa viável para o projeto, mas como era um dia de feriado, fazia muito barulho e não conseguiríamos ter um áudio bom para o vídeo. Fomos então para dentro da casa, e neste momento já encontrei a primeira dificuldade.

A casa era um pouco escura e possuía uma decoração muito contemporânea que não se relacionava com a história que contaríamos. Decidimos então colocar uma roupa mais simples, para ver se a vestimenta poderia trazer um contraste com a casa, o que de fato não aconteceu.

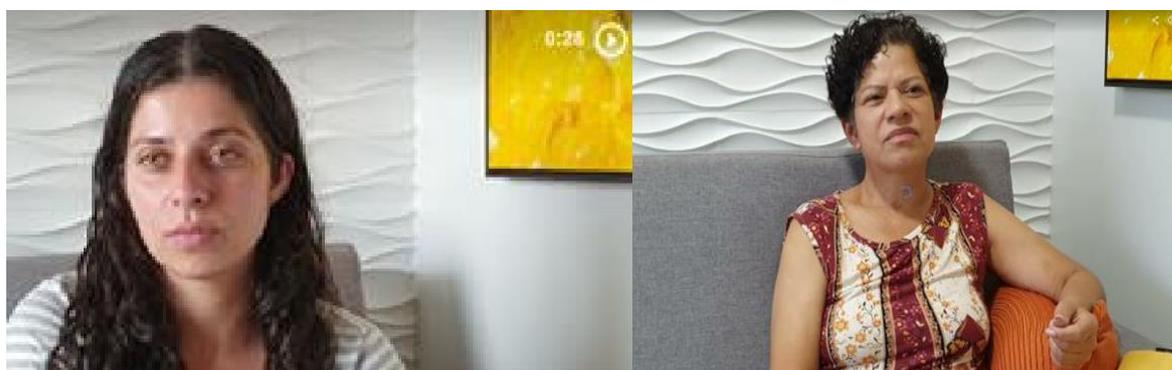
---

<sup>23</sup> Graduado em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília. Thiago é professor de Artes Cênicas.

O ambiente da casa que tinha uma iluminação mais adequada não trazia nenhum significado para a narrativa e as texturas de parede, quadro, e almofadas não ficaram da forma como em minha imaginação deveriam ficar.

Além disso, nesta fase da pesquisa tínhamos decidido que a narradora não falaria diretamente com a câmera e sim falaria como se estivesse contanto para alguém ao lado. Nesse sentido, o ângulo da câmera não foi o melhor a ser utilizado, empobrecendo a performance e fazendo perder potencialidades da narrativa construída que fariam falta ao resultado estético.

**Figura 12** – Primeira gravação, Sonia Tavares e Jemima Tavares.



Fonte: Arquivo Pessoal: Jemima Tavares

Além disso havia percebido uma certa ansiedade e nervosismo da minha mãe na hora de narrar a história para câmera. Portanto, optei por interferir o mínimo possível na atuação direcionando o trabalho conforme a Abordagem Pragmática, mesmo que já tivéssemos conversado anteriormente sobre a metodologia.

Um fator relevante sobre a atuação que vale ser destacado era que Sonia havia feito uma oficina de teatro em 2018 com uma metodologia diferente para o processo de atuação. Naquela ocasião, ela deveria, segundo ela, imaginar as imagens que o texto trazia, bem como dar uma ênfase nos adjetivos da frase.

Essa opção por imaginar, por exemplo, um ônibus distante, não ajudava na performance. Ela ficava de olhos fechados repetindo “preciso imaginar o ônibus vindo, sentir o cheiro da terra”, entretanto ao abrir os olhos e se deparar com a câmera, as intenções e atitudes não eram bem desenvolvidas. Havia um medo inicial e compreensivo da câmera, mesmo que ela não estivesse falando diretamente para o equipamento.

Entretanto, na técnica de Microatuação, somos motivadas a imaginar a sonoridade da palavra, a partir do desejo, com intenção e atitudes, não necessariamente a imagem literal da palavra. Avalio que a utilização dessa técnica faz uma diferença potencial na hora da

atualização do texto. Tendo em vista que ao desejar a palavra, os gestos, atitudes e intenções ficam mais disponíveis a modulações e podem gerar mais segurança na narradora ao estar em performance.

**Figura 13 – Segunda gravação, Jemima Tavares.**



Fonte: Arquivo Pessoal: Jemima Tavares

Na hora em que eu fui gravar tentei realizar o que os cinegrafistas chamam de Plano Fechado, um corte no qual é mostrado mais o rosto de quem está atuando do que necessariamente o seu redor.

Foi uma alternativa experimentada para evitar mostrar os diversos tipos de textura que compunham o cenário, mas que não dialogavam com a narrativa. Entretanto não foi o suficiente,

tendo em vista que nesse corte não era possível que o espectador visse os gestos realizados com as mãos

da narradora.

Como minha mãe gravaria o texto por partes, optei por também gravar o texto desta forma. Pois assim, avaliei na época, seria melhor para realizar a edição do vídeo com os cortes entre uma narradora e outra. Nesse momento foi importante realizar os cortes, pois pude estudar melhor as atitudes e intenções já definidas anteriormente. Isso me deu uma sensação de segurança maior na hora de narrar a história, pois tinha as atitudes e intenções bem definidas em textos curtos que ensaiava minutos antes de performar para a câmera. Conseguimos filmar quase metade do texto, com muita dificuldade, mas também sentimos que foi uma etapa necessária para o desenvolvimento do projeto.

Entretanto, avalio que nessa primeira experimentação a narrativa ficou um pouco dramática demais, com gestos e expressões muito caricatas e em demasia para o recurso com a câmera que necessita de uma sutileza maior na atualização. Atualizando o texto com expressões muito marcadas, excessivas, que não abriam espaço para que o espectador pudesse sentir suas próprias emoções a partir da sua própria relação com a narrativa.

Os resultados dos primeiros ensaios ainda na casa da minha mãe, Sônia, sem muito apego aos blocos de sentido definidos e a técnica de MicroAtuação, deixaram-me satisfeita. O trabalho com a Abordagem Pragmática que dá ênfase à expressão vocal se mostrou eficaz na narrativa de Sônia. O apoio nas intenções e atitudes permitiram que ela conseguisse estar presente sem deixar a ansiedade ou nervosismo atrapalhar a construção de cada cena.

Essa primeira experimentação foi essencial para que junto com minha orientadora Sulian Vieira, pudéssemos analisar melhor o texto, as atualizações e fazer os ajustes necessários para a gravação final.

#### **4.4.2.2 Experiências narrativas: segunda versão das gravações da vídeo-narrativa *A História das Bonecas***

Sob a orientação de Sulian Vieira, investigamos a possibilidade de narrar a história em espaços públicos, historicamente significativos. A intenção desse movimento era levar a narrativa de Meiry de um contexto privado, doméstico, a um contexto público. Inicialmente foi pensada a possibilidade de se fazer o registro em alguma feira, como a de Sobradinho. Contudo, a dificuldade de se obter um registro em áudio de boa qualidade em ambientes como o de uma feira com o tipo de equipamento e restrita equipe técnica disponíveis me fez deixar esta ideia para outro momento do projeto. Contudo, a busca por espaços públicos apropriados da perspectiva técnica e estética seguiu sendo realizada.

#### **4.4.2.3 Narrando a partir do Museu Vivo da Memória Candanga: Sônia Tavares**

Um dos espaços públicos que nos pareceu ser apropriado à proposta foi o Museu Vivo da Memória Candanga<sup>24</sup>.

*Figura 14 – Museu Vivo da Memória Candanga.*



*Fonte: Toninho Tavares/Agência Brasília, 2015*

O espaço é composto por uma arquitetura que muito se assemelha a algumas casas que foram construídas ainda no início da construção da capital para abrigar migrantes que vieram a Brasília. Visitamos o local e encontramos um cenário que poderia ser muito bem utilizado para o trabalho, chamado de Casinha Azul pelos funcionários do próprio museu. O espaço dispunha de uma

<sup>24</sup> Regido pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa (Secec) o Museu Vivo, localizado entre as Regiões Administrativas de Candangolândia e Núcleo Bandeirante foi inaugurado no dia 26 de abril de 1990, com a destinação de preservar o legado deixado pelos candangos na época da construção de Brasília. Disponível em: <https://www.cultura.df.gov.br/museu-vivo-da-memoria-candanga/>

exposição de fotografias “*Joaquim Paiva: Cor e Vida*”<sup>25</sup> e um banco de madeira que poderia ser utilizado pelas narradoras.

O primeiro momento em que chegamos ao local e decidimos gravar ali, foi de profunda identificação: as paredes internas da Casinha Azul são de “forro paulista”, uma espécie de madeira muito utilizada nos anos 1950 e 1960, período de construção de Brasília. As imagens de Joaquim Paiva retratavam o cotidiano de pessoas e lugares comuns do Distrito Federal que ambientavam uma sensação de que Brasília não era apenas os grandes traços arquitetônicos de Oscar Niemeyer.

Na hora de fazer o registro em vídeo, acessei o texto que já estava definido com os blocos de sentidos (atitudes e intenções a serem performadas no decorrer da narrativa) e passei a trabalhar com Sônia Tavares, explicando novamente quais eram as intenções e atitudes de cada frase ou bloco de sentido, sempre abrindo espaço para que ela fizesse sugestões. Assim, iniciamos a fase *Zoom* (fase na qual com o auxílio de um equipamento de vídeo as narradoras se dedicam a avaliar as sutilezas dos gestos) da Técnica de Microatuação antes de iniciar as gravações. Após três ou quatro ensaios de cada parágrafo gravávamos a performance de Sônia. Esse processo se repetiu até que terminássemos todo o texto narrativo.

Foi possível identificar algumas dificuldades nesse processo, como por exemplo o fato de que Sônia memorizou o texto já com algumas intenções definidas ao invés de tentar memorizá-lo da forma mais neutra possível, a fim de que no processo de direção estivesse disponível para testar outras opções. Esse movimento fez com que fosse mais difícil mudar a ênfase em algumas palavras-chave, que são geralmente os verbos da frase ou palavras que estabelecemos como essenciais para o entendimento da sentença ou para flexibilizar alguns parâmetros de som.

Um fator positivo foi perceber que no ambiente do Museu Vivo da Memória Candanga, como já havia trabalhado os aspectos pertinentes à proposta de Abordagem Pragmática e a Microatuação, Sônia se sentiu muito mais segura e preparada para performar a narrativa do que na primeira tentativa em sua casa. Pelo fato de estarmos em um local com uma exposição aberta, outras pessoas poderiam entrar para ver a exposição. Em um dos momentos de gravação uma família entrou e nesse momento a narrativa de Sônia foi totalmente potencializada pelas pessoas que estavam naquele espaço, mesmo que não fosse para ouvi-la. De fato, podemos concluir que a presença de outras pessoas foi um fator significativo para a atuação dela.

---

<sup>25</sup> “Joaquim Paiva: Cor e Vida”. Disponível em: <https://www.cultura.df.gov.br/fotos-mostram-cotidiano-poetico-da-cidade-livre/>

Neste sentido eram perceptíveis as modulações de Sônia a partir das palavras-chave. Sônia foi orientada, inicialmente, a se apoiar nos verbos das frases ditas, entendendo que na maioria dos casos eles indicam a ação e podem conduzir quem narra a levar a atenção do público para a ação.

#### **4.4.2.4 Narrando a partir da Vila Planalto: Jemima Tavares**

Como cenário para a narrativa desenvolvida por mim, pensamos em utilizar um local aberto que também remetesse a um lugar público e à memória do processo de construção da cidade, que não fosse o mesmo de Sônia. Não queríamos que o público pudesse ser levado a uma ideia de comparação entre as duas atualizações. O local escolhido foi a Praça da Igrejinha na Vila Planalto<sup>26</sup>. Um local com muitas árvores e que possui como plano de fundo uma igreja recém revitalizada que tem ainda uma arquitetura antiga, da época da construção de Brasília.

Um dos pontos fundamentais para mim foi que ao ouvir várias vezes minha mãe Sônia atualizando a narrativa, tive pouco contato com o material escrito, que era consultado apenas para verificar os blocos de sentido de cada frase. Ao mostrar os vídeos de ensaio ou durante um dos exercícios de gravação, a orientadora, Sulian Vieira, chamava minha atenção para um foco minucioso aos finais das frases, era como se elas perdessem a força no final e sempre ficassem em um volume mais baixo: isso produzia sempre o mesmo ritmo, trazendo a sensação de texto memorizado, drenando as possibilidades de abertura de sentidos da narrativa. Sulian então me deu uma orientação que fez bastante sentido naquele momento: “diga cada frase como se fosse a última que você vai dizer. Isso vai te dar mais confiança para estar presente e não preocupada com o bloco de sentido seguinte da próxima frase”.

Os meus ensaios foram realizados no Museu Vivo da Memória Candanga e a gravação oficial foi feita na Vila Planalto. No dia da gravação, eu já tinha decorado o texto todo e decidi que iria gravá-lo por completo e não em trechos, para evitar quebrar o fluxo da presença cênica. Uma coisa que percebi foi que apesar de ter treinado bastante, o momento de “gravação oficial” me gerou uma ansiedade grande e até uma falta de foco em alguns momentos. Enquanto minha mãe se sentia potencializada pela presença das pessoas no Museu Vivo da Memória Candanga,

---

26 A Vila Planalto foi criada em 1957 e é um símbolo da resistência dos “pioneiros”, trabalhadores que ergueram a cidade centro do poder no país. Surgiu da instalação dos acampamentos das várias construtoras que se instalaram na cidade para a construção do Plano Piloto de Brasília de Lúcio Costa.

eu me sentia um pouco desconfortável com as pessoas passando no local, era como se o barulho tirasse o meu foco da câmera, da história, da experiência narrativa.

#### 4.4.2.5 Edição do vídeo: narrativas como produção de sentidos

Somaram-se oito encontros até a produção final para registrar em vídeo as versões finais das performances das duas atrizes para a edição. As cenas gravadas por Sonia somam 21 *takes* de 2 a 3 minutos cada, uma vez que cada *take* foi repetido 03 vezes para que se pudesse escolher o melhor trecho da narrativa.

No meu caso optei pela gravação direta da narrativa completa, repetindo também três vezes o bloco narrativo para escolha posterior dos melhores takes para edição. O resultado final da gravação geral somando a atualização das duas narradoras totalizaram 3 horas de gravações.

*Figura 15 – Gravação, Museu Vivo da Memória Candanga*



*Fonte: YouTube 2021*

*Figura 16 – Gravação, Praça da Igrejinha Vila Planalto*



*Fonte: YouTube 2021*

Enfim o trabalho estava próximo o final e chegou o momento de edição do material produzido. A proposta era construir uma vídeo-narrativa que abarcasse os objetivos prévios do trabalho de pesquisa, mas que também alcançasse o meu interesse maior que envolvia a criação de um texto narrativo fluído e atemporal que favorecesse a produção de sentidos singulares a cada pessoa. Pretendia propor uma conexão com Meiry mas também com todas as mulheres que participaram da construção e consolidação de Brasília de do DF, cujas memórias e protagonismo se mantêm silenciados.

A gravação final foi editada por mim com o auxílio operacional de Vihar Ivanov Tsonchev<sup>27</sup>, com cortes entrelaçados de cenas entre as narradoras, Jemima e Sônia. O vídeo começa com a pesquisadora Jemima anunciando que compreendeu melhor sua identidade após esse processo, seguida pela imagem de Sônia cantando uma canção religiosa antiga. Essa introdução pode preparar quem assiste para a narrativa que está chegando. A partir desse momento, entra o título da vídeo-narrativa e logo em seguida as narradoras começam a atualizar a narrativa de forma intercalada. Por vezes contam um trecho maior, por outra apenas uma frase curta para deixar a história mais fluída ou reiterar uma ideia.

No momento da canção em que ambas as narradoras cantam a música há uma quebra de expectativa, um momento em que Sônia se desconecta da câmera e olha para a pessoa que está gravando. Esta mudança poderia afastar o público da narrativa, entretanto ela parece aproximar o público e o faz, possivelmente, perceber as relações que ocorrem durante a gravação das cenas, como por exemplo o contato de afeto entre quem está narrando e a pessoa que grava, bem como outras experiências pessoais que parecem vir a mente de Sônia, no momento em que ela abre as mãos e sorri.

O vídeo encerra da mesma forma que começou, com a narradora atriz falando, fechando um ciclo de compartilhamento de experiência que não se encerra quando os créditos sobem, mas que continua à medida em as pessoas rememoram os acontecimentos a partir daquela experiência.

A vídeo-narrativa possui 13 minutos e 43 segundos, e está disponível na plataforma *YouTube*, realização Grupo Vocalidade & Cena. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=dj5U-wYKtG4>

#### **4.4.3 Avaliação: o olhar do público e sentidos gerados – sensações, impressões e ideias**

A narrativa foi produzida com o intuito de atingir diversos tipos de público, desde adolescentes de ensino médio até pessoas de outros estados que não conhecem a história de Brasília.

Ao buscar conhecer a avaliação do público eu tinha em mente compreender, a partir da análise dos depoimentos, qual o impacto da vídeo-narrativa sobre diferentes pessoas. Elucidar as sensações, impressões e ideias que o público foi estimulado a desenvolver a partir do contato

---

<sup>27</sup> Editor de vídeo e *motion graphic designer*. Trabalha com arte 3D e desenvolve diferentes aplicativos para dispositivos móveis. Site: <https://vihartgames.com/> Portfólio: <https://www.behance.net/vihart>

com o texto narrativo e hipóteses formuladas sobre Meiry e tantas outras mulheres que participaram do processo de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal.

#### 4.4.3.1 Experiência de Sônia por Sônia

Após a conclusão da gravação da vídeo-narrativa e sua divulgação para o público, solicitei que Sônia Tavares descrevesse de forma breve como foi sua experiência participando desse exercício narrativo. Levando em consideração a história de Meiry, seus aprendizados sobre as memórias de mulheres na construção de Brasília e do DF, se o fato de trabalhar com sua filha agregou ou dificultou o processo, bem como as reverberações sobre o trabalho técnico utilizado para treinamento de atuação.

Sobre o trabalho, Sônia relata:

Conhecer as narrativas das mulheres pioneiras sobre a construção de Brasília e do Distrito Federal, e interpretar vozes que estavam “presas, caladas, engasgadas, entaladas, doidas de vontade de serem ditas” foi mergulhar no espelho d’água, um (re)encontro de quem sou/estou com outras mulheres que vieram antes, mulheres-midas, que abriram as entranhas desse solo vermelho e árido com suas próprias mãos, tornando-o fecundo e pulsante. Compartilhar a trajetória de luta e superação dessas candangas com minha filha foi uma experiência catártica, me fez refletir sobre os avanços e recuos de nossas caminhadas, onde estamos e vislumbrar novos horizontes. Emergi desse processo de revisitação às memórias mais fortes, lembrando que minha mãe, assim como a protagonista do texto, chegou à Capital Federal na condição de trabalhadora doméstica, ainda criança, enfrentou de forma resiliente as violências cotidianas que dormem e despertam com a gente, criando estratégias possíveis de revolução silenciosa, que nos permita traçar nossas rotas de vida e tecer histórias de superação e reconhecimento de nossa humanidade.

Aceitei com certo temor o convite para interpretar o texto. Não tenho formação em Cênicas nem experiências consistentes nessa área. Inicialmente a memorização do texto foi uma preocupação, mas após o primeiro contato com o texto houve uma identificação imediata com a linguagem informal: as palavras, os termos utilizados nas frases tinham uma sonoridade familiar, ecoavam com força, era como se estivesse lendo capítulos das biografias de minha mãe e tantas outras mulheres candangas. Essa sensação de pertencimento, pois sou brasileiro, nasci no início dos anos 60, com o contexto social e trajetórias de vidas relatadas foram elementos relevantes para compreensão, entendimento e conexão com a personagem.

A abordagem metodológica proposta foi a pragmática quando “a voz e a palavra em cena, enquanto sons vocálicos são abordados inicialmente, a partir da identificação de distintas atitudes e intenções” foi importante para eu me situar no tempo-espço. Intuitivamente imprimir o texto fiz leitura silenciosa e o transcrevi para o caderno como uma tentativa de interação intimista. A partir daí o contato com a Jemima, que além de produtora do vídeo também é minha filha, trouxe leveza e fluidez para esse trabalho. Passamos a degustar “as dores e as delícias” dessa história de superação e somar às nossas memórias. A demarcação das atitudes e intenções implícitas/explicitas em cada frase ou parágrafo foi estruturante para garantir a originalidade do texto. “Essas diferentes relações entre tais parâmetros e atitudes implementadas” trouxeram fluidez e pretendem cativar à atenção da plateia na constituição dos sentidos na cena.

Memorizei as frases formando os parágrafos, dando ênfase aos verbos, conforme orientação da produtora, usei o gravador e a câmera do celular. Mesmo ensaiando o

texto repetidamente, no momento da gravação ocorreu lapsos de memória, falhas contradições entre atitudes e intenções que foram pontuadas e corrigidas com generosidade. Enfim foi uma experiência singular que alargou minha visão de mundo e fomentou uma necessidade existencial de potencialização do autoconhecimento e expressividade para lidar com as diversidades linguagens do mundo globalizado. (Depoimento de Sonia Tavares, uma das narradoras do vídeo *História das Bonecas, com o maior carinho, maior amor*)

O depoimento de Sônia é o retrato do nosso processo de produção da vídeo-narrativa. Foram muitos desafios pessoais vencidos, como o medo do julgamento do público, a autocobrança e outros sentimentos de insegurança que provavelmente estão relacionados não apenas às nossas subjetividades, mas à estrutura patriarcal que aprisiona as mulheres, em especial as pobres e negras, sempre afirmando que não é possível sorrir, cantar, ocupar um espaço de destaque ou seus sonhos que muitas vezes foram interrompidos, pela necessidade de ser esposa, mãe e até mesmo pai. A realização desse processo ao lado de Sônia me lembra as palavras de Emicida, quando diz que somos “*nós, e nós que ninguém desata*”. A potência da narrativa de Meiry Pires Amorim, aliada à Abordagem Pragmática da palavra em cena, nos ensina e motiva sobre a necessidade de não permitir que deixem silenciar nossos protagonismos.

#### **4.4.3.2 Depoimentos avaliativos do público**

A história das bonecas traz a narração de uma mulher sem rosto mas com nome, Meiry Pires. Uma mulher que viveu o Distrito Federal com as suas nuances e desigualdades e teve suas raízes arrancadas para ser arraigada na nova capital. Jemima e Sônia fazem da memória dela, com a naturalidade dos rostos, dos gestos e das vozes, uma narrativa acolhedora e dolorida que remete a história de tantas famílias que chegaram aqui, inclusive os meus pais, que também são órfãos e que fizeram dessa terra, mãe, para que assim, se tornassem os meus. Os que chegaram à Brasília enfrentam às vezes a seca de quem enfrenta novos horizontes na solidão do concreto, na busca incessante de laços. Brasília é terra de murici até hoje e que fez muitos órfãos de suas terras, de seus lares, mas que também é uma mãe que abraça os corajosos desbravadores em busca de colo e de chão. O vídeo emociona por materializar a história de uma mulher invisibilizada pelo cotidiano simples, mas que carrega consigo a dureza de se fazer gente junto com uma terra que se faz lar para tanta gente. A história do Distrito Federal carrega a alegria de ainda poder registrar memórias vivas de seus filhos adotados e quando não, se fazem vivas como esse deleite proporcionado por Jemima e Sônia (Avaliação de Yaciara Mendes, Mestre em Biblioteconomia e professora da SEEDF).

Me emocionei, pois a história me trouxe memórias de falas da minha saudosa mãe. Caiu a ficha porque amo tanto esta Cidade Brasília, porque ela foi o berço que acolheu minha mãe nas noites frias e solitárias que ela enfrentou. Esta história não só fala da história destas mulheres, mas também da minha mãe que veio do Nordeste criança para trabalhar de babá e doméstica para sobreviver. Ela formou uma família de 10 filhos. 8 mulheres formadas – psicóloga, enfermeiras, funcionárias públicas, artesãs, e 2 homens (pintor, fazendeiro) com muita dignidade. Acho que esta história fala também de minhas porque eu estou na minha mãe e ela está em mim. Esta história

fala da força destas mulheres e das suas fragilidades. Amei! Parabéns por este trabalho de excelência! (Avaliação de Maria José de Lima, psicóloga).

Uau!! Estou muito emocionado... Eu vi minha mãe Eu vi a minha tia avó que me criou... Mulheres guerreiras que trabalhavam pra outras famílias e que estão só. Chorei. Muito feliz por ela ter conseguido o que queria! Inspiradora! Parabéns! Muito bonito o trabalho! Me transportei pra uma Brasília outra. Linda narrativa, emocionante e que prende nossa atenção do início ao fim! Muito obrigado de verdade! Já tô divulgando pra geral! Vou mostrar pras minhas mães! (Avaliação de Pedro Lopes, Mestrando em Artes Cênicas).

Duas Brasília se misturam no decorrer da performance e isso se concretiza nas vozes de duas mulheres: uma mais velha e uma mais jovem que contam a mesma história. Ali, vislumbramos duas gerações – aquelas que construíram a cidade e estas que conseguem colher os frutos do trabalho. No mais, ouvir o texto como espectadora, depois de ter ajudado na escrita, traz a consciência de que a palavra está sempre em movimento e mutação. O seu significado não está apenas na simbologia, mas também na sonoridade. Isso quer dizer que, ao escrever a narrativa, essa se concretizava de forma diferente no nosso imaginário. Porém, colocadas à disposição de outras subjetividades, as palavras e as histórias ganham novas plasticidades. É uma relação autor/público que sempre se repete: perde-se o controle individual da história – o que é necessário – para que ela se torne significativa para o coletivo (Avaliação de Bianca Vieira, professora de artes e que trabalhou na adaptação do texto).

Trabalho lindo! Tão sensível e tão potente!! Difícil não se identificar. Lembrei da minha mãe cantando em falsete. Fiz uma atividade com turmas da EJA há uns 3 anos e surgiram várias histórias assim. A relação atuação/presentificação tem uma conotação política muito importante ao dar voz para as mulheres dentro dessa dimensão estética e lúdica. Isso parece dilui um pouco o peso e a tristeza da história mas sem perder a força, a beleza e a delicadeza da narrativa!! Tô doido pra ver mais vídeos!! (Avaliação de Eduardo Fernandes – Professor da SEEDF e Mestrando em Artes Cênicas Pela Universidade de Brasília).

Parabéns pelo trabalho, Jemima! Eu também fiquei com vontade de conhecer mais dessas histórias! E vejo muita potência no formato audiovisual que você escolheu: isso de entrelaçar narrações e perspectivas à luz de uma mesma história. Que massa! Você já assistiu ao documentário *Jogo de Cena (2007)*? Acho que pode ser uma boa fonte de livre inspiração para trabalhos futuros, em vários sentidos! Deixo aqui essa minha recomendação/provocação criativa. Parabéns! Beijos! (Avaliação de Jorge Marinho – Mestre em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília)

A resposta do público sobre a vídeo-narrativa foi consonante ao objetivo de pesquisa. Tendo em vista que não só as narradoras “tornaram-se outro”, como se pode dizer que o público também “torna-se outro” à medida em que se identifica com a narrativa contada e, naquela estética, consegue ver em Meiry suas avós, mães, tias e outras.

Nesse momento podemos perceber que há não só uma identificação como também um reconhecimento da importância dessas mulheres no período de construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, bem como algumas sutilezas apresentadas como a canção cantada

que também gera identificação no público, favorecendo outras conexões afetivas e prendendo a atenção do espectador na narrativa contada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

O objetivo geral desta pesquisa foi potencializar memórias de mulheres invisibilizadas durante o período da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal por meio da vídeo-narrativa, a fim de provocar a produção de outros sentidos que tencionem o mito da história oficial. Para tal propusemos alguns objetivos específicos que rememoramos aqui: i) explicitar a contribuição das mulheres na construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, bem como questionar a falta de visibilidade do protagonismo feminino nos textos que versam sobre a História Oficial da Capital Federal; ii) reconhecer o potencial narrativo de memórias de mulheres comuns que participaram ativamente no processo de construção e consolidação da Capital Federal, disponibilizados em textos e áudios no Arquivo Público do Distrito Federal; iii) investigar, pelo uso da estética de vídeo-narrativa e da metodologia da Abordagem Pragmática, possibilidades e potencialidades de exploração do material narrativo, como forma de pluralizar e afirmar a história sobre o protagonismo da mulher na construção e consolidação de Brasília e do DF; iv) realizar exercício narrativo utilizando a Técnica de Micraatuação como forma de ensaio para as narradoras, tendo como matéria prima o texto narrativo adaptado do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal e v) publicizar o vídeo-narrativo produzido em redes sociais, para avaliação pública.

Foi desafiador realizar uma pesquisa acadêmica e produzir um material estético conciliando com o trabalho de mais de 40h semanais em um emprego formal, além das diversas limitações advindas no contexto da pandemia do coronavírus. Avalio que dentro dessas perspectivas, o objetivo geral da pesquisa tenha sido alcançado.

O capítulo 2 dessa pesquisa, apresenta relações entre as narrativas de mulheres que participaram da construção da Capital Federal com questões interseccionais que balizaram o silenciamento de seus protagonismos, reflexões histórico-sociais sobre os aspectos que fundamentaram a construção de Brasília também foram apresentadas em diálogo com o papel exercido pelas diversas mulheres nesse período.

No capítulo 3 são apresentadas alternativas metodológicas para a produção de narrativas a partir dos relatos das entrevistadas pelo projeto de História Oral do ArPDF e para a produção da vídeo-narrativa de histórias de mulheres invisibilizadas durante o período da construção e consolidação de Brasília e do Distrito Federal, a fim de abrir possibilidades de criação de mundos e sentidos complexos para os espectadores. A vídeo-narrativa foi realizada e até a data

da finalização desta dissertação há mais de 260 visualizações na plataforma YouTube e 29 comentários com sugestões, e contribuições sobre o trabalho.

Neste trabalho busquei seguir as normas acadêmicas e o rigor da pesquisa em arte ao questionar os fatores que envolveram a invisibilização de diversas mulheres e apagamento de suas memórias durante o período da construção da Capital Federal. Nesse sentido, a proposta aqui apresentada servirá como referência para que o processo continue sendo desenvolvido. Seja em forma de performance presencial em um teatro ou espaço alternativos, ou com a produção de outras vídeo-narrativas.

A primeira percepção que tive diante dos comentários dos espectadores foi verificar o quanto as pessoas ficavam surpresas ao se identificarem com a história da minha avó e com a história de Meiry. Diversos espectadores da vídeo-narrativa falavam que suas avós também não contavam suas histórias, mas que naquele momento perceberam que elas haviam participado de forma significativa da construção da capital federal ou que elas também partilhavam da solidão e da resignificação de suas dores, assim como Meiry fez. Era uma surpresa, avalio, perceber-se nessas histórias e questionar-se sobre os silenciamentos existentes. Para mim, foi um processo de desenvolvimento pessoal entender que algumas das dores e inseguranças que eu sentia e imagina que fosse algo individual, na verdade era também, fruto da invisibilização histórica do protagonismo de diversas mulheres. Assim, entender que a história da minha avó, também é a história de Meiry e de tantas outras pessoas que assistiram essa vídeo-narrativa me faz compreender melhor os processos de silenciamento de nossas identidades e me motiva a continuar trabalhando para que nossas existências sejam respeitadas em sua integridade.

Neste momento, destaco que os contextos e complexidades históricos, políticos e sociais que envolveram a construção da Capital Federal e a interseccionalidade, são dois densos e importantes conceitos que precisavam estar verticalizados nessa pesquisa. A necessidade de um diálogo entre percepções histórico-críticas com documentos de história oral, impuseram um caminho no qual não havia experiência em transitar. Portanto, avalio que escavar territórios até então pouco aprofundados por mim, foi uma atitude corajosa, ao mesmo tempo que responsável e cautelosa, buscando uma investida em conceitos ainda não verticalizados por mim enquanto pesquisadora, mas que precisavam ser problematizados neste trabalho. Portanto, assumo essa pesquisa de mestrado como uma experiência de formação para a continuidade responsável deste trabalho.

Em relação aos objetivos específicos, observo que, a utilização da Abordagem Pragmática como metodologia de trabalho para o estudo da palavra em performance foi essencial para investigação de possibilidades e potencialidades de exploração do material narrativo, como forma de pluralizar e afirmar a história sobre o protagonismo da mulher na construção e consolidação de Brasília e do DF. Por meio das pistas e pegadas que a narrativa oferecia foi possível apresentar uma vídeo-narrativa com nuances e sutilezas que possibilitaram ao público identificação com o material apresentado. A Técnica de Microatuação foi necessária e complementou o trabalho das narradoras para que a vídeo-narrativa não apresentasse gestos ou atitudes em demasia que atrapalhassem o espectador em sua autonomia de interpretação da narrativa.

Observando meu desempenho como atriz desde 2016, quando comecei a pesquisar de forma mais aprofundada sobre Abordagem Pragmática e Microatuação, percebo que há uma melhora significativa em relação a minha performance em cena. Primeiro, porque hoje, o meu entendimento sobre a metodologia é bem mais vertical do que era quando comecei o trabalho, obviamente. Entender a teoria dos métodos, como e por que foram desenvolvidos, me motiva a seguir utilizando essas práticas. Além disso, percebo que, o embaraço inicial de narrar algo pela primeira vez, que existia em 2016, não existe mais. Posso concluir que, uma das possibilidades para que esse embaraço não ocorra mais é a apropriação do método que me dá mais segurança para estar em cena.

Entretanto, avalio que em uma próxima oportunidade a técnica de Microatuação deva ser mais explorada. Pois, ao refletir sobre as infinitas possibilidades de construção da personagem volto a atenção às palavras de Davini (2008, p. 3) quando fala que “o corpo ressoante também é uma questão de poder”. Nesta perspectiva o corpo não desconsidera a afetividade que constitui à memória não só de quem viveu a experiência, mas dos atores e atrizes que estão performando o texto. O corpo se configura assim como lugar de desejo que aponta para fabricação incansável de mundos. O corpo como primeiro palco é também lugar de produção e intersecção entre a dimensão visual e acústica da cena, compreendendo voz e palavra como gestos vocais (Vieira, 2009). Posto isso, considero que durante minha performance alguns gestos exagerados, do meu ponto de vista, poderiam ter sido mais bem trabalhados.

Nesse sentido, ao analisar minha performance enquanto atriz e narradora consegui perceber mais afundo algumas fragilidades no campo da técnica que podem ser melhores trabalhadas futuramente, buscando um aprimoramento do trabalho de atualização cênica, como

por exemplo, a atividade fonatória e a respiração entre as falas. Percebo que, neste trabalho, a ansiedade por uma fala seguinte, fez com que o texto tivesse poucas pausas, se não fosse a edição do vídeo, esse fator poderia ter contribuído negativamente para que o público não tivesse tempo para construir a narrativa em seu imaginário. Outro ponto que precisa ser considerado é a questão de uma maior dramaticidade na narrativa que também tira do espectador a possibilidade de se emocionar com a palavra e passa a se emocionar com a emoção da narradora. De fato, o objetivo da pesquisa é o afeto e a experiência por meio da palavra em cena por isso, avalio que em alguns momentos minha performance pode ter sublinhado algumas atitudes imposto ao público sentir determinada emoção.

Considero importante destacar que a metodologia da Abordagem Pragmática e a Técnica de Microatuação, foram muito eficazes no treinamento de atualização da narrativa com uma não-atriz. Ver minha mãe, Sônia, muito mais segura e consciente do trabalho que estava desenvolvendo a partir do treinamento baseado na Abordagem Pragmática e Microatuação foram essenciais para esse trabalho. Um ponto que deve ser observado, é uma questão comum entre as pessoas que buscam decorar um texto que é, a escrita a mão do texto. Essa metodologia não é tão eficaz nesse trabalho, tendo em vista que, o manejo com a escrita, coloca o ator ou atriz em um maior contato com a palavra escrita em si e não com a produção atividade fonatória da palavra. Isso colabora para que o ator ou atriz não produza com tanta eficácia uma flexibilização do texto e ao esquecer momentaneamente, para se lembrar ele tenha que entrar em contato imediatamente com a palavra escrita. Nesse sentido, essa forma, muitas vezes comum de decorar um texto, não contribui para uma melhor eficácia da cena e pelo que foi observado nessa pesquisa nem de fato.

Em relação ao processo de construção da narrativa, inicialmente a ideia de construir um texto narrativo que seria estudado por meio da Abordagem Pragmática e apresentado ao público de forma presencial em um teatro, ou espaço aberto com outras atrizes. Entretanto, com a pandemia do coronavírus e as novas normas de isolamento social essa possibilidade foi totalmente descartada para não colocar em risco nossas vidas e as vidas da população em geral. A possibilidade da realização de uma vídeo-narrativa não foi um problema e sim um desafio, uma alternativa encontrada diante das novas rotinas da população. Entretanto, inicialmente essa possibilidade me causou certa apreensão, tendo em vista a pouca experiência em trabalhos realizados com a câmera. Porém, ao me aprofundar em leituras sobre a linguagem cinematográfica, em especial no trabalho de Eduardo Coutinho, percebi a potência que traz essa tecnologia e estética. A utilização dessa forma de comunicação e arte foi um dos grandes

aprendizados dessa pesquisa. Pois, por meio do vídeo e sua divulgação em plataformas digitais o trabalho pôde ser visto por uma quantidade maior de pessoas. Mesmo que não substitua a experiência o olho no olho foi também uma forma de narrar histórias e de ampliar as experiências de ouvintes e narradoras.

No que tange às dificuldades referentes às questões tecnológicas sobre o uso de um equipamento para gravação em audiovisual, que envolveram inclusive, alguns erros como um microfone mal colocado que tiveram que ser ajustados na edição, avalio que, caso esse formato seja continuado, seja necessária a realização de mais encontros, tanto para as gravações. A contratação de um profissional especializado em gravação de vídeo também é uma possibilidade a ser avaliada, visando uma melhora na qualidade do trabalho.

O processo de escrita da narrativa me tensionou em alguns aspectos. Por ter optado pela Abordagem Pragmática e sua necessidade de ter um texto decorado optei pelo trabalho com uma narrativa escrita pré-estabelecida (Apêndice B), entretanto em uma outra oportunidade, optaria por construir uma narrativa durante o processo de ensaio em si. Explico, entendo que a construção da narrativa a partir da palavra falada em processos de ensaio poderia gerar algumas possibilidades de abertura maior de sentidos e significados que não deixassem o texto tão fechado. Mesmo que esse movimento gere uma necessidade de possíveis alterações dos blocos de sentidos pré-estabelecidos durante o decorrer do processo. Pois assim haveria desde o início um contato com a produção da palavra e da vocalidade e não em um texto escrito para depois buscar alternativas de atualização. Um exemplo seria a parte em que a narradora fala “acontece que a palavra mãe, estava presa, entalada, engasgada na minha garganta, morrendo de vontade de ser dita”, avalio que esse trecho deveria estar mais subentendido para o público do que de necessariamente sublinhado. A partir dos escritos de Benjamin (2012) observo que é importante potencializar o imaginário de quem está ouvindo a narrativa e não apenas lhes entregar de bandeja a informação, como uma forma de imposição ao que devem sentir.

A partir dos resultados e problematizações apontadas acima, considero que sempre vai haver particularidades a serem melhoradas, problematizadas e refletidas em qualquer trabalho estético ou teórico. Esse é um processo necessário no campo das Artes, ou pelo menos deveria ser, a reavaliação do trabalho apresentado a partir das percepções da plateia e dos participantes do processo, diante do objetivo estabelecido que inclusive também é passível de mudança. Neste caso, considero que a vídeo-narrativa produzida foi capaz de gerar significados e sentidos diversos sem conduzir os espectadores de forma autoritária à um único significado em si, de modo geral. Portanto, o objetivo foi alcançado. A utilização dos estudos de Benjamin (2012),

apoiados nas metodologias de Vieira (2011-2014-2018) e a inspiração no trabalho de Coutinho (2007), foram fundamentais os trânsitos por novos caminhos, como a tecnologia de vídeo e as histórias de mulheres candangas. Esses estudos também possibilitaram potencializar as histórias coletadas pelo Programa de História Oral do ArqPDF em vídeo-narrativas para que cada espectador pudesse encontrar na História das Bonecas, sua própria história, suas conexões subjetivas com a trajetória de Meiry Pires Amorim.

Como descrito nesta pesquisa as mulheres em sua diversidade cumpriram um papel primordial na construção e consolidação da Capital Federal. Entretanto, a falta de reconhecimento de suas importâncias nesse processo fez com que, por longos anos, a maioria das pessoas concluísse que elas sequer existiram durante esse período. Este fato revela o quão perigoso é permitir que contem nossas histórias e as resumam e uma única história. Chimamanda (2019), alertava que A única história cria estereótipos que permitem lacunas, incompletudes na história. Nesse sentido, trazendo para o contexto desta pesquisa, as frestas deixadas por este mito apagaram a existência de mulheres da história da construção de Brasília. Por isso, é primordial que mais pesquisas sejam realizadas sobre o protagonismo das mulheres frente aos eventos históricos para que de fato, consigamos conviver em uma sociedade em que as diferenças não signifiquem desigualdades, como nos ensina Djamilia Ribeiro (2017).

Nesse sentido ressalto que narrar histórias é importante, mas romper com silenciamentos históricos a partir da narrativa de histórias diversas é fundamental (ADICHIE 2019). A arte, neste caso específico o trabalho cênico, tem um potencial enorme de gerar significados e propor reflexões por meio de performances, vídeo-narrativas ou atualizações cênicas. Como já dito anteriormente, Boal (1990) em seus escritos alertava sobre a capacidade do teatro de fazer com que as pessoas se vejam nos outros. Esse escrito de Boal me leva a refletir que as diversas melhorias que queremos na sociedade começam pelo observar-se. Pela reflexão de nossos silenciamentos, silêncios, privilégios e tantas outras subjetividades e características de nossas identidades que demarcam nossa existência. A partir desse processo, que Freire (1970) chama de tomada de consciência é possível buscar alternativas para o protagonismo pessoal, e então colaborar com os processos de protagonismo das pessoas ao redor.

No que diz respeito à importância da arte tanto para o indivíduo quanto para o coletivo, Benjamin também tem algo a dizer. O autor alerta sobre processos de reconstrução de memória e aura benjaminiana.

Em “A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1936), Benjamin observa que com o advento da indústria e com a repetição e novas informações as pessoas foram

perdendo ainda, sua capacidade de memória, de rememorar fatos e conseqüentemente de narrar histórias. Entretanto, segundo, Paulo Niccoli Ramirez (2020), é importante perceber que a arte possui uma função dialética, portanto sua repetição, por meio de vídeo por exemplo, não causa esquecimento, pelo contrário, pode fomentar e potencializar a capacidade de reconstrução da aura e da memória, construindo pontes para que seja possível reestabelecer conexão com a faculdade de intercambiar experiências. Nesse sentido, a produção de trabalhos estéticos e teóricos narrativos, se faz necessária nesse momento pandêmico em que as relações sociais têm ficado cada vez mais distantes em função do isolamento social e as pessoas, ao que me parece, tem cada vez mais rápido perdido não só a aura benjaminiana, mas a habilidade de se relacionar com outras pessoas. Vale destacar que a narrativa, o ato de contar histórias possui também uma função comunitária (BENJAMIN 2012) de estabelecimento de vínculos entre grupos.

Sobre as metodologias abordadas nessa pesquisa, Abordagem Pragmática e Microatuação, considero que foram de fundamental importância para o trabalho com a abertura de significado do texto, da potencialidade da palavra em performance, bem como se alinha ao objetivo de a partir do treinamento o ator ou atriz possa driblar uma possível perda da faculdade de intercambiar experiências. Diante disso, apresento ainda interesse em aprofundar a pesquisa sobre a Metodologia de Abordagem Pragmática e a Técnica de Microatuação na narrativa, como forma de tornar mais eficaz as performances e melhorar o desempenho de narradores, para que mais histórias que por tanto tempo foram silenciadas possam ser divulgadas.

Junto com o grupo Vocalidade & Cena e orientado pela professora Sulian Vieira, as histórias coletadas nessa pesquisa continuarão sendo trabalhadas, com o objetivo de seguir com o processo de compartilhamento de histórias diversas sobre a construção de Brasília, tanto em forma de vídeo-performance para escolas da rede pública do Distrito Federal e em plataformas digitais para pessoas de todas as idades, como planejando, ainda de forma devagar e segura, possibilidades de realizar a apresentação desse material de presencialmente para uma plateia futuramente. Além disso, considero a divulgação dos resultados desta pesquisa por meio de artigos científicos para revistas acadêmicas.

A escritora Chimamanda Ngozi (2019) observa ainda que “histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.” A narrativa de Meiry fala sobre uma mulher que lutou por uma vida digna, mesmo diante de todas as desigualdades e violências sofridas. Além disso, a narrativa de Meiry nos dá mais um exemplo de incompletude de estereótipos reforçados pelo mito da história única citada anteriormente. Pois a existência de Meiry foi transpassada por dor e sofrimento, mas está longe

de ser apenas isso. A partir da história das bonecas, pudemos ouvir mais sobre uma mulher cheia de complexidades e subjetividades que, lembrando de Elza Soares (1937-2022), não sucumbiu.

Finalizo observando que ao rejeitar o mito da história única e se abrir para possibilidade de ouvir e narrar sobre outras histórias nós temos a chance de, no presente, refletir sobre o passado para construir o futuro melhor. O compartilhamento de experiências diversas nos tensiona e coloca e xequê os estereótipos e preconceitos construídos ao longo dos anos, nos faz refletir sobre quais, onde, quando e pra quem são as histórias que queremos contar. Além disso, nos provoca a lutar para sair do lugar de silenciamento e contar nossas próprias histórias, com nossas próprias vozes e palavras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALBUQUERQUE, Gina Vieira Ponte de. **Programa Mulheres Inspiradoras e identidade docente: um estudo sobre pedagogia transgressiva de projeto na perspectiva da Análise de Discurso Crítica**. 2020.

ALBUQUERQUE, Gina Vieira Ponte. **Eixos transversais e Ensino: O projeto Mulheres Inspiradoras e o poder transformador da Educação**. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, 2018.

Arquivo Público do Distrito Federal. **Depoimentos de Histórias Orais I – Catálogo 2010**.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo –Fatos e Mitos**. 4ª Edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

Benjamin W. 1931 Pequena história da fotografia in: **A modernidade**. 3 ed. Tradução João Barreto 2006

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994 e 2012.

Bento, M. A. S. (Org.). (2000b). **Ação afirmativa e diversidade no trabalho: desafios e possibilidades**. São Paulo: CRPSP e Casa do Psicólogo.

Bento, M. A. S. & Castelar, M. (Org.). (2001). **Inclusão no trabalho: desafios e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERTH, J. **O que é, empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BOAL, A. **O Arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990

Brasil. **Lei do trabalho doméstico** [recurso eletrônico]: Lei complementar nº 150, de 1º de junho de 2015, que dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017 – (Série legislação)

CAMINHAS, L. **A regulamentação da prostituição é uma demanda por justiça?** Revista Scielo, 2020. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/rcVwN7ysSw5ftTrd6THqpdQ/?lang=pt> Acesso em: 12 de dezembro de 2021

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2000.

- Coelho, Marcelo **O lugar das ilusões: Brasília e os paradoxos do desenvolvimentismo**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 1991, n. 23, p. 195-210. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451991000100011>>. Acesso em: 21 Dezembro 2021
- COLLINS, Patricia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso**. Cadernos pagu, 2017.
- da Costa Freitas, T., & Wiggers, I. D. (2020). **Escolas-parque de Brasília: diálogos com a produção acadêmica**. Linhas Críticas, 26, e26429. <https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.26429>
- COSTA, Rafael Wagner dos Santos. **Jogo de Cena: o jogo de encenação, fabulação e invenção**. Revista Brasileira de Estudos Cinema e Audiovisual. Ano 3, ed. 5 Janeiro/Junho 2014.
- DORDET, D. ; ALEIXO, F. ; MARTINS, J. T. ; VIEIRA, S. . **Práticas e Poéticas Vocais Vol 2 - Cap. A Voz Como Produção Corporal: o princípio dinâmico dos três apoios**. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016. v. 1. 197p .
- DAVINI, S. **Vocalidade e Cena: Tecnologias de Treinamento e Controle de Ensaio**. Folhetim – Teatro do Pequeno Gesto No 15, Rio de Janeiro: Rioarte, pp 56-73, 2002.
- DEL PRIORI, M. **Sobreviventes e Guerreiras: Uma Breve História da Mulher no Brasil de 1500 a 2000**. Planeta. 2020.
- DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema II**. Tradução Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DINIZ, Felipe Xavier. **O filme Jogo de cena e o corredor de espelhos**. Revista Verso e Reverso, São Leopoldo, v. 25, n. 59, p. 123-128, mai./ago. 2011.
- DOWBOR, Ladislau. Capital e Ideologia de Thomas Piketty: **A desigualdade não é econômica ou tecnológica: ela é ideológica e política**. Pesquisa & Debate. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política, v. 32, n. 1 (57), 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.
- EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- Fanon, F. (2008). **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Fator. (Trabalho original publicado em 1952)
- FONTENELE, Tânia. **Mulheres na construção de Brasília-invisibilidade feminina na história da nova capital do Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- DE LAURETTIS, Teresa. **A Tecnologia do Gênero**. In: HOLLANDA, H.B (Org). Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

- Jaccoud, L. (2009). **Pobres, Pobreza e Cidadania: os desafios recentes da proteção social**. Rio de Janeiro: IPEA. Recuperado de 12/08/2020.
- LE BRETON, D. **As paixões ordinárias. Antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MATEUS, Samuel. **A Experiência e a Vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.2, mai./ago. 2014.
- MEDEIROS, Jemima Tavares de. **A narrativa como potencializadora de processos de empoderamento de mulheres adolescentes**. 2018.
- MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. **E o Negro Na Arquitetura Brasileira?** (2012)
- Munanga, K. (2003). Palestra: **Uma Abordagem Conceitual Das Noções De Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, 3. Rio de Janeiro: PENESB.
- Munanga, K. (2004). **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica. 128
- Munanga, K. (Org.), (2008). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da educação, secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
- NASCIMENTO, Gilberto Ribeiro do. **Ceilândia e memórias de vida na educação de jovens e adultos: a história do lugar na formação do trabalhador e da trabalhadora**. 2019.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. P. 73-117.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017
- SULPINO, Maria Patrícia Lopes. **Conceito de etnicidade: breve revisão teórica**. Revista dos pós graduandos de sociologia da UFPB. Paraíba. PPGS-UFPb. N°, 2002.
- TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.
- VEIGA, Alfredo César da; ALVES, Cecília Pescatore. **O relato de história de vida à luz do pensamento de Walter Benjamin: contribuições aos estudos de identidade**. Psicologia USP, 2020.
- VIEIRA, Denise Sales. **Corpo feminino e modernidade na construção de Brasília: uma leitura a partir do cinema**. 2017.

VIEIRA, S.; LIGNELLI, C. **Narrativas atitudes e parâmetros do som: A voz e a palavra em uma aproximação pragmática.** Pitágoras 500, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 4–13, 2018. DOI: 10.20396/pita.v7i2.8651448. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8651448>. Acesso em: 4 jan. 2022.

VIEIRA, S. **O Corpo Ressoante: Voz, Palavra e Desejo em Cena.** ReVISta (UnB), V.8 nº2, p. 9-19, 2009.

VIEIRA, S. **Abordagem pragmática de textos teatrais e a técnica da microatuação:** da letra à voz e à palavra em performance. Práticas e Poéticas Vocais (Edufu), V. 1 p 53-77, 2011.

VIEIRA, S. **A questão do estilo no teatro: Abordagens de Textos Teatrais *entre* Tradições Estéticas Ocidentais.** Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Arte, 2013.

## REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

Djamila Ribeiro TedX. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc&t=102s> Acessado em 18 de outubro de 2019

**A cidade é uma só.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9NXCrWrwECI>  
Acessado em: 3 de dezembro de 2019

**A saga das candangas invisíveis.** Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ydj6oWLkfZQ> Acessado em 20 de novembro de 2019

ADICHIE, Chimamanda. **Os perigos de uma história única** in Technology. Entertainment and Design (TED Global), 2009. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg> Acessado em 12 de fevereiro de 2020

**Brasília, Capital do Século (1959)** de Gerson Tavares. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Y0MaMv1DohY>

**A ESTÉTICA DO CINEMA POR WALTER BENJAMIN** | Paulo Niccoli Ramirez- A

Casa do Saber Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avHWSiBNCyQ> Acessado em 09 de dezembro de 2021

**JOGO em Cena.** TV Brasil. Disponível em:

<<http://tvbrasil.ebc.com.br/cinenacional/episodio/jogode-cena>>. Acessado em 6 mar 2020.

Lanterninha, da UnB TV **A saga das Candangas Invisíveis.** Bloco 1 de 2: Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=rxi2K5RzXWE&t=310s> Acessado em 20 de novembro de 2019

Lanterninha, da UnB TV **A saga das Candangas Invisíveis.** Bloco 2 de 2: Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=-U-aobHw3oU> Acessado em 20 de novembro de 2019

## ANEXO A - Primeira Seleção de Entrevistas

### Maria do Rosário Caetano Lopes dos Santos

*Confundir os nomes durante a entrevista.*

\*Ô Vânia! Não pode interrom...

\* Eu acho que eu vou atender esse telefone, porque não tem mais ninguém na casa.

-Era um movimento nativista, eram pessoas que já não se sentiam mais passageiras em Brasília e sim cidadãos mesmo de Brasília.

- **Maria Coeli Almeida Vasconcelos (DITADURA)**

\*Interrupção da Gravação

-O clima de Brasília era muito diferente nessa época, era frio, sabe? Passavam umas rajadas de vento, tinha muito lacerdinha, quando a gente acordava muito cedo tinha muita... não era bruma, era uma coisa assim que saía do ar, do chão, que era como se fosse uma bruma, mas era mais seco do que uma bruma.

- Então, 1964 papai dizia: "A situação está brava, está difícil, cuidado, vocês cuidado." E nós sempre conversamos à mesa, quando foi um dia, meu tio João de Almeida, chegou de Belo Horizonte fardado, comandando as tropas, mandadas pelo Magalhães Pinto, ele foi lá em casa para nos visitar na SQS 206. Quando meu tio chegou com mais uns... (Final do lado 1 da fita 1) - Então o meu tio, o coronel João de Almeida subiu e jantou conosco, não falou nada, mas depois falou com papai que queria conversar com cada filho individualmente. Aí me chamou e falou: "Olha Maria Coeli, eu queria que você me contasse se estão dando aula de comunismo para você na universidade." Então eu falei: "Olha tio João, eu não estou tomando aula de comunismo não. Eu estou..." Ele: "Mas não é possível, eu ouvi falar que estão dando aula de comunismo." Eu falei: "Não tio João, eu nunca tive aula de comunismo na UnB." "Mas como é que são as aulas?" Eu falei: "O professor chega, põe um aluno lá na frente e a gente fica desenhando esse aluno, é verdade que nós conversamos durante, a gente conversa baixinho, mas não existe nenhuma aula, nenhuma doutrina, não existe nada, ninguém fica falando sobre esse assunto." - Aí o meu tio disse assim: "Querida te pedir para você amanhã não ir à aula." "Por que, tio João?" "Ah, porque amanhã... eu estou pedindo para você não ir à aula." "Tá bom, não vou não."

- Então até 1968 eu não estava mais aqui, vou contar até 1967, porque eu me casei em 67, diante dessa situação, vocês estão vendo que eu só podia casar, não tinha chance. Ou dentro da minha casa, eu não podia fazer nada porque meu pai e minha mãe não me deixavam sair nem nada, e o meu noivo que era o Paulo, já tinha chegado aqui, ele quis casar comigo.

-... É impressionante como é que na hora ninguém percebe que é uma burrice muito grande fazer isso com uma cidade, eles acham que a gente vai esquecer, pensam que nunca vai acabar a ditadura, eu acho que as pessoas que fazem a ditadura, elas não estudam muito, porque toda ditadura acaba, ela pode durar anos e anos mas ela acaba, e quando acaba sempre haverá pessoas que vão se lembrar tintim por tintim, e vão provar que não está com nada você viver sob pressão, obrigado a fazer o que a gente não quer, sem liberdade, sem democracia.

- Para mim a história não é só o passado, a história é no momento que estou fazendo a história, eu não posso esquecer o presente, tenho que fazer tudo isso, mostrar que cada coisa que acontece, o que acrescenta e o que eu estou fazendo. Quando se for colocar tudo isso numa bandeja, quando se for estudar, eu não posso deixar de falar o presente.

- **Hilda Mendonça da Silva**

- Mas eu sempre sonhei em ser professora. Desde pequenininha, eu dava aula de mentirinha para bonecas de pano - porque também nunca tive uma boneca - bonecas de pano que a gente mesmo fazia, e dava aula pras minhas bonecas.

- Então eu vim para Brasília. Eu vim passear e ao chegar aqui eu me lembrei de um poeta - eu não me lembro o nome dele - mas há um poeta, se não me engano cearense, que diz: "Pise firme que esse chão é seu." E quando eu cheguei aqui eu achei que esse chão era também meu.

- Eu cheguei para morar aqui no Plano Piloto. Achei lindíssimo. É um lugar que todo brasileiro tem obrigação de conhecer, essa capital. Eu me enamorei por ela mas não pra morar. Era um cartão postal vivo para se ver, não era pra eu - Hilda Mendonça - morar. Eu senti uma coisa assim, estou sendo bem sincera, eu olhava, me parecia uma paisagem irreal. E eu queria algo mais pé no chão, mais gente, eu achei que aquela cidade era bonita demais para ser vista, é quase que um sacrilégio eu morar ali. Eu me sentia assim, algo assim, que eu não podia morar ali.

- Quando eu cheguei a Taguatinga que olhei aquela cidade, eu me senti em casa. Eu falei: "Aqui é minha casa"

- **Janine Soares de Brito**

- Mas eu acho que se você não se posiciona, não coloca o seu ponto de vista, então não fale. Não adianta falar, pra falar que concorda com tudo e gosta de tudo.

- **Maria da Glória Freitas Quintella (Irmã Celina)**

- Fui pra Escola 01. As crianças da Escola 01 eram todos filhos dos pioneiros mas gente que veio do Nordeste; não sabiam usar privada, sanitários, as unhas pretas, aquele cabelo de criança desnutrida, a barriga enorme de fome, de comer terra, de opilações; e foi a turma que eu recebi.

Quando eu cheguei, que vi aquelas crianças, então eu entendi melhor a realidade do Brasil. No Rio de Janeiro, aquelas crianças bonitinhas, perfumadinhas, arrumadinhas e aqui, grossas de sujeira. Peguei a turma de alfabetização. Foi a minha turma. E eu falei: "Meu Deus, com criança desnutrida, como conseguir alguma coisa com essas crianças? Bom, aqui foi o lugar que Deus me colocou, aqui é que eu tenho que viver e tenho que fazer alguma coisa pra essas pobres crianças." E comecei.

- Quando era 3 e meia, 4 horas, aí eu vinha de ônibus - que era uma lata velha - poeira até no que você pudesse imaginar, nuvens de poeira e os carros, os ônibus era de luz acesa, isso 3 horas, 4 horas da tarde. Vinha até o Núcleo Bandeirante. No Núcleo Bandeirante, aí já tomava lotação. E eu com aquele hábito antigo, aquele chapelão, eu até incomodava os outros que estavam na lotação. E era lotação mesmo porque só faltava vir sentado um no colo do outro.

- Não tinha energia elétrica porque era só de 9 da noite às 6 e meia, 7 horas da manhã que eles ligavam o motor. Então, esquentava água em latas de querosene pra gente fazer a higiene porque ninguém agüentava também tomar banho frio, porque o frio era demais. Eu, acostumada ao Rio de Janeiro, aquele calor, eu rachei todinha que pensaram até que eu estava com uma doença ruim de tanto que o frio me queimou.

- E como naquele tempo a gente vivia de esperança, todo mundo tinha uma esperança muito grande de dias melhores, então, você não escutava ninguém reclamar não, "não, tá muito bom, vai melhorar, vai ser a cidade ideal e mais tarde nós vamos deixar nossos nomes. Ajudamos a construir Brasília, mesmo que a gente não exista mais mas vai servir para nossa geração, pros que vierem depois de nós."

- "Irmã Ana Maria, não deixa desmanchar o barraco da gente, não deixa! Aonde nós vamos por nossos filhos, a nossa mulher, as nossas coisinhas? Não deixa." E aí ela teve uma idéia, ela falou assim: "Olha, vocês vão arranjar um bem comprido e daqui a pouco eu estou lá." Saiu, foi na Prefeitura com o doutor Maciel, e chegou lá, falou: "Doutor Maciel, eu preciso de uma bandeira nacional." Ela falou

assim: "Finca - ela tinha a voz um pouco grossa - esse pau aí no chão." Na mesma hora eles fincaram. Porque não tinha a rua larga não, era só trilho, beco. Fincaram o pau e ela falou: "Vamos amarrar essa bandeira aqui e nós vamos esperar o trator chegar. Porque o trator pra derrubar barraco, ele tem que entrar por aqui, e a hora que ele ver a bandeira, ele vai ter que passar por cima da bandeira e se ele passar por cima da bandeira aí as coisas ficam diferentes." Aí foi feito, puseram, hastearam, quando foi lá pras 10 e pouco chegou o trator mas não veio com comitiva não, só o homem do trator com a ordem de passar o trator por cima. Quando viu a bandeira, pensou: "Por onde que eu vou entrar com o trator?" Isso estava a irmã, tava as pobres crianças, as mulheres. A única entrada era ali. Fez a volta foi embora e eles ficaram. Aí deu uma força muito grande ao Matias. Aí desde esse dia, nunca mais mexeram com eles.

- **Oneide Medeiros da Silva**

- Porque eu não gostava do Núcleo Bandeirante, não tinha confiança. Ali era uma perdição de mulheres. As mulheres não podiam passar pela rua porque os candangos avançavam. Diante do que eu via, eu disse: "Não, aqui eu não moro." Que com filhas mocinhas, pequeninas, mas mulheres, né? Eu digo: "Não, não fico aqui não." Porque aqui tinha um costume de todo sábado reunir os peões todos e levavam para essas cidades onde tinha mulheres da vida. E eles não respeitavam ninguém. Todo mundo tinha medo de ficar morando diretamente aqui.

- A gente pegava um caminhão, arranjava um caminhão de amigo, ia saindo por aí onde tinha cachoeira para poder tomar banho, fazer piquenique. Esse era o lazer que nós tínhamos. Ou então sair de Taguatinga e vir assistir o cinema aqui no Núcleo Bandeirante.

- **Zedith Medeiros da Silva**

- O meu pai tinha comércio e eu ali no comércio, ali mesmo eu pegava meus livros e estudava, ajudava de tudo. Eu ia para a cozinha com a mamãe quando ela precisava de alguma coisa. Porque a educação foi assim. A minha mãe dizia essas palavras: "Hoje minha filha você tem, você não sabe amanhã, então vamos aprender de tudo. Você tem que aprender, porque a vida é um engano. Hoje tem tudo, amanhã pode não ter nada."

- Lá mesmo na faculdade havia muita facilidade d'eu passar para medicina, se eu quisesse, mas o meu pensamento era completamente diferente, o que eu queria era farmácia, porque ali eu colocaria uma farmácia, e o meu pai e os meus irmãos trabalhariam comigo. Ninguém ia dizer, amanhã ou depois, que eu estava sustentando eles, que eu estava... quer dizer, eles ficavam numa situação muito vexativa, não é? Então, farmácia não. Porque aí todos me ajudariam, não tinha nenhuma diferença d'eu ser formada e eles não, por isso eu insistia para farmácia, queria a todo custo.

- Quando nós chegamos na Cidade Livre, como era chamado o Núcleo Bandeirante, eu olhei assim... eu falei: "Meu Deus! Só comigo. Será meu Deus do céu, que meu pai vai gostar desse lugar? Deus ajude que não!" Só por dentro de mim, eu falava assim. Ele andou, aquela alegria, foi logo ver aquele comércio, quando ele voltou para o hotel eu estou lá no hotel pensando: "Será meu Deus que meu pai vai querer ficar nesse lugar?" Eu achei horroroso. Aí quando ele chegou... mas num entusiasmo, mas num entusiasmo! "Minha filha, isso aqui vai ser a maravilha do mundo!" Desse jeito. Falei: "Quer dizer meu pai que o senhor gostou daqui?" "Ah, isso aqui é que é lugar da gente ficar." "Tá bom." Aí ele disse: "Já vou alugar um barraco."

- Tinha um bar, não sei, boteco de um, 'gringo', eu não sei de que nacionalidade ele é. Pessoal chamava o 'gringo'. E na frente ele tinha o bar e atrás, ele aproveitou o terreno e fez aquele mundo de quartinhos assim. E aí alugava para cada pessoa um burquinho daquele e ele ganhava uma nota. E um senhor que era caminhoneiro, ele havia casado em Pernambuco com uma jovencinha, aproximadamente uns dezesseis anos. Quando chegou aqui em Brasília, ele pegou um frete, lá por

São Paulo ou Rio, não me lembro bem. E deixou a murlherzinha num desses quartinhos desse ‘gringo’, mas já havia casado há um tempo, aí já estava gestante e ele foi fazer essa viagem de frete. Passou um mês, nem notícia, passou dois, passou três, aí a mocinha já estava em desespero, porque o marido não comunicava nada e ela no desespero, a família lá em Pernambuco é do interior, atrasada e pobre. o ‘gringo’ já estava toda hora falando que: “Não pode ficar, não pode ficar porque não pagou o aluguel.” Aquela coisa de ‘gringo’. Aí, coitadinha, ela foi na prefeitura, já quase no mês de dar a luz, quando ela chegou na prefeitura, falou o problema, chorando coitadinha, eu pensei, digo: “Ele é ‘gringo’, essa dificuldade aqui por um pedaço de terra é muito grande” - isso eu pensando, não falei nada pra ela, não - “Eu vou lá fazer uma oferta pra esse ‘gringo’.” Aí eu falei: “Olha, eu vou sair daqui do expediente e vou passar lá no ‘gringo’ e vou conversar com ele. Aí eu fui com ‘gringo’, mas deixa que o ‘gringo’ era o único que não sabia que eu trabalhava na prefeitura. Acho que ele vivia só metido naqueles buracos ali, ele não sabia de jeito nenhum que eu trabalhava na prefeitura. Eu falei: “Olha, eu estou aqui porque aconteceu assim, assim dessa moça que tá aí hospedada e não tá podendo pagar o aluguel e faz três meses, segundo ela me falou, o marido não apareceu mais e eu queria fazer um negócio com o senhor.” “Olha, eu sei que o senhor, todo mundo aqui no Bandeirante precisa de mais um espaço. Eu lhe daria mais um espaço, falaria com a fiscalização. Tenho certeza que eles lhe dariam um pedaço aí para o senhor aumentar os seus quartinhos que o senhor tá fazendo. E senhor ficaria com a moça aí, com tudo, alimento, quando ela fosse dar a luz o senhor ficaria com responsabilidade com ela. Embora que qualquer coisa o senhor me procurasse pra eu ajudar.” Ah, ele não quis de jeito nenhum, mas nem, nem. Ele ficou todo agitado, aí eu: “Tá bem.” Eu pensei assim: pedindo a Deus que me desse um orientação, meu Deus aquela pobrezinha. Olhei, aquele chalezinho, bem feitinho, de madeira, coisinha bem bonitinha assim, perto do posto de gasolina, aí fui para lá, eu cheguei lá, entrei, a senhora muito delicada. Eu falei o problema pra ela, aí ela disse: “Ah, tem um espaço aqui que é uma beleza, vem ver.” E a pobrezinha já ficou bem acomodada no quartinho lá. Disse: “Oh, aqui não preocupe, que aqui ela tá em casa.” E eu falei: “E amanhã eu vou trazer umas coisinhas pro nenem, que eu sei que ela não tem nada.” Nós perguntamos, não tinha nada não. Não demorou, ela deu a luz. Eh, mas foi um alegria lá na casa onde ela estava. Eu fui lá, ela feliz coitadinha, estava toda feliz. Aí a senhora falou: “Olha ela pode ficar aqui em casa o tempo que for preciso, não é preciso só porque ela deu a luz ela querer ir embora, só se ela por acaso quiser mesmo, mas aqui não, ela pode ficar o tempo que ela quiser.” Eu falei: “Graças a Deus.” Eu já ia com medo dela ter dado a luz e a mulher não querer, mas a mulher disse que não, que ela poderia ficar, aí não demora o marido dela... (Final da fita 2 lado 1) quando ele recobrou o sentido, e ele levava a carga, e o pessoal não sabia do endereço dele. Ele pegou o frete e não sabiam o endereço e com o acidente, aí ficou todo atropalhado. Ele não sabia falar, não sabia nada, ficou completamente atordoado, aí veio a amnésia quase que total. Ele falou pra mim que ele lembrava assim, às vezes ele lutava para lembrar quem ele era, até que com a continuação do tratamento, o dia que ele lembrou de tudo, ele diz que faltou foi enlouquecer. Na mesma hora ele veio embora. Eu sei que quando ele chegou com ela e o nenenzinho lá na prefeitura, o homem chorava como criança, ajoelhou nos meus pés para me agradecer. Falei: “Não criatura, você sabe que eu tô feliz de ter feito isso, muito mesmo.” Disse: “A senhora nem sabe como vai ficar gravado no nosso coração para sempre.” Mas aí eles foram embora, eles não podiam ficar, porque o trabalho dele era lá em Pernambuco e com essa que tinha acontecido, ele já não dava para ficar mais em Brasília naquela época.

- Outros ficavam na estrada, porque com a chegada demasiada de pessoas pobres, carentes, que só vinha, para sacrifício mesmo, quer dizer, a idéia naquele tempo, que aquelas pessoas vinham trazer problema. Problema de roubo, problema de tudo. Vocês sabem que uma população que não tem dinheiro, que não tem nada, tudo acontece.

### • Rosária de Oliveira Silva

- Olha o começo foi assim, nós fomos numa festa de Santa Rosa, que antigamente tinha aquelas romarias, as festas de Santa Rosa que era lá no Paranã, aí nós fomos. Foi a Ana minha irmã e eu, foi as irmãs e papai e mamãe, a gente sempre ia assistir as festas lá, Luza chegou lá eu era muito assim, gostava mais de estar ajudando a mamãe na cozinha e Ana era mais “namorista”, aí o Luza começou namorar a Ana, depois, não sei o que houve ele partiu para mim e deixou a Ana, e nós acabamos casando sabe? E fomos separados por Deus, vivemos esses anos todos.

- Ah, a gente era voltado mais em preparar os filhos e dar conta da vida, que a gente casou é uma coisa, é uma responsabilidade quem toma, a minha vida foi só desse jeito assumi só a responsabilidade do casamento.

- Mas era uma coisa totalmente diferente, com todo respeito, não tinha consumo dessa droga, dessa mata um mata outro, briga, era tudo unido, a gente estranha muito

- Um dia chegou um senhor lá em casa, não foi há muitos anos, faz pouco tempo. “Oi, eu estou com vontade de suicidar” (...) “o que o senhor viu? Suicidar não é de uma pessoa falar” “olha, eu larguei lá a minha casa, larguei a minha chácara, tinha de tudo, galinha, porquinho, influenciado aqui, minha mãe pelejou para eu não vir, trouxe a mulher, está aí doente, estamos sem lugar de ficar. “Aí falei - “ pois é, o erro de vocês todos lá foi esse, se tem o que é seu, fica no que é seu”. Como desse jeito, foram muitos que vieram.

- Tinha a festa do Divino que nós fizemos, que compadre Hosannah fez essa brincadeira comigo, e tinha a festa do Natal que era uma festa muito boa, todo mundo fazia, essa festa era boa demais, todo mundo preparava nas suas casas a ceia e na igreja tinha festa muito bonita coroavam Nossa Senhora, inclusive a Marlene mesmo coroou muitas vezes, eles punham Nossa Senhora lá em cima ia todo mundo para ver, e colocava aquelas escadinhas e formava uma escada para menina subir. Nossa Senhora estava lá em cima sem a coroa, quando era na hora a Marlene ia subindo degrau em degrau com a coroa na mão e cantando a Ave Maria, ela tinha uma voz que estremecia a igreja, ela tinha uns dez anos. Ela subia cantando a Ave Maria, muito bonita então ela coroava Nossa Senhora, colocava a coroa e as outras meninas, irmãs dela, mais meninas de amigas lá, todas vestida de anjo com asas, aquelas asas bonitas, aquela fileira de criança, quando ela estava coroando Nossa Senhora, ela descia e acabava a missa, saía todo mundo, era desse jeito, muito bonito. Ia para casa tinha a ceia em cada casa, toda aquela “coiseira” de comer e tudo.

- Eu peço desculpas de alguma coisa errada que eu falei.

### • Alice Gonçalves Guimarães

- A criação era a lida de casa não é? Eu estudei só até o quinto ano que era o curso primário naquele tempo, não tinham outras escolas.

- Ficavam aqui, as mulheres ajudavam as mães. Em casa os familiares, as filhas ajudavam, uma tomava conta da cozinha, a outra de arrumar a casa, outro dia era assim, repartiam os serviços.

- Aqui é só entre as famílias, todo mundo aqui é casado, depois que veio Brasília é que mudou um pouco, mas todo mundo aqui é casado, eu sou casada com meu primo, todos são casados... eram três famílias, Gomes Rabelo, Monteiro Guimarães e Salgado, essas três famílias que entrelaçaram os casamentos.

- É, então tinha a festa, nesse sábado vai ter um baile lá em casa, então reuniam os rapazes, as moças, dançavam. Naquele tempo tocava, chamava sanfona, hoje não sei como é que chama, então a gente dançava até a madrugada na casa de uma tia, na casa de uma prima, de uma amiga, reuniam as moças, dançavam, aquela união assim de muita simplicidade, sem malícia, sem nada, tudo era puro, não tinha essas coisas de estar com seus namoricos para os cantos não.

- Não tinha luz, a luz aqui era assim, quando matava a vaca tirava o sebo, você já ouviu falar no sebo? Que eu falo é sebo, hoje eu não sei. Fritava ele, fazia as velas, a gente iluminava com essas velas e candeia de óleo de mamona, uma frutinha que dava, a gente colocava para secar no terreiro, socava, colocava para ferver, tirava o óleo, fazia o pavio com algodão, era a luz que tinha.

- Foi negócio de mudança, do tempo de Getúlio Vargas para cá, tem uma mudança passou sem ter eleição, liberar, não sei se é assim, como chama essa ditadura, não sei falar tudo muito bem eu não guardo tudo, não sei se estou falando bem.

- Olha, nós brincávamos de roda de noite com a lua clara, a gente chegava no terreiro juntava, cantava, punha uma no meio da roda segurando a mão e vai e assim essas coisas. Brinquedo que hoje em dia menino não mexe mais nos brinquedos, já ouviu falar em vai condê? A gente brincava, escondia, quando estão todos escondidos ficava um de costas no se chegar a contar, pode? Então a gente saía, os outros saíam nas carreiras procurando, era assim os brinquedos.

- **Maria Violeta Guimarães**

- Ele adoeceu fui para Taguatinga ficar com ele, que tinha empregada, que a mulher dele primeiro morreu de câncer na cabeça, no cérebro. Então eu fui, sentia obrigação de cuidar também, ajudar, apesar da empregada dele ser muito boazinha, mas eu que dava os remédios na hora certa, ele gostava muito do cafezinho, fazia as coisa batida para ele no liquidificador, que acho que foi câncer no esôfago, então não podia engolir direito, então a minha criação foi rígida mesmo.

-Hoje as meninas estão assim, quando as esposas são boas os maridos não dão valor, quando os maridos são bons tem hora. mas, está mais difícil para o lado das mulheres, que as mulheres tentam fazer tudo para que, a vida de homem é maravilhosa, arranja tudo prontinho, comida pronta, roupinha limpa, a mulher coitada está ali no serviço, está pensando, está sem empregada, eu quero.. quem é que vai fazer a comida, ou eu tenho que deixar a comida pronta, eu tenho que arrumar a lavadeira, hoje tem a máquina, que tem tudo ali na casa do meu menino. Mas ela que, ela tem empregada, na mesma hora que elas vêm, elas já não vem, ela sai e deixa os meninos aí, eu que tenho que ficar aqui olhando. Agora mesmo ela está para o serviço, a empregada foi embora, as mulheres que preocupam mais com tudo, você tem que preocupar com roupas para os seus filhos, uniforme, lanche, tudo, a carga é mais pesada para a mulher, eu acho. Eu ainda falei, quando for na outra geração não quero nascer mulher não, não é?

- Ah! Isso é que é bom, eles vão cantar, lá em casa também canta a despedida, aí despede e fala assim : “até para o ano que vem se Deus quiser“, aquela fé no Divino, mas é se Ele quiser, é dó e eles formam um coração, todos cavaleiros formam um coração e o alfer fica bem no meio e eles ainda falam : “ Adeus, adeus que eu já vou me embora, até para o ano se Deus quiser, debaixo das asas o Divino leva os foliões e no bico leva o alfer

- a gente liga a televisão só para ver essas notícias ruins.

- **Francisca Guimarães Melo**

- Às vezes os pequeninos fazendeiros não tinham tudo. Mas os fazendeiros mais fortes tinham tudo.

- Tinha que falar ué, falava uai. Quem tinha coragem de falar Como. aqui mesmo em Planaltina aconteceu um caso desse, não vou citar a família que eu também estou lembrada, eu sei que eles criavam uma menina e obrigaram a menina casar com quem eles quisesse, quando chegou na igreja aqui, naquela igrejainha que tem ali embaixo, quando o padre perguntou ela “se era de gosto”, “não”. “E como é que você vai casar?” “É meu padrinho que quer”. Acabou o casamento, acabou. Voltaram para trás sem casar.

- como a minha tia, essa minha tia Franquílina não estudou, ela não sabia ler, que naquele tempo mulher não aprendia, não é? Mulher não podia estudar, os pais não deixavam? - Diz que mulher não precisava. Diz que era, não sei.

- **Ziná Caetano de Sousa**

-“ Se me fugir de uns amigos de me fugiram todos os tesouros”

- Se a gente tivesse descido no sentido em que água desce, a gente não ia perder, é que a gente subiu, depois a gente não sabia voltar e era dez da noite, aquilo ali era um horror, eles falavam tanto em tarados e era uma coisa e era verdade assim a gente quando passava com a mamãe ou alguém que ia para a Cidade Livre, que era o Núcleo Bandeirante, para buscar algumas, fazer compras, os homens assobiavam tanto que a gente tinha tanto medo, a gente ficava tão apavoradas com aquilo tudo...

- Não tinha água, não tinha energia elétrica, não tinha nada e isso lá era uma coisa muito difícil, parecia, quando a gente é pequena a dimensão de espaço é muito grande, acha que daqui ali era muito longe.

-Era muita poeira e água, a gente já estava ficando mocinha, achava vergonha de buscar água na cabeça.

- Foi a primeira vez que eu vi aquela figura, e ele me fala uma coisa dessa, aí eu falei “ o senhor pode até ser muito importante, pode ser polivalente, mas o senhor é único, porque eu nunca vi pessoa mais mal educada”, quando eu entrei ele “não mas eu sei que vocês precisam”, ele me entregou um cheque, eu nunca soube o valor do cheque, eu rasguei o cheque todo e joguei na cara dele, quando eu fiz isso, estava com uma pasta cheia de convite, caiu tudo no chão, sabe aquela cena ridícula, assim tipo, daria uma boa video cassetada, a minha pasta caiu com tudo no chão e ele tentando ser gentil depois, foi me ajudar “não toque aqui nas minhas coisas, não põe essas mãos imundas nas minhas coisas”, e lá na BRASAL todo mundo olhava assim admirado que alguém tivesse coragem, os funcionários, que alguém falasse naquele tom com ele, ele ficou muito decepcionado eu falei, “o dia que você for na Ceilândia pedir voto, eu não te deixo ganhar a eleição.

- “pode sentar e você é bem vinda e conta a história”.

-Porquê tanto ajuda como, um vem constrói e outro vem e destrói aquilo que foi feito, e empresário ele quer lucro, não importa se ele não tem, ele não foi alfabetizado, ele quer ganhar dinheiro, ele tira chances coloca outros como bode expiatório por causa de outras coisas, de questões políticas.

- É, e hoje, tem aquela empáfia de dizer, ter vergonha, então eu acho que a gente não pode ter vergonha das raízes, da origem, pelo contrário, a gente tem que ter orgulho daquilo que a gente brigou por ela.

- É, eu fiquei, e eu fico muito feliz quando eu lembro que eu conheci, não só Ceilândia, mas Brasília em um todo como Guará, os Ministérios, toda essa coisas serem construídas mesmo, bem garotinha, eu tenho uma imagem que essa ninguém nunca vai tirar. - É só sua. - É só minha. - Pena que a gente não pode ver. - É uma pena porque se pudesse botar em um telão assim. -É. Se bem que cada pessoa vê uma coisa de uma forma. - É.

- **SEVERINA ETELVINA DO NASCIMENTO**

Chama várias vezes pelo marido, para lembra-la dos fatos

- Não tinha trabalho, só na roça, e chovia era de 2 em 2 anos, ou de 3 em 3 e não tinha água nem para beber, não tinha como a gente criar qualquer coisa, só servia de criar um porco, uma galinha, e daí minha filha... e eu não tinha como criar minha família lá, aí viemos embora para aqui.

- aí eu já ia cansada com aquela trouxa de roupa, aí o menino : ‘Mãe, eles não deixam lavar aqui não.’ Eu digo : ‘Que deixe, que num deixe, vou botar a roupa aqui e vou lavar aqui.’ Aí quando dei fé lá vem um carro minha filha, chegou bem pertinho de nós e parou, ‘Ei dona, bom dia.’ Eu ‘Bom dia’

‘Quê que a senhora tá fazendo aí? ‘Eu digo : ‘lavando roupa, o senhor num tá vendo não, que eu tô lavando roupa?’ Desaforada, que a gente toda angustiada né, “lavando roupa.” ‘Quem mandou a senhora lavar roupa aí?’ Eu digo : ‘Ninguém, quem mandou foi a precisão tá bom?’

Foi, aí ele disse assim : ‘dona, mas num lave roupa aí não que essa água tá toda contaminada. ‘De quê?’ ‘De doença.’ Eu digo : ‘Ah meu filho, aqui não tem doença não, eu quero saber se lava e se dou banho nas crianças’. Aí ele disse assim : ‘E essa água vai dar para a senhora lavar a roupa?’ Eu digo : ‘Dá, porque infelizmente eu não posso ir para a barragem.

- Um dia minha filha, eu não tinha água nem para fazer a comida, eu fui pra caixa d’água, que primeiro eles fizeram aquela caixa d’água ali, não sei se você alcançou, que tem hoje. Aí eu cheguei lá : ‘Moço.’ ‘Quê que foi:?’ Aborrecido, ‘Moço, pelo amor de Deus solta a água aí pra ir pra casa’ que nós já tínhamos encanada, ‘em casa num tem uma gota d’água, nem pra lavar roupa, nem pra dar banho em menino nem nada’. ‘Não, mas eu num posso fazer isso.’ ‘Cê num pode não né?’ ‘Não, infelizmente não’. ‘Amanhã o senhor vai ver, eu e minhas vizinha tudo encostar aqui com a menina para tomar banho, lavar roupa e levar roupa limpa pra casa tá bom?’ Quando eu cheguei em casa a água já estava nas torneiras. A gente não tem que ser assim minha filha.

A gente precisa aprender a abrir a boca e gritar também pelos direitos da gente.

- Eu tinha um menino, sabe o que ele fazia? Era o maiorzinho, ele ia vender amendoim, se caísse um carocinho de amendoim no chão, ele ainda assoprava e botava no saquinho, não dava, os meninos pequenos chorando e ele não dava nem um, “não, isso aqui é pra eu vender”, engraxava assim, lá para o Plano, a história é engraçada, a gente tem que contar para quando o povo ler, rir.

- Nós viemos com o pé direito na frente em nome de Deus.

#### • **MARIA DE LOURDES ABADIA**

Esquece o nome de uma pessoa e se lembra no meio da entrevista, durante um outro assunto.

- E por que o nome de Ceilândia? - Em homenagem a essa Campanha de Erradicação de Ceilândia, CEI Ceilândia, cidade da CEI.

- Belíssimo, ele mantém, ele tem a forma de um barril, ele começou como Brasília, duas linhas retas que se cruzam com o sinal da cruz, o mesmo traço e com a mesma orienta... o mesmo sentido da de Brasília, cada quadra de Ceilândia, ele era dividido em quadras, cada quadra em conjuntos e cada quadra em conjuntos e se não me falha ainda a memória parece que ela vai de A à P, a b c d e f g h i j k l m n o p.

- E a gente como técnico, diz olha quem vai na frente bebe água limpa, quem for primeiro vai ter lote melhor, vai ficar no centro da cidade, quem ficar por último já viu, vai ficar lá na periferia, no rabo da cidade, aí todo mundo queria ir.

- na hora de vacinar, eles tinham pavor, hoje, não tinha campanha, naquela época não tinha nada, se você visse uma campanha de vacinação na Ceilândia, era igual a guerra do Afeganistão, porque tinha que vacinar gato, cachorro e menino, você imagina esses meninos berrando, cachorro latindo, gente correndo atrás, então era uma loucura, a gente fazia muito com a ajuda da polícia, sabe porque tinha que segurar mesmo, ainda tinha aquela coisa, a gente também não sabia muito bem essas coisas, não é hoje como tem, a saúde era tão, por exemplo as crianças vacinavam e dava febre, na outra vacinação ninguém queria vacinar, então era um trabalho muito, muito difícil, então essas lideranças eram treinadas para falar no seu conjunto, que ficava com febre porque era natural e que precisava de vacinar, porque criava o anticorpo para poder se defender das doenças.

- nós tínhamos casos, por exemplo, mais na frente, muito interessante assim, a mulher plantou o abacateiro, na divisa, o abacateiro cresceu o abacate era muito grande e caía no telhado do barraco do outro, ele pediu que ela cortasse o abacateiro porque o abacate estava caindo e quebrando aquela telhinha fina. - A minha não, quem manda no meu abacateiro sou eu, não vou cortar, minha filha a

briga era tamanha que quase saía morte, peixeirada naquele tempo iam para lá, e lá ía eu: "Que quê é isso?" , não é isso, vai não vai, aí vai não vai, e então, quer dizer no final a gente conseguia um acordo de cortar lado dele e deixar o lado de cá.

-Teve um que foi lá, porque era uma moça beata, que eles chamavam e o barraco dela tinha umas gretas grande e o vizinho ficava olhando ela tomar banho na bacia dentro do barraco pelas gretas, chegava lá e mandava chamar o vizinho, "olha você não olhe na greta, pelo o amor de Deus, na hora que a dona fulana tá tomando banho, mas que coisa mais feia é isso", não é, e aí eu digo:" você vai ter que assinar um termo aqui", e aí eles faziam "prometo não olhar na greta quando a dona fulana estiver tomando banho na bacia."

- você conhece o poema do Drumond de Andrade? Fala sobre Ceilândia, eu vou te mandar, é muito bonito, ele diz o seguinte: a coisa é mais ou menos assim, da bonita Brasília, da esqualida Ceilândia, elas se contemplam, qual das duas falará primeiro?

- , tinha coisas assim por exemplo, tinha um senhor, ele tinha 9 filhos, e a esposa dele morreu de tuberculose, e a mãe dele veio do nordeste para cuidar das crianças e ele ficou fora, porque quando ele foi para o nordeste ele perdeu a oportunidade de ter ganho o terreno. ele um dia me encontrou, mostrou os filhos e falou: "olha eu preciso do lote", nós conseguimos o lote para ele, e um dia eu estava lá no Serviço Social, ele chegou com todos em uma poeira que fazia medo, parece que ele tinha passado assim uma água, dado um banho assim na mesma água nos 9, e penteava assim, aqueles cabelinhos que estavam mais sujados do que limpos, ele botou os 9 assim e disse assim "olha eu não tenho com o que pagar, escolha um desses, é o que eu tenho, são meus filhos", eu não tenho com o que pagar o lote a senhora escolhe um desses que é o que eu tenho de presente para te agradecer. A coisa mais importante que eu tenho na minha vida são meus 9 filhos, e eu não tenho como pagar a senhora o favor de ter recebido esse lote e feito, a gente fez o comodozinho para ele, pegou, catou tudo para que eu escolhesse um, é uma coisa assim, era uma coisa muito, muito diferente, umas experiências muito...

- Porque não existe a história verdadeira, é o que a gente procura. Porque a gente tem que pensar na nossa história, na nossa memória e não tem ninguém, quer dizer tem esse tempo que vocês tem, insistem, olha não, e hoje essa semana, dá, não dá, quer dizer, nem que não queira a gente tem que arrumar um tempinho para elas, não é?

- **Antônia Alves da Silva (Dona Toinha)**

-Foi, eu fiquei toda enturbada, eu fiquei dois meses e quinze dias internada, foi muito triste, mais eu não desisti, de lá do hospital... que eu vim para a casa de uma afilhada, de uma madrinha de fogueira minha, olha o parentesco que a gente tinha. Ela era afilhada da minha madrinha de fogueira e chegando na casa dela já fui me internar, lá no hospital, aquelas pessoas que cuidavam de mim, gostaram de mim, inclusive a copeira me levou para a casa dela. É, eu fiquei na casa dela 2 anos, trabalhando pela comida e era babá dos filhos dela, aí de lá eu... Trabalhei um bocado de doméstica lá no Gama. De lá eu conheci um rapaz, namorei com esse rapaz, casei com ele na igreja... aquela igreja... como é que chama? Igreja Brasileira, porque eu ainda era menor, não podia casar no civil, por isso sou solteira, e consegui com ele dois filhos, depois ele me deixou e eu fiquei numa situação muito difícil. ele foi embora e eu fiquei com duas crianças. É, ocê vê se... 69, que é aquela que está aqui, ela nasceu em julho de 69, e a outra no dia 22 de dezembro de 70, então bem perto uma da outra, fiquei com essas duas meninas, eu dei a mais nova. Não tinha condições. É daí ... quem me acolhia tinha dificuldade de acolher as crianças, a mulher que eu deixava elas para poder ir trabalhar, a mulher queria tomar a mais nova, aquela ali, quando era três horas, já tinha que estar deitada sem ter direito de olha para nada. E ela só falava comigo se a mulher mandasse ela falar, e já estava lutando para tomar a mais nova, quando as vizinhas me falaram que ela queria

- A vida lá era muito difícil. Porque lá eram barracos e mais barracos, muito pequenininho, só cômodozinho assim, inclusive o meu barraco ele era feito só de tabuazinha, tinha até essas tábuas de caixa de maçã, você vê, eles pegavam as caixas, abriam e eles faziam tipo assim, bem dizer quase de papelão, então era muito difícil. tinha era minhoca, aqueles minhocões dessa grossura assim.

- Eu e minha filha e mais um menino que apaixonou por mim e veio, morar comigo, um garoto de uns 8 anos, então nós ficamos lá, eu fui no Serviço Social, e eles vieram e fizeram meu barraco, 3 por 4.

- É bastante, eu acho que é mais de que mineiro, é mais de que Alagoas, é mais, porque, olha, vinham caminhões, ônibus, eram todos lotados, as vezes, quando eu vim mesmo, vieram cinco ônibus, assim lotados. E vinha os paus-de-arara também, o pessoal, porque quem construiu Brasília mesmo, quem foi? Foi o Nordeste, só uma coisa que eu falo, as vezes eu falo, eu digo o homem tinha que ter mais sabedoria, os homens... você viu, construir essa capital da república com tanto amor e tudo, depois eles constroem presídios para eles irem para lá. Prá quê isso gente? Você viu? **A gente precisa ter mais sabedoria, construir coisas que constrói.**

- Não era nada, só muita terra, lama na época da chuva e o resto era poeira. Poeira de ter hora assim da gente... nessa distância aqui ninguém enxergar uma à outra, não enxergava, porque não era poeira era uma terra, tinha um vento roncador, ele fazia assim (vú, vú, vú), a gente ficava caçando se era avião, isso era o vento.

- eu lembro que uma vez lá em casa não tinha água prá nada, na rua ninguém tinha água e estava difícil, eu fui na CAESB, cheguei lá e fui falar com o chefe e ele me disse que. 'Não, Brasília quando começou também num tinha água não.' E eu disse para ele 'olhe, mais eu num vim atrás dessa. dessa palavra não senhor, eu tô falando, que se o senhor for na minha casa agora e cair um cisco no seu olho se tiver que colocar uma gota d'água, o senhor vai ficar com o cisco no olho, porque água não tem, e minhas crianças estão com fome, e não tenho como fazer a comida, então o senhor vem me dizer que Brasília começou, será que na sua casa não tem água também? Então eu quero resolver o problema não só meu, mais de quem está lá com sede viu doutor? E eu só vou sair daqui quando tiver o carro pipa para mim ir com ele lá levar água.' Aí ele disse 'Mas você tá me ameaçando?' Eu disse 'Porque não tem nem um filho seu, e nem o senhor, nem sua família passando o que eu tô passando, por isso que o senhor tá falando isso.' Aí o pessoal lá da seção dele, todo se levantou, aí um perguntou 'Cê é de onde?' Eu falei 'Eu sou brasileira' 'Não, mas a senhora tá braba?' 'Não, sou não, sou brasileira e tô atrás de uma coisa que mais preciosa na vida que é a água.' Aí minha filha ele olhou para mim, coçou a cabeça, chamou um moço lá e mandou vim ali para, sabe onde é aquele COMPER? Levou a água, ele levantou, coçou a cabeça e chamou o rapaz, 'vai lá, arruma, manda levar o carro pipa d'água para ela e toda semana manda um carro pipa levar água.' Eu falei 'Já melhorou, que a gente previne, enche as latas, bota dentro de casa, arruma direitinho, agora, ficar sem água?' eu fui dentro do caminhão para bica ali perto, era onde tem aquele COMPER ali, para aquele lado do SIA, fui e cheguei lá o carro encostou, encheu. Ah, chegou ali foi a maior alegria.

- Não, eu acho que a católica mesmo. Depois apareceram evangélicos fazendo aquele tipo de culto de chegar assim em frente daquelas casas e chamar o povo, botar a mão na cabeça que a pessoa vai caindo e tal, mais o católico.

- mas cada caso é um caso, quem canta não assobia.' Então sou meia assim.

- Senhora, eu vim para cá, porque na minha terra não me dava opção de vida, eu tenho que agradecer a Deus e esse pessoal que deu condições da gente existir.

- **EDITE MARTINS FARIAS:**

- Tinha cobra, as vezes descia na parede, lá em casa mesmo teve uma cobra, minha vizinha, o filho dela tava dormindo, a dona Lurdes, e a cobra estava descendo parede abaixo e a gente não podia nem mexer com ele, teve que deixar a cobra descer, ir passando e ir embora.

É, aqui teve muita cobra, muitas mesmo, e teve pessoas que foi ofendida de cobras aqui, teve pessoas que caíram das casas na hora dos ventos bravos aqui da chuva...

- Não sei se é porque eu confio muito em Deus, nós confiamos muito em Deus, nós... a nossa arma, não é de fogo mas sim a proteção de Deus.

- Ah, o negócio assim de diversão, ah mais era para crianças, jogar bola na rua, eles faziam, colocavam uma trava e faziam um campinho... eu tinha meus filhos pequenos, juntava com as outras crianças, eu gostava muito de brincar com as crianças e na época nós juntávamos com os moradores, a gente fazia fogueira, brincava de roda pique-esconde, ali mesmo com as crianças, e nos domingos a gente saía, as vezes a gente para ir ao zoológico com as crianças, meus meninos foram crescendo, a gente ia muito no Sarah Kubisheck que na época sempre teve aquele parquinho, é antigo, porque meu filho está com 36 anos e aquele parquim já existia e eu levava as crianças para brincar.

- Eu tenho um filho com 17 anos, que as vezes eu falo com ele assim: "Eu vou embora pra Bahia, você também vai." "Ah, mãe então vai a senhora só, que eu num vou não". Quer dizer, eles criaram tudo, cresceram, nasceram aqui e tão... ele ainda tá estudando, tá com 17 anos e eles num troca Ceilândia, eles num troca Brasília de jeito nenhum. Esse meu filho que tá com... com 36 anos, ele diz assim: "Eu num troco minha Brasília de jeito... pra lugar nenhum, nasci aqui e aqui vou ficar".

- **ANA MARIA DE JESUS**

- Foi. Meu pai veio trazer a minha mãe para tratar, com um mês ele veio buscar a gente. A gente foi comprado da... Comprados assim, o patrão, que ele veio para a fazenda, ele deu o dinheiro para buscar a gente e a gente veio para a fazenda para trabalhar, para pagar as passagens. - Nós fomos trabalhar na roça. Tinha que ficar lá. Terminamos de pagar, a gente veio trabalhar de doméstica em Anápolis.

- O dia todinho buscando água. O dia todo, hoje eu falo assim, eu vejo água aqui na torneira, tanto que eu já sofri, quem me conhece fala assim 'dona Ana, a senhora é uma mulher muito forte.' Porque eu bancava carrinho d'água, o barrigão e meus fi<sup>o</sup> nascia, não escapava por causa dos pesos que eu pegava e até hoje eu falo assim 'eu não tenho preguiça', hoje mesmo, um dia desses a mulher estava falando para mim, foi segunda-feira, 'o seu marido tá tão acabado.' É mesmo, meu marido bebe. Meu marido bebe e está muito magro, ela fala 'se seu marido morrer, Deus o livre, vocês vão morrer de fome.' Eu falei 'ô mia fia, eu acho difícil, de fome eu não morro sabe?' Porque eu não sei chegar na sua casa, que eu nunca fui e dizer assim 'dona me dá um prato de comida.' Eu falo 'me dá um serviço pra mim fazer pra você me dá o que eu tô precisando.'

- Valeu, eu tinha vontade de ter o meu lugarzinho, porque eu morava com minha sogra e ela sempre falava 'que num é seu, cê chegou aqui cê me achou.' Então eu pedia a Deus, eu falava assim 'um dia eu ainda hei de ter o meu cantim pra mim morar e dizer que é meu.' Porque é meu aqui.

- **FRANCISCA COELHO PEREIRA**

- Na própria Vila do IAPI, ali nós tínhamos uma loja de calçados e a casa era sem nome, esse era o título da casa. - Casa sem nome, aí ele fundou uma igreja lá também, arranjou lá na mesma rua.

- Tinha o dom da palavra. Tinha o dom da palavra. Tinha o dom da palavra.

- **MEIRY PIRES AMORIM**

- Então não tenho muito o que falar a respeito dos meus pais e nem da minha família porque eu não conheci a minha família. Até hoje não conheço meus tios, minhas tias, o pouco que eu sei, é isso que eu sei da minha família, e que eles eram realmente pessoas muito trabalhadoras e muito honestas. - Eu morava num orfanato em Boa Vista, quando uma senhora chegou no orfanato, e conversou com as irmãs e falou que ia me trazer para morar com ela no Centro Oeste, não falou que era Brasília. Eu não sabia, não conhecia Brasília, e me trouxe para morar com ela aqui em Brasília, que iria me criar como filha, só que quando eu cheguei, me lembro até hoje, o aeroporto era de madeira e eu fiquei assim muito encantada, muito deslumbrada com tudo que eu vi, por que tudo para mim era muito novo. Eu morava a vida toda praticamente dentro de um orfanato, não conhecia nada, não sabia o que... absolutamente nada da vida, e então para mim... assim é ... eu me apaixonei desde o primeiro momento que eu cheguei em Brasília. Eu lembro em Roraima é muito quente, Brasília quando eu cheguei, estava muito frio, e eu tremia de frio por que eu não tinha agasalho, eu não tinha nada, uma frase que eu escutei e que marcou muito a minha vida, foi quando eu cheguei para essa senhora e falei que eu estava com muito frio, e ela falou para mim “que tempo de murici, cada qual cuida de si” então eu gravei essa frase que ela falou pra mim e marcou muito a minha vida, porque foi quando eu aprendi que realmente daquele momento em diante eu teria que... que me cuidar e que lutar muito para que eu pudesse ter uma vida mais digna, uma vida assim realmente honrada. levantava 4 horas da manhã para arrumar as coisas, fazer café, que ela tinha uma.. eles tinham um armazém e quando eram 7 horas eles abriam o armazém. Quando eles abriam o armazém eu já tinha preparado todo o café deles, tinha arrumado a casa, lavado os banheiros e dado início na arrumação da casa, à tarde eu ia pra escola. Eu estudei apenas 1 ano durante o dia e depois eu passei a estudar à noite. Quando eu comecei estudar à noite, que ela fez a minha matrícula na escola em Sobradinho, eu levantava mais cedo para poder arrumar a casa dela, fazer os serviços e depois eu ia trabalhar na casa da Doutora Ceres, como empregada doméstica, e nos finais de semana eu ia trabalhar na feira de Sobradinho vendendo meias para essa senhora que me tirou do orfanato.

- Eu sempre gostei muito de brinquedo, e quando eu era criança, é o meu maior sonho era ter uma boneca, e num desses natais que eu passei na casa dessa senhora, na véspera de natal, ela falou para mim que se eu passasse a noite toda cuidando da neta dela, que era recém nascida, para elas poderem ir numa festa, que no dia seguinte ela ia me dar um boneco, aqueles bonecos de plástico grandão, que custa... Era moda, hoje custam em média de R\$ 5,00, 8,00, esses bonecos de plástico bem vagabundinho mesmo, e ela falou para mim que se eu cuidasse da neta dela, que ela no dia seguinte me dava um boneco daquele. E eu passei a noite inteira acordada com a criança no colo, no maior cuidado, no maior zelo para ganhar o boneco, no dia seguinte eu fui cobrar o boneco e ela me deu uma surra com fio de ferro, aqueles ferros antigos, que tinha um fio que ligava na tomada e no ferro, ela me deu uma surra e falou que “filho sem pai e sem mãe não merece ter nada”, então eu fiquei assim muito chateada, chorei bastante. Eu lembro que nesse dia, eu não era evangélica ainda, eu chorei e falei, pedi a Nossa Senhora que me levasse para junto da minha mãe, naquele dia, eu acho que foi consequência disso, então tanto é que a nossa loja, toda mercadoria eu que compro, tudo que tem na loja eu compro assim com muito carinho, principalmente as bonecas. Quando eu compro as bonecas, eu compro como se estivesse comprando para mim quando eu era criança ainda, então eu compro assim nesse... eu tenho o maior o maior carinho, o maior amor.

- Olha, quando nós começamos a fazer a Feira do Paraguai na 504 Sul, desde o primeiro momento que eu vi os meus amigos perderem mercadorias, as viaturas passarem em cima, eu convidei e falei pra eles, eu falei ‘olha, nós vamos trabalhar de forma legalizada, nós vamos ter um espaço definitivo pra nós’, e eu lembro que o seu Waldir falou pra mim ‘Meiry você ta sonhando alto demais’, e eu falei pra ele ‘Só consegue alcançar as estrelas quem sonha alto demais, quem sonha baixo vai ta sempre embaixo, quem sonha alto vai ta sempre em alto’, que se você tem um sonho, tem um objetivo, você

tem que correr atrás. Agora você sentar e esperar cair, não cai, então desde o primeiro momento eu sempre tive esse sonho, e eu vejo esse sonho se realizar agora.

- pedra que rola muito não cria lodo

- Não vale a pena você querer ser, às vezes as pessoas me criticam muito porque se eu vejo um ambulante, ou uma pessoa menos favorecida sendo perseguida, sendo discriminada eu entro na... ..defesa dele, eu entro na defesa por que eu sei o que é isso, e eu senti isso na minha pele.

- Quando meus filhos foram prestar o vestibular, eu pedi a eles que fizessem esse mesmo propósito. Eu também fiz esse propósito com Deus, na hora que nós estivermos formados, como nós somos em 5, meus 4 filhos e eu somos 5, vamos tirar uma semana de cada um dia da semana vai ser um que vai dar atendimento gratuito ao ambulante, ao camelô e ao feirante, porque muitos feirantes, muitos camelôs não tem a menor condição de pagar um advogado. Quando eles tem as suas mercadorias apreendidas, ou quando eles passam por outras situações delicadas que precisam de um advogado...

#### • **ZILDA PEREIRA DA SILVA**

- Precisei trabalhar e meus pais eram muito rígidos, não deixavam, eles achavam que a gente tinha direito de trabalhar, não de estudar (incomp). Só as mulheres. – Os homens estudavam, agora as mulheres não podiam. - Cuidar de casa, assinar o nome já era tudo, não podia fazer mais que isso. - Era difícil.

- cheguei aqui em 59. Eu vim pau-de-arara. Minha família não veio, quem veio foi eu. Ah, o povo comentava que aqui era bom, que era isso, que era aquilo. Aí eu vim, botei na cabeça e vim, que eu perdi meus pais muito cedo, eu não tinha pai nem mãe. Minha mãe faleceu, o seguinte, eu sou gêmea com outra irmã minha. São 12 irmãos. Só que na hora que ele nasceu, eu nasci primeiro, depois ele nasceu. Quando ele terminou de nascer, ele deu uma gargalhada, aí a minha mãe teve uma hemorragia interna. Ela ganhou menino em casa, aí teve uma hemorragia interna, que ela não esperava por aquilo, aí o quê que aconteceu? Meu pai trabalhava no sítio, na roça, quando chegou viu aquele problema todo ele também não suportou, ele pegou e se matou.

- Foi o padre Roque que me concedeu um lugarzinho pra ficar, foi por três meses. Era muito perigoso, a gente não podia andar. Era... porque tinha homem demais... era muito homem...

#### • **MARIA SABINO DE SOUSA**

- Para a entrevista por várias vezes para atender os clientes

- pensar na palavra “tombamento” e o que isso representa

- Um tombamento aqui, (incomp). - Histórico da cidade, aqui não tem, ali na Candangolândia já tem um pé de árvore que ninguém derruba, que já é tombado. Ninguém derruba, ali na Candangolândia que é muito maior.

-pensar em uma completar a frase da outra..

- Setenta e seis(76) não foi, que ele morreu? Nós estávamos aqui nessa feirinha, tinha uma menina até que morreu no mesmo mês que ele morreu, morreu ela e o marido, trabalhava aqui na feira. Ela com tanta paixão da morte de Juscelino, que ela saiu daqui foi atropelada, aí demorou, aí ia para o hospital novamente, estava fazendo coisa aí depois, se não, aí o marido dela morreu, quando o Juscelino morreu... ela morreu com o mês Juscelino, aí depois morreu o marido dela, primeiro dia do outro mês, quando é no fim do mês ela morre atropelada.

#### • **MARIA SOARES CAMPELO**

- seria bom ter um perfil mais rabugento, de uma mulher mal-humorada.

- Ah, meu pai era comerciante, ele teve um fim triste, era alcoólatra, e morreu no hospício.

- Ah, minha filha! Que isso era falado em todos os lugares, que era o lugar que estava começando. Todo mundo queria vir para poder ter um empreguinho melhor e foi assim que nós chegamos. Quando eu cheguei aqui minha filha, Brasília tinha oito anos de idade, que foi na época do Costa e Silva, aí ele teve um derrame, foi embora, entrou parece que Medici, foi mudando de presidente. É a gente quando mexia com pessoa nova não se liga muito nessas coisas, porque eu vim começar assim, amar, Juscelino, que Ave Maria, pessoa do meu coração, Juscelino, como é que é meu Deus? Esse que morreu, o último meu Deus, o ... Tancredo Neves! Não, também gosto dele. Aquele outro que é militar, minha filha! Figueiredo! Ah, para mim foi a época melhor da minha vida, eu gostei da... não está gravando isso, eu gostei da ditadura! Foi a melhor coisa, foi a melhor época. Foi a melhor época da minha vida, minha filha! Foi a ditadura, porque nós chegamos aqui, moramos em barraco, ganhamos apartamento zeradinho, no Cruzeiro, que meu marido era do SNI, meus filhos tinha transporte, escolar. Era uma vida maravilhosa! Se ganhava pouco mas, graças a Deus, deu para mim criar meus filhos, são formados, hoje todo mundo tem sua vida boa.

- **RAIMUNDA CAROLINDA DA CONCEIÇÃO**

Pensar na herança familiar, migratória.

- Eu sou quem compra, quem paga, quem negocio, eu quem faço tudo! Eu costurava, vendia em feira, e vendo até hoje, foi aonde eu encontrei mais as coisas, vocês me desculpe, porque eu estou um pouco... (HF) – Não! Eu estou vendo, a senhora está emocionada. (RC) – Nervosa...(HF) – Nada! (RC) – É por causa que falou... ( ? ) – Falou da mãe dela!(HF) – Não.(RC) – Não, é porque eu perdi um filho, nessa história. ( ? ) – Ah, sim!

- Aí eu vim para Brasília, e começamos a trabalhar, ele trabalhava na construção de Brasília, e eu em uma frutaria, e isso nós fumo tocando a vida. Depois ele falou que não ia mais trabalhar em construção, ele foi vender melancia, aí viemos para a feira. Foi da vez que nós viemos para a feira, ficamos oito anos vendendo verdura. Depois passamos para carne.

– Quais as razões que fizeram a senhora mudar para Brasília, a senhora lembra? – A necessidade, do nordeste. – A necessidade! – Necessidade, né

-Agora eu acho muito errado, o rapa. Sim, necessário em uma hora que a mercadoria estiver estragada, e se a saúde, agora o rapa eu acho muito errado, deveria botar uma taxa para você pagar para trabalhar. Você dá, como é porque se você está ali trabalhando, precisa daquele trabalho. Você tem que dar de comer a sua família, se você não tem que trabalhar, se está vamos supor, eu empreguei mil reais, o rapa chega carrega tudo que eu vou dar de comer amanhã a meus filhos. É por isso que muita gente acha que é eu dando cobertura a bandido. Mas já pensou um pai de família se desespera em dever uma pessoa que está em cima, cobrando, e não ter com que pagar e nem ter com que comprar.

- **SEBASTIANA ALVES DA SILVA**

- Pensar na imagem de uma senhora cansativa que repete as mesmas frases

- Eu gosto de ser feirante, eu descobri isso depois de tantos anos e a minha filha está pegando a minha doença. É uma doença, a senhora acha que isso é uma doença? -É, eu acho que é uma cachaça, a minha filha está com 18 anos, fazendo faculdade, tem nada haver com a feira, ela é bioquímica e farmácia, mas ela fica aqui no sábado e no domingo, e você pode convidar ela para qualquer coisa ela fala: “só vou depois da feira, num me vejo fora da feira sábado e domingo”.

- **THEREZINHA ROMÃO ARAÚJO MAVROIDES**

- praticamente eu não queria vir, eu amava muito a minha família tinha que acompanhar. A razão foi melhorar de vida, por que lá no estado de São Paulo a gente tinha uma vida boa mas trabalhava na

horta, não tínhamos terra, a gente arrendava dos fazendeiros lá e plantava. A gente trabalhava com algodão, não era café, e todo mundo trabalhava, era feliz daquela maneira, mas o meu padrasto achava que existia uma coisa melhor, como foi bom ter vindo.

- eu não sei assim a data precisa porque eu esqueço um pouquinho datas, eu comecei bloqueando datas tristes, depois estou bloqueando as boas.

- **MARIA ROCHA TORRES CARVALHO**

- Minha filha é o seguinte, a gente veio pra cá porque o meu filho veio primeiramente procurar emprego... Melhorar de condição. Quando ele chegou aqui, estavam passando muita necessidade eu vim, veio ele, minha filha, aí eu vim! Quando eu cheguei vi a necessidade deles. Eu falei com ele, “meu filho vamo ficar todo mundo junto trabalhando... que junto...a ...a gente unido jamais será vencida”. Nós temos que trabalhar juntos para viver uma vida melhor, então, a gente veio, veio o mais pequeno, começaram a estudar e todo mundo trabalha, graças a Deus!

- Eu tinha meus filhos, ainda estavam pequenos, estudando. Foi tempo que essa mãe morreu, e dobrou o serviço, trabalhei muito mais. Fiquei a mãe e o pai deles, o pai de uma matou a mãe de todos. Porque ele era só pai de uma, ele matou ela e o juiz me deu, nesse tempo eu fiquei trabalhando na feira só os domingos. Aí outro casou, ficou só o solteiro que é o mais velho, ficou comigo. Que é o dono da casa lá. Agora ele está com uma mulher lá dentro de casa e a mulher não me agradou muito bem, andou até puxando meus cabelos, coisa que eu não gostei, não gostei mesmo! Mas ela me pediu perdão e eu perdoei. Porque Deus disse assim: “aquele que não perdoa não é perdoado.”

- **MARIA LUÍZA DO NASCIMENTO CORDEIRO**

eu saí de Recife e fui morar no Rio, meus pais não queriam que eu me casasse com esse rapaz que eu casei, e hoje eu sou divorciada. Aí eu fui para o Rio, eu casei, quando eu estava no Rio, através de uma cunhada dele que mora aqui no P Sul, ela chegou lá e disse ‘vamos simhora pra Brasília’ que eu vi uma situação muito ruim no Rio de Janeiro. Meu marido mandava... me batia, tudo, aí ela pegou, chegou lá e me trouxe para Brasília, aí chegou em Brasília, eu vim 4 meses de gestante desse menino, com 16 anos já. Chegou aqui ela me levou para o médico, o médico disse que talvez não sobrevivesse, que eu estava muito doente, muito abatida por causa da minha gravidez com ele, mas graças a Deus está aí, eu e ele estamos bem. Hoje eu sou sozinha, tenho três filhos, a Márcia, Márcio e Marcelo e uma neta que é a Cíntia, e hoje estou bem graças a Deus, eu trabalho, tenho força para trabalhar, todo dia...

- Eu não trabalhava de nada não, era só dona de casa.

- Foi assim, eu fui trabalhar quando cheguei aqui onde é esse Posto de Saúde, aí procurei minha menina, nesse tempo minha menina tinha 9 anos, procurei e não achei, aí eu disse ‘cadê a Márcia, Marcio? Ele disse ‘Ih mamãe, Márcia ta ali capinando um pedaço de terra ali, e disse que é pra botar uma banca, pra senhora para colocar uma banca’ aí eu fui atrás dela dizendo que eu não queria, não queria, aí ela comprou uma caixinha de ovo e foi pra lá, e ficou lá até eu tomar conta da banca. Ela tinha 9 anos e já pensava em ajudar. aí eu fiquei com dó dela, porque ela ficava lá na chuva, no sol quente, com a caixa de ovo, a caixa de ovo apodrecia tudinho, que ninguém comprava o ovo dela. Eu peguei uma churrasqueira e fui pra lá, comecei vendendo churrasquinho, pão de queijo, coxinha, enroladinho que eu mesma fazia.

- **MARIA INÊS FELIX DO NASCIMENTO**

Por causa que veio a minha cunhada pra cá e dessa vinda da minha cunhada, a minha sogra veio, o meu sogro e depois aí veio o meu marido pra cá um passeio e dessa brincadeira ele veio um passeio e

ficou trabalhando. Eu fiquei lá, gestante de 2 meses, quando ele voltou lá o menino já estava com um (01) ano e oito (08) meses, o buchão de gestante, e hoje está com dezenove (19) anos, o meu que está no exército. Aí ficou trabalhando, a foi tirar as férias, já com (02) anos que ele veio tirou as férias, as férias de um (01) ano ele não tirou, foi tirar as férias de dois (02) ano para ir lá, quando ele deixou o menino com um (01) ano, com dois (02) meses já estava com um (01) ano e oito (08) meses. Muito tempo mesmo sozinha, trabalhando, eu trabalhava de roça e na emergência lá e nessa época eu tirei cinqüenta (50) (incomp) de arroz, sozinha. (MS) – De roça, eu trabalhava de roça e eu tomava conta de casa, que minha mãe era assim, não gostava de serviço de casa, ela toda vida gostou de roça.– É, aí eu ficava em casa fazendo comida, e mandava deixar na roça, lavava roupa, com 10 anos eu lavava trouxona de roupa assim ó, grande, aí mandava para mim, levar comida para roça, o meu pai era...– Sozinha, e minha mãe na roça mais meu pai. Quando meu pai morreu com 39 anos, meu pai morreu novo. Aí meu irmãozinho mais novo ficou com 16 dias, 1 mês e 16 dias, quando meu pai morreu, meu irmão mais novo. – Eu fiquei ainda bem um mês ou mais sem trabalhar, aí foi que eu comecei... eu ficava doidinha para voltar, porque lá eu trabalhava de roça, eu tinha minha banquinha de vender lá, a casa nossa lá era na beira da linha, então <sup>28</sup>eu fazia bolo, fazia tira gosto, comida, aquelas pessoas comerem, dia de sábado tinha feira lá no São Francisco, então aquelas pessoas já eram...– Quando eu cheguei, eu comecei... passei uns dias sem trabalhar, só em casa mesmo. Eu comecei arrumar, as amigas minhas arrumaram lavada de roupa para mim, passada de roupa, eu comecei encher minha semana todinha de serviço. Eu tinha segunda, sexta, sábado, até os sábados eu trabalhava fora, tinha vez que eu já passei uma noite todinha sem dormir, passando roupa, para mim da conta no outro dia. Era minha filha, eu não parava, às vezes eu dava uma cochilada que faltava era cair, eu passando roupa de noite, para no outro dia eu ter... É, para dar tempo de lavar de outro, que tinha vez que eu lavava de duas (02) pessoas e passava de outra, mas também tinha dia que minhas mãos ficavam que eu não agüentava nem abrir o pulso assim. Eu ainda comecei trabalhar em uma lavanderia lá no Plano, só que lá era muito... botava muita quiboa e eu não estava gostando, não comecei gostar por causa que a comida que a gente levava fria, não tinha nem lugar de esquentar. Eu só trabalhei uma semana, e eu digo: ‘eu vou voltar pra meu serviço mesmo, que eu ganho muito mais’.

- Aí dei aquele susto. Quando dei aquele susto, ele atirou dentro da banca, foi na hora que eu corri e fiquei bem no cantinho assim. A minha mão ficou assim no cantinho aí ele meteu os tiros minha filha, quebrou esses três dedos aqui ó, esses meus dedos aqui ficaram tudo alejados, aí eles pegaram o som, eu estava até assistindo, que no outro dia era o meu aniversário, no dia 21, e eu assistindo a fita que esse meu filho me deu. Era meu aniversário no outro dia, estava assistindo essa fita, quando eles passaram já foi de olho no som, no gravador, quando eles viraram na minha banca, só fiz... peguei o gravador e botei assim debaixo da caixa de cerveja, fui fechei a portinha pequena e a grande. Fica assim na esquina, eles ficaram de trás da minha banca por outro lado, quando eu fechei a porta que fui para entrar, eles já tinham o (incomp) na mão, ‘fala nada não que senão atiro em seu fio’, ô menina, eu dei um susto assim. Quando eu dei o susto ele atirou em cima lá da banca, eu corri lá no cantinho assim, só que eu escondi meu corpo, minha mão ficou assim ó, no canto e ele meteu o tiro, (incomp) meteu o tiro. É, desapareceu de lá, porque eu já estava assombrada, quando via um que já era daquele tipo ali, já ficava tremendo. Eu não dava demonstração mas eu ficava assim com medo, com esse medo que no dia que roubou o meu freezo isso foi de noite e eu fui (incomp) acabei de resolver esse negócio da... fui 2 vezes para mim registrar ocorrência. A primeira vez não consegui, que estava o computador fora do ar, aí tornou de novo, mandaram eu voltar, voltei, quando foi meio dia e quarenta foi que eles mandaram eu voltar para minha banca para começar fazer comida, para mim trabalhar,

que depois eles iam voltar lá para fazer ocorrência, cadê que foi? Foi não, aí quando... cheguei lá, entrei dentro da banca com a porta quebrada assim mesmo, ainda fiz comida, vendi esse dia... graças a Deus, Deus me ajudou, meio dia e quarenta eu fui fazer almoço, ainda fui acender fogo para fazer churrasco, vendi foi muito ainda.

- **MARIA DAS GRAÇAS**

- Vender galinhas, pensar nessa imagem.

- **Luzimar Rodrigues**

- Eu achava que não conseguiria mais nada.

- Eu queria que você ajudasse a gente, pela primeira vez que eu tive uma entrevista. -Uma oportunidade de falar.- Uma oportunidade de falar, porque a gente nunca foi reconhecido por ninguém aqui, o administrador nunca vem em banca de ninguém para falar de fazer melhor. - Muito obrigada, agradeço muito pela sua entrevista, para mim foi a melhor coisa, que a gente estava desistindo de trabalhar aqui.

- **Ilda Rogeri**

-Passa frieza no depoimento

- **Maria Célia Ferreira Bastos**

-Eu vou tossir.

- **Jandira de Lourdes**

- Foram dois motivos, um que meu pai perdeu uma filha novinha num acidente de carro, atropelou matou, ele ficou muito doente, minha mãe pensou que mudando de lá prá cá ele se curaria. O destino falou mais forte, aí só ficou um ano, não foi nem um ano aqui em Brasília, ele faleceu, nós levamos ele de volta...

- quando eu ia me casar, ela não queria que namorasse, para casar, namorasse tinha que casar, eu te contei e eu muito bobinha, novinha, ele doido para casar, a gente namorou, noivou e casou rápido, começamos a namorar em junho e casou em janeiro do ano seguinte. Isso, eu ajudava, como o João ganhava pouquinho, eu toda vida acostumada a trabalhar, a gente casou, não tinha quase nada em casa, eu não vou ficar quieta, ele não queria deixar eu trabalhar porque novinha, bonita, vigiava. Então ele falou : ‘Eu vou começar, vou convidar meus colegas de repartição, aí você dá almoço pra eles aqui, na hora que eles sair pra eles almoçar, sai pra trabalhar eu também, pronto, a gente combinamos assim né, só que aí a minha mãe como a minha mãe tinha que fazer uma cirurgia, minha mãe : ‘não, fazemo o seguinte, a gente troca – até comentei com você, trocamos os barracos né – aí você pega, e a gente troca os barracos e você continua com a cantina pra num parar, aí eu posso fazer meu tratamento sossegada e você vai trabalhar. Você não quer trabalhar?’ Eu falei : ‘Quero.’ Aí a gente combinou. Isso já era em 66, 67 mais ou menos, eu comecei dá comida na cantina. O João estava o tempo todo lá, de manhã ele não trabalhava, então ajudava a fazer as compras e depois eu trabalhava, tinha empregada ou não eu dava conta de 100 e tantas, até 200 pessoas para comer, eu fazia. Fogão a gás, fogão a lenha, tinha vizinha que tomava conta da minha filha da primeira, só que foi começando a aparecer a doença dele, que ele era esquizofrênico, a gente não sabia, que até então ele escondeu, mas na convivência que a gente já foi passando no dia a dia deu para perceber que ele era doente. Ele começou a ficar agressivo, abandonou o trabalho, perdeu o emprego viajou com o irmão dele e com a mãe Com a madrinha do meu segundo filho, começou a vender umas jóias lá no Norte de Goiás, o irmão dele arrumou uma outra atividade só que ele fez tudo isso porque não estava bem, a cabeça dele não estava ajudando. Porque depois também fiquei doente. Eu tive um... Engravidei do segundo segunda gravidez sofri um aborto, o bebe já estava morto e eu fui fiquei muito doente,

entrei em coma, quase morri. Que já estava com cinco meses e eu já tinha perdido acho que já tinha morrido há muito tempo e não sabia. Aquela ansiedade cuidando dele, trabalhando, quando fui perceber eu já estava doente, então eu parei com a cantina... Minha mãe entrou de novo, como eu nunca sabia ficar quieta, eu já tinha meu segundo filho e cuidando dele, ele ficava muito internado, demais, naquela época ele ficava mais no sanatório espírita de Anápolis ele ficava lá e eu ficava toda vida ansiosa sem saber o que eu fazia, então pegava os meus dois bebês e ia para a feira lá no Mercado Diamantina ajudar minha mãe. A situação difícil, ele tinha perdido o emprego e ela me ajudava no que podia, me dava as frutas, verduras, me dava um dinheirinho<sup>29</sup>, e eu ajudando ela. É, só que ela falou: ‘Não minha filha’ a situação está difícil, a gente vai comprar um ponto para você aqui pertinho. Apareceu uma pessoa vendendo ela comprou o ponto para mim ir trabalhando e pagando. Quando eu entrei na feira já tinha dois filhos, tinha um marido doente que dava trabalho mais que 10 filhos... Estava, com dezoito, dezenove. Então meus filhos davam menos trabalho que o marido, o quê que eu tinha que fazer? Trabalhar, então eu trazia, deixava dormir debaixo da banca, que tinha o carrinho, colocava, ele eu jogava uma lonazinha, deitava ficava ali o tempo inteiro, ali mesmo eu dava comida, sempre eu morei pertinho graças a Deus, que sempre mora aqui, então quando dava eu corria lá em casa dava um banho. Quando eu podia tinha empregada, quando tinha empregada boa, de confiança tomava conta deles, só que eles queriam estar toda vida do meu lado, a empregada vinha com eles, agora o marido toda vida tinha que está debaixo, perto de mim, debaixo da banca, mas ficava. Marido doente foi aqui e então aí como eu não tinha outra opção, igual eu te falei e fui ficando, fui ficando, criando eles aqui, criando meu marido. Tem porque além d’eu cumprir minha obrigação com a minha família, marido, filho, até netos, que eu já ajudei que eu crio neto graças a Deus até hoje, a gente fez boas amizades, os colegas de trabalho, com os próprios freguêses, com o administrador que entrou para trabalhar com a gente. Então tem coisa boa, a gente tem recordações boas, afinal de contas é o trabalho da gente, então a gente gosta. Para mim, eu graças a Deus tenho todo orgulho, tem gente que tem vergonha de ser feirante, eu mesmo tinha umas primas que tinham vergonha às vezes<sup>30</sup> de conversar comigo que antes (incomp) de altos e baixos, que achava que... até uma que foi miss Brasília, AluÍzia Gasparina da Fonseca, eu não sei se você se lembra, no início ela não saía da nossa casa, ela era toda assim, depois ela ficou sendo miss ela achava que ser feirante era coisa assim toda vida graças a Deus eu falo para todo mundo, sou feirante com muito orgulho, ela fala que é comerciante, eu não, sou feirante com toda honra, com todo orgulho graças a Deus nos meus documentos tudo eu coloco. É, eu falo de boca cheia, eu falo eu vou para a feira, não falo, vou para o meu trabalho, vou para a feira, então graças a Deus... Decente, honesto, já tive várias oportunidades de vender para as pessoas que tem dinheiro e eu nunca fiz, sempre quis trabalhar honestamente, então para mim isso aqui é tudo, para mim é muita honra trabalhar aqui às vezes eu poderia está trabalhando um pouco menos, sofrendo um pouco menos se eu tivesse estudado, mas eu não tive oportunidade, então eu só tenho que agradecer para Deus. Foi aqui, tudo que meus filhos tem graças a Deus, foi com os braços de Deus, meu e da feira, então feira para mim é a minha casa, eu passo o dia todo na feira, minha casa só vou à noite.

Eu agradeço ter podido falar e mostrar um lado, um pouco da minha vida.

- **Ana Rita Santos Silva**

-Oh, primeiro que eu nem estudei, era subindo nos pé de pau... Agora eu Tô chorando. Era muito difícil, minha filha. Eu vim pra cá e minha vida era dando duro, lavava roupa, fazia faxina, ajudava em tudo na pensão que eu morava. Na minha família, só tem eu de feirante, eu nasci com esse destino.

- Oh! menina, tem uma pobrezinha aí, nem ajuda e nem desajuda, a Francisca. Ela é administradora da feira, mas não é peixe nem é carne. – Ah, antigamente era bom, era uma beleza, o povo era bom, eu botava minhas coisas aí fora, o administrador chegava dizia ‘olha, não pode usar fora’, que o povo dava parte que fechava os becos, a gente botava e ele chegava dizia ‘tem que tirar’ a gente tirava, era assim, agora não, com a Francisca vai prá lá o povo quer bater nela. Talvez a dona Francisca por ser mulher, eles não tão...Não, coitada ela não tem, que tem mulher que tem voz ativa e ela não tem. Coitada. – A senhora acha que as pessoas às vezes desrespeitam a pessoa da dona Francisca por ela ser mulher? Eu digo que sim.– A senhora acha que sim, e eu... – Todo mundo diz. A pobrezinha vai e diz assim ‘Ô menina não...’ ‘recua, vai prá lá’ e ela sai murchinha.– É mesmo. Devia ser um homem, mas os homens parece que não querem ficar aqui, que era o Domingo era bom, aí botaram o Domingo para a feira...– Um homem, gente. Poder tomar pulso. É, o que precisa aqui é de um homem que tenha autonomia. - Embora quer dizer, tem mulher igual a senhora falou, que tem voz ativa. É, mas a Francisca coitadinha... Não consegue. - Faz dó.

- **Evilásia Reis do Nascimento**

- Mamãe tinha do lado da casa um cômodozinho assim que meu pai fez, e tinha de tudo dentro daquela áreazinha ali. Mamãe vendia... um peixe que tem lá na Bahia nas feiras, que é toda assim enfiadinho nos palitinhos, que os pessoal chama Xangó. Uns peixes assim seco que o pessoal pega e bota de molho depois seca direitinho, e quando acaba frita no Azeite de Dendê, para comer com farofa de Azeite de Dendê. Muito Gostoso! Fica aquele fritinho assim gostoso, bem torradinho, muito gostoso, mamãe fazia cuscuz de carimã, cuscuz de tapioca, fazia bolo de mandioca, cozinhava banana da terra, fazia beiju, mais o beiju não é desse polvilho que a gente trabalha aqui hoje, mamãe fazia beiju daquela massa da mandioca mesmo, aquela massa que parece uma farinha, ela ralava a mandioca, lavava, espremia, tirava toda água, botava para secar, e fazia aquele beiju naquela que... eu sou costureira, eu trabalho, eu trabalhei muito tempo assim fazendo parto, particular. Peguei muita criança, graças a Deus eu tenho vários afilhados que nasceram nas minhas mãos, hoje trabalho com as comidas típicas da Bahia, com acarajé, cuscuz, beiju, cocada, bolo de mandioca, moqueca de peixe, sarapatel, essas comidas típicas mesmo de Salvador. É Baiana, e aqui em Brasília eu trabalho dentro desse ramo, e como a gente que é de Salvador sempre tem mais uma religião também, eu quando nasci as pessoas diziam que eu era filha da Oxúm, que é Nossa Senhora da Conceição, ou Santa Luzia, ou tem outra imagem. Mais a minha é Santa Luzia, e eu com três anos de idade, vivia assim doente, caindo, e mamãe sem saber o que era que eu tinha me leva ao médico. O médico, ah... Dona Maria, isso é chique de criança, é chique de criança, até que a mamãe descobriu uma senhora que era filha de Ogum Marinho, que é um santo da água. Indo lá na casa dela ela falou, não Mariazinha sua filha é filha da Oxúm, e ele precisa de fazer o santo. E eu fiz o santo, hoje eu estou com setenta e oito anos de idade e com setenta e cinco anos de feita no santo. Todas as reuniões, nunca perdi uma e sempre fui convidada, por isso que estou dizendo a você o pessoal me respeita muito naquela feira, não é aqueles qualquer não, as pessoas decentes me respeitam muito. Nas reuniões quando a gente chegava aí eles dizia assim ‘a Dona Evilásia tá por aí? A baiana velha, tá. Dona Evilásia vamos abrir a reunião’, eu dizia ‘vamos. Como? A a senhora já sabe’. Era para eu fazer uma oração. Aí eu fazia a oração eu me benzia e rezava o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria, Salve Rainha, e pedia para todos os Orixá que desse paz e tranqüilidade abrisse a cabeça de todas as pessoas que estavam ali, para que respondessem coisas agradáveis e não tivesse discussão e nem aborrecimento.

- **Deuselina do Vale Carvalho**

- Eu me orgulho de dizer quem são eles, e que são vivos graças a Deus. Meu pai é Manuel Bezerra do Vale e minha mãe é Luiza do Vale. São de origem é Ceará também, todos viemos de lá. Olha, é difícil, você quando mora em um local assim, interior, as coisas todas é um pouco... é muito sofrimento. Você tem uma vida, vamos dizer que até quando você está lá, acha que está bem, trabalhando, a família grande, como somos lá em casa, 11 irmãos, mas a partir do momento que você sai, vem conhecer lugar diferente, e aqui tem a possibilidade de ter uma vida melhor, com certeza.... fica encantada e aqui você vai em frente, às vezes tem a saudade da família, o sofrimento por estar longe, mas daí fala mais alto por ter um emprego, sempre tem como ganhar um pouco mais, melhor do que lá para você ganhar um troco, é muito difícil. Antes eu trabalhava na agricultura com os meus pais. Uma família de 11 irmãos, e a gente sempre. a sobrevivência foi essa.

Dia de segunda, é dia de cuidar da casa.

- **Amélia da Silva Araújo**

- Bom, a senhora chegou aqui bem mais tarde, por que nós temos aqui uma pergunta sobre a prostituição entre 57 e 60. A senhora saberia falar alguma coisa sobre isso?

- Bem, tinha um lugar reservado para esse povo. Até que em uma ocasião tiveram que tirar essas mulheres daqui, ouvi alguma coisa sobre isso. Que era logo aqui embaixo, nesse trecho aqui, tiraram, deram outro lugar para elas não sei onde também, sei que foram para diversos lugares. Eles queriam melhorar isso aqui.

Mas não interferiam na vida dos habitantes não. - Elas ficavam lá no... - No lugar delas, tinha uma parte assim que era reservado para elas, mas como aqui tudo é pequenininho, a gente via, sabia, nesse tempo eu não estava aqui ainda, mas ouvi falar. - Mas tinham os lugares delas separado. - Tinha sim.

- **Prima Mandotti Cavaleiro**

- Eu fiquei morando na casa dos fundos da Cruzeiro e ali que começou meu sofrimento, que até era uma maravilha. Mas é que ficou meu sofrimento, quando meu marido faleceu eu era dona de casa, não participava de nada, não sabia de nada da vida dele, sabe como era antigamente? Não sabia de nada, dos negócios, de nada. Então quando ele faleceu fiquei com os meninos pequenos e fiquei... Perdida.

- E como a senhora já disse havia prostituição. A senhora acha que era muita prostituição ou era normal pela condição de vida do Núcleo Bandeirante? Eu acho que era normal, muito homem não é filha? Sem família aqui, eles vieram e não trouxeram a família. Elas eram muitas - Bastante, e muitos candangos. Porque o pessoal vinha todo sem família. mas era uma coisa muito reservada viu? Não, era uma coisa bem reservada, elas, se comportavam, no seu lugar..se comportavam bem, no seu lugar, não tinha queixa. Não atrapalhava a vida da gente.

- **Philomena Leporino Mazzola**

Não, eu vou lembrar. Então, ela morreu em vinte e quatro horas, uma menina bonita, com quinze anos, eu fiquei doida, não quis vender a casa nem as coisas mais, fui para casa de uma prima, mas de lá eu ia na casa de todos parentes, e meu marido coitado ficou lá sozinho, os filhos já tinham casado, essa morreu e ele ficou sozinho, eu ficava dois dias na casa de um, dois dias na casa de outro, e quando eu estava em Uberlândia na casa da minha prima, saiu na rua propaganda que ia ter uma reunião sobre Brasília, vai fazer Brasília em Goiás, eu falei para minha prima: “É pra lá que eu vou.” ela falou: “Imagina só, tem homem lá.” “Quê que tem ali, que tem eu ir?” “Tem nada.” Fui sozinha, deles ninguém quis ir, fui bem cedinho, esqueci o nome do danado do governador daqui, fui ver o governador, era alto, forte, ele era mineiro, então ele disse assim: “Os que querem ir para Brasília, a futura capital, quatro anos não paga imposto, mas é para o comércio, qualquer comércio, não paga imposto”, falando as vantagens que eles iam dar e eu doida para

procurar um lugar, eu queria morar em um lugar que não visse aquele povo que conheci em Minas, estava meia maluca, eu fui e ele me deu um endereço para todos e eu peguei, quando cheguei na minha prima falei assim: “Oia aqui.” “Oia aqui o quê que eu arrumei.” “Mas cê vai?” Falei: “Vou, porquê não?”. No outro dia o marido dela foi comprar a passagem prá mim. Tinham umas kombis que iam até Goiânia, de lá tinha umas conduções maltratadas, mas a gente foi. Minha prima disse: “Você tem coragem de ir sozinha?” Naquele tempo Goiás era um deserto. Eu falei assim: “Ah, seja o que Deus quiser, se eu morrer também é bom.” a gente quando está desiludido, não é? Chegou em Goiânia fui para um hotel, fiquei torcida, a gente não dormia, quando está meio atrapalhada eu pensava até que ia ficar doida, mas não fiquei, quando levantei encontrei logo o rapaz falei: “Escuta, onde que é o tal lugar assim?” Tinha o endereço na cabeça, ele falou assim: “aí na esquina, na frente pára um ônibus que vai parar lá nesse lugar que a senhora tá falando. É... em Goiânia.”

Aí meu marido falou: “Aqui vai dar tudo certo, porque num tem nada.” Ele fez uma casa, quando fez um ano ele não inventou de morrer? Aí, que descascou um pepino de... eu falei assim ó: “Que quê eu vou fazer agora?” Eu num vou voltar, eu vou ficar doida, eu vou ficar aqui mesmo”. Quando ele começou a passar mal eu pus ele em um avião, mandei fretar para São Paulo, chegou lá minha filha, telefonou e falou assim: “Mãe, papai tá muito ruim, vembora.” Aí eu fui, com três dias que eu cheguei ele morreu. “Ah cê num vai mais, lá sozinha, num tem família. Eu falei: “. ” Até hoje estou aqui. 9

-Fiquei dona do menino, ele deu uma grande coisa, mora em São Paulo, está muito bem na vida graças a Deus. Depois eu criei 14, para cobrir a minha, mas não cobriu.

- **Else Pereira Haine**

- Bem, no interior da Bahia as filhas já sabiam, tinham que aprender a costurar, cozinhar, essas coisas que era para ser uma boa dona de casa, a vida não era fácil. Meu pai, apesar da situação financeira, não era ruim, mas devido a época tornava-se muito difícil, nós éramos em sete irmãos, então vamos dizer assim, foi escolhido como dizem hoje, a dedo, para ver qual ia estudar na capital, eu não fui beneficiada essa benção. Não, foi o mais velho e o mais novo. Na época era o primário que chegava para a gente, nem ginásio tinha, era na capital, Salvador, Feira de Santana, as cidades mais importantes.

- Ô Silvia eu vou te contar uma história, essa menina, essa minha amiga que eu disse que foi miss Núcleo Bandeirante, é uma menina muito linda Anita Lopes, que é daquela época deve saber até hoje. Ela era noiva, o namorado dela chamava Dirceu, ele era um gaúcho, trabalhava na companhia Planalto que estava construindo a praça dos Três Poderes, hoje o Congresso, naquela época a gente chamava 28, que ele tem 28 andares, então não chamava Congresso. Então ele chegava dizia: “baiana, baiana, hoje morreu seus contrêreos.” “Quem era Dirceu?” Ele disse: “ Ô baiana, caiu bem uns cinco ou seis do 28.” Caíam, eles vinham Silvia, todos doidos para trabalharem, porque vinham se fichar com aquela ilusão, que os caminhões eram cheios de candangos, direto, eles vinham chegavam e fichavam na NOVACAP, mas eles não tinham costume com altura, era isso que Dirceu me falava, Dirceu era o funcionário que estava construindo ali o Congresso. Era os Três Poderes, o Congresso, a Câmara dos Deputados, tudo ali que é o Congresso. Então ele disse que eles vinham, fichavam e subiam, não tinham nada de segurança, de maneira nenhuma, eles subiam, o planalto ventava demais, como eu te falei muito frio, era muito aberto e aquele vento horroroso, diz Dirceu que tinha uns que iam subindo desequilibravam, caíam, pegavam, não sabiam nem quem era, não tinha identidade, tinha sido feito a ficha, os parentes acho que nem sabiam era quase todo dia, Dirceu me contava: “êh baiana, (ele me chamava era de baiana, baianinha) mas hoje eu fiquei com dó”. Eu dizia: “Mas Dirceu não é só baiano.” Ele dizia: “Não é.” Mas toda vida tinha aquilo, era baiano, podia ser nordestino de qualquer lugar, até hoje tem isso. Podia ser do Ceará, Pernambuco, era baiano. Ele dizia: “Mas caiu hoje foi não sei quanto.” Dava conta dos que morriam, eles não tinham costume com altura, não tinham segurança, não existia hoje como segurança, a fiscalização em cima, era cada um por si.



## Apêndice A – Notas sobre as entrevistadas

- 1- **Anunciata de Freitas:** a entrevista diz que não sabe onde nasceu, hoje se considera classe média e é advogada e procuradora aposentada.
- 2- **Anna Niemeyer:** é filha do Arquiteto Oscar Niemeyer.
- 3- **Alba Tabanez:** a entrevistada conta que iniciou o ensino superior, mas não discrimina qual foi o curso.

### Formação do Núcleo Bandeirante

- 4- **Améloa da Silva:** Nordestina e se apresenta como “do lar”, era comerciante na época da construção de Brasília, conta que não participou do movimento pró-fixação, apenas seu marido participava. A entrevistada faz um relato interessante sobre as casas de prostituição no Núcleo Bandeirante e sua localização espacial e social, separada e silenciada enquanto mulher.
- 5- **Prima Mandotti:** Se apresenta como dona de Casa, diz que tem 56 anos, e estudou até a 8ª série do ensino fundamental 1 (hoje é chamado de 9º ano), ela é filha de italianos, paulista e trabalha como empregada doméstica em Brasília. A entrevistada fala sobre a cidade calma, mas não especifica em que ano da construção e sobre a precarização do Sistema Único de Saúde. Nesta entrevista, me chamou atenção a repetição e falas e a intervenção das entrevistadoras. Prima Mandotti conta que perdeu o marido e ficou perdida durante um tempo pois ele resolvia a maioria das questões financeiras. Fala também sobre a questão da prostituição na época. Ao falar sobre o assunto, uma parte específica me chama atenção: “Elas ficavam lá no... - No lugar delas, tinha uma parte assim que era reservado para elas, mas como aqui tudo é pequenininho, a gente via, sabia, nesse tempo eu não estava aqui ainda, mas ouvi falar. - Mas tinham os lugares delas separado. - Tinha sim.”
- 6- **Philomena:** era filha de italianos e enfermeira. A entrevistada fala sobre sua herança migratória, ou seja, para ela a migração era uma herança de família, tendo em vista que seus antepassados haviam realizado o mesmo movimento. Philomena foi uma das poucas entrevistadas que perguntava sobre a vida da entrevistadora.  
Ela chegou em Brasília sozinha porque sua filha havia morrido e não conseguiu lidar bem com a falta da filha, portanto, decidiu se mudar de cidade um dia após o obito. Deixou o marido e os outros filhos já eram casados em sua cidade natal. Primeiro, foi para Uberlândia ela conta que foi lá que ouviu a convocação para trabalhar em Brasília, foi sozinha. Depois que se estabeleceu

na capital seu marido foi também. Um trecho específico me chamou atenção: “Vou, por que não? No outro dia o marido dela (da prima com quem estava morando) foi comprar a passagem pra mim. Tinham umas kombis que iam até Goiânia, de lá tinha umas conduções maltratadas, mas a gente foi. Minha prima disse: Você tem coragem de ir sozinha? Naquele tempo Goiás era um deserto. Eu falei assim: Ah, seja o que Deus quiser, se eu morrer também é bom. a gente quando está desiludido, não é?”

Conta que após se estabelecer com o marido na capital ele morreu em um ano, a família pediu para que ela não ficasse na capital, mas ela decidiu ficar. Durante sua vida adotou 14 crianças: “-Fiquei dona do menino, ele deu uma grande coisa, mora em São Paulo, está muito bem na vida graças a Deus. Depois eu criei 14, para cobrir a minha, mas não cobriu.”

7- **Else Pereira:** era baiana, trabalhava em um armazém. Por vários momentos, durante a leitura do material, as intervenções das entrevistadoras me incomodaram. Eu queria ouvir mais e saber mais sobre determinada história, mas sempre haviam cortes. Percebi que esses cortes poderiam ser ressignificados e utilizados em cena.

Havia sempre mudança de assunto no meio de uma mesma pergunta. Else conta sobre a situação precária que os pioneiros trabalhavam e das péssimas condições de segurança que levaram muitos a óbito. Conta que é de uma família pobre e nem todos podiam estudar, então a família a escolheu para que fosse estudar em Salvador e os outros permaneceram trabalhando.

### **Formação de Taguatinga**

8- **Irmã Else:** a entrevista me pareceu sem uma ordem cronológica, como a maioria das outras entrevistas eram feitas. Isso me fez pensar em como eu gostaria de contar uma história e como essa cronologia pode afetar quem está ouvindo. A irmã, que era freira, utiliza expressões como “bem dizer”. Que geralmente são usadas por pessoas mais velhas

9- **Hilda Mendonça:** a entrevistada era mineira, filha de lavradores e trabalhou trabalhava com tijolos na infância. Era professora e conta que seu desejo desde a criança era lecionar, disse que brincava de dar aulas para as bonecas.

Conta também de como se sentiu ao chegar em Brasília, que achava tudo muito bonito, “como um cartão postal”, mas que não sentia que a capital era um lugar para ela morar. Quando chegou em Taguatinga Hilda diz que sentiu que ali poderia ser seu lar.

Achei interessante essa fala da professora. Refletir sobre os motivos dela não achar que Brasília pudesse ser um lugar para ela chamar de lar. Podem ser motivos subjetivos e

individuais, como também podem ter questões relacionadas ao social. Tendo em vista que, de forma inconsciente a situação social das pessoas, muitas vezes projetam determinados lugares para que se possa viver. Por exemplo, é comum que pessoas muito pobres não se sintam a vontade em lugares com pessoas que tenham um poder aquisitivo muito maior do que o seu. O depoimento de Hilda, não deixou claro, para mim qual poderia ser o motivo dela achar que Brasília não era um lugar para se morar. Por meio da abordagem pragmática, que discorreremos posteriormente é possível encontrar pistas para essa resposta.

10- **Janine Brito:** nascida em Brasília, na data em que foi entrevistada possuía 63 anos e contou que se graduou em direito e trabalhava prestando serviços como advogada para empresas em Taguatinga. Nessa entrevista separei apenas uma frase onde ela conta sobre a importância de se posicionar diante dos fatos. Achei que poderia colaborar com a narrativa de que mulheres têm voz e direito a falar.

11- **Maria da Gloria:** era da família real portuguesa natural do Rio de Janeiro e professora.

12- **Irmã Celina:** freira, carioca que veio à Brasília para ser professora. Seus depoimentos são fragmentados, conta apenas pequenos trechos de histórias. Entretanto professora conta detalhadamente, como eram os alunos que ela dava aula, fala sobre a aparência das crianças, o que nos dá uma visão ou um estereótipo de como eram as características sociais de seus alunos. A freira dá a entender que possui uma empatia e consciência social e que a pobreza influencia no aprendizado de seus alunos. Neste trecho ela diz: "Meu Deus, com criança desnutrida, como conseguir alguma coisa com essas crianças?" Irmã Celina morava no Núcleo Bandeirante e relata como era o trajeto de ônibus, da cidade satélite até chegar na escola em que trabalhava em Brasília, além disso, contar sobre os aspectos climáticos do Cerrado. Um de seus relatos que me chamou atenção foi a história de como um grupo de moradoras conseguiram que a fiscalização não derrubasse seus barracos. Sua narrativa dá a entender que a freira era a favor das ocupações.

13- **Oneide Medeiros da Silva:** era natural do Acre e conta que seu pai lutou na revolução acreana e que sua mãe era do lar e fez curso normal, era professora. Moradora do Núcleo Bandeirante, Oneide é uma das poucas mulheres que falam sobre como era ser mulher naquele período. Conta que se não tivessem cuidado, os homens “avançavam em cima delas”, as mulheres. A professora saiu do Núcleo Bandeirante e foi morar em Taguatinga que a cidade era um ambiente mais seguro para ela e suas filhas. Conta também sobre os momentos de lazer em que ela ia para pequenas cachoeiras na região.

14- **Zedith Soares da Silva:** Nascida em Luziânia, Zedith faz uma excelente contextualização histórica, conta a história da mulher abandonada no porto e possui uma trajetória de afirmação.

De sua entrevista, separei trechos que falavam sobre suas primeiras impressões ao chegar na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), ela relatava que achava o lugar pouco desenvolvido e torcia para que seu pai não quisesse morar lá. Ela também contava sobre como era a chegada de pessoas que vinham a Brasília já no final do período da construção. Como as obras estavam praticamente finalizadas, o governo não precisava mais de tantas pessoas para trabalhar na construção civil. Portanto, as pessoas que chegavam a capital e não possuíam um nível de instrução adequado para alguma tarefa nos órgãos governamentais não conseguiam trabalho e permaneciam em situação de vulnerabilidade social e se condições de voltarem para sua cidade natal.

### **Formação de Planaltina**

15- **Stella dos Cherubins:** era professora e nascida em Planaltina, a entrevistada faz um bom contexto histórico sobre a cidade de Planaltina. Me chamou a atenção a recorrência de frases incompletas em seus depoimentos.

16- **Rosária de Oliveira Silva:** nascida em Fortaleza, mudou-se para Planaltina com 18 anos. Faz uma alusão ao quebra-cabeças que pode ser interessante para cena. Os trechos que separei dizem sobre: ela é uma senhora bem mais velha, então me chamou atenção o fato dela usar expressões meio mal-humorada, um estereótipo de “rabugenta” no bom sentido da palavra. Contou histórias sobre a folia do Divino Espírito Santo. E expressões típicas de pessoas mais simples, mais velhas como “Eu peço desculpas de alguma coisa errada que eu falei.”

17- **Alice Gonçalves Guimarães:** se apresenta como dona de casa de planaltina, na entrevista costumava usar expressões antigas, ditas geralmente por pessoas com mais idade. Sempre começa as frases com a última palavra que a entrevistadora disse.

Nos trechos que separei da entrevista da Alice, ela fala sobre como era a criação especificamente das mulheres. Conta que era comum que os casamentos acontecessem em família, como por exemplo entre primos ou sobrinha e tio. Conta também sobre como aconteciam as festas na região. Suas memórias são sobre períodos anteriores à construção da

capital. Conta vagamente sobre o que se lembrava de qual impacto da ditadura militar naquela região.

Em algumas falas específicas, me chamou atenção mais a forma que ela conta determinada história do que o conteúdo em si. Em um trecho, quando Alice relata sobre o período de ditadura, ela diz: “Foi negócio de mudança, do tempo de Getúlio Vargas para cá, tem uma mudança passou sem ter eleição, liberar, não sei se é assim, como chama essa ditadura, não sei falar tudo muito bem eu não guardo tudo, não sei se estou falando bem.” Essas frases me interessam muito para a pesquisa. Porque pode mostrar como a narradora estava se sentindo ao contar esse relato, e outras coisas específicas que abordaremos mais adiante quando for dissertado sobre abordagem pragmática.

18- **Maria Violeta Guimarães:** a entrevistada fazia considerações interessantes sobre ser mulher, contou sobre a folia do divino e tem uma excelente narrativa. digna de uma narradora sábia, segundo Benjamin. Mais adiante esse termo será melhor abordado. Os trechos que separei dizem sobre como ela enxerga a perspectiva da mulher na sociedade. Maria também possui jargões comumente utilizados por pessoas mais velhas, ou pelo menos as pessoas mais velhas que eu conheço. Por exemplo: “- a gente liga a televisão só para ver essas notícias ruins.” Esse tipo de jargão também é interessante para a performance, porque ele pode identificar vários aspectos da narradora e da narrativa.

19- **Francisca Guimarães:** Francisca gosta que a chamem de vó, nascida em formosa disse que sua era formada por fazendeiros. Conta histórias muito interessantes sobre casamentos no interior e em família. Há uma possibilidade, avalio, de uma narrativa com comicidade nessa entrevista. Os trechos que separei dizem sobre: como viviam os fazendeiros grandes e pequenos da época. Sobre seu casamento forçado e um trecho me chamou atenção pela forma que ela conta e também por seu conteúdo “- como a minha tia, essa minha tia Franquílina não estudou, ela não sabia ler, que naquele tempo mulher não aprendia, não é? Mulher não podia estudar, os pais não deixavam? - Diz que mulher não precisava. Diz que era, não sei.” Esses relatos com mais dúvidas do que certezas me parecem que apresentam uma potencialidade muito forte para cena, podendo ser utilizado para pensar junto com o público caminhos para o que está dizendo, ou como diria, Benjamin aconselhar o ouvinte.

## **Formação de Ceilândia**

20- **Ziná Caetano:** conta que é formada em ciências contábeis, é de origem mineira e trabalha como assistente social para agradar o sogro, narração muito boa sobre os fatos ocorridos.

Os trechos que separei dizem sobre: Ela traz relatos muito ricos e poéticos, com várias imagens sobre sua vivência da época, conta sobre as condições de moradia, como se comportava diante de grandes empresários para lutar por direitos de sua comunidade. Fala também sobre questões de classe e como o trabalhador é explorado. Possui uma consciência de classe invejável. Além de frases que trazem sensação de empatia que me remetem a uma grande contadora de histórias, numa cadeira de balanço pronta para trocar experiências: -“ Se me fugir de uns amigos de me fugiram todos os tesouros” “pode sentar e você é bem vinda e conta a história”. Um dos trechos mais inspiradores pra mim, é a parte em que ela conta da imagem que está em sua cabeça de como era Brasília e Ceilândia no início, conta que gostaria que as pessoas pudessem ver essa imagem, mas segundo ela não podem. Minha nota é, será que por meio da narrativa podemos reconstruir essa imagem?

21- **Severina Etelvina** pernambucana, lavadeira, durante a entrevista chama sempre o marido para que a lembre dos fatos.

Os trechos que separei dizem sobre: como era sua vida antes de chegar na capita, sua história de luta e resistência para conseguir água em Ceilândia. Ao contar a história sobre como fazia para conseguir água, disse a seguinte frase: “A gente precisa aprender a abrir a boca e gritar também pelos direitos da gente. ” Tem uma delicadeza ao contar suas histórias, em determinado momento parece que ela faz um gesto para a entrevistadora para exemplificar como o filho engraxava sapatos, dizia que contava para que o povo pudesse rir ao ler.

22- **Maria Abadia:** Nascida no Goiás, foi deputada constituinte e assistente social, trabalhou na administração da Ceilandia como adm e chegou em bBrasílai em 60. Faz uma repetição e nomes durante a frase. Um momento interessante foi que durante uma pergunta, ela esqueceu o nome de uma pessoa m longo período depois em outra pergunta ela lembra o nome desta pessoa e para o que estava falando para dizer que lembrou o nome da pessoa. Isso pode ser muito interessante para a cena. Possui uma história política relevante no Distrito Federal e sua entrevista traz relatos de sua história e também histórias de outras pessoas e da formação das cidades. Uma das entrevistas mais ricas, pelos detalhes que ele descreve ao contar a história e também pela pluralidade de histórias.

23- **Antônia Alves da Silva** Dona Toinha: Piauíense, fez até a 5ª série, é vendedora e diarista. Teve uma vida muito complexa, chegou a Brasília doente e sem ter lugar para morar ela conta que ficou na casa de uma das pessoas que cuidavam dela no hospital e trabalhava em troca de alimento e dormida, também conta sobre o casamento quanto menor de idade, dos filhos que teve e também que doou uma das filhas por falta de condições de cria-la. Conta também sobre como conseguiu sua casa e da adoção de um filho alguns anos depois. O mais interessante dessa narrativa é que apesar de muitas situações tristes, ao ler eu senti uma leveza na forma que Dona Toinha conta sua história. Conta sobre a poeira na época e também sobre como era o processo para conseguir água no início da formação de Ceilândia. Uma das coisas que me chamou atenção foi a riqueza e simplicidade com que ela narra alguns fatos. Ao ser questionada sobre como eram as religiões, Dona Toinha responde: “Não, eu acho que a católica mesmo. Depois apareceram evangélicos fazendo aquele tipo de culto de chegar assim em frente daquelas casas e chamar o povo, botar a mão na cabeça que a pessoa vai caindo e tal, mais o católico.” Uma frase em específico me chamou atenção: não vou explicar o contexto da frase, porque acho que ela sozinha tem um sentido complexo e ao mesmo tempo simples: **A gente precisa ter mais sabedoria, construir coisas que constrói.** - mas cada caso é um caso, quem canta não assobia.’ Então sou meia assim.

24- **Dalva Afonso:** viúva e mineira, dona de casa e possui o primeiro grau. Morava no Paranoá e veio com o marido a convite do cunhado que já morava em Brasília.

25- **Edite Martins Farias:** capixaba, veio para Brasília a passeio, gostou e ficou por aqui, casou-se e trabalhou no hospital de base. Ela conta uma história sobre a quantidade de cobras que existiam na região e usa a palavra “ofendida” ao invés de “picada”, achei interessante o termo, que geralmente é usado por pessoas mais velhas para se referir a machucados físicos. Ela conta sobre as brincadeiras das crianças e traz em seu depoimento uma sensação de pertencimento da cidade. Um trecho me chamou atenção: - Eu tenho um filho com 17 anos, que as vezes eu falo com ele assim : “Eu vou embora prá Bahia, você também vai.” “Ah, mãe então vai a senhora só, que eu num vou não”. Quer dizer, eles criaram tudo, cresceram, nasceram aqui e tão... ele ainda tá estudando, tá com 17 anos e eles num troca Ceilândia, eles num troca Brasília de jeito nenhum. Esse meu filho que tá com... com 36 anos, ele diz assim : “Eu num troco minha Brasília de jeito... prá lugar nenhum, nasci aqui e aqui vou ficar”.

26- **Ana Maria de Jesus:** Baiana, veio com o pai sua mãe era doméstica e nordestina também. Trabalhou no campo, não tem grau acadêmico, muitas palavras são pronunciadas de forma errada.

Um dos trechos que mais me chamou atenção foi o fato dela dizer que foi comprada, e logo em seguida explicar que os patrões pagaram sua passagem para que ela viesse trabalhar na roça junto com os pais em uma fazenda. Perto de Brasília. Depois foi trabalhar como diarista. Ana conta sobre a resistência de ir para conseguir pegar água potável na formação de Ceilândia.

27- **Francisca Coelho Pereira.** Maranhense, usa sempre um recurso de repetir palavras nas frases

Eu separei dois trechos apenas da entrevista de frâncica que me chamaram muita atenção, poderia explica-los, mas acho que seria melhor escrevê-los

Na própria Vila do IAPI, ali nós tínhamos uma loja de calçados e a casa era sem nome, esse era o título da casa. – Casa sem nome, aí ele fundou uma igreja lá também, arranjou lá na mesma rua.

- Tinha o dom da palavra. Tinha o dom da palavra. Tinha o dom da palavra.

### **Formação de Feiras Livres anos 90**

28- **Meiry de Pires Amorim:** nasceu em Roraima, morava em um orfanato, fez até a 4ª série depois que entrou na faculdade, uma feirante forte e decida que traz em seu depoimento aspectos muito interessantes para uma narrativa.

Esse foi o depoimento que eu escolhi para narrar, nessa primeira parte da entrevista, não sei realmente o que me chamou atenção nesse texto. Provavelmente a forma como ela conseguiu ressignificar a sua história. Meiry morava em um orfanato, veio para Brasília e trabalhava para as pessoas que disseram que seriam seus pais, viveu explorações, abusos, violências e conseguiu não só ressignificar suas memórias de infância. Como depois decidiu que ajudaria outras pessoas a sua volta, se formando em direito e fazendo com o que os filhos acreditassem nesse sonho e se formassem em direito também para ajudarem os outros feirantes.

29- **Zilda Pereira da Silva:** Mineira, só fez o primário, uma senhora, feirante que só tem o primário e veio a Brasília tentar a sorte c. As Ela conta sobre as tristezas e acontecimentos de sua vida que me afetaram bastante. Zilda conta de histórias que ouviu, como por exemplo como foi a morte de sua mãe após seu parto e como seu pai cometeu suicídio após o acontecimento. A sutileza de detalhes é tamanha que a gente imagina que ela viu o que tinha acontecido. “Quando ele terminou de nascer, ele deu uma gargalhada, aí a minha mãe teve uma hemorragia interna. Ela ganhou menino em casa, aí teve uma hemorragia interna, que ela não esperava por aquilo, aí o quê que aconteceu? Meu pai trabalhava no sítio, na roça, quando

chegou viu aquele problema todo ele também não suportou, ele pegou e se matou.” Ela conta também que chegou em Brasília em 59 e que morava em quarto cedido por um padre, porque era perigoso que mulheres andassem desacompanhadas naquele momento. Segundo ela, o motivo era porque haviam muitos homens.

30- **Maria Sabino de Souza:** Fez até o ginásio e veio da Bahia para Brasília. A e Fala sobre “tombamento” dando uma ideia de que isso ninguém pode tirar. Amei essa parte achei forte e potente tanto como conceito como enquanto significado e forma. Muitas frases incompletas e interrompidas. Fala sobre os clientes na feira. A entrevista é feita na feira, seu local de trabalho e é cortada por vários momentos para que ela atenda os clientes, avalio que pode ser um experimento potente para uma cena. Ela faz uma coisa que eu acho incrível nas histórias que é você ficar na dúvida se a história é real ou não e logo depois perceber que a veracidade do fato é o que menos importa. Zilda, descreve com uma riqueza de detalhes como foi o dia em que JK morreu, como a cidade ficou abalada e finaliza contando sobre uma mulher que morreu atropelada por estar em caos ao saber da morte do ex-presidente.

31- **Maria Soares Campelo:** cearense, era do lar e depois virou feirante. Estudou até o 1º grau, usa também palavras repetidas. bom ter um perfil mais rabugento, de uma mulher mal-humorada. Maria Soares conta um pouco sobre o momento político que durante a construção, fala sua opinião sobre os presidentes e relata que, para ela, a ditadura militar foi o melhor momento de sua vida, pois havia ganhado um “barraco” para morar no cruzeiro

32- **Raimunda Carolina da Conceição:** Mato Grossense, não possui grau acadêmico, casou-se aos 13 anos. Engraçado pensar que as entrevistas sempre aparecem que se mudaram por um instinto ou destino familiar e continuaram esse caminho dos pais. Raimunda conta sobre como era ser feirante, dizia que negociava e que fazia tudo. De repente ela chora, fica nervosa, (segundo a transcrição), e outra pessoa que não dá pra saber quem é, avisa que é porque ela perdeu um filho durante a época. Em seguida elas continuam o diálogo. Conta que se mudou para Brasília por necessidade, e conta também sobre seu posicionamento diante da fiscalização da AGEFIZ com os feirantes e ambulantes, conhecido como RAPA, Raimunda diz que para ela não deveriam levar as mercadorias dos ambulantes. Pois, segundo ela, se estão ali é porque não possuem outro condição de trabalho.

33- **Sebastiana Alves da Silva:** mineira, filha de agricultores é auxiliar de enfermagem e trabalhou com a agricultura também, se aposentou pelo Ministério do Trabalho e é feirante. Aas entrevistas não trazem informações precisas. Ela, me pareceu uma senhora ou um perfil estereotipado que tem um ranço ao falar, comos e não quisesse contar e sempre repetia as

mesmas coisas. Durante a entrevista ela me passou uma sensação de cansaço, e lia, imaginando uma senhora sentada perto da janela, numa cadeira de balanço contando uma história meio cansada ou entediada da vida. Conta que ama ser feirante, me passou uma sensação de pertencimento. Conta também que sua filha a ajuda na feira e que ama estar lá com ela.

34- **Therezinha Romão:** Paulista, dona de casa e com instrução até a 8ª série. Interessante ela falar do trabalho na roça como se não fosse um trabalho. Conta que se mudou para Brasília porque sua família quis, antes de vir para cá trabalhava na roça com sua família e apesar de ter uma vida satisfatória, para ela. Seu padrasto convenceu sua família de que poderiam ter uma vida com mais qualidade no Planalto Central. Ela diz que foi uma ótima escolha. Interessante seu depoimento sobre memória, Therezinha diz que está esquecendo as coisas, que começou bloqueando memórias ruins e com o tempo acabou bloqueando as boas também.

35- **Nair:** filha de agricultores, estudou até o ginásio, os pais trabalhavam na roça, era mineira. Fazer de tudo para que as filhas tenham uma situação financeira melhor do que a dela.

36- **Maria das Graças:** Nascida no Maranhão, mãe dona de casa, seu pai morreu quando ela era criança, estudou até a 4ª série. Se declara como feirante desses sempre. Fala sobre vender galinhas Me pareceu interessante para a performance me parece mudar de assunto para entrevista com algo parecendo alguma fofoca. Utiliza frases que podem ser colocadas em cena como paródias.

37- **Maria Inês:** nascida no Piauí, Poeira. Trabalhava na Roça. Quando chegou em Brasília, trabalhou como lavadeira e faxineira. Não possui grau de instrução formal, so sabe assinar seu nome. Algumas expressões cotidianas podem enriquecer o processo estético como “ E fala que vai, que vai...” conta a história de quando foi assaltada. Muitas entrevistadas não tinham noção da importância de seu depoimento, avalio. Primeiro seu marido veio para Brasília a passeio com a cunhada e o irmão, ela ficou em sua terra natal Grávida de 2 meses. Quando seu filho já estava com 1 ano e 8 meses o marido voltou para busca-la, chegando na capital trabalhou como lavadeira. Conta sobre quando sua banca na feira foi assaltada e como ficou assustada porém não demonstrou e depois do assalto continuou trabalhando e segundo ela “vendeu foi muito, ainda”

38- **Maria Luísa:** nasceu em Pernambuco, é feirante, diarista e não tem grau de instrução formal. Esse depoimento me fez perceber que algumas perguntas podem estar mal formuladas e que leva para um sentido filosófico que não funciona para quem está ouvindo ou sendo entrevista e não colabora para que a narrativa seja contada. Conta sobre a situação de violência que sofreu de seu marido. E tem uma das histórias que separei para serem contadas

futuramente, que é ela contando como se tornou feirante. Foi assim, eu fui trabalhar quando cheguei aqui onde é esse Posto de Saúde, aí procurei minha menina, nesse tempo minha menina tinha 9 anos, procurei e não achei, aí eu disse ‘cadê a Márcia, Marcio? Ele disse ‘Ih mamãe, Márcia ta ali capinando um pedaço de terra ali, e disse que é pra botar uma banca, pra senhora para colocar uma banca’ aí eu fui atrás dela dizendo que eu não queria, não queria, aí ela comprou uma caixinha de ovo e foi pra lá, e ficou lá até eu tomar conta da banca. Ela tinha 9 anos e já pensava em ajudar. aí eu fiquei com dó dela, porque ela ficava lá na chuva, no sol quente, com a caixa de ovo, a caixa de ovo apodrecia tudinho, que ninguém comprava o ovo dela. Eu peguei uma churrasqueira e fui pra lá, comecei vendendo churrasquinho, pão de queijo, coxinha, enroladinho que eu mesma fazia.

39- **Maria Rocha Torres:** Nascida no Maranhão, estudou até a 4ª série primária, mais uma vez parece que o uso de algumas palavras, confundem as pioneiras. Descrição de algumas palavras confundem as pioneiras. Descrição errada de falas. Sem saber o que aconteceu na entrevista. Acho muito interessante a forma que a maioria das entrevistadas fala sobre união. Parece ser um sentimento de quem foi pioneira.

Conta que o filho veio primeiro para a capital e ela veio depois com o restante da família porque o filho a avisou que estava passando dificuldade financeira, ela veio para dar apoio e diz que se todos estiverem juntos trabalhando seria mais difícil passar por situações de vulnerabilidade financeira. Conta também uma história sobre seus filhos adotados, que avalio ser mais interessante descreve-la do que explica-la: Eu tinha meus filhos, ainda estavam pequenos, estudando. Foi tempo que essa mãe morreu, e dobrou o serviço, trabalhei muito mais. Fiquei a mãe e o pai deles, o pai de uma matou a mãe de todos. Porque ele era só pai de uma, ele matou ela e o juiz me deu, nesse tempo eu fiquei trabalhando na feira só os domingos. Aí outro casou, ficou só o solteiro que é o mais velho, ficou comigo. Que é o dono da casa lá. Agora ele está com uma mulher lá dentro de casa e a mulher não me agradou muito bem, andou até puxando meus cabelos, coisa que eu não gostei, não gostei mesmo! Mas ela me pediu perdão e eu perdoei. Porque Deus disse assim: “aquele que não perdoa não é perdoado.”

40- **Maria do Socorro S. Moura:** estudou até a 3ª série primária, natural de Pernambuco, era dona de casa e tinha 2 filhos.

41- **Luzimar Rodrigues:** Nascida no Maranhão, formação até o 1º grau. Entrevistadora intervém demais, tira o foco da entrevista. Fala sobre a taxa de condomínio da feira. Me incomodou as interrupções da entrevistadora, durante a entrevista, completando as frases da

entrevistada. Me parece que Luzimar não entendia bem o motivo da entrevista. Luzimar conta o quanto se sentiu importante por ter sido ouvida em uma entrevista, por poder contar sua história e sobre as dificuldades que passava enquanto feirante. A partir deste trecho podemos entender a importância de ser ouvida. - Eu queria que você ajudasse a gente, pela primeira vez que eu tive uma entrevista. - Uma oportunidade de falar. - Uma oportunidade de falar, porque a gente nunca foi reconhecido por ninguém aqui, o administrador nunca vem em banca de ninguém para falar de fazer melhor. - Muito obrigada, agradeço muito pela sua entrevista, para mim foi a melhor coisa, que a gente estava desistindo de trabalhar aqui.

42- **Ilda Rogeri:** nascida no Paraná, possui o segundo grau completo. Responde as perguntas de forma objetiva e curta.

43- **Jandira de Lourdes:** mineira, estudou até o primário. História do pai que morreu de parada cardíaca. Muiros recortes de fala. Possui uma história muito sofrida, desde muito nova trabalhava. Esse depoimento com certeza vai fazer parte da performance. Conta sobre a situação de saúde mental que ficou o seu pai, após em um acidente de carro atropelar e matar sua filha. Vieram para Brasília pois acharam que em um outro lugar o pai poderia melhorar. Jandira conta que sobre seu casamento, que se casou nova e muito rápido com um rapaz, entretanto com o tempo ele foi dando sinais de esquizofrenia. Ela teve filhos com ele e passou por situações complexas onde tinha que ir visitá-lo em uma casa de repouso em Anápolis e sustentar toda a casa, quando ele voltava da casa de repouso, pois o marido não tinha condições para trabalhar. Conta que começou a ser feirante porque sua mãe comprou uma banca na feira para que ela pudesse ter um sustento próprio. Jandira também agradece pela oportunidade de poder contar sua história. Eu agradeço ter podido falar e mostrar um lado, um pouco da minha vida.

44- **Maria Célia:** Nascida no Ceará, é massagista terapêutica, artesã e feirante, um depoimento mais objetivo, apesar de menos informações a entrevistadora conduz muito bem. -Eu vou tossir. *Achei que esse destaque pode ficar interessante para contar a história, é algo comum que se faz em uma conversa.*

45- **Ana Rita Santos Silva:** baiana, pergunta estranha, uma entrevista muito engraçada. Mas uma vez as interferências me incomodaram. Se emociona ao contar sobre como foi difícil sua vida antes de chegar a Brasília e o tanto que teve que trabalhar para conseguir sua banca na feira. Conta também a história de uma outra senhora que trabalha na feira, as duas parecem ser rivais. E ela relata que essa tal senhora não é escutada pelo fato de ser mulher.

46- **Evilásia Reis do Nascimento:** baiana, mãe de santo possui uma história muito bonita sobre como descobriu que seu orixá de cabeça era oxum. Era muito respeitada na feira da Torre, todos a viam como referência e liderança. Conta também sua vida antes de chegar a Brasília, sua mãe vendia comida típica e descreve muito bem os detalhes da comida baiana.

47- **Deusulina Cearense:** concluiu o primeiro grau. Uma entrevista muito objetiva, muito interessante como ela fala sobre seu sentimento de sair de sua terra natal.

Seu depoimento me chamou atenção pela gratidão que ela tinha pela história de seus pais, conta com muita clareza sobre sua qualidade de vida antes de vir para a Brasília, trabalhava com agricultura.

48- **Alda de Lima Ferraço:** Nascida em Tingará no Ceará, suas frases são incompletas e me parecem interessantes para serem usadas em cena. Apesar de ainda não saber como. Fala sobre sua gratidão aos pais, possui até a 6ª série. Sua percepção sobre mudanças também é muito interessante. Tem um depoimento encantador, entretanto não romantizado sobre a vida de uma feirante.

49- **Dolores Maria de Souza:** Natural de Pesqueira Pernambuco. Estudou Até a 4ª série. A entrevista foi gravada na feira, seu local de trabalho. Talvez por isso tenham havido algumas interrupções, parece entender bem a diferença social e geografia de Brasília e distrito federal.

50- **Maria Coeli Almeida Vasconcelos,** os trechos de entrevistas que separei de Maria, falam sobre sua experiência com a ditadura militar no Brasil, o clima da cidade e um trecho onde ela relata o que é história para ela, que está na epígrafe da introdução

51- **Maria do Rosário Caetano Lopes dos Santos,** Desta, separei apenas uma frase onde ela fala sobre o sentimento de transitoriedade que pairava em Brasília, mas com o tempo as pessoas se sentiam mais pertencentes à capital.

## **APÊNDICE B – História das Bonecas – com maior carinho, maior amor.**

Eu morava num orfanato em Boa Vista- RO, quando uma senhora chegou no orfanato, conversou com as irmãs e falou que ia me trazer para morar com ela no Centro Oeste, mas ela não falou que era Brasília... Eu não sabia onde era, não conhecia Brasília. Ela me trouxe para me criar como filha. Só que quando eu cheguei, me lembro até hoje: eu nunca tinha entrado num avião, tinha um aeroporto todo em madeira, ventava muito e quando a gente desceu eu senti aquela poeira vermelha nos pés. Eu consigo lembrar até do barulho do jongo que tava passando no rádio de um moço perto da gente. Então eu fiquei assim muito encantada, muito deslumbrada com tudo que eu vi, porque tudo para mim era muito novo. Eu morava a vida toda praticamente dentro de um orfanato, não conhecia nada, não sabia absolutamente nada da vida, e então para mim... era tudo bonito... eu me apaixonei desde o primeiro momento que eu cheguei em Brasília.

Eu lembro de uma frase que eu escutei e que marcou muito a minha vida, a gente tava num lugar esperando um ônibus pra levar a gente pra Sobradinho, que era onde essa senhora morava, eu ficava igual besta olhando de um lado pro outro aquele tanto de peão, nunca tinha visto tanto homem junto na vida. Ventada demais, e eu bem ingênua, cheguei pra essa senhora e falei que eu estava com muito frio. O nosso ônibus tinha acabado de chegar, mas antes de subir ela abaixou olhou no fundo dos meus olhos e disse “que tempo de murici, cada qual cuida de si”. Eu gravei essa frase que ela falou para mim e marcou muito a minha vida, porque foi quando eu entendi que eu estava sozinha. Muito nova eu aprendi que, a partir daquele momento eu ia ter que me cuidar e que lutar muito para ter uma vida digna, uma vida que fosse realmente honrada.

Levantava 4 horas da manhã para arrumar as coisas porque ela tinha uma. Eles tinham um armazém e quando eram 7 horas eles abriam o armazém. Quando eles abriam o armazém eu já tinha preparado todo o café deles, arrumado as crianças menores, lavado os banheiros e dado início na arrumação da casa, à tarde eu ia para a escola. Eu estudei apenas 1 ano durante o dia e depois eu passei a estudar à noite. Quando eu comecei a estudar à noite, que ela fez a minha matrícula no CEF 10 em Sobradinho, eu levantava mais cedo para poder arrumar a casa dela, fazer os serviços e depois eu ia trabalhar na casa da Doutora Ceres, como empregada doméstica. Nos finais de semana eu ia trabalhar na feira de Sobradinho vendendo meias para essa senhora que me tirou do orfanato.

O meu maior sonho era ter uma boneca, e num desses natais que eu passei na casa dessa senhora, ela falou para mim que se eu passasse a noite toda cuidando da neta dela, que era recém nascida, para elas poderem ir numa festa, que no dia seguinte ela ia me dar um boneco, aqueles bonecos de plástico grandão, que custa. Era moda naquela época, hoje, não custa mais de R\$ 5,00. Era só um boneco de plástico bem vagabundinho mesmo e ela falou para mim que se eu cuidasse da neta dela, que ela no dia seguinte me dava um boneco daquele. E eu passei a noite inteira acordada com a criança no colo. Dei banho, mamadeira, coloquei pra arrotar, troquei fralda eu até cantei pra ela dormir, eu tive o maior cuidado, o maior zelo porque eu queria muito ganhar o boneco. No dia seguinte, eu fui cobrar o boneco e ela me deu uma surra com fio de ferro, aqueles ferros antigos, que tinha um fio que ligava na tomada e no ferro. Ela me deu uma surra e falou que “filho sem pai e sem mãe não merece ter nada”, então eu fiquei assim muito chateada, chorei bastante. Eu lembro que nesse dia, eu não era evangélica ainda, eu chorei e falei, pedi a Nossa Senhora que me levasse para junto da minha mãe, naquele dia.

Eu acho que foi por causa disso que eu decidi vender brinquedos aqui na feira, tudo que tem na loja eu compro assim com muito carinho, principalmente as bonecas. Quando eu compro as bonecas, eu compro como se estivesse comprando para mim quando eu era criança ainda, então eu compro assim nesse... eu tenho o maior o maior carinho, o maior amor.

## Apêndice C – Primeiras experiências com construções de narrativas a partir das entrevistas

### Introdução

E Brasília foi se desenrolando... parece que foram acreditando e o dinheiro foi fluindo, fluindo. Fluindo como o curso de um rio que começa timidamente e de repente: HAHHAHA (Ta aí né)

Sem mortes (sem mortes), sem pobreza (sem pobreza), sem miséria (sem miséria). Sem mulheres. (Sem mulheres) pera aí, sem mulheres? Como assim sem mulheres? Pera aí deixa eu conferir, se eu li meu texto certo. *Confere o texto.* É, está certo aqui, sem mulheres em Cem dias. Brasília 60 anos!

*Atrizes procurando.* Gente alguém viu, meu Deus do céu cadê... Gente, boa tarde, é o seguinte a gente passou muito tempo procurando e não conseguimos encontrar, mas eu sei que tá por aqui. Vocês podem ajudar a gente por favor, deve estar aí embaixo da cadeira pelo chão. (*Estar algum objeto ou folha que represente as histórias com o público, assim que o público entregar, as atrizes continuam contando*) obrigada gente, ainda bem que vocês nos ajudaram, sabia que estava por aqui. A nossa história sempre esteve aqui, com a gente, mas porque a gente não acha, porque ninguém fala dela ou porque falam menos dela. Se a gente for parar para pensar, onde começou a nossa história; Ela só começa quando a gente nasce;

Para mim a história não é só o passado, a história é no momento que estou fazendo a história, eu não posso esquecer o presente, tenho que fazer tudo isso, mostrar que cada coisa que acontece, o que acrescenta e o que eu estou fazendo. Quando se for colocar tudo isso numa bandeja, quando se for estudar, eu não posso deixar de falar o presente

### Prostituição

01- A senhora acha que era muita prostituição ou era normal pela condição de vida do Núcleo Bandeirante?

02- Eu acho que era normal, muito homem não é filha? Sem família aqui, eles vieram e não trouxeram a família. Elas eram muitas... bastante e, tinham muitos candangos também, viu? Porque o pessoal vinha todo sem família, mas era uma coisa muito reservada minha filha. Elas, se comportavam, no seu lugar... se comportavam bem, no seu lugar, não tinha queixa. Não atrapalhava a vida da gente.

01- Ah é? E qual era o lugar delas?

02- Elas ficavam lá no... no lugar delas, uai! Tinha uma parte assim que era reservado para elas, mas como aqui tudo é pequenininho, a gente via, sabia. Mas tinham os lugares delas separado. Tinha sim. Não interferiam na vida dos habitantes não.

01- Mas a senhora ainda não me disse, qual o lugar delas. Pode me responder que lugar era esse?

02 – Só um minutinho que eu vou tossir, da licença. (*Tosse*) Era uma casa muito engraçada, ficava meio na margem, do córrego, quase no esgoto, quando a gente chegava perto parece que o clima mudava, ficava tudo escuro e nublado, apertado... o mais estranho disso tudo é que apesar da gente conseguir enxerga-las muito bem, elas pareciam invisíveis.

### História da mulher que tem saudade do marido

Sim, sim! Eu conheci ele lá. Foi muito engraçado, eu estava com os candangos no meio do refeitório na hora do almoço, ele me viu de longe e fez uma piada de almanaque com os colegas, e eu achei engraçado e decidi cruzar aquela poeira toda só para poder tentar esbarrar com ele... ele sorriu e disse: “A senhorita é a dona Alice ou a flor mais bonita desse cerrado?” Acredita que eu achei bonito, poético. Naquele momento eu sabia que era amor. Ele deve ter grandes histórias para contar para vocês. Já falaram com ele? Ele está fazendo o que agora, eu nunca mais tive contato. Ele tem um escritório!? Que legal. Ele está bem? Eu pergunto isso porque essa coisa de construir muda as pessoas.

## **A história da filha que vendia ovo**

Eu fui trabalhar quando cheguei aqui onde é esse Posto de Saúde, aí procurei minha menina, nesse tempo minha menina tinha 9 anos, procurei e não achei, aí eu disse ‘cadê a Márcia, Marcio?’ ‘Ih mamãe, Márcia está ali capinando um pedaço de terra ali, e disse que é para botar uma banca, para a senhora para colocar uma banca’ aí eu fui atrás dela dizendo que eu não queria, não queria, aí ela comprou uma caixinha de ovo e foi para lá, e ficou lá até eu tomar conta da banca. Ela tinha 9 anos e já pensava em ajudar. Aí eu fiquei com dó dela, porque ela ficava lá na chuva, no sol quente, com a caixa de ovo, a caixa de ovo apodrecia tudinho, que ninguém comprava o ovo dela. Eu peguei uma churrasqueira e fui para lá, comecei vendendo churrasquinho, pão de queijo, coxinha, enroladinho que eu mesma fazia.

## **História das bonecas**

Eu morava num orfanato em Boa Vista- RO, quando uma senhora chegou no orfanato, e conversou com as irmãs e falou que ia me trazer para morar com ela no Centro Oeste, não falou que era Brasília. Eu não sabia onde era, não conhecia Brasília, ela me trouxe para me criar como filha. Só que quando eu cheguei, me lembro até hoje, o aeroporto era de madeira e eu fiquei assim muito encantada, muito deslumbrada com tudo que eu vi, por que tudo para mim era muito novo. Eu morava a vida toda praticamente dentro de um orfanato, não conhecia nada, não sabia absolutamente nada da vida, e então para mim... era tudo bonito... eu me apaixonei desde o primeiro momento que eu cheguei em Brasília. Eu lembro de uma frase que eu escutei e que marcou muito a minha vida, foi quando eu cheguei para essa senhora e falei que eu estava com muito frio, e ela falou para mim “que tempo de murici, cada qual cuida de si” então eu gravei essa frase que ela falou para mim e marcou muito a minha vida, porque foi quando eu aprendi que realmente daquele momento em diante eu teria que me cuidar e que lutar muito para que eu pudesse ter uma vida mais digna, uma vida assim realmente honrada. Levantava 4 horas da manhã para arrumar as coisas, fazer café, que ela tinha uma. Eles tinham um armazém e quando eram 7 horas eles abriam o armazém. Quando eles abriam o armazém eu já tinha preparado todo o café deles, tinha arrumado a casa, lavado os banheiros e dado início na arrumação da casa, à tarde eu ia para a escola. Eu estudei apenas 1 ano durante o dia e depois eu passei a estudar à noite. Quando eu comecei a estudar à noite, que ela fez a minha matrícula na escola em Sobradinho, eu levantava mais cedo para poder arrumar a casa dela, fazer os serviços e depois eu ia trabalhar na casa da Doutora Ceres, como empregada doméstica, e nos finais de semana eu ia trabalhar na feira de Sobradinho vendendo meias para essa senhora que me tirou do orfanato.

O meu maior sonho era ter uma boneca, e num desses natais que eu passei na casa dessa senhora, ela falou para mim que se eu passasse a noite toda cuidando da neta dela, que era recém nascida, para elas poderem ir numa festa, que no dia seguinte ela ia me dar um boneco, aqueles bonecos de plástico grandão, que custa. Era moda, hoje custam em média de R\$ 5,00, 8,00, esses bonecos de plástico bem vagabundinho mesmo, e ela falou para mim que se eu cuidasse da neta dela, que ela no dia seguinte me dava um boneco daquele. E eu passei a noite inteira acordada com a criança no colo, no maior cuidado, no maior zelo para ganhar o boneco, no dia seguinte eu fui cobrar o boneco e ela me deu uma surra com fio de ferro, aqueles ferros antigos, que tinha um fio que ligava na tomada e no ferro, ela me deu uma surra e falou que “filho sem pai e sem mãe não merece ter nada”, então eu fiquei assim muito chateada, chorei bastante. Eu lembro que nesse dia, eu não era evangélica ainda, eu chorei e falei, pedi a Nossa Senhora que me levasse para junto da minha mãe, naquele dia. Eu acho que foi por causa disso que eu decidi vender brinquedos aqui na feira, tudo que tem na loja eu compro assim com muito carinho, principalmente as bonecas. Quando eu compro as bonecas, eu compro como

se estivesse comprando para mim quando eu era criança ainda, então eu compro assim nesse... eu tenho o maior ..... o maior carinho, o maior amor.

### **História da Estudante da UnB na Ditadura**

01- 1964 papai dizia: "A situação está brava, está difícil, cuidado, vocês cuidado." Nós sempre conversamos à mesa, quando foi um dia, meu tio João de Almeida, chegou de Belo Horizonte fardado, ele comandava as tropas, mandadas pelo Magalhães Pinto, ele foi lá em casa para nos visitar na 206 sul. Quando meu tio chegou com mais uns...

02 - Então o meu tio, o coronel subiu e jantou conosco, não falou nada, mas depois falou com papai que queria conversar com cada filho individualmente. Aí me chamou e falou: "Olha Maria, eu queria que você me contasse se estão dando aula de comunismo para você na universidade." "Olha tio João, eu não estou tomando aula de comunismo não. Eu estou. " "Mas não é possível, eu ouvi falar que estão dando aula de comunismo." "Não tio João, eu nunca tive aula de comunismo na UnB." "Mas como é que são as aulas?" "O professor chega, põe um aluno lá na frente e a gente fica desenhando esse aluno, é verdade que nós conversamos durante, a gente conversa baixinho, mas não existe nenhuma aula, nenhuma doutrina, não existe nada, ninguém fica falando sobre esse assunto." "Querida te pedir para você amanhã não ir à aula." "Por que, tio João?" "Ah, porque amanhã eu estou pedindo para você não ir à aula." "Tá bom, não vou não."

01- Não! Como assim, "não"! Eu acho que se você não se posiciona, não coloca o seu ponto de vista, então você não existe. Não adianta só abrir a boca, para falar que concorda com tudo e gosta de tudo.

### **Histórias das mulheres lutando por água**

A gente precisa aprender a abrir a boca e gritar também pelos direitos da gente. Eu já ia cansada com aquela trouxa de roupa, aí o menino: 'Mãe, eles não deixam lavar aqui não.' 'Que deixe, que num deixe, vou botar a roupa aqui e vou lavar aqui.' Aí quando dei fé lá vem um carro minha filha, chegou bem pertinho de nós e parou, 'Ei dona, bom dia.' Eu, 'Bom dia' 'Quê que a senhora está fazendo aí? 'Eu digo: 'lavando roupa, o senhor num está vendo não, que eu estou lavando roupa?' *Desaforada* "lavando roupa.' 'Quem mandou a senhora lavar roupa aí? ' Eu 'Ninguém, quem mandou foi a precisão está bom?' 'Dona, mas num lave roupa aí não que essa água está toda contaminada. 'De quê?' 'De doença.' 'Ah meu filho, aqui não tem doença não, eu quero saber se lava e se dou banho nas crianças'. 'E essa água vai dar para a senhora lavar a roupa?' 'Tem que dá, porque infelizmente eu não posso ir para a barragem.

Quando foi no outro dia, eu não tinha água nem para fazer a comida, eu fui para a caixa d'água, que primeiro eles fizeram aquela caixa d'água ali, não sei se você alcançou, que tem hoje. Aí eu cheguei lá: 'Moço.' 'Quê que foi?' 'Moço, pelo amor de Deus solta a água aí para ir pra casa, em casa num tem uma gota d'água, nem pra lavar roupa, nem pra dar banho em menino nem nada'. 'Não, mas eu não posso fazer isso.' 'Cê num pode não né?' 'Não, infelizmente não'. 'Amanhã o senhor vai ver, eu e minhas vizinha tudo encostar aqui com a meninada para tomar banho, lavar roupa e levar roupa limpa para casa está bom?' Quando eu cheguei em casa a água já estava nas torneiras.

### **História da Ceilândia**

O nome Ceilândia foi dado em homenagem a essa Campanha de Erradicação de Ceilândia, CEI Ceilândia, cidade da CEI.

O projeto é belíssimo, ele tem a forma de um barril, começou como Brasília, duas linhas retas que se cruzam com o sinal da cruz, o mesmo traço e com a mesma orienta... o mesmo sentido da de

Brasília, cada quadra de Ceilândia, ele era dividido em quadras, cada quadra em conjuntos e cada conjunto e se não me falha ainda a memória parece que ela vai de A à P: a b c d e f g h i j k l m n o p.

Eu tenho um filho com 17 anos, que as vezes eu falo com ele assim: “Eu vou embora pra Bahia, você também vai. ” “Ah, mãe então vai a senhora só, que eu não vou não”. Quer dizer, eles criaram tudo, cresceram, nasceram aqui e tão... ele ainda está estudando, está com 17 anos e eles num trocam Ceilândia, eles num trocam Brasília de jeito nenhum. Esse meu filho que está com... com 36 anos, ele diz assim: “Eu num troco minha Brasília de jeito... para lugar nenhum, nasci aqui e aqui vou ficar”.

### **História da casa sem nome**

*Canta:* Era uma casa, muito engraçada, não tinha teto não tinha nada, ninguém podia entrar nela não. Porque na casa não tinha chão. Ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede. Ninguém podia fazer pipi, porque penico não tinha ali. Mas era feita com muito esmero, na rua dos bobos número zero.

Na própria Vila do IAPI, ali nós tínhamos uma loja de calçados e a casa era sem nome, esse era o título da casa. – Casa sem nome, aí ele fundou uma igreja lá também não tinha nome e nem deus.

### **História do abacateiro**

Teve um homem plantou o abacateiro bem na divisa de sua casa com a da vizinha, o abacateiro cresceu. E a medida que ele foi crescendo os abacates caíam no chão e faziam um barulho muito forte, sempre ao 12h. Então todos os dias na hora do almoço, dona Francisca, a vizinha, se sentava para almoçar e começava a chuva de abacates em seu telhado. A mulher já se acostumara com aquela situação, por mais barulhento e incomodo que fosse, ela preferiu se aguentar com aquilo do que reclamar com o plantador de abacateiro. Me falaram que ela passou até a mastigar a comida no ritmo em que caíam os abacates. Numa terça-feira, dona Francisca, iniciou sua rotina de almoço, como todos os dias, os abacates começaram a cair como de costume. O que ela não contava é que caíram tantos abacates em seu telhado, que eles umedeceram a telha e ela estava apodrecendo junto com os frutos encalhados ali. Neste dia, um abacate caiu tão forte que furou a parte podre e caiu direto no prato de dona Francisca. Parecia cena de filme, tipo vídeo-cassetada. A mulher ficou paralisada com a situação, sem acreditar no que tinha acabado de acontecer, cheia de abacate podre, e resto de telha espalhado por tudo que é lado. O silêncio de dona Francisca lhe custou uma abacatada.

### **História da feirante filha de Oxum**

Mamãe tinha do lado da casa um cômodozinho assim que meu pai fez, e tinha de tudo dentro daquela arezinha ali. Mamãe vendia... um peixe que tem lá na Bahia nas feiras, que é toda assim enfiadinho nos palitinhos, que os pessoal chama Xangó. Uns peixes assim seco que o pessoal pega e bota de molho depois seca direitinho, e quando acaba frita no Azeite de Dendê, para comer com farofa de Azeite de Dendê. Muito gostoso! Fica aquele fritinho assim gostoso, bem torrãozinho, muito gostoso, mamãe fazia cuscuz de carimã, cuscuz de tapioca, fazia bolo de mandioca, cozinhava banana da terra, fazia beiju, mais o beiju não é desse polvilho que a gente trabalha aqui hoje, mamãe fazia beiju daquela massa da mandioca mesmo, aquela massa que parece uma farinha, ela ralava a mandioca, lavava, espremia, tirava toda água, botava para secar, e fazia aquele beiju naquela que... Eu sou costureira, eu trabalho, eu trabalhei muito tempo assim fazendo parto, particular. Peguei muita criança, graças a Deus eu tenho vários afilhados que nasceram nas minhas mãos, hoje trabalho com as comidas típicas da Bahia, com acarajé, cuscuz, beiju, cocada, bolo de mandioca, moqueca de peixe, sarapatel, essas comidas típicas mesmo de Salvador. É baiana, e aqui em Brasília eu trabalho dentro desse ramo, e como a gente que é

de Salvador sempre tem mais uma religião também, eu quando nasci as pessoas diziam que eu era filha da Oxum, que é Nossa Senhora da Conceição, ou Santa Luzia, ou tem outra imagem. Mais a minha é Santa Luzia, e eu com três anos de idade, vivia assim doente, caindo, e mamãe sem saber o que era que eu tinha me leva ao médico. O médico, ah... Dona Maria, isso é chilique de criança, é chilique de criança, até que a mamãe descobriu uma senhora que era filha de Ogum Marinho, que é um santo da água. Indo lá na casa dela ela falou, não Mariazinha sua filha é filha da Oxum, e ele precisa de fazer o santo. E eu fiz o santo, hoje eu estou com setenta e oito anos de idade e com setenta e cinco anos de feita no santo.

Eu sou feirante há muitos anos, vou em todas as reuniões, nunca perdi uma e sempre fui convidada, por isso que estou dizendo a você o pessoal me respeita muito naquela feira, não é aqueles qualquer não, as pessoas decentes me respeitam muito. Nas reuniões quando a gente chegava aí eles diziam assim ‘a Dona Evilásia está por aí? A baiana velha, está. Dona Evilásia vamos abrir a reunião’, eu dizia ‘vamos. Como? A senhora já sabe’. Era para eu fazer uma oração. Aí eu fazia a oração eu me benzia e rezava o Pai Nosso, Ave Maria, Santa Maria, Salve Rainha, e pedia para todos os Orixá que desse paz e tranquilidade abrisse a cabeça de todas as pessoas que estavam ali, para que respondessem coisas agradáveis e não tivesse discussão e nem aborrecimento.

### **História da mulher que tinha um marido esquizofrênico**

Quando eu ia me casar, ela não queria que namorasse, para casar, namorasse tinha que casar, eu te contei e eu muito bobinha, novinha, ele doido para casar, a gente namorou, noivou e casou rápido, começamos a namorar em junho e casou em janeiro do ano seguinte. Isso, eu ajudava, como o João ganhava pouquinho, eu toda vida acostumada a trabalhar, a gente casou, não tinha quase nada em casa, eu não vou ficar quieta, ele não queria deixar eu trabalhar porque novinha, bonita, vigiava. Então ele falou: ‘Eu vou começar, vou convidar meus colegas de repartição, aí você dá almoço para eles aqui, na hora que eles sair para eles almoçar, sai para trabalhar eu também, pronto, a gente combinamos assim né, só que aí a minha mãe Como a minha mãe tinha que fazer uma cirurgia, minha mãe: ‘não, fazemos o seguinte, a gente troca os barracos e você continua com a cantina para num parar, aí eu posso fazer meu tratamento sossegada e você vai trabalhar. Você não quer trabalhar?’ Eu falei: ‘Quero.’” Aí a gente combinou. Isso já era em 66, 67 mais ou menos, eu comecei dá comida na cantina. O João estava o tempo todo lá, de manhã ele não trabalhava, então ajudava a fazer as compras e depois eu trabalhava, tinha empregada ou não eu dava conta de 100 e tantas, até 200 pessoas para comer, eu fazia. Fogão a gás, fogão a lenha, tinha vizinha que tomava conta da minha filha da primeira, só que foi começando a aparecer a doença dele, que ele era esquizofrênico, a gente não sabia, que até então ele escondeu, mas na convivência que a gente já foi passando no dia a dia deu para perceber que ele era doente. Ele começou a ficar agressivo, abandonou o trabalho, perdeu o emprego viajou com o irmão dele e com a mãe Com a madrinha do meu segundo filho, começou a vender umas joias lá no Norte de Goiás, o irmão dele arrumou uma outra atividade só que ele fez tudo isso porque não estava bem, a cabeça dele não estava ajudando. Porque depois também fiquei doente. Eu tive um... Engravidei do segundo. segunda gravidez sofri um aborto, o bebe já estava morto e eu fui fiquei muito doente, entrei em coma, quase morri. Que já estava com cinco meses e eu já tinha perdido acho que já tinha morrido há muito tempo e não sabia. Aquela ansiedade cuidando dele, trabalhando, quando fui perceber eu já estava doente, então eu parei com a cantina. minha mãe entrou de novo, como eu nunca sabia ficar quieta, eu já tinha meu segundo filho e cuidando dele, ele ficava muito internado, demais, naquela época ele ficava mais no sanatório espírita de Anápolis ele ficava lá e eu ficava toda vida ansiosa sem saber o que eu fazia, então pegava os meus dois bebes e ia para a feira lá no Mercado Diamantina ajudar minha mãe. A situação difícil, ele tinha perdido o emprego e ela me ajudava no que podia, me dava as frutas, verduras, me dava um dinheirinho, e eu

ajudando ela. É, só que ela falou: ‘Não minha filha’ a situação está difícil, a gente vai comprar um ponto para você aqui pertinho. Apareceu uma pessoa vendendo ela comprou o ponto para mim ir trabalhando e pagando. Quando eu entrei na feira já tinha dois filhos, tinha um marido doente que dava trabalho mais que 10 filhos... estava, com dezoito, dezenove. Então meus filhos davam menos trabalho que o marido, o quê que eu tinha que fazer? Trabalhar, então eu trazia, deixava dormir debaixo da banca, que tinha o carrinho, colocava, ele eu jogava uma lonazinha, deitava ficava ali o tempo inteiro, ali mesmo eu dava comida, sempre eu morei pertinho graças a Deus, que sempre mora aqui, então quando dava eu corria lá em casa dava um banho. Quando eu podia tinha empregada, quando tinha empregada boa, de confiança tomava conta deles, só que eles queriam estar toda vida do meu lado, a empregada vinha com eles, agora o marido toda vida tinha que está debaixo, perto de mim, debaixo da banca, mas ficava. Marido doente foi aqui e então aí como eu não tinha outra opção, igual eu te falei e fui ficando, fui ficando... criando eles aqui, criando meu marido. Além d’eu cumprir minha obrigação com a minha família, marido, filho, até netos, que eu já ajudei que eu crio neto graças a Deus até hoje, a gente fez boas amizades, os colegas de trabalho, com os próprios fregueses, com o administrador que entrou para trabalhar com a gente. É, eu falo de boca cheia, eu falo eu vou para a feira, não falo, vou para o meu trabalho, vou para a feira, então graças a Deus...Tenho esse trabalho decente, honesto, já tive várias oportunidades de vender para as pessoas que tem dinheiro e eu nunca fiz, sempre quis trabalhar honestamente, então para mim isso aqui é tudo, para mim é muita honra trabalhar aqui às vezes eu poderia estar trabalhando um pouco menos, sofrendo um pouco menos se eu tivesse estudado, mas eu não tive oportunidade, então eu só tenho que agradecer para Deus. Foi aqui, tudo que meus filhos têm graças a Deus, foi com os braços de Deus, meu e da feira, então feira para mim é a minha casa, eu passo o dia todo na feira, minha casa só vou à noite. Eu agradeço ter podido falar e mostrar um lado, um pouco da minha vida.

**APÊNDICE D – Separação dos Blocos de Sentido – História das Bonecas, com maior carinho, maior amor.**

(CANSADA-ATITUDE/FALAR DA IMPORTÂNCIA DO PRODUTO-INTENÇÃO) Depois de um dia de feira, meu procedimento é esse: arrumar as minhas “meninas”. Aqui elas são tratadas com tanto carinho que às vezes até ganham apelido. (DEFENDER-SE-INTENÇÃO/DEFESA-ATITUDE) A clientela que passa aqui na feira pode até achar que eu fico contando histórias quando anuncio o meu produto. (DEMONSTRAR-INTENÇÃO/MODO CONVINCENTE-ATITUDE) Eu saio gritando aí: “vem pra banca da Meyre / vem pra banca da Meyre comprar / porque só na banca da Meyre / o melhor presente você vai encontrar.” (ADVERTIR-INTENÇÃO/SERIAMENTE-ATITUDE) mas aqui entre a gente: não é brincadeira não. (JUSTIFICAR-INTENÇÃO/GLORIOSAMENTE-ATITUDE) Eu compro esses brinquedos como se eu estivesse comprando para mim quando eu era criança, porque o meu sonho era ter uma boneca e, quando eu era criança, a moda era aqueles bonecos de plástico grandão (INTENÇÃO- EXPLICAR/ ATITUDE NÃO LIGAR) que hoje em dia deve custar bem baratinho.

(INTENÇÃO- ALERTAR/ATITUDE-SERIAMENTE) Quando eu era ainda bem novinha, trabalhei de empregada doméstica na casa de uma mulher que eu chamava de Doutora Ceres. (INTENÇÃO-QUESTIONAR/DE MODO IRÔNICO ATITUDE) Óh, nem sei mais se essa mulher era um tipo de doutora mesmo, porque eu acho é que a gente quando é pobre, tem mania de chamar muita de gente de doutor. (INTENÇÃO - EXPLICAR/ATITUDE-ASSERTIVA) Teve um Natal que eu passei na casa da Dona Ceres e ela veio com uma promessa pra cima de mim: se eu passasse a noite inteira cuidando da neta dela, que era uma recém nascida, pra que todos eles pudessem ir numa festa, no outro dia ela ia me dar um desses bonecos de plástico. (INTENÇÃO-ADVERTIR/SERIAMENTE) Mas não é da qualidade desses que eu vendo aqui não! (INTENÇÃO-FOFOCAR/ATITUDE-RAPIDAMENTE) Era um daqueles bem vagabundinhos mesmo, que a criança nem pode fazer muita estripulia, que já se quebram todo. (INTENÇÃO- AFIRMAR/ATITUDE GLORIOSAMENTE) Mesmo assim, mesmo assim eu queria muito o boneco (INTENÇÃO AFIRMAR-ATITUDE/SORRIDENTEMENTE) e é claro que eu aceitei ficar com o bebê.

(INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE-SERIAMENTE) Eu sei o que está se passando pela sua cabeça: (INTENÇÃO-QUESTIONAR/ATITUDE-PASSIVAMENTE ) que não é possível que o meu sonho fosse ter um boneco desses. (INTENÇÃO- ADVERTIR/ATITUDE-DEFESA) É porque vocês não imaginam o sonho que uma criança de orfanato pode ter. (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE-CALMAMENTE) Eu morava em um orfanato em Boa Vista, em Roraima, (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE COM EXPECTATIVA) e um dia uma senhora chegou no orfanato e conversou com as irmãs e falou que ia me trazer para morar com ela no Centro Oeste, (INTENÇÃO-ADVERTIR/ATITUDE PREOCUPADAMENTE) mas ela não falou que era em Brasília (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE CONFUSAMENTE) e eu nem sabia o que era Brasília, onde ficava.. (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE-AFIRMATIVAMENTE) Eu só vim! (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE-ALEGREMENTE) Afinal de contas, ela estava me trazendo para me criar como filha! (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE- DE MODO CONFORTÁVEL) Está aí mais um sonho que uma criança de orfanato pode ter: (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE- GLORIOSAMENTE) conseguir ser chamada de filha por alguém.

(INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE REFLEXIVA) Eu me lembro daquele dia como se tudo tivesse acontecido ontem. (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE-

CONFUSAMENTE)Eu nunca tinha visto um avião de perto, muito menos entrado em um!  
(INTENÇÃO- PERSUADIR/ATITUDE- COM EXPECTATIVA)Quando eu vi aquela coisa grande chegando perto pra eu poder entrar nele, foi uma mistura muito doida dentro de mim!  
(INTENÇÃO LEMBRAR/ATITUDE CONFUSAMENTE) Eu ria tanto, mas era de nervoso.(INTENÇÃO AFIRMAR/ATITUDE- SAUDOSISTA RAPIDAMENTE) Chegamos aqui e o aeroporto era de madeira, ventava muito e quando a gente desceu,(INTENÇÃO LEMBRAR/ATITUDE SAUDOSISTA DEVAGAR) os meus pés se enfiaram em uma poeira vermelha e fofa.(INTENÇÃO LEMBRAR/ATITUDE-EXPECTATIVA) Ficamos em uma parada de ônibus, eu via as luzes, os carros passavam, o cheiro da cidade era diferente, alguém perto de mim escutava um jogo do Brasil pelo rádio, (INTENÇÃO AFIRMAR/ATITUDE COM ÊXTASE) o narrador gritou um GOL, É GOL e tudo em êxtase, e eu estava aqui, e eu era a filha de alguém, e eu tinha saído do orfanato, era tudo lindo, eu me apaixonei, eu me apaixonei! (INTENÇÃO- LEMBRAR/ATITUDE ESTRANHAMENTO) E tremia! Eu tremia dos pés à cabeça, (INTENÇÃO QUESTIONAR/ATITUDE MEDO) meu Deus! Era frio? Era emoção? Eu não sei, até hoje eu não sei. (INTENÇÃO AFIRMAR/ATITUDE CORAGEM) Mas pedi um abrigo pela primeira vez depois de anos, porque no orfanato a gente aprende que é cada um por si.(INTENÇÃO QUESTIONAR/ATITUDE REFLEXIVA) Mas naquele momento era diferente, não era? Eu tinha uma mãe, não tinha?(INTENÇÃO DESCREVER/ATITUDE SERENIDADE) Eu estava igual besta olhando de um lado para o outro, um monte de peão trabalhando, uma mistura de cheiros àquela altura do campeonato: o cheiro da seca, da terra e do suor. (INTENÇÃO- PEDIR AJUDA/ATITUDE- SUBMISSÃO)“Eu estou com frio”, (INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE-CORAGEM) foi o que eu falei. (INTENÇÃO-DEMONSTRAR/ATITUDE-ESTRANHAMENTO)Estava chegando um ônibus com um letreiro meio apagado, mas eu consegui ler a palavra “Sobradinho”; e antes de subir no ônibus, ela abaixou perto de mim, olhou bem fundo nos meus olhos e disse: (INTENÇÃO-CAUSAR MEDO/ATITUDE-SUPERIORIDADE)“em tempo de murici, cada qual cuida de si”

(INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE-DEFESA) Essa frase está gravada dentro de mim. (INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-INDIGNAÇÃO)Ali eu tive o real entendimento de que eu estava sozinha; antes, no orfanato, eu me virava sozinha, mas com a esperança de que alguém viria me ajudar na vida. Mas ali, a dois degraus do ônibus, a esperança desapareceu e dentro de mim se criou espaço para finalmente lidar com a realidade crua da vida. (INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE-CORAGEM) Eu estaria sempre sozinha,(INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-CONFIANÇA) e eu sempre me cuidaria, e eu lutaria pela minha vida digna. (INTENÇÃO-PERSUADIR/ATITUDE-GLORIOSAMENTE)Ah! A vida digna! Talvez esse tenha sido o meu maior sonho! Uma vida digna.

(INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE-SERENIDADE)E aí, e aí lá fui eu: acordava às 4h da manhã, e preparava o café da família, e arrumava as crianças menores, e lavava os banheiros e encaminhava o resto da arrumação da casa. (INTENÇÃO-FOFOCAR/ATITUDE- DESDÉM) Eles tinham um armazém e quando era 7 horas já tinha que estar tudo arrumado. (INTENÇÃO-DESCREVER/ATITUDE-SERENIDADE)De tarde era a escola;(INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-ASPEREZA) Mas não era o suficiente, não era o suficiente. (INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE-SUBALTERNIDADE)Eu ainda não era digna! (INTENÇÃO-QUESTIONAR/ATITUDE-REFLEXIVA)Eu ainda não era digna? (INTENÇÃO-EXPLICAR/ATITUDE-SERENIDADE) Aos finais de semana, eu ia vender meias com essa senhora que me tirou do orfanato lá na feira de Sobradinho.

(INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-AFIRMAR) Mas eu estava falando do boneco, (INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-SERENIDADE) o meu primeiro Natal fora do orfanato foi cuidando daquela criança.(INTENÇÃO- JUSTIFICAR/ATITUDE-VAIDADE) De mim, ela conseguiu o meu melhor: (INTENÇÃO-DESCREVER/ATITUDE-GLORIOSAMENTE)dei banho, mamadeira, coloquei para arrotar, troquei fralda, e no final até cantarolei uma música para ela dormir.(INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-SERENIDADE) Era uma música que minha mãe cantava pra mim antes de eu ir pro orfanato:(INTENÇÃO-CANTAR/ATITUDE-COM PLENITUDE) Chuvas de bênçãos/ Chuvas de bênçãos dos céus/Gotas somente nos temos/Chuvas rogamos a Deus!/ Chuvas de bênçãos teremos É a promessa de Deus/Tempos benditos veremos/ Chuvas de bênçãos dos céus/ Chuvas de bênçãos teremos/ Chuvas mandadas dos céus/ Bênçãos a todos os crentes/ Bênçãos do nosso bom Deus

(INTENÇÃO-DESCREVER/ATITUDE-SERIAMENTE)No dia seguinte, quando a Dona Ceres chegou, olhou pra mim com aquela cara de “o que ainda está fazendo aqui?”. (INTENÇÃO-LEMBRAR/ATITUDE-SERIAMENTE)Eu me lembro dela se sentando naquela poltrona grande, despreocupada, abrindo uma revista qualquer, e eu ali, esperando, esperando, esperando... (INTENÇÃO-PERGUNTAR/ATITUDE-SUBMISSÃO)“Dona Ceres, eu só queria saber que dia a senhora vai me dar aquele boneco”.(INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE-SERIAMENTE) Ela ficou sem se mexer por um tempo, me encarando, meio que decidindo o que fazer. Aí ela se levantou e se inclinou para trás da poltrona.(INTENÇÃO-DESCREVER/ATITUDE-EXPECTATIVA) Pensei: é o meu boneco, o meu boneco! E limpava as mãos desesperadamente no meu vestido, minhas pernas se mexiam quase querendo fazer xixi, meu coração palpitou uma, duas, três vezes, (INTENÇÃO-DENUNCIAR/ATITUDE-INDIGNAÇÃO)e quando eu vi a mulher se virar, foi para acertar em cheio na minha barriga um fio de ferro.(INTENÇÃO-DENUNCIAR/ATITUDE-SUBMISSÃO) Escorreguei e caí no chão.(INTENÇÃO-DENUNCIAR/ATITUDE-SERIAMENTE) Ela se aproveitou da oportunidade e me bateu por mais algum tempo.(INTENÇÃO-DENUNCIAR/ATITUDE-SERIAMENTE) Ela me olhou bem nos olhos disse pra mim que filho sem pai e nem mãe não merece ter nada.

(INTENÇÃO-DESCREVER/ATITUDE-TRISTEZA)Eu chorei. Eu chorei desesperadamente. (INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-SERENIDADE)Naquela época eu não era evangélica ainda, então eu rezei e pedi para Nossa Senhora me levar para junto da minha mãe naquele dia.(INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-INDIGNAÇÃO) A palavra “mãe” ainda estava engasgada, presa, entalada, apertada na minha garganta, morrendo de vontade de ser dita. (INTENÇÃO-AFIRMAR/ATITUDE-SERENIDADE)Demorou um tempo para eu perceber que eu consegui sim ter uma mãe: foi Brasília. Brasília que me acolheu e me criou. Aqui eu tive a oportunidade de fazer a minha família.

(INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-SERENIDADE) eu acho que foi por causa disso que eu passei a vender brinquedos na feira. (INTENÇÃO-JUSTIFICAR/ATITUDE-AMOROSAMENTE)Quando eu compro as bonecas, eu compro como se estivesse comprando para mim quando eu era criança ainda, então eu compro assim nesse... eu tenho o maior o maior carinho, o maior amor.